



# Felipe Senillosa

# CONCORDÂNCIA DO ESPIRITISMO COM A CIÊNCIA



Autores Espíritos Clássicos



## CONCORDÂNCIA DO ESPIRITISMO COM A CIÊNCIA

**Felipe Senillosa**

Lançamento original:

***Concordancia del Espiritismo con la Ciencia***

*San Martin de Provensals*

*Tipografia de Juan Torrents y Coral*

Espanha – 1894

Tradução: Teresa da Espanha

Revisão e Formatação: Ery Lopes e Irmãos W.

Agradecimentos: Salvador Martin (Curso Espírita)

Versão digitalizada

© 2021

Distribuição gratuita:

***Portal Luz Espírita***

***Autores Espíritas Clássicos***



**CONCORDÂNCIA  
DO  
ESPIRITISMO  
COM A CIÊNCIA**

POR

Membro honorário da  
Sociedade Científica de Estudos Psicológicos de Paris

SEGUNDO VOLUME  
(SEGUNDA EDIÇÃO)

San Martin de Provencals  
Tipografia de Juan Torrents y Coral  
Espanha  
1894

# Sumário

## PRIMEIRA PARTE

### **Fenômenos Espíritos**

#### **Evidências irrecusáveis da sobrevivência da alma**

- I - História do Espiritismo – pág. 8
- II - Explicação das forças empregadas pelos espíritos – pág. 26
- III – Mediunidade e médiuns – pág. 33
- IV – Fenômenos espontâneos e de origem ultraterreno – pág. 42
- V - Fenômenos físicos que são produzidos com intervenção de médiuns e que acusam a presença de inteligências invisíveis – pág. 54
- VI – Das manifestações visuais ou aparições em diversos graus de visibilidade até a materialização – pág. 71
- VII – Aparições espontâneas momentos após a morte e fenômenos de bicorporalidade – pág. 89
- VIII – Fenômenos de Transportes – pág. 100
- IX - Fotografia espírita – pág. 109
- X - Escrita Direta – pág. 116
- XI - Médiuns de escrita e desenho – pág. 121
- XII - Médiuns de cura – pág. 128
- XIII – Médiuns falantes ou de incorporação - Natureza das comunicações e conselhos gerais aos espíritos novatos – pág. 134

## SEGUNDA PARTE

### **Doutrina e Filosofia Espírita**

- I – Do perispírito – pág. 151
- II – Reencarnação: Conservação do eu pensante em toda sua integridade, apesar do aparente esquecimento do passado - Livre arbítrio – pág. 161

III – Solidariedade humana - Influência recíproca entre o mundo corpóreo e o espiritual – pág. 185

IV – Percepções e sensações dos espíritos - Quadros de além-túmulo – pág. 190

V – Solução da questão sobre se os animais têm alma - Conversão dos instintos em inteligência – pág. 200

VI – O verdadeiro transformismo – Involução dos espíritos – pág. 212

VII – Deus e a sua ação sobre as coisas, os seres e a alma – pág. 236

VIII – Problema da Justiça Divina - A fé e as ideias inatas - O bem e o mal - A Providência, como em geral é entendida, não existe - Anjos guardiães - Distribuição dos prazeres no mundo – pág. 253

Conclusão – pág. 273

## APÊNDICE

É verdade ou não que o Espiritismo leva ou predispõe à loucura e ao suicídio? – pág. 282

Os materialistas afirmam que, uma vez que os espíritos não podem existir, os supostos fenômenos nada mais são do que meras alucinações – pág. 291

Uma objeção razoável – pág. 296

Declaração do sábio Lombroso em favor da realidade dos fenômenos espíritas – pág. 298

Problema científico resolvido por um espírito – pág. 299

Discurso de além-túmulo – pág. 302

Predição de Cazotte, referida por La Harpe – pág. 313

Provas da verdade cefalométrica – pág. 321

Vantagens que podem ser obtidas com o estudo e aplicação da cefalometria – pág. 327

Mais duas palavras sobre a Cefalometria – pág. 330

Magnetismo espiritual – pág. 333

Palavras de Flammarion – pág. 335

Experiências do sábio Reichebambach sobre o fluido ódico-magnético – pág. 336

Mariano Perdriel, médium curador em Buenos Aires – pág. 349

Conselhos aos espíritas e aos que queiram experimentar no Espiritismo – pág. 352



**Felipe Bonifácio Senillosa Botet**  
(1838 – 1906)

PRIMEIRA PARTE

**FENÔMENOS ESPÍRITAS**  
**EVIDÊNCIAS IRRECUSÁVEIS DA**  
**SOBREVIVÊNCIA DA ALMA**

# I

## *História do Espiritismo*

*"Se verdade e beleza são uma realidade como acreditamos, não há dúvida de que quem mais as procurou e amou, terá sido o melhor inspirado."*

*Ernesto Renan*

O magnetismo e a fascinação são conhecidos na Índia há muitos séculos. Relacionando-os ao Espiritismo, eles deram como resultado o ocultismo ou teosofismo, ainda preservados em toda a sua integridade pelos iogues e iniciados, por meio de um longo preparo e testes que são estabelecidos por graus, não sendo possível chegar ao completo conhecimento da doutrina e às suas práticas mais elevadas, senão paulatinamente e em virtude do grau alcançado, sem dúvida com a finalidade de manter o sigilo. Do teosofismo que proclama a imortalidade e a existência de um único Deus, dimana a Maçonaria<sup>1</sup>, que, de degeneração em degeneração, veio a se tornar uma sociedade fantasmagórica, cujos propósitos esterilizam-se em uma mímica ridícula.

“Lembre-se, meu filho, diziam os brâmanes indianos ao neófito<sup>2</sup>, que existe apenas um Deus, soberano e princípio de todas as coisas, e que todo brâmane deve adorar em segredo. Mas você deve saber também que é um mistério que nunca deve ser revelado ao estúpido vulgo. Se o fizesse, grandes desgraças

---

<sup>1</sup> Delaage. *Science du vrai*.

<sup>2</sup> Louis Jacolliot, *Le Spiritisme dans le monde*, 1879, pág. 13.



cairiam sobre você.”

Há muita verdade na causa manifestada do sigilo, mas sempre houve uma mais real: manter um domínio de prestígio pelas práticas, mistérios e fenômenos monopolizados.

O sacerdócio do Egito possuía o teosofismo e, por exceção, alguns foram iniciados nele, sendo um deles Moisés. Este último, ao remover o povo judeu do Egito, achou conveniente transmitir parte de seu conhecimento aos chefes de tribo, sem dúvida para manter uma superioridade segura sobre um povo tão ignorante; mas os chefes não souberam guardar o segredo, e a evocação dos espíritos se espalhou para a massa, dando os resultados mais desastrosos; e é por isso que Moisés foi forçado a proibi-lo sob as mais severas penalidades – como consta nos livros ditos sagrados.

O Teosofismo convém em si mesmo ao Espiritismo, mas este não apenas rejeita as crenças absurdas quanto à gênese e o fim das almas, que envolvem um panteísmo que nada se justifica<sup>3</sup>, mas longe de querer manter o ocultismo, faz a mais extensa propaganda das verdades e doutrinas que nos fenômenos espíritas se baseiam, porque se consideram necessárias para o progresso moral da humanidade, que, mesmo não totalmente preparada para entendê-las e segui-las com segurança, sim tem a possibilidade de estudá-las e relacioná-las aos poucos com as das ciências conhecidas.

"O espiritismo é um fato de todos os tempos", diz o visconde de Torres Solanot,<sup>4</sup> não observado ou explicado racionalmente até hoje, e uma ciência que está sendo formada na atualidade e cujas aplicações são diretamente incorporadas na esfera da filosofia, da religião e da sociologia, e indiretamente na esfera das ciências

---

<sup>3</sup> Desenvolvi devidamente esta questão em vários artigos na *Revista Constanca*.

<sup>4</sup> Setembro de 1888 – Primeiro Congresso Espírita Internacional – Proêmio na pág. 9.

físico-naturais”.

Esse fato é a origem de todas as revoluções; esse fato é o apelo constante que, em virtude de leis naturais (algumas explicadas e outras pressentidas pelo espiritismo moderno), foi preciso fazer ao espírito humano para que o sentimento espiritual não desaparecesse com os regozijos naturais; em resumo, esse fato está registrado em todas as páginas da história e chegará a ser atestado em todos os capítulos da ciência.

O *focos* primitivo do pensamento humano que domina o mundo, disse um célebre orientalista, está nos Vedas, os livros sagrados da Índia, primeiro monumento que chegou até nós da revelação escrita; pois bem, esses livros também contêm o primeiro testemunho dos fatos espíritas, e aquele povo que surge nos primórdios das civilizações deixa constância das raízes de onde o espiritualismo parte e também alguns dos princípios que hoje fazem brilhar o Espiritismo. Os iogues ou inspirados da Índia, homens especiais que se imaginava comunicarem com os deuses ou receberem as inspirações de Brama, completam os livros sagrados, e devemos reconhecer neles uma superioridade de ideias que seria inconcebível, se não soubéssemos que para recebê-las, eles caíam em êxtase, isto é, exerciam a mediunidade, ou seja, a faculdade de se comunicar com espíritos desencarnados ou almas. A eles deveu a Índia antiga seu desenvolvimento intelectual e material, e se depois o quietismo iniciou naquele povo primitivo, foi devido à predominância da casta sacerdotal, contra cujo absolutismo a reforma racional de Buda nada pôde. Esse espiritismo rudimentar ou empírico que ainda hoje é conservado na Índia, foi o primeiro testemunho da relação que existe entre as almas, independentemente do invólucro do corpo.

Se da Índia passarmos para a Pérsia, no pouco que pode ser traduzido hoje de seus Naskas, livros atribuídos a Zoroastro,

também veremos registrada a antiguidade do Espiritismo e o desenvolvimento religioso e social daquele povo, intimamente ligado aos fenômenos produzidos por seus médiuns, isto é, inspirados e oráculos. A história de Dario, Ciro, Varennes, Cobades e outros reis persas está repleta desses fatos, bem como a do missionário e santo católico Francisco Javier, um poderoso médium cujo esforço na Pérsia pelo cristianismo foi finalmente estéril, porque as suas doutrinas opunham-se as do Zend-Avesta e aos seus fatos os dos inspirados persas.

Outra confirmação temos no Egito. O templo de Serapis era um lugar onde muitíssimos fenômenos espíritas foram verificados; historiadores antigos relatam uma infinidade de fatos; e os livros sagrados do catolicismo contêm a relação dos prodígios operados pelos magos, já como magnetizadores, já como médiuns, fatos e prodígios ainda hoje repetidos, segundo afirmam visitantes, modernos, instruídos e imparciais, da terra dos Faraós.

Na Grécia, o fato de se comunicar com seres invisíveis era conhecido e essa crença é geral, refletida em sua religião. Os oráculos ou médiuns são consultados ali pelos legisladores para levar suas inspirações aos códigos; pelos guerreiros para empreender suas campanhas; pelos reis para se orientarem na administração dos povos e por estes para suas decisões importantes.

O papel desempenhado pelo oráculo de Delfos nos tempos da Grécia é bem conhecido, e também eram bem conhecidas as opiniões expressas por Sócrates (que tinha seu demônio ou espírito inspirador), por Platão, Hipócrates e outros sábios não ideologistas. Jâmblico, Sófocles, Xenofonte, Plutarco e tantas outros ilustres gregos, mesmo não conseguindo naquela época explicar satisfatoriamente a teoria, admitem o fato e até

Aristóteles o admite, negando ao mesmo tempo a existência dos espíritos.

Como as Pitonisas na Grécia, as sibilas na Roma pagã credenciam os fenômenos do espiritismo, e os penates, os augures e os livros sibilinos comprovam sua prática, comum aos povos do Norte, que não se relacionariam até mais tarde com os do Meio-dia para elaborar os germes da civilização moderna no crisol da Idade Média. Virgílio e a poesia latina, Tácito, Suetônio, Josefo e outros grandes historiadores, creditam os fatos e, por um fato espírita, a aparição do lábaro a Constantino, a doutrina de Jesus penetra no coração do paganismo. E se os tempos antigos lembram o oráculo Fauno, a maga Angites, a ninfa Egéria e o culto dos Gênios, os novos tempos trazem a memória dos profetas e a nova fé que se espalha maravilhosamente, graças aos fatos provocados pelos discípulos de Jesus.

As aparições dos recentemente falecidos, a seus parentes ou amigos ausentes, é um fato de todos os tempos. Vou citar um. O Conde de Rochefort diz o seguinte em suas memórias publicadas em 1696 em Haia. Que o Marquês de Rambouillet e o Marquês de Preci, depois de terem conversado sobre assuntos de além-túmulo, combinaram, para sair das dúvidas sobre se aqueles que deixaram a matéria poderiam se comunicar com os vivos, que o primeiro em morrer visitaria aquele que restasse. Alguns meses se passaram; o marquês de Rambouillet fora para o exército da Flandres. O de Preci não pôde acompanhá-lo porque estava doente.

Ainda de cama, um dia ele percebeu as cortinas se moverem e viu com surpresa que o marquês de Rambouillet aparecia de uniforme. Quis abraçá-lo, mas o marquês disse que as carícias não eram do caso, que ele vinha apenas cumprir sua promessa, que havia sido morto no dia anterior em uma batalha, que tudo o que

conversaram sobre a vida após a morte era verdadeiro, e que o aconselhava a viver de uma maneira melhor do que até então, já que ele iria morrer muito em breve. Dito isso, desapareceu.

O marquês relatou o fato; mas todos o atribuíram à alucinação, até que foram recebidas notícias do exército e soube-se que o marquês havia realmente morrido no dia indicado pela visão.

Porém, o que mais causou admiração foi o fato de, tendo iniciado a guerra civil na França, o marquês de Preci ter morrido no combate na Porta de Santo Antônio em Paris; segundo essas memórias, isso causou uma grande impressão.

Fenômenos em que a mediunidade era manifestada também não faltaram.

O fanatismo viu neles atos de bruxaria ou de possessão demoníaca, caindo assim alguns médiuns inocentes nas garras da Inquisição.

Não falarei, contudo, das possuídas do Delfinado; desejo apenas me referir a alguns dos fatos que foram observados pela ciência, embora ela os atribuísse a simples forças inconscientes.

O famoso Dr. Kerner, dizem os médicos Bourro e Burot, em sua obra sobre a ação à distância das substâncias tóxicas, referiu-se à vida da profetisa de Prévorts.<sup>5</sup> Em 1807, em Prevorts, pequena cidade nas montanhas de Württemberg onde quase todos os seus habitantes apresentam acidentes nervosos semelhantes à dança de São Vito, nasceu uma menina que ficou famosa nos anais do magnetismo. Era sensível à ação dos diferentes raios do espectro, do cristal de rocha, do louro, do ímã e de quase todos os metais. Seu corpo desprendia faíscas durante as

---

<sup>5</sup> Kerner, *La voyante de Prevorst*, *Revue des Deux Mondes*, Julho, 1842. - *Revue britannique*, Fevereiro 1848. - Goupy, *Les Tables Parlantes*, 1855.

tempestades. Afundava com grande dificuldade na água e seus membros pareciam adquirir no banho as propriedades insubmergíveis da cortiça.<sup>6</sup> Em Bergzabern, perto de Wissembourg, no Palatinado, foi visto se apresentarem todos os fenômenos mencionados em um mesmo indivíduo: barulho de comoção no cômodo, movimentação de móveis, objetos lançados à distância por uma mão invisível, visões e aparições, sonambulismo e êxtase, catalepsia, atração elétrica, gritos e ruídos elétricos, instrumentos que tocam sem contato, comunicação inteligente etc. Esses fatos ocorreram por cerca de dois anos e foram observados por muitas testemunhas.

Também pode ser consultada a história do presbítero de Cideville (Baixo Sena)<sup>7</sup>; a da pequena espanhola de doze anos de idade em Bayswater<sup>8</sup>; a da doméstica de Saint-Quintin<sup>9</sup>; a de Adolfina Benoit (de Gillonville, de quatorze anos e observada por M. Larcher, médico de Sancheville; a da empregada de Clairefontaine, perto de Rambouillet.<sup>10</sup>

Esses fatos, há quem ainda os considere como sendo simples fenômenos devidos à eletricidade predominante em algumas pessoas, o que é totalmente insustentável, quando ocorrem gritos aéreos, ouvem-se instrumentos que tocam sem contato e são recebidas comunicações inteligentes.

O estudo desses fenômenos só poderia ocorrer após ter sido superado pela ciência o fanatismo que teria impossibilitado o curso do Espiritismo. Resta por superar a indiferença e a

---

<sup>6</sup> Sabe-se, acrescenta Cel. de Rochas, que os feiticeiros passavam outras vezes por insubmergíveis e sofriam o teste pela água.

<sup>7</sup> De Mirville, 1851.

<sup>8</sup> Junglas Ferrold, 26 Março, 1847.

<sup>9</sup> *Gazette des Tribunaux*, 20 Dezembro 1849.

<sup>10</sup> *Revue Française*, dezembro de 1846.

ignorância geral, e o erro da ciência, que, em sua vitória, acredita que nada mais existe além do que aquilo que ela conquistou.

O espiritismo moderno remonta-se a 1846, sendo essa a época em que, pela primeira vez, foram recebidas comunicações inteligentes com a causa ignorada de batidas e sons, semelhantes aos que perturbaram as famílias Mompersson e Wesley nos séculos XVII e XVIII.

Batidas, cuja causa ninguém conseguiu adivinhar, foram ouvidas pela primeira vez em 1846 na casa de um certo Veckman, que morava em uma cidade chamada Hydesville, não muito longe de Arcádia, no estado de Nova York.

Tudo foi tentado para descobrir o autor desses ruídos misteriosos, mas nada foi encontrado.

Uma noite, a família foi despertada pelos gritos da filha mais nova, de oito anos, que afirmou ter percebido como uma mão que percorreu a cama e finalmente passou pelo seu rosto, algo que ocorreu em muitos lugares onde essas batidas foram ouvidas.

A partir desse momento, por seis meses não houve qualquer manifestação; a família deixou a casa, que foi então habitada por um metodista, Sr. John Fox e a sua família, composta por sua esposa e duas filhas. Por três meses tudo permaneceu tranquilo; depois as batidas recomeçaram com mais força.

A princípio, ouviam-se ruídos muito leves, como se alguém estivesse batendo no assoalho de um dos quartos de dormir, causando uma vibração no tablado, que era percebida mesmo estando deitado, e foi comparada, pelas pessoas que a experimentaram, à ação produzida pela descarga de uma bateria elétrica. As batidas faziam-se ouvir sem interrupção; não havia como dormir naquela casa; a noite inteira esses barulhos vibrantes soavam secamente e sem descanso. Cansada, inquieta,

sempre à espreita, a família decidiu finalmente chamar os vizinhos para que ajudassem a encontrar a chave do enigma; a partir desse momento as batidas misteriosas atraíram a atenção de todo o país.

Grupos de seis ou oito indivíduos vigiavam a casa, ou então todos saíam, mas todos ouviam o agente invisível que continuava sempre batendo. Em 31 de março de 1847, a Sra. Fox e as suas filhas, não tendo conseguido dormir na noite anterior e exaustas de fadiga, foram dormir cedo, no mesmo quarto, na esperança de escapar assim às manifestações que normalmente aconteciam à meia-noite. O Sr. Fox estava ausente. Porém, logo as batidas começaram e as duas jovens, despertadas pela barulheira, começaram a imitá-las fazendo batidas com os dedos. Para sua grande surpresa, os golpes respondem a cada batida de dedos; então a mais nova, Kate, quer verificar esse fato surpreendente; produz uma batida, duas, três, etc., e o ser invisível dá sempre o mesmo número de batidas. A irmã fala, de brincadeira: “Agora faça o que eu faço, conte um, dois, três, quatro, etc., batendo palmadas de cada vez, de acordo com o número indicado”. As batidas sucedem-se com a mesma precisão; mas esse sinal de inteligência alarma a jovem, e a experiência cessa.

A sra. Fox então disse "conte dez" e imediatamente foram ouvidos dez golpes; então ela acrescentou: “você quer me dizer a idade da minha filha Catarina (Kate)?" – E as batidas indicavam precisamente o número de anos que essa garota tinha. A sra. Fox então perguntou se o autor desses golpes era um ser humano; não houve resposta. A seguir, disse: "Se você é um espírito, suplico-lhe que dê duas batidas". E as batidas foram imediatamente ouvidas. Ela adicionou: "Se você é um espírito, a quem foi feito algum mal, responda-me da mesma maneira." E as batidas foram ouvidas novamente. Essa foi a primeira conversa que ocorreu nos tempos modernos, que fosse atestada, entre os seres do outro mundo e os



deste. Dessa maneira, a sra. Fox veio a saber que o espírito que lhe respondia era o de um homem que havia sido assassinado naquela casa muitos anos antes, cujo nome era Carlos Ryan, mascate e de trinta e um anos de idade, quando a pessoa em cuja casa ele estava hospedado o matou para roubá-lo.

A senhora Fox disse então ao seu interlocutor invisível: Se chamarmos os vizinhos, as batidas continuarão a responder? Em sinal de afirmação, houve uma batida. Avisados os vizinhos, não demoraram a chegar, pensando em rir às custas da família Fox; mas a exatidão de uma infinidade de detalhes dados pelas batidas em resposta às perguntas dirigidas ao ser invisível sobre assuntos íntimos, convenceu os mais incrédulos. O eco desses acontecimentos espalhou-se longe, e em breve padres, juízes, médicos e um grande número de cidadãos vieram de todos os lugares.

Logo depois, a família Fox, que os autores dos golpes perseguiam de casa em casa, foi se estabelecer em Rochester, uma cidade importante no estado de Nova York, onde milhares de pessoas vieram visitá-la e tentaram em vão descobrir se havia uma impostura nesse assunto.

O fanatismo religioso ficou impressionado com essas demonstrações do além-túmulo, e a família Fox viu-se atormentada. A Sra. Hardinge, que se tornou a defensora do Espiritismo na América, conta que nas sessões públicas dadas pelas filhas da Sra. Fox, elas corriam os maiores perigos. Três vezes foram designadas comissões para examinar o fenômeno e três vezes afirmaram que a causa daqueles ruídos era-lhes desconhecida. A última sessão pública foi a mais tempestuosa e, sem o auxílio de um qualquer, as pobres meninas teriam morrido, vítimas de sua fé, trucidadas por um povo delirante.

É triste pensar que, no século XIX, era possível encontrar homens tão atrasados como para renovar as perseguições bárbaras da Idade Média.

A notícia desta descoberta espalhou-se rapidamente, e manifestações espíritas aconteceram por toda parte. Certo Isaac Post teve a ideia de recitar o alfabeto em voz alta, convidando o espírito a indicar com batidas, no momento em que fossem pronunciadas as letras que deveriam compor as palavras que ele queria ditar. Deste dia, data a telegrafia espiritual.<sup>11</sup>

O professor Mapes, que lecionava química na Academia Nacional dos Estados Unidos, devotou-se a uma investigação rigorosa que terminou, como a anterior, com uma verificação fundamentada, segundo a qual os fenômenos eram claramente devidos à intervenção de espíritos.

Mas o que produziu o efeito mais importante foi a conversão às novas ideias do famoso Roberto Hare, professor da Universidade da Pensilvânia, que experimentou cientificamente o movimento das mesas e consignou sua pesquisa, em 1856, em um volume intitulado: *Experimental investigations of the spirit manifestations*.

Desde então, a batalha entre crentes e descrentes assumiu proporções maiores. Escritores, sábios, oradores, eclesiásticos lançaram-se à luta, e para dar uma ideia do desenvolvimento alcançado pela polêmica, basta lembrar que já em 1854 foi apresentada ao Congresso uma petição assinada por 15.000 cidadãos, pedindo fosse designada uma comissão encarregada de estudar o novo Espiritualismo (este é o nome dado ao Espiritismo na América).

O pedido foi rejeitado pela assembleia, mas o impulso estava

---

<sup>11</sup> Por este meio, o espírito pôde indicar que seu cadáver estava enterrado no sótão, o qual resultou exato; cavou-se e um esqueleto foi encontrado.

dado e viu-se o surgimento de sociedades que fundaram jornais, onde a guerra contra os incrédulos continuou.

Enquanto esses eventos aconteciam no Novo Mundo, a velha Europa não permanecia inativa. As mesas girantes tornaram-se uma atualidade muito interessante e, durante os anos de 1852 e 1853, muitos na França estavam ocupados em fazê-las girar. Em todas as classes sociais não se falava senão nessa novidade; e ninguém era abordado sem a pergunta sacramental: "E aí, vocês fazem a mesa girar?" Então, como tudo o que é moda, depois de um momento de auge, as mesas deixaram de ocupar a atenção, que se voltou para outros objetos.

Essa mania de girar as mesas produziu, no entanto, um resultado importante, que foi o de fazer com que muitos refletissem sobre a possibilidade de estabelecer relações entre mortos e vivos. Lendo, descobriu-se que o que era chamado de crença no sobrenatural é tão antigo quanto o mundo.<sup>12</sup>

Muitos são os homens de reconhecida ciência que têm lidado com o Espiritismo, em seus escritos, desde 1850, quando a primeira obra apareceu em Nova York. *Explanation and history of the mysterious communion with Spirits*. W. Bryant, BK Bliss, W. Edwards e David A. Wells, professores da Universidade de Harvard, escreveram mais tarde; Robert Hare, Doutor em Medicina e Professor de Química na Universidade da Pensilvânia; Dr. R. Richmond, Sr. John Edmonds, juiz do Supremo Tribunal de Nova York e ex-presidente do Senado; Sr. Talinadge, Governador de Wisconsin; Dr. Dexter, famoso cirurgião de Nova York; e outros.

Em 1853, a notícia do Espiritismo espalhou-se pela Europa. A frivolidade geral fez disso uma diversão social: as mesas girantes davam a volta ao mundo. Enquanto isso, inteligências notáveis

---

<sup>12</sup> *La Buena Nueva*.

estudavam e confirmavam a verdade dos fenômenos, embora tentassem explicá-las por teorias mais ou menos engenhosas, mais ou menos absurdas como diz o Visconde de Torres-Solanot, mas que caíram por si mesmas, porque ninguém foi capaz de explicar satisfatoriamente o fato em todas as suas manifestações. Principalmente, essas teorias limitavam-se aos fenômenos iniciais do Espiritismo; atualmente, aqueles homens não ousariam apresentar suas teorias, que tão absurdas parecem diante dos avanços alcançados na comunicação entre o mundo da ideia e o mundo material.

F. De Saulcy, membro do Instituto da França, sábio arqueólogo, viajante famoso e físico experiente, diz Solanot, não se limitou a uma observação superficial dos fatos e a imaginar uma teoria deplorável como seus colegas da Academia. Embora tenha recebido a notícia das mesas girantes e falantes com descrença e zombaria, ele decidiu experimentar por si próprio, desistindo finalmente de seu orgulho como físico e matemático, diante da realidade dos fatos que ele comprovou com a maior integridade, tendo a lealdade e a coragem de manifestar suas opiniões abertamente opostas às dos inventores de teorias.

Aquele homem sábio dirigiu uma notável carta ao marquês de Mirville, que a publicou à frente de sua memória endereçada à academia. Esta carta termina assim:

Em resumo. Acredito na existência de fatos que geralmente minha vontade não saberia produzir e sobre os quais, no entanto, declaro que essa vontade às vezes tem uma ação palpável. Acredito na intervenção de uma inteligência diferente da nossa, e que põe em jogo meios quase ridículos.

A pedido do Sr. De Sauley, seu filho, que o acompanhara em suas experiências, comunicou ao Marquês de Mirville detalhes interessantes, fatos notáveis cientificamente comprovados, que

destruíam completamente as teorias inventadas por seus colegas do Instituto da França.

Quanto aos fenômenos em si, quase todos os sábios que os estudaram, aceitaram ao menos a realidade dos fenômenos, como o conde Agmar de Gaspardin, o Dr. Coze, médico eminente da Academia Royal de Savoy, a Sra. Seguin e Montgolfier, ilustres engenheiros.

Enquanto isso, Allan-Kardec escreveu suas obras, nas quais a maior parte é ditada pelos espíritos, como *O Livro dos Espíritos*, que é a base fundamental da doutrina espírita e o primeiro ensinamento do que antes era desconhecido: o mundo da espíritos. Ao mesmo tempo, o Conde de Mirville declarava que, em sua opinião (com base na observação e no estudo mais detalhado), os fenômenos deviam ser produzidos por inteligências servidas por fluidos.

A Sociedade Dialética de Londres, em vista do auge que a nova superstição estava tomando e desejando evitar que se espalhasse para a massa do povo aquela alucinação que destruiria a razão de muitos, nomeou uma comissão de 33 membros, entre os quais estava Alfred Russel Wallace.

Nesse comitê, diz esse sábio,<sup>13</sup> no início havia apenas oito que aceitavam o fenômeno como real e apenas quatro admitiam a teoria espiritualista. No decorrer da investigação, doze dos mais céticos convenceram-se da realidade de muitos fenômenos, tendo participado das subcomissões de experimentação onde foram produzidos, por membros da mesma comissão, que aconteceu de serem portadores de mediunidade. Três dos comissários, que eram céticos consumados, continuaram suas investigações fora das sessões do comitê e acabaram sendo espiritualistas convictos.

---

<sup>13</sup> Alfred Russel Wallace - *A Defence of a Modern Spiritualism*, pág 58.

Minha própria observação como membro do comitê e do subcomitê mais numeroso e ativo, coloca-me em atitude de afirmar que o grau de convicção produzido nas mentes desses vários membros, atendidas certas notáveis diferenças de caráter, estava em proporção aproximada com o tempo e cuidado dedicados à pesquisa. Esse fato é o resultado de todos os fenômenos naturais. O exame de uma impostura ou de uma alucinação invariavelmente tem resultados contrários, sendo enganados aqueles que têm pouca experiência, enquanto aqueles que perseveraram em sua investigação, inevitavelmente descobrem a origem do engano ou ilusão. Se não fosse assim, seria tão impossível descobrir a verdade quanto o erro.

O conhecido astrônomo Camilo Flammarion enviou à comissão uma comunicação que merece consideração especial. Além de declarar que aceita a realidade objetiva dos fenômenos após dez anos de investigação, ele faz a seguinte declaração:

“Meu sábio professor e amigo Sr. Rabinet, do Instituto, que tem se empenhado com o Sr. Liais (posteriormente diretor do Observatório Astronômico do Brasil) e vários outros colegas de Paris, na busca pelas causas e natureza dos fenômenos, não estão inteiramente convencidos de que sejam produzidos com a intervenção de espíritos; embora essa hipótese, a única que pode explicar certa classe desses fatos, tenha sido adotada por muitos de nossos mais estimados sábios, entre outros, pelo Dr. Hoefle, erudito autor da História da Química e da Enciclopédia Geral; e pelo laborioso pesquisador no campo das descobertas astronômicas, cuja morte recentemente tivemos de lamentar, Sr. Herman Goldschmidt, descobridor de 14 planetas”.

“O engenheiro Sr. Gerard de Codemberg, membro de várias academias, editor de revistas científicas, do jornal *L'Assemblée Nationel*, homem positivista de formação, muito versado em física

mecânica, um sábio, enfim, dizia naquele jornal em 1855: “Os fenômenos do movimento das mesas, e especialmente aqueles que o Sr. De Gasparin estudou com certo aparelho científico, não podem encontrar sua explicação exceto em uma potência sobrenatural inteligente e animada... que se manifesta fora dos operadores embora sujeita, em certa medida, à influência de seus desejos e vontades.”

Pouco tempo depois, Henri Carrión, diretor de um jornal de Cambray, escreveu um livro: *Lettres sur l'evocation des Spirits*, reconhecendo a ação indireta e inteligente dos espíritos no fenomenalismo.

Entre os escritores mais recentes, cito: o engenheiro G. H. Love, ilustre sábio francês, que em sua notável obra *Le spiritualisme rationnel* demonstrou cientificamente que a comunicação com os espíritos não só é possível, mas deve ocorrer diariamente durante o sono; e o professor A. de Morgan, presidente da Sociedade Matemática de Londres, secretário da Sociedade Real de Astronomia, que publicou seu trabalho: *From matter to spirit*.

No mesmo ano de 63, diz Solanot, de quem extraio a maior parte desses dados, o Sr. Herrensneider fez um importante trabalho, sobre a necessidade da aliança entre filosofia e Espiritismo.

O Sr. Henri Delage, em 1864, publicou seu precioso livro: *L'Eternité dévoilée ou vie future des âmes apres la mort*. Em 1865, diz Solanot, Andrés Pesan, advogado da corte imperial de Lyon, autor da obra *Princípios superiores de Moral*, premiada pela Academia Francesa de Ciências Morais e Políticas, e de vários tratados de filosofia, deu a luz sua notável obra *A Pluralidade das existências da alma*, que é uma monografia de um dos princípios

fundamentais do Espiritismo, onde essa questão é magistralmente desenvolvida à luz da História e da Filosofia.

Suprimindo, enfim, as numerosas obras de menor importância, citarei: *Os Quatro Evangelhos*, do Dr. J. B. Roustaing; *Les Nouveaux principes de philosophie medicale*, do Dr. Chauvet; *Recherches sur les phénomènes du spiritualisme*, do sábio Crookes; *Uma Defesa do Espiritualismo Moderno*, do sábio naturalista Alfredo R. Wallace; obras do astrônomo alemão Zöllner; e, finalmente, as do ilustre médico francês Dr. Paul Gibier: *Le Spiritisme ou fakirisme occidental (O Espiritismo – Faquirismo Ocidental)* e *Analyse des choses (Análise das Coisa)*.

A maioria daqueles que observam os fenômenos, portanto, não pode duvidar de sua realidade. São raros os casos negativos, ou melhor dizendo, aqueles em que os pesquisadores fiquem na dúvida. Às vezes, isso depende da falta de oportunidade ou de ter encontrado uma sociedade composta por pessoas ignorantes, na qual os procedimentos são geralmente mal dirigidos, apresentando frequentemente manifestações chocantes operadas pelo invisível e, às vezes, pelos próprios espíritos no afã de convencer. É preciso dizê-lo, por mais vergonhoso que seja: não faltam médiuns que, não se contentando com os fenômenos que naturalmente produzem, simulam outros, que mais cedo ou mais tarde são descobertos, dando amplos motivos para desconfiança e dúvida quanto à veracidade da comunicação.

Mas, apesar disso, a verdade rapidamente abre seu caminho, e pode-se dizer que a realidade dos fenômenos não é negada por ninguém, exceto nos casos de observação insuficiente ou de ter caído nos centros retrógrados do Espiritismo. Assim, creio que não devo me aprofundar nas citações de fenômenos de efeitos puramente físicos ou que demonstrem uma força que poderia ser atribuída a uma ação psíquica inconsciente dos médiuns, como o



sábio Crookes acreditava no início. Incidirei mais nas transcrições, naquelas que provam a intervenção de uma causa inteligente que as dirige, a fim de contribuir no que possa levar à mente dos leitores minha convicção de que a alma não morre e que os espíritos daqueles que estavam no mundo, manifestam-se ao homem por meio da ação de fluidos que estão sujeitos à sua vontade.

## II

# *Explicação das forças empregadas pelos espíritos*

O conteúdo do primeiro volume deve ter proporcionado ao leitor os conhecimentos necessários para compreender a explicação que temos a dar sobre as forças que os Espíritos colocam a seu serviço para produzir os fenômenos.

Para isso, como se verá mais adiante, é necessária a presença de pessoas que, consciente ou inconscientemente, emprestam sua força vital, razão pela qual os chamamos de médiuns.

Supondo que a imortalidade seja admitida, o que não deixa de ser bastante geral, mesmo sem ter as provas que o Espiritismo oferece, resta entender, o que é sempre difícil, que os Espíritos possam produzir tais fenômenos; e essa dificuldade leva as pessoas pensantes a acreditarem que são forças psíquicas que não podem deixar de ser atribuídas aos médiuns, apesar dos fatos em que parece atuar uma inteligência externa. Vou, em consequência, tentar trazer à mente do leitor a convicção, antes de apresentar os fatos, de que as forças espirituais existem.

Tenho argumentado, baseando-me na fisiologia e nos fenômenos do magnetismo animal, que o pensamento é um ato dinâmico, que a vontade é uma força da alma que atua sobre os músculos da vida de relação, por meio de uma sucessão de

transformações através dos fluidos com os quais o organismo está saturado e que, quando esses fluidos são exteriorizados, estão sempre sujeitos à vontade. Se, então, pudéssemos provar que o espírito carrega parte desses fluidos com ele, formando com eles seu corpo astral ou perispírito, teríamos muito adiantado. Seria fácil para nós entender que eles possam operar como os magnetizadores sobre pessoas que fossem sensíveis aos seus fluidos, produzindo o que nós espíritas chamamos de possessão, em virtude do controle que o espírito exerce sobre o médium através dos fluidos, obrigando-o a falar, em estado mais ou menos consciente, o que deseja manifestar através dele.

Os Espíritos que se comunicam, como já disse, explicam os meios que utilizam, afirmando que a ideia do perispírito é exata; mas quando há dúvida de que são eles que estão produzindo os fenômenos, essa afirmação tem pouca importância. É necessário, portanto, recorrer a outras evidências.

Entre as diversas mediunidades, está a clarividência, ou seja, pessoas que veem espíritos. A questão é encontrar médiuns que mereçam uma fé perfeita. De minha parte, pude fazer a experiência de maneira convincente: minha senhora é uma vidente.<sup>14</sup> Numa sala escura e provocando o fenômeno, seus olhos se fecham e ele vê os espíritos na forma de uma nuvenzinha branca, ou mais ou menos luminosa, tendo um ponto mais brilhante no centro.

Essa nuvenzinha que circunda o espírito, não seria o

---

<sup>14</sup> A visão do vidente é idêntica à do sonâmbulo, o que já foi explicado. O sentido da visão não pode percebê-los porque não refletem a luz, porque sua transparência é maior do que a do ar e do vidro mais fino. Não podem ocupar nenhum espaço, isto é, em relação à atmosfera, pois permeiam todos os corpos e fluidos, exceto o éter, pelo qual são permeados.

perispírito? É claro que devo dizer que os fluidos que escapam aos magnetizadores têm a mesma aparência para os videntes, e que personalidades como o Dr. Gibier foram capazes de verificar por si mesmos.

Quando alguém se encontra, diz ele,<sup>15</sup> no escuro, perto de uma pessoa cuja força psíquica é materializada em abundância, ela é vista flutuar sobre as roupas do indivíduo de quem emana, e principalmente ao nível da região epigástrica ou dos troncos arteriais, na forma de matéria vaporosa ou luminosa. O leitor terá uma ideia desse vislumbre pela ilusão que uma vez produziu em mim.

Tinha ido ver um dos meus clientes, doente, no regresso de uma viagem, numa casa da rue Maubeuge, em Paris. Esse homem era médium de profissão e, como resultado das repetidas experiências que outras pessoas fizeram com ele, estava em um estado de grande prostração nervosa. Ele não podia suportar a luz ou o barulho e ficava deitado, soluçando como uma criança. Quando entrei em seu quarto, reinava uma escuridão quase total. De repente, enquanto o interrogava, vi perfeitamente uma claridade em um de seus braços.

Pensei no primeiro momento que seria um raio da lua que estivesse entrando na sala por alguma fresta da veneziana mal fechada, e levantando-me (estava sentado) coloquei-me entre o vislumbre em questão e a janela. Meu movimento não produziu nenhuma mudança naquela débil luz. Eu também me certifiquei de que não havia luar ou qualquer luz que viesse da janela. Outros pontos luminosos foram vistos em diferentes pontos do corpo do paciente que parecia completamente inconsciente quanto ao fenômeno; tentei tocá-los: não senti nada de anormal, apenas

---

<sup>15</sup> Dr. Paul Gibier – *Analyse des Choses*, pág 157.

notei que desapareciam ao toque da minha mão. Aproximei meu rosto de onde o vislumbre era mais visível e não senti nenhum cheiro de fósforo. Fora isso, o aspecto desse tipo de nuvem luminosa não se parecia de forma alguma com os vapores esbranquiçados e ondulantes produzidos pelo fósforo quando esfregado com objetos no escuro.

Posteriormente, tive muitas ocasiões de ver, em indivíduos bem-dotados, destacamentos desta força e sua condensação em plena luz do dia, sob uma forma ou outra.

O fluido que emana do corpo de certas pessoas parece-se muito com os fluidos que os videntes veem. Se houvesse dúvidas, existem meios de verificação. Apesar da fé que a minha senhora tinha e que deveria me inspirar, temendo uma alucinação, pedi em pensamento que um daqueles seres, para mim invisíveis se me aproximasse. Assim que formulei o pensamento, minha senhora exclamou: Aí vem um, ele colocou-se no seu peito.

Se essas experiências não bastassem para nos dar a convicção de que a alma não só não é uma abstração em si, mas que possui um corpo fluídico que não ocupa espaço, é verdade, como os corpos que o homem pode estudar diretamente, mas que por sua fluidez permeia todos os corpos, dentro dos quais sempre ocupa um espaço; e, digo eu, se não bastam essas experiências, as únicas que podemos fazer por nossa própria observação do corpo fluídico espiritual, recorreremos às evidências indiretas, ou seja, verificaremos a produção de fenômenos nos quais é impossível negar a ação dos espíritos, nem culpar aos médiuns, e então teremos necessariamente que atribuir a eles as forças que são requeridas para produzi-los e, por analogia, teremos que equipará-las àqueles que a alma possuía quando estava encarnada, e por meio das quais podia agir sobre seus

semelhantes.

Vou detalhar agora e por enquanto, apenas um desses fenômenos.

Mais ou menos um ano após minha pesquisa no Espiritismo, mais de uma vez a dúvida veio perturbar meu espírito. Explico: eu nem sequer tentara combinar os conhecimentos adquiridos através das ciências com os que podem dar explicação aos fenômenos espíritas, e, às vezes, quando em minha mente aqueles dominavam, chegava até a negar os fenômenos mais autênticos, ou buscava para eles uma explicação puramente material. Pois bem, aproveitando a oportunidade de me encontrar perplexo quanto a uma decisão que deveria, dependendo de qual fosse ela, ter uma grande repercussão a favor ou contra o meu destino, pensei em dirigir, da minha casa na Capital (a 184 quilômetros) uma carta para uma médium de grande reputação, não só pela mediunidade em si, mas pela certeza de que nunca foi mistificada, pedindo conselho em minha tribulação com as seguintes palavras:

“Senhora Juana de Navajas: rogo-lhe que evoque e consulte. É um assunto de grande importância para mim, primeiro no que diz respeito ao fundo da questão, e segundo para afastar as dúvidas que ainda me assombram quanto à possibilidade da imortalidade, da preservação da integridade da inteligência, que segundo a ciência parece ser impossível de acordo com o funcionamento dos órgãos cerebrais e, sobretudo, que, mesmo preservando-a, possam comunicar-se com os encarnados por meio de uma sugestão mental inequívoca. Se os Espíritos guias de Constância me derem um bom conselho e por isso me arrancarem a dúvida, prometo ser franco defensor do Espiritismo.

O conteúdo da comunicação, peço-lhe que seja totalmente reservado. Ninguém no mundo conhece as causas de minha tribulação, que é de caráter totalmente íntimo. *El venado*. 10 de

novembro de 1883.

A resposta não se fez esperar: consistia em seis largas páginas em que se dava o conselho solicitado por mim, designando as pessoas por iniciais e dizendo coisas de forma velada para quem não estivesse em antecedentes, para que a própria médium não pudesse saber do que se tratava. Quanta força de inteligência é revelada nessa comunicação. O conselho foi seguido e tive de me felicitar por isso.

Ora, não seria um absurdo ridículo atribuir essa resposta à inteligência da médium? E se outra inteligência a ditou, só a de um espírito livre poderia ter sido, porque nem o assunto nem os detalhes, muito menos minhas dúvidas quanto à decisão a tomar, podiam ser do conhecimento de ninguém. Sendo assim, encontramos a mais completa sugestão de pensamento por parte de uma inteligência extraterrena para com a médium. E já foi visto no capítulo VIII, livro 1, parte 2, que para isso é necessária a vibração dos fluidos. Essa experiência, como muitas outras, prova que o espírito retém sua integridade intelectual e os fluidos perispirituais que o personalizam.

Já vimos que a transmissão do pensamento, embora de forma imperfeita e limitada, é possível entre encarnados; mais fácil deve ser, portanto, como ademais é provado pelos fatos, entre um espírito e um encarnado, e ainda mais entre espíritos em liberdade. Mas, no caso acima mencionado, não só as ideias foram transmitidas, mas as palavras, o que exige uma mediunidade ouvinte em certo grau de desenvolvimento.

Quando se trata de outra ordem de fenômenos, como a escrita dita mecânica, em que o médium escreve sem que a sua vontade tome parte e sem receber inspiração, uma ação mais forte já é exigida por parte do médium. A ação mútua torna-se ainda mais

complicada nos fenômenos nos quais ocorrem efeitos físicos, mesmo os mais complicados e difíceis de conceber; a materialização, ou seja, a aparição pessoal e visível dos espíritos com o auxílio dos fluidos que eles tiram do médium e do ambiente.

Nestes últimos fenômenos, as forças vivas requeridas são tão poderosas que, para obtê-las, os Espíritos devem submeter o médium, por meios análogos aos do magnetismo, ao estado cataléptico ou letárgico, dispondo assim a partir desse momento, de seus fluidos animalizados, que ficam sob a ação de sua vontade.

Como prova do que foi dito, posso apenas citar uma experiência do Sr. Pelletier. Conforme afirma a *Revue Spirite* de março do ano de 1890, magnetiza três pessoas, faz com que se sentem ao redor de uma mesa, onde foram colocados alguns objetos de peso leve, os quais são colocados em movimento, sem contato, obedecendo as ordens dadas pelo operador.

Não direi mais, por ora, sobre esse ponto, tendo que ampliá-lo posteriormente quando se tratar do "perispírito". Devo apenas acrescentar para que possam ser apreciados os fenômenos espíritas que relato nesta parte, que o perispírito está mais ou menos eterizado, direi assim, de acordo com o grau de avanço do espírito; quanto mais atrasado ele é, quanto mais obstinado no mal, mais pesados ou animalizados fluidos o perispírito arrasta.



## III

*Mediunidade e médiuns*

Segundo Allan Kardec, os médiuns, por suas aptidões, podem ser divididos em duas grandes categorias, uma de efeitos físicos e outra de efeitos intelectuais. A primeira incluiria todos aqueles por meio dos quais os efeitos materiais ou manifestações ostensivas são produzidos, e a segunda abrangeria apenas aqueles que recebem e transmitem comunicações que acusam uma inteligência ultraterrena.

Esta classificação é muito oportuna, mas tendo sempre em mente que não pode ser aplicada como absoluta, pois por meio de médiuns de efeitos físicos, os Espíritos também podem, em mais de uma ocasião, manifestar-se como seres inteligentes.

Podem ser enquadrados na categoria de médiuns de efeitos físicos os seguintes:

Médiuns de tiptologia; produção de ruídos e batidas; variedade muito comum, voluntária ou involuntariamente.

Médiuns motores: produção de movimento, translação e suspensão de corpos no espaço; elevação, em alguns casos, da própria pessoa.

Médiuns de materialização: produção de aparições fluidas e tangíveis.

Médiuns de transporte: que servem de auxiliares com seus

fluidos ao raro fenômeno de levar de um ponto a outro, aparentemente através de paredes, certos objetos reais, como flores e doces.

Médiuns de escrita, por meio dos quais se produz a escrita direta, fenômeno pouco comum.

Médiuns de cura: aqueles que têm o poder de curar ou aliviar pela imposição de mãos.

Acredito, com Allan Kardec, que essa faculdade não é essencialmente mediúnica, mas pertence a todos os crentes, sejam médiuns ou não, e pode ser consequência da exaltação do poder magnético.

### **Médiuns especiais para efeitos intelectuais**

Podem ser considerados os seguintes:

- Médiuns auditivos, são aqueles que ouvem os Espíritos: mediunidade de pouca utilidade, porque a veracidade não pode ser provada e é confundida com alucinação.
- Médiuns falantes ou de incorporação, são aqueles que falam sob a influência de espíritos. São muito comuns, falam por influência sugestiva ou inspiração e em estado semelhante ao do sonâmbulo, mas sem se confundirem com ele, pois passam a proferir discursos que merecem ser reproduzidos, quando, na maioria das vezes, os médiuns são ignorantes ou incapazes disso. Este tipo de médiuns é mais ou menos consciente; em outras palavras, mesmo que não se lembrem do que fizeram ou disseram durante o fenômeno, influenciam ou dificultam um tanto a manifestação e seus termos, como afirmado pelos próprios espíritos. No entanto, há aqueles que estejam

totalmente inconscientes no sentido de que o espírito do médium fica momentaneamente impedido de qualquer ação em seu próprio organismo. - Esses médiuns são usados, preferencialmente, para orientação.

- Médiuns videntes, que são aqueles que em estado de vigília veem os espíritos. É mediunidade suspeita, como a auditiva, porém, ela existe e pode ser utilizada em Centros que contam com uma alta direção espiritual.
- Médiuns de inspiração, são aqueles que recebem inspiração quando evocam, ou seja, aqueles que se preparam para escrever passivamente o que os Espíritos lhes comunicam, podendo, quando já desenvolvidos, ter certeza de que não misturam suas próprias ideias.
- Médiuns desenhistas, são aqueles que pintam ou desenham sob a influência de espíritos, com mais ou menos perfeição, mas de forma rápida e quase mecânica, como na escrita. Existem pessoas extraordinárias como o Sr. Fabre, um ferreiro, que obteve desenhos de verdadeiro mérito.
- Médiuns musicais, executam, compõem ou escrevem música sob a influência de espíritos. Existem médiuns musicais mecânicos, diz Allan Kardec, semimecânicos, intuitivos e inspirados, como acontece com as composições literárias.

O exercício dessas mediunidades não é isento de perigo e, evidentemente aconselho aqueles que se sentem com alguma faculdade a rejeitar formalmente todo tipo de manifestação; se não estão dispostos a prestar seus serviços à causa do Espiritismo; e se estiverem, devem fazer parte das sociedades mais bem constituídas para o estudo e a propaganda, dentro das quais o risco de cair na obsessão, fascinação ou subjugação é quase

completamente removido.<sup>16</sup>

\*\*\*

Feita essa classificação das várias mediunidades, surge o questionamento sobre qual a particularidade que pode ser a causa da mediunidade. É uma disposição especial do organismo, do sistema nervoso, ou então do espírito ou dos fluidos? É o que estudaremos a seguir, ao mesmo tempo em que compreendemos a maneira como os fenômenos operam.

Muitos confundem a ideia de Espiritismo com a de mediunidade. Porém, é bom deixar claro que entre os espíritas não há mais médiuns do que entre os que não o são: é uma questão de ocasião. Quantos daqueles que em sua ignorância riem da possibilidade dos fenômenos, poderiam produzi-los eles próprios, se tentassem com um pouco de perseverança! Quantos que se orgulham de escrever com facilidade e elegância são inspirados por algum espírito amigo!

Os médiuns não apresentam nenhuma peculiaridade fisiológica ou patológica apreciável. As mesmas mediunidades, em toda a sua diversidade, podem ser encontradas tanto em homens como em mulheres, em velhas como em crianças. Idade e sexo não importam em termos de mediunidade. O Dr. Gibier acredita ver neles algum desequilíbrio, no sentido moderno que é dado à palavra, sem esclarecer as causas de sua crença. De minha parte, posso dizer, com base nas observações feitas sobre oito médiuns que estudei muito de perto, que eles não são histéricos ou desequilibrados, e que apenas três deles são sensíveis ao hipnotismo o que fica próximo da proporção de pessoas magnetizáveis, de acordo com o Doutor Ochorowicz.

---

<sup>16</sup> No final da obra falarei mais extensivamente sobre isso.

O Dr. Charles Richet acredita que não é a histeria que facilita a hipnotização, e sim que aqueles que são sensíveis à hipnotização são propensos à histeria; e baseia-se no fato de que a sensibilidade é conservada ao longo da vida, e a doença é uma questão que só aparece em um período de existência.

Para que os médiuns a que me referi não possam ser considerados de uma ou da outra maneira, direi que são seis mulheres e dois homens, sendo estes dois os mais sensíveis ao hipnoscópio e apenas uma das mulheres.

Porém, não se pode negar que exista alguma analogia, sob outro ponto de vista, entre médiuns e sujeitos magnetizáveis, e entre os meios utilizados pelos magnetizadores e pelos Espíritos.

Se o magnetizador precisa de tempo para preparar um bom sujeito, o qual possa então facilmente adormecer e manejar como um instrumento passivo, chegando assim, aos poucos, até a magnetização contra a vontade do sujeito e à distância, também é necessário tempo para que um espírito domine um médium para produzir obsessão, quando é um espírito malicioso que está envolvido.<sup>17</sup>

Se os hipnotizáveis são extremamente sensíveis e pelos fluidos conhecem as pessoas que os abordam, os médiuns, em geral, são sensíveis aos fluidos perispirituais. Durante nove anos de estudo prático do Espiritismo, sempre percebi que todos os médiuns sabem por sensibilidade fluídica qual é o espírito que está mais próximo deles, ou seja, para incorporar, e também quando é mau; ou quando na sala de sessões os fluidos são, como eles dizem, pesados, ou sentem que são agradáveis, o que neste caso anuncia uma sessão tranquila em que espíritos superiores

---

<sup>17</sup> Veremos no apêndice da obra que são casos exceção, e daremos os meios que existem para evitá-los.

vêm para nos dar seus conselhos e ensinamentos diretos.

Qual poderia ser a causa dessas analogias e dessemelhanças? Existe analogia porque é uma ação fluídica guiada por uma vontade estranha; e dessemelhança porque os fluidos são diferentes e atuam de diverso modo.

No caso do magnetismo, o fluido assume o controle de toda a pessoa; daí, às vezes a catalepsia ou a letargia, que os espíritos nunca produzem na possessão. No caso do espírito como operador, o fluido ataca diretamente o cérebro, pois seus fluidos perispirituais são da mesma natureza e, por conseguinte, afins ao perispírito do médium. Assim, o magnetizador pode fazer com que o sujeito se mova nesta ou naquela direção, atraí-lo, rejeitá-lo ou o fazê-lo caminhar, podendo transmitir-lhe o pensamento com mais ou menos dificuldade; enquanto o espírito que opera toma posse dos órgãos que dão o impulso ao organismo e procedem (no caso de possessão) substituindo completamente a ação do espírito do médium sobre o organismo.

O que é feito, nesse caso, ou onde está o espírito do médium? Segundo a revelação espírita, envolto em fluidos sobre os quais não pode agir, pois estão sob a dependência da vontade do espírito que atua.

A sugestão mental é facilmente explicada, visto que o perispírito do médium está entrelaçado com o do espírito, e então o médium recebe inspiração direta do pensamento, de tal forma que chega a quase ignorar se a ideia que percebe é ou não sua, e somente quando se trata de médiuns que sentem internamente a vibração que corresponde à palavra articulada, sabem claramente que obedecem a um espírito desencarnado, mas podendo, na maioria das vezes, rejeitá-lo se lhes convier.

As mediunidades de efeitos físicos requerem que o espírito seja capaz de dispor de fluidos animalizados; se ele não os tem em

si, não devemos esquecer que a ação de sua vontade, tendo sido extensiva a tais fluidos quando estava encarnado, não há razão para que ele não possa dispor daqueles que são liberados por certos médiuns e daqueles que constantemente a humanidade espalha no meio ambiente; isso é aplicável à levitação de objetos, à tiptologia e à materialização.

A especialização que o Dr. Gibier tem conseguido perceber nos médiuns de efeitos físicos e materialização consiste, segundo ele, em que os fluidos que exalam em abundância estão em um estado passivo que chama de materialização,<sup>18</sup> enquanto os as pessoas que não têm essa mediunidade conservam mais os seus fluidos, mantêm-nos em estado semi-material. A grande maioria, diz ele, dos seres humanos, para falar apenas destes, são semi-materiais. Mas há indivíduos que, naturalmente ou como resultado do regime alimentar que mencionei, possuem a faculdade, o poder de exteriorizar, isto é, de projetar, de estender sua força psíquica a uma distância mais ou menos distante de sua pessoa.

Aceito de bom grado essa explicação, embora não siga o Dr. Gibier na ideia que parece resultar da conclusão de seu parágrafo; ou seja, que com essa força é que os médiuns produzem fenômenos físicos. Vê-se que ele confunde os médiuns, que não se preparam com nenhum regime alimentar, com os iogues, que adquiriram certo conhecimento sobre os fluidos, pelos quais estes são submetidos à ação da vontade, para produzir fenômenos extraordinários em que devem ser também ajudados pelos invisíveis. Os médiuns, em geral, são ignorantes; nada leem e nunca se preocupam em estabelecer para si regimes que não conhecem, são simples instrumentos a serviço dos espíritos,

---

<sup>18</sup> Paul Gibier - *Analyse des choses*, capítulo V, pág 157.

servindo assim à grande causa do Espiritismo; não são eles que produzem os efeitos, mas os Espíritos que se apoderam, pela força de sua vontade, dos fluidos que escapam do médium em abundância, e que são, por uma causa fisiológica qualquer, ou por uma apatia espiritual, como bem aponta o próprio Gibier, passivos, ou seja, não sujeitos à própria vontade. Daí ficarem à mercê de outra vontade, ou seja, de um espírito, que, pelo fato de estar livre dos grilhões da matéria, tem maior ação sobre os fluidos e mais liberdade para agir sobre eles.

Quanto mais sólida a matéria, mais inerte, como já disse: mais passiva e obediente às forças. Estas, como tenho tentado provar, manifestam-se exclusivamente através dos fluidos que chamamos de imponderáveis, e a transformação de sua vibração ou movimento é o que lhes dá efetividade; portanto, não é tão difícil entender que os espíritos, dispendo dos fluidos, exibam tanta força sob a primeira impulsão da vontade e do pensamento, que é um ato dinâmico, como também diz o Dr. Gibier. Sendo isso na realidade como é evidenciado pelos fatos, seria necessário aceitá-los, embora por não conhecermos todas as leis da natureza, nos pareça que vai contra as leis conhecidas. No entanto, podemos lembrar que o movimento inicial da nebulosa provém diretamente do Criador; que o calor é uma força secundária; e que, se não pode haver força no mundo que não emane de outra, a força ativa e secundária da alma é a conversão e o acúmulo de muitas forças combinadas em uma elaboração que tem durado centenas de anos.

Mas essas forças, para se manifestarem, requerem, em geral, a presença de médiuns, e estes, embora sendo virtualmente numerosos, são poucos os que chegam a sê-lo em realidade, pois suas faculdades, com raríssimas exceções, requerem um desenvolvimento prévio mais ou menos longo.



Desenvolvidos os médiuns, se o seu estado de saúde for satisfatório, a maior ou menor amplitude dos fenômenos dependerá apenas dos fluidos afins ou opostos que predominem entre os presentes.

Além disso, deve-se levar muito em conta que, para se obter uma comunicação sincera e moral, é necessário que aqueles que a procuram estejam desejosos de instrução e progresso espírita, ou possuídos pelo sentimento do bem.

Como diz Delanne, não é fazendo Espiritismo de mesa que as condições exigidas são encontradas. Isso é expor-se às mistificações e gozações, às vezes pesadas, de espíritos medíocres, atraídos por ato tão pouco circunspecto. Espíritos elevados, ou pelo menos sinceros e inteligentes, não se prestam a tais evocações, assim como homens de alguma importância não se prestariam a servir de alvo para perguntas fúteis, ou para servir de diversão.

Não direi mais sobre mediunidades em geral. Os detalhes de cada especialidade serão comentados quando tratarmos dos fenômenos correspondentes.

## IV

# *Fenômenos espontâneos e de origem ultraterreno*

Começaremos com o estudo dos fenômenos espontâneos, assim chamados por não terem sido provocados e tampouco serem conhecidos, na maioria das vezes, os médiuns de quem os Espíritos puderam se utilizar para este tipo de manifestação.

As manifestações espontâneas não se limitam a uma simples tiptologia, elas são produzidas com uma força que falta às obtidas nas sociedades espíritas; móveis caem e são arrastados, portas se abrem e recebem-se projéteis, tudo isso com tal vigor que as pessoas, sem o conhecimento que o Espiritismo proporciona, só podem atribuí-lo a pessoas mal-intencionadas, embora não seja possível encontrá-las, nem mesmo através da intervenção da polícia.

Provavelmente, não existe nenhuma cidade ou vila onde tais fenômenos nunca tenham sido sentidos ou observados.

Na *Revue Spirite* de Paris, encontramos a descrição de vários casos perfeitamente verificados. Nos números de maio a agosto (inclusive) de 1858, são relatados os fenômenos desse tipo observados em Bergzabern e em Dibbelsdorf; por oito anos na aldeia de Grandes Ventes, perto de Dieppe (março de 1866), em Paris (agosto do mesmo ano), em São Petersburgo (abril do

mesmo ano), e muitos outros.

Aqui mesmo, em Buenos Aires, foram várias as casas onde ocorreram esses fenômenos, mas pode-se citar um deles bem comprovado; refiro-me a uma casa na rua do Peru, próxima à rua do Chile. Ali eram ouvidos ruídos extraordinários e outros fenômenos que aterrorizavam os moradores, de tal forma que as poucas vezes que durante 15 anos foi ocupada por famílias, elas tiveram que sair imediatamente. Só foi usada por algum tempo pelas tropas em tempos de guerra civil. Os ruídos pararam desde a morte do proprietário e a casa está habitada atualmente.

Pelas indagações realizadas pelas várias sociedades existentes no mundo, já evocando e obtendo explicações dos mesmos Espíritos que deram origem a tais fenômenos, ou de protetores dessas sociedades, verifica-se que são produzidos por Espíritos muito atrasados ou materializados, mas sob permissão ou seguindo a lei do livre arbítrio que permite a vingança, mesmo que seja um crime em si.

Para produzir tais fenômenos, os espíritos valem-se de algum médium, como aqueles que um guia de Allan Kardec classificava como médiuns de disposição física especial, cuja mediunidade muitas vezes anuncia uma tendência material no espírito, visto já ser conhecido, por meio dos ensinamentos e da experiência espírita, que a lei das afinidades tem grande aplicação no espiritual, cada um atrai para si os espíritos que estão ao seu nível e participam de seus gostos e paixões.

Os médiuns, nesses casos, não conseguem perceber que são eles que fornecem os principais elementos para a produção dos fenômenos e, não raro, eles mesmos são os mais assustados. Nesse caso, são vítimas de vingança, embora às vezes pareça que o espírito encarnado neles presta-se ao que é executado em outras

pessoas.

Portanto, não se deve acreditar que haja apenas vinganças nesses fatos, o qual fica evidenciado quando é uma família ou um indivíduo que é perseguido, mas também acontecem para dar mais e mais provas da presença e ação dos espíritos.

Isto dá razão às superstições de todos os tempos, principalmente no campo e nas aldeias, onde não existe a agitação contínua que faz qualquer barulho passar despercebido. Essa superstição é, sem dúvida, baseada em fatos, embora reais, desfigurados ou ampliados no relato pela imaginação e pelo medo. Assim, as pessoas simples estão sempre dispostas a atribuir ao sobrenatural o rangido das madeiras, os efeitos do vento nas noites silenciosas e as fosforescências luminosas nos cemitérios ou nas orelhas dos cavalos suados nas noites quentes e sombrias.

Muitos casos de manifestações espontâneas eu poderia citar, mas mencionarei apenas um dos mais notáveis por seu caráter público, e outro totalmente pessoal, cuja veracidade não pode ser questionada, pelo menos pelas muitas pessoas que me conhecem.

A história do fanatismo católico está repleta de crimes horríveis cometidos em nome das doutrinas de caridade e tolerância pregadas por Jesus.

Entre esses horrores, há um que não tem igual quanto à barbárie. Refiro-me à decapitação em massa dos protestantes que habitavam a França na noite de 24 de agosto de 1572. Mais de 50.000 pessoas<sup>19</sup> de ambos os sexos e de todas as idades foram traiçoeiramente assassinadas, por estarem determinadas à regeneração da religião transformada e explorada pelo clero, que deu provas evidentes da sua culpa ao impelir Catarina e o imbecil Carlos IX para dar a ordem de tão hediondo crime.

---

<sup>19</sup> Alguns diminuem muito esse número; mas fossem 10.000 ou 100.000, a ferocidade e o crime são idênticos.

Pois bem, nas três noites seguintes, ouviram-se vozes que repetiam como ecos as produzidas nos momentos sombrios do massacre, como se só tivesse ocorrido concentrado nas ruas em torno do Palácio do Louvre.

Este fato, testemunhado por muitas pessoas e pelos oficiais da guarda, apesar das proibições de publicidade foi comprovado de forma inequívoca.

Prestei expressamente atenção a este fenômeno, que não é único em seu gênero, para ter o direito de dizer que ainda não foi provado que em todos os fenômenos espirituais seja necessária a presença de um médium. Pode haver exceções em que, Deus permitindo, não haja necessidade deles, como no fato lembrado, que devido à sua temeridade, bem mereceu aquela manifestação direta do mundo espiritual para demonstrar sua indignação.

Vou citar outro fato que parece providencial. Encontrando-me com a família na minha propriedade El Venado, adoeceu, parece que gravemente, a minha pequena filha, que estava com a saúde abalada devido a uma doença que já durava sete anos.<sup>20</sup> Justamente alarmado, fiz com que a colocassem em uma cama, e acreditando que ela estava descansando, a mãe foi para o quarto ao lado e eu desci para fazer um telegrama, consultando o inteligente, bondoso e humilde irmão espiritual, que só pôde me responder em 48 horas porque seu médium estava nesta capital.

Talvez a resposta não chegasse a tempo, talvez meu cuidado excepcional com minha infeliz filha me tornasse merecedor da preservação de sua vida; não sei – a verdade é que, ouvindo que ela estava chorando, subi depressa e fiquei sabendo que, ademais do seu sofrimento, ela também sofria pelo medo, porque sentia

---

<sup>20</sup> Ela deve sua vida aos espíritos de Constança, que, após ser desenganada pelos médicos, cuidaram de sua medicação.

fortes batidas em sua cama. Na hora tranquilizei-a dizendo que era o médico dela que vinha ditar os remédios daquela forma, sendo de se observar que os ruídos cessaram enquanto eu me expressava assim; e depois perguntando se eu estava certo, a resposta com uma batida forte foi imediata. As batidas continuaram a ditar o que eu deveria fazer imediatamente à doente. Perguntei então se era conveniente enviar o telegrama e duas batidas indicaram a negativa. Tudo foi feito como indicado, e no dia seguinte a mais franca melhora foi pronunciada.

Agora: como esse fato pode ser explicado? A própria menina é que era o médium, ou então era a minha esposa? Esta possui a mediunidade tiptológica, mas não com a força que naquele momento eu senti. De resto, o fenômeno exige a imposição das mãos, e ali as batidas começaram enquanto ela estava longe da cama onde ocorreram aquelas batidas.

Posso supor que os protetores espirituais, diante da urgência, apurassem os fluidos da paciente, sob o risco de produzir um desequilíbrio temporário, para salvá-la de um maior perigo; e também posso pensar em uma manifestação de espíritos de grande elevação, que talvez possam atuar em determinados casos diretamente sobre os fluidos ou forças livres do espaço sem recorrer ao fluido animalizado dos médiuns.

Quanto menos material o espírito, parece que menos facilidade ele tem para a produção de fenômenos físicos *através das pessoas*; mas um estudo mais avançado dos fatos do Espiritismo nos mostra que à medida que o espírito se aperfeiçoa, *ultrapassando certo limite*, amplia o poder de sua vontade, o que é lógico; ele deve possuir maior domínio sobre os fluidos e as forças gerais do que um espírito atrasado, uma vez que se aproxima da fonte de todo poder e força - de DEUS.

\*\*\*

Existe outra classe de fenômenos do gênero dito espontâneo.

Muitas vezes movimentos da mobília são sentidos; parecem cair, quebrar ou se arrastar e, no entanto, quando alguém entra na sala em que isso acontece, tudo está em seu lugar.

Esses ruídos, simulando um fato semelhante, duvido que tenham sido obtidos por mais de quatro ou cinco médiuns notáveis dos conhecidos no Espiritismo até agora.

No entanto, o fenômeno foi observado com frequência, em todas as épocas e em diversos pontos da Terra; citarei apenas dois casos.

Como Presidente do Centro de Propaganda, recebi, não faz muito tempo, uma carta de um senhor que vive em San Juan, da qual tirei o seguinte: Tenho 33 anos, diz ele, e desde criança ouvi ruídos estranhos, para os quais não encontrei qualquer explicação, até ter começado, recentemente, a conhecer o Espiritismo. Estando no Chile, eu tinha apenas 14 anos quando uma tia minha morreu a algumas léguas de nossa residência. No mesmo dia do falecimento, nas primeiras horas da noite, com toda a família e alguns amigos reunidos, em momentos de religioso silêncio porque meu pai, já ancião, após pronunciar algumas palavras de carinho para a irmã, havia deixado correr suas lágrimas, ouviu-se a chave da porta que levava ao corredor externo girar e os pinos foram movidos por um poder invisível, escancarando a porta.

Todos se entreolharam inquietos e, após um momento, as visitas recuaram assustadas.

Quando já estávamos deitados, eu e meus irmãos sentimos o ruído de passos curtos e o roçar de um vestido sobre o tapete do

quarto. Esses passos iam e vinham até a porta do dormitório onde meus pais estavam. Naquele quarto havia luz e os passos paravam diante daquela porta, como se houvesse hesitação em entrar lá.

No nosso grande dormitório havia duas mesas cheias de bibelôs. Os passos pararam e ouvimos movimentos das mesas e conteúdos; então pareceu que uma delas estava sendo destroçada, e que seus pedaços caíam espalhados por toda a sala, junto com o barulho das porcelanas que se quebravam. Imediatamente os passos foram para a outra mesa, acontecendo a mesma coisa.

Meu irmão mais velho então exclamou: Que diabo! Por quanto tempo a tia vai nos aborrecer! Então os ruídos em nosso quarto cessaram; mas ouvimos os gritos angustiados de minha irmã. “Mãe, mãe – falava – você não sente que a tia está vindo para a minha cama? Eu a sinto, ela se deteve perto de mim. Minha mãe respondia: “Filha, eu não sinto nada; é ilusão sua; temos luz e nada é visto; mas se você está com medo, deve ser por causa da briga que você teve com sua tia há alguns dias. Então minha irmã tomou a resolução de perdoá-la, cessando então todas as manifestações.

No dia seguinte soubemos que minha mãe não ouvira nada do estrépito ocorrido em nosso quarto, e vimos com surpresa as mesas e seu conteúdo em perfeitas condições.

Neste caso, *parece que o médium foi a mesma pessoa que nos escreveu*, já que desde a infância percebia manifestações. Mas, temos certeza que, no caso de pertencer a uma sociedade espírita séria, não dariam seus fluidos para tanto; é provável que os bons Espíritos evitassem seu movimento excessivo antes de obter o desenvolvimento gradual da mediunidade. Para esta ser exercida continuamente, é requerido que o ser recupere facilmente os fluidos que fornece; sendo de se advertir que eles devem sofrer uma transformação no organismo, o que requer mais ou menos tempo, dependendo do grau de desenvolvimento mediúnico.



Quanto a mim, posso dizer que não me faltaram fatos para observar; entre eles, vou citar o que aconteceu por alguns meses na casa paterna, após o falecimento de um membro da família. Parecia que toda a mobília estava quebrando, havia um verdadeiro estrépito e, no entanto, nada se movia em realidade.

Como se vê, abundam esses fenômenos, que são, no entanto de difícil produção nas sociedades espíritas, o qual à primeira vista não encontra explicação. Na verdade, parece lógico supor que o oposto é que deveria ocorrer. Como essa aparente contradição é explicada? A mediunidade requer um desenvolvimento gradual e prudente, a fim de manter o equilíbrio dos fluidos no médium, que para sê-lo definitivamente de materializações, ou apenas de efeitos físicos,<sup>21</sup> deve tornar-se uma espécie de acumulador do fluido vital, isto é, de sua concentração e expansão contínua.

Em última análise isto é compreensível, pois que, se nas sociedades espíritas fenômenos extraordinários com efeitos físicos não são facilmente obtidos, é porque seus bons guias atendem sobretudo à preservação da saúde dos médiuns, e procedem com a prudência que cada caso exige.

No entanto, há exceções, como no caso extraordinário inserido no *Boston Globe*<sup>22</sup>, no final de outubro de 1883.

Uma casa em Sandwich (Massachusetts), foi o teatro onde se observou um dos fenômenos mais surpreendentes de que temos memória.

A casa era ocupada pela Sra. Carlota Sampson, de cerca de 60 anos, a Sra. Elisa Connors, 24, e o Sr. Swift, irmão da Sra. Sampson.

Ambas as senhoras professavam uma religião. A Sra. Connors

---

<sup>21</sup> Note-se bem que não é citado o médium de possessão.

<sup>22</sup> *Revista Constancia*, ano de 1884, pág. 429.

era extremamente afável com seu jeito simpático e ingênuo, e evidentemente uma daquelas naturezas que nenhum pensamento é capaz de perturbar, e apenas se dedicava a seguir sem hipocrisia os puros ditames de sua fé.

Eram admiráveis a paciência e resignação com que suportava o desconforto da sua prolongada doença, em meio à sua difícil posição.

Segundo a comunicação dirigida ao repórter do Globe, a Sra. Connors soube que, inválida e impotente por longo tempo, seu caso fora considerado perdido pelos vários médicos chamados para aliviá-la.

Segundo seu próprio testemunho, ela não saía da cama há muito tempo e era incapaz de realizar para si mesma o menor serviço.

O primeiro sinal que lhe deu a conhecer a intervenção de um poder oculto ocorreu da seguinte forma:

Um dia a Sra. Sampson colocou no aposento da doente os lençóis e lingerie que ela precisava trocar, colocou tudo em uma cadeira e, tendo esquecido algo, voltou para o quarto ao lado.

Um minuto depois, foi alarmada por um grito angustiado que saía do aposento ocupado pela doente.

Correu precipitadamente e encontrou o quarto em uma desordem pitoresca, e a inválida em um estado extraordinário de excitação nervosa. Um simples olhar foi suficiente para convencê-la de que a lingerie estava colocada como ela tivera intenção de fazer, que as roupas usadas estavam espalhadas pelo chão e a paciente estava vestida com as roupas limpas.

A enferma não soube dar razão alguma, afirmando que a mudança ocorrera instantaneamente, lembrando-se apenas de ter sentido seu corpo como subindo em direção ao teto.

A princípio, esse método especial de trocar as roupas da

doente causou uma forte impressão tanto na enferma quanto na senhora saudável; entretanto, elas logo se acostumaram e isto chegou a se tornar natural para elas. Bastava colocar a roupa perto da cama e a troca era operada sem a necessidade de ajuda material.

Essa demonstração foi seguida por outras de caráter diferente. De vez em quando, eram encontradas na casa mensagens escritas, já em pequenos pedaços de papel, já em envelopes velhos etc. Também foram encontrados, no pavimento, em uma cadeira ou ao lado das portas, pedaços de tecido presos com alfinetes e muitas outras coisas.

A maioria dessas manifestações parecia vir de um médico francês que assinava como De Fulkner, e das mesmas parecia desprender-se que o referido Doutor tinha a paciente sob sua proteção, sempre avisando-a por escrito de que se ela seguisse suas instruções a respeito dos remédios, logo ficaria em condições de sair do leito. Por um longo período de tempo, em intervalos regulares, um desconhecido poder invisível administrava-lhe o remédio colocando-o em sua boca. – Não poderia, diz ela, mesmo querendo, recusar-me a recebê-lo.

Era assim que curava a enferma na presença do Dr. Hobart, desta cidade.

Um dia encontrou um papel escrito que dizia: “A senhora está com um abscesso; no dia tal, na hora tal, esse abscesso atingirá o grau necessário de supuração e sairá para fora, isso será a sua salvação; para esse momento, tenha preparado um copo d'água, um ovo e um pedaço de limão. quando a água ficar com a cor perolada, será a hora de dá-la à doente.

No dia assinalado, estando presentes as duas senhoras e o Dr. Hobart, todos olhavam atentamente para os objetos colocados

sobre uma mesinha perto da cama da paciente e, em dado momento, antes que os olhos pudessem acompanhar, o ovo e o limão desapareceram, e a água assumiu a cor perolada indicada.

Foi o que aconteceu e três testemunhas estão prontas para o afirmar, se não bastar a prova de que Mrs. Connors abandonou o leito e está completamente sã.

Fatos como o que acabei de relatar, embora não sejam frequentes, não deixam de ocorrer de vez em quando. Eles dão testemunho irrefutável das forças à disposição dos Espíritos, forças que agem sob a ação da vontade, conforme explicado no capítulo anterior.

Dizer que esses fenômenos não são possíveis porque vão contra as leis conhecidas da matéria é um absurdo porque o homem está longe de conhecer todas as leis da natureza. O que uma força promove a outra pode destruí-lo. Assim, vemos que a impulsão dada à bala pela força expansiva da pólvora, ao mudar de estado, supera a resistência do ar e a atração da terra no primeiro momento do movimento, seguindo então a resultante das três forças. Se uma força se manifesta na matéria que produz o que chamamos de gravidade, e essa força nos é desconhecida, que dificuldade poderia opor-se a que outra força igualmente desconhecida a anule ou contrarie momentaneamente, como no caso da bala? De resto, o fenômeno obedece necessariamente a forças que podem ser chamadas de desconhecidas, se quiserem, mas que de modo algum anulam a prova decisiva do fato consumado.

As maiores forças desdobradas pelos espíritos *com relação da matéria*, são produzidas, segundo afirmam espíritos que acusam um alto grau de adiantamento, por espíritos rudimentares, rudes, que, ao desencarnar, arrastam por afinidade todos os fluidos que animavam o organismo, ou por causa das ideias materialistas que

os dominam. Por afinidade, eles também atraem a si os fluidos animalizados de que a atmosfera está carregada. Assim, sob a ação do pensamento, alguns desses espíritos assumem formas que os videntes poderiam distinguir. E às vezes sua ignorância chega a tal ponto que, encontrando-se assim revestidos de poder, acreditam que atiram pedras ou batem com seus membros fluídicos, quando na realidade tudo é executado pela vontade, à qual os fluidos estão sujeitos.

## V

*Fenômenos físicos que são produzidos com intervenção de médiuns e que acusam a presença de inteligências invisíveis*

A tiptologia foi, no início do Espiritismo, o único meio de comunicação praticado pelos espíritas. Mas a observação mostrou que muitas pessoas obtinham a movimentação das mesas, enquanto a tiptologia ocorria com menos frequência. Daí que ficasse combinado que os movimentos da mesa indicariam, junto com as batidas, pelo seu número, as letras do alfabeto, obtendo-se assim, ainda que lentamente, frases e até mesmo discursos.

Posteriormente foi adotado um alfabeto em forma de triângulo sobre as mesinhas de três pés, dando às letras mais usadas um posicionamento preferencial, para evitar muitos movimentos ou batidas. Com essa inovação, as comunicações ficaram menos lentas. Assim, o Sr. Eugênio Nus e os seus amigos obtiveram uma interessante série de comunicações, que podem ser lidas em sua obra *Choses de l'autre monde*.

Esse meio de comunicação não pode evidentemente ser comparado em velocidade com o obtido pelos médiuns de incorporação; mas tem a seu favor ser menos suspeito.

É verdade que se tem suposto que os próprios médiuns

moviam as mesas e acreditado que eles poderiam simular a tiptologia, mas também é verdade que essas dúvidas se acentuam quando se ouve falar o médium em incorporação, ou escrever o que recebe pela intuição, enquanto que com a tiptologia não se pode duvidar da existência de outra inteligência que não a do médium, pois é fácil para os Espíritos responder em breves palavras aos pensamentos dos presentes, dar um certo número de batidas fixadas mentalmente por estes e comunicar em línguas desconhecidas do médium.

Ainda não contentes com isso, e desejando melhor garantir a independência do médium, os primeiros espíritas imaginaram diversos meios de comunicação, sempre baseados na mediunidade de efeitos físicos, sem que até agora se tivesse obtido um resultado realmente satisfatório.

Nos Estados Unidos, foi usada por algum tempo uma agulha, que, acionada por meio de um fio e uma polia, designava as letras marcadas na mesa. Com isso o trabalho foi acelerado, mas as dúvidas aumentaram e foi necessário abandoná-lo.

Madame de Girardin obtinha numerosas comunicações por meio de uma mesinha redonda, de trinta a quarenta centímetros de diâmetro, girando sobre seu eixo como uma roleta. Sobre a circunferência, como sobre um quadrante, foram desenhadas as letras, os números e as palavras sim e não, e no centro uma agulha fixa foi adaptada. O médium colocava as mãos na borda da superfície móvel e, sob a influência do espírito, fazia a mesa girar, a qual parava quando a letra desejada estava sob a agulha.

Porém, como é preciso que as mãos sigam o movimento da mesa, se a tiptologia pode ser suspeita, esse método pode ser ainda mais suspeito. Se fosse obtido um movimento independente, seria o fenômeno mais conclusivo à disposição do Espiritismo; e

isso seria possível, parece-nos, se vários médiuns cujos fluidos estivessem harmonizados empreendessem a tarefa com a constância necessária.

Na esperança de o conseguir, na Sociedade “Constância” propus, e foi aceito, outro mecanismo muito simples que deixa a mobilidade apenas à agulha, a fim de eliminar o atrito excessivo e facilitar o movimento independente. Consultados os guias<sup>23</sup>, eles aconselharam o ensaio e designaram cinco médiuns, que reunidos em torno da mesa, deveriam operar cinco minutos em cada sessão. Isso ocorreu por algumas sessões até que o movimento fosse alcançado; mas faltou a constância e este procedimento, que, segundo o guia, se fosse bem-sucedido, seria de grande benefício para a causa, ficou nas preliminares do ensaio.

Em efeito, por este meio teria sido provado que os médiuns têm apenas uma parte puramente automática ou de força nos fenômenos espíritas, e que as inteligências dotadas de vontade e poder e que atuariam sobre a agulha, deveriam ser buscadas fora do mundo material. Sua força probatória, portanto, só poderia ser comparada à da escrita direta, e ainda seria superior, pois ocorreria na presença de todos.

O médium e eu estávamos sozinhos; ele tinha as duas mãos no tripé e eu a minha esquerda; eu apoiava minha direita em outra mesinha onde havia papel e lápis. A tiptologia começou com muita rapidez. Para que eu não duvidasse da identidade do espírito, ele me deu seu nome, e o de meu pai, e a data da morte na matéria. Isso eu consegui ler; mas quando a comunicação começou e eu quis fazer o mesmo, um tamborilar de golpes foi sentido na mesa. Eu perguntei ao médium o que isso poderia significar; sua resposta foi que aparentemente queriam que eu não lesse. Resolvi

---

<sup>23</sup> Toda sociedade espírita possui seus guias espirituais.



obedecer à indicação pensando naquele momento que assim estaria mais penetrado da verdade da comunicação ultraterrena, da qual ainda não estava completamente convencido. Mas mesmo que tivesse tentado ler, não teria sido possível sem perder as indicações tipológicas, visto que mal colocava uma letra, as batidas que tinha de contar e anotar já continuavam, seguindo as letras com a vista para perceber qual era a indicada. Dessa forma de operar verificou-se que as letras seguiam-se no papel sem interrupção, ou seja, sem separação de palavras, o que dificultou um pouco a leitura, pois, talvez de propósito, nas primeiras havia duas ou três letras que não correspondiam.

Quem ditava aquelas palavras carinhosas? Uma inteligência estava presente ali, embora invisível. Não me era possível na época ter noção dos meios que os Espíritos poderiam usar para produzir os fenômenos, mas era preciso pensar em outra inteligência que não a do médium ou a minha, já que ele não me conhecia nem possuía a língua em que a comunicação estava se verificando; e quanto a mim, como já disse, não sabia o que estava escrevendo.

Com outra médium, Srta. Hué, pude testemunhar a levitação de uma mesa da sala, de pouco mais de um metro de comprimento e com um pesado pé. Estavam presentes a Sra. De Poblain, o Sr. Delacroix (médium psíquico) e outro cavalheiro de cujo nome não me lembro. Era a primeira vez que eu visitava a casa, recomendado pelo Sr. Leymarie. Pouco depois de nos sentarmos em volta da mesa, o Sr. Delacroix disse que o espírito de Sr. Delaage, falecido alguns meses antes, estava presente. Então a médium exclamou: Ah! Ele, que gostava tanto da levitação das mesas... vejamos agora, Enrique, se você consegue elevá-la... Elevou-se então bem devagar o móvel até uns sessenta

centímetros, obrigando-nos a ficar de pé para segui-lo. Eu observava com atenção: pude ver muito claramente que as mãos estavam por completo sobre a mesa e pude me abaixar o suficiente para ter certeza de que não havia nada suspeito por baixo. "Vamos ver, vamos ver, mais uma vez", disse a médium vivamente, e assim, o mesmo movimento foi repetido por três vezes consecutivas. Então o espírito ditou algo, através da tiptologia, que dava explicações sobre as impressões que recebera ao entrar no mundo espiritual.

Por último, fui à casa de outra senhora, médium de tiptologia, sempre recomendado pelo Sr. Leymarie, e obtive uma comunicação do mesmo espírito de Delaage em quem estava pensando. Ele me deu, como eu desejava, uma explicação de um ponto de sua obra *Science du Vrai*, que eu não entendia.

\*\*\*

Além dos movimentos das mesas e da tiptologia, destinados puramente à comunicação, ocorrem outros fenômenos mais extraordinários, pelas forças desdobradas, em que, a maioria das vezes, a existência de inteligências desencarnadas não é demonstrada; outros são produzidos a pedido oral ou mental dos experimentadores, o que lhes designa um lugar neste capítulo.

O Dr. Gibier<sup>24</sup> diz que com o médium Slade conseguiu que uma cadeira, a seu pedido, fosse lançada como se movida por uma mola, à altura de um metro e meio, o que se repetiu, podendo garantir que tais projeções não podiam de forma alguma ser atribuídas a mecanismos ocultos, dados aos cuidados anteriormente tomados.

No *New Zeland Times*<sup>25</sup> encontramos o seguinte:

---

<sup>24</sup> *Le Spiritisme (Faquirisme Occidental)* ano 1887, pág. 328.

<sup>25</sup> Tomado de *Constancia*, revista espírita desta capital, ano 1874, pág. 729.

Terão passado apenas dezoito meses desde que a propaganda começou. Em março de 1883, perceberam que, quando a menina Berta colocava seu dedo em uma cadeira ou mesa, esses objetos se movimentavam e percorriam o aposento. A família não tinha o menor conhecimento de Espiritismo, e não podia se dar conta do poder extraordinário que a menina possuía. Não demorou muito para que o Sr. Nation descobrisse que os movimentos eram produzidos sob a direção de uma força inteligente independente da mente e da vontade de Berta ou de qualquer um dos presentes. Sabendo disso, ele interrogou a inteligência que estava operando e obteve resultados muito satisfatórios.

Uma noite, diz o Sr. Nation, a mesa foi levantada do chão tendo sobre ela as nossas mãos, virando-se sobre outra. Naquela mesma noite eu disse: "Se eu me esconder no escuro, a mesa me encontrará? Afirmou sim com três batidas, e saí em silêncio da sala de jantar para a sala de estar, onde me alinhei atrás de uma poltrona, em um canto. Depois de esperar, calculo que cerca de cinco minutos, Berta disse: Procure o papai. Imediatamente a mesa se pôs em movimento; atravessando a sala de jantar cruzou o vestíbulo e entrou na sala de estar, indo direto para a poltrona, apoiando os três pés no encosto da poltrona, como se dissesse; "Você está atrás da poltrona." Este incidente intrigou muito a todos na casa. Tendo descoberto uma inteligência, continuamos a fazer-lhe muitas perguntas e muitas vezes ficávamos admirados por suas respostas – muitas das quais diziam respeito aos eventos ocorridos há muitos anos. Temendo que houvesse de nossa parte alguma ilusão ou estranha influência malévola, cessamos essas averiguações.

Porém, um dia, enquanto as crianças estavam sentadas em volta de uma mesa redonda preparando as suas lições, o lado em

que Berta estava sentada levantou-se de repente e os outros disseram a ela que não fizesse isso. Não sou eu, respondeu Berta. Eu não posso impedir isso de acontecer. Eu compreendi qual era a causa e disse: Ponha seu queixo sobre a mesa. Ela o fez; imediatamente a mesa se levantou como antes. Então decidimos investigar os fenômenos em todos os seus detalhes, e Berta, com uma caneta na mão, escreveu a palavra "Amy" uma noite. Imediatamente obtive uma comunicação interessante. As outras criaturas começaram a dar provas de mediunidade de escrita, e eu as submeti a algumas provas difíceis.

Uma noite vendei os olhos de Berta para saber se ela guiava inconscientemente a caneta, e mesmo assim ela escreveu as linhas perfeitamente paralelas entre si, como se tivesse a vista livre. Percebendo que ocasionalmente faltava algum ponto nos i, e que algum t estava sem cortar, chamei a atenção para esta pequena falha, e a mão de Berta foi instantaneamente levada a corrigir esses defeitos. Também, estando enfaixada, ela copiou algumas linhas de um livro cujas páginas eu acabara de virar, e que mesmo com os olhos descobertos ela não poderia ter visto. Isso nos surpreendeu ainda mais; e desde então, com os olhos vendados, ela tem feito descrição de pinturas, escrito números no quadro negro e feito as contas, e brincado de O e X tão bem quanto qualquer pessoa da família. Isso foi visto por muitos visitantes. Se perguntarmos qual é o poder que influi em Berta para fazer isso, a resposta é: "Amy", e esse Amy ela afirma ser seu Espírito guia.

Sr. Nation conclui seu relato dizendo:

Existem testemunhas de todos os fenômenos que acabei de descrever e desafio qualquer um a me provar o contrário.

Sr. Home, o médium mais famoso, mais de uma vez foi alçado sem apoio visível ao teto dos quartos, e ali deixava uma prova do fato por meio de um escrito qualquer executado a lápis. De resto,

essas levitações foram testemunhadas por pessoas que merecem toda a fé, pertencentes às classes sociais altas.

O médium Eglinton também foi elevado algumas vezes. Segundo a revista *Constância*, no número 13 do *Banner of Light* de 21 de dezembro de 1878, consta o seguinte:

“O Sr. Eglinton foi elevado na frente de sete testemunhas. Ele estava em êxtase e se ergueu perpendicularmente até o teto; desceu e tornou a se elevar, tomando uma posição horizontal, e se aproximou até sete polegadas do gás, que estava na penumbra, colocando as palmas das mãos diante dos olhos como para protegê-los de sua ação. Todos podíamos vê-lo com clareza e percebemos que ele estava sonâmbulo. Ele diz que esta é a primeira vez que é visto flutuando com a luz acesa, e considero esse fato um grande triunfo obtido contra os céticos.

Em sete ou oito ocasiões ele nos mostrou que flutuava no ar até a altura do teto, mas como isso sempre acontecia no escuro, essa circunstância agia contra nós, mesmo quando estávamos em uma posição de poder arguir logicamente que o fato era positivo. Quando ele se elevava no escuro, geralmente estava acordado e falava conosco; aqueles que estavam sentados de um lado e de outro, quando o médium ascendia, precisavam subir nas cadeiras e, finalmente, na mesa; às vezes eles tiveram que soltar suas mãos. Ele batia no teto com as mãos e com as botinas, e uma ou duas vezes escreveu uma palavra, ou fez um sinal indicado por mim e que me ocorreu naquele momento; as palavras ainda estão no meu teto. Sentimos o contato de seus sapatos com nossas cabeças enquanto ele percorria o círculo que formávamos, mas suavemente, enquanto o Sr. Eglinton continuava a falar conosco. Um tal Sr. Hugo Fisher (um médium particular) foi elevado no ar várias vezes da mesma maneira e escreveu seu nome no meu teto.

O Sr. Eglinton foi elevado em outra casa particular, e a senhora, em cujo aposento a sessão foi realizada, foi elevada ao mesmo tempo, sendo ela também médium. Visto que no escuro não temos outro sentido senão o ouvido e o tato, as pessoas acreditam que temos nos deixado enganar; mas a escrita ainda permanece no teto, e a elevação com a luz acesa, com sete pessoas como testemunhas, nos dá a melhor parte do argumento.

A levitação é mais uma prova do que sustentei no capítulo I da primeira parte; que a atração ou a gravidade é grande apenas em relação às nossas forças.

O William Crookes, como se sabe, experimentou durante alguns anos com o médium Home, e verificou o que chamou de força psíquica, considerando-a por algum tempo como a única causa inconsciente dos fenômenos. Porém finalmente ficou convencido de que essas forças eram dirigidas por uma inteligência diferente daquela da médium.

Enquanto isso, seus experimentos lhe mostraram a existência de uma força associada de forma ainda inexplicada ao organismo humano, uma força pela qual um aumento de peso pode ser adicionado a corpos sólidos sem contato efetivo. No caso do Sr. Home, esse poder não só varia enormemente, mas também de hora para hora; às vezes, essa força não pode ser revelada por meus aparelhos, por uma hora ou mais ainda e depois, de repente, reaparece com grande energia. Ela é capaz de agir a certa distância de Sr. Home (não raro até de dois ou três pés), mas ela é sempre mais poderosa perto dele.

Na firme convicção em que me encontrava, de que um tipo de força não poderia se manifestar sem o dispêndio correspondente de outro tipo de força, há muito busco em vão a natureza da força ou poder empregado para produzir esses resultados.

Mas agora que tenho podido observar Sr. Home por mais

tempo, acho que descobri o que essa força física emprega para se desenvolver.

Usando os termos força vital, energia nervosa, sei que uso palavras que, para muitos pesquisadores, prestam-se a diferentes significados; mas depois de ter testemunhado o doloroso estado de abatimento nervoso em que algumas dessas experiências deixaram Sr. Home, depois de tê-lo visto em desfalecimento quase completo, estendido no chão, pálido e sem voz, não há como duvidar de que a emissão da força psíquica é acompanhada por um esgotamento correspondente da força vital.

Essa é a força que os espíritos usam, aumentando-a com fluidos afins em estado livre no espaço.

Sendo assim, por que, dir-se-á, a maioria dos médiuns de materialização exige escuridão ou pelo menos meia-luz? A resposta está implícita nas seguintes palavras do Sr. Crookes:

Deve ser entendido, então, que, como as experiências científicas, essas investigações requerem um acordo perfeito com as condições em que as forças se desenvolvem.

Assim como nas experiências com eletricidade por fricção, é condição indispensável que a atmosfera não esteja muito carregada de umidade e que nenhum corpo condutor toque o instrumento enquanto a força é gerada, do mesmo modo a produção de força psíquica requer certas condições sem as quais o sucesso é muito duvidoso. Chamo especialmente a atenção dos observadores para este ponto, porque algumas vezes foram feitas objeções à verdade da existência da força psíquica, pelo fato de não se desenvolver sob condições impostas arbitrariamente. Entretanto, as mesmas pessoas que são tão exigentes, não aceitariam aquelas que lhes pudessem ser impostas para a produção de determinados experimentos científicos.

Mas posso acrescentar que as condições exigidas são pouco numerosas e de forma alguma impedem a observação mais perfeita dentro do método mais exato e rigoroso.

Não muitos anos atrás, o *Chicago Times*, jornal político, inseria em suas colunas que, por algumas semanas, o famoso médium Jesse Shepard dera sessões na casa do Sr. Bromwell, Pert, Randolphe Street n° 464, na presença de pessoas instruídas.

Mais de um leitor espírita já suspeitará que tipo de fenômeno seja, visto que o referido médium é bem conhecido. As sessões que com seu auxílio ocorreram perante a Corte Imperial de São Petersburgo, em 1869, na presença de Napoleão e personagens da casa do Imperador, e logo depois, na Alemanha, onde foi muito apreciado pela nobreza, conquistaram para ele um nome entre os médiuns mais notáveis.

Uma das sessões, diz o *Chicago Times*, foi sobressalente. Pode-se dizer que a multidão presenciava um concerto de música do mundo espiritual. Houve também muitas manifestações físicas e, embora a sala estivesse cheia de pessoas, todas as partes do programa foram coroadas com o mais completo sucesso.

A música não era nada parecida com a normalmente ouvida em concertos, mesmo da mais alta ordem; em certos momentos os sons são de grande delicadeza e tão afinados que chega um momento em que não são mais do que a sombra de uma vibração musical, para usar um termo expressivo.

Mas o canto maravilhoso de Sontag e de Lablache, o famoso baixo, foi o que muito bem poderia ser considerado como a parte mais culminante e atraente da soireé. O acompanhamento ao piano desta magnífica produção foi realizado pelo espírito de Meyerveer; os eflúvios musicais que escapavam do piano, faziam tanto efeito que parecia uma grande orquestra.

Quando Piatt, o mais severo de todos os críticos, ouviu esses



cantos em sua própria casa em Washington, declarou na manhã seguinte no jornal *Capital* que tanto o baixo quanto a soprano eram sobrenaturais.

Quando tal vocalização foi ouvida saindo da garganta de um único indivíduo, deve-se dizer que o julgamento dos críticos do *Leste* não é exagerado. Quanto à famosa Sontag, foi possível notar alguns efeitos absolutamente originais, entre outros, o seguinte: às vezes, quando se esperava que o médium parasse ao atingir sua maior força vocal, de repente, e sem esforço respiratório, o ré agudo era acometido e sustido totalmente por quarenta segundos, o qual a prima donna mais famosa nunca foi capaz de igualar.

Depois, como que para provocar os efeitos produzidos pelo cansaço, as maravilhosas notas graves de Lablache voltaram a tomar ar em lá menor, mantendo essa nota por mais de meio minuto com uma força que fazia a sala vibrar; as comoventes entonações nunca foram superadas pelo mesmo baixo eminente quando ele era vivo, e a sua voz incomparável enchia o imenso teatro de São Carlos.

Outra característica curiosa do canto da Sontag é o trinado ou gorjeio. Isso ela faz, na maioria das vezes, por cadências cromáticas de A no registro médio até a altura de G (do lá a ut agudo); a entonação e a expressão mantêm o público encantado.

O Sr. Shepard é, sem contradição, a pessoa mais talentosa; conhecida do público cada uma de suas faculdades, bastaria para tornar seu nome famoso em todo o mundo.

Não apenas as vozes dos espíritos referidos são ouvidas nas sessões concertos de Shepard, mas diversas vozes que parecem sair de diferentes pontos do salão.

Ultimamente o Rdo. Dr. Kallo, segundo a revista *Constância*, pastor do Templo Metropolitano, falou nos seguintes termos do

Sr. Shepard:

Aqueles que ouviram a esplêndida apresentação vocal e instrumental na noite de segunda-feira, sob o patrocínio desta congregação, concordam em dizer que é o maior fenômeno musical deste século.

Shepard cantou na presença de muitas cabeças coroadas da Europa, submeteu-se às críticas dos mais renomados artistas musicais, e eles unanimemente reconhecem que ele é um prodígio, uma maravilha, um fenômeno até então desconhecido. Shepard conseguiu cativar a atenção de senadores e membros do Congresso de Washington, colocou jornais como o *New York Herald*, o *Times*, o *Tribune*, no caso forçado de confessarem a grandeza e a variedade de seus fenômenos. Se alguns ainda estão céticos, venham ao templo na terça-feira à tarde para ouvir e julgar por si mesmos.

Mais ainda, segundo o jornal *La Lumière*: Mister Shepard não apenas reproduz as obras que os espíritos que o influenciam deixaram escritas, mas também produções absolutamente novas. Palavras e música, tudo é criado ao mesmo tempo, e desfia-se como pérolas de som sob os dedos do médium, ou corre como ondas rítmicas em pensamentos profundos.

\*\*\*

Esses fenômenos que mais ou menos acentuados podem ser presenciados por todos, já que não faltam médiuns em nenhuma nação, em nenhuma cidade ou vilarejo, são suficientes para convencer da existência de inteligências de além-túmulo; mas a curiosidade humana não se contenta com isso e quer saber como são produzidos. A ciência materialista tende a recusar-lhes crédito, pois se diz que eles colidem com as leis naturais às quais

os fenômenos físicos estão sujeitos. Isso não deveria ser surpresa, pelo menos eu não acho estranho, porque tem sido difícil mesmo para mim aceitar a presença de Espíritos capazes de agir dessa forma exibindo tais forças. Como podem fazer vibrar o ar para produzir a tiptologia, como podem levantar pesos onde o homem mais robusto encontrar-se-ia em dificuldade? Como, enfim, fazer uma pessoa cantar e tocar piano ao mesmo tempo com admirável precisão?...

Isso é o que dificilmente pode ser concebido se nos limitarmos apenas aos conhecimentos ordinários; mas isso já é vislumbrado, depois de termos percorrido o primeiro livro desta obra.

É necessário nos convenceremos de que estamos no ABC da ciência; que só conhecemos as leis mais visíveis da natureza, como prova a realidade desses fenômenos, mesmo sua origem espiritual não sendo reconhecida. É necessário estudar melhor as forças e considerar a matéria em seu verdadeiro valor para entender que os conhecimentos conquistados não são tão grandes quanto a vaidade humana supõe. É necessário tirar de nossa mente a ideia fixa que se enraíza com o estudo da ciência atual a respeito da materialidade de todos os fenômenos, para libertar nosso espírito da preocupação e penetrar ainda mais além na busca da verdade.

Infelizmente, não podemos, em linguagem humana, transmitir o conjunto de ideias que se relacionam para compreender um fato de natureza complexa em termos de suas causas determinantes. É necessário, como nos diversos ramos das ciências, ir gradativamente do simples ao complexo; mas nos conhecimentos que esta obra abrange, é impossível fazê-lo. Ao abordarmos a parte filosófica, poderemos nos ocupar em descobrir a primeira força que dá origem a todas elas, da qual tudo dimana e depende.

Então poderemos entender alguma coisa sobre como os espíritos podem desdobrar tais forças, servindo-nos ao mesmo tempo dos fatos por eles produzidos, junto com todo o conhecimento acumulado nesta obra, para encontrar aquela primeira força.

Se a vontade divina é a única força, a força primeira, a vontade do nosso próprio espírito, criado à sua imagem, embora infinitamente pequeno e apenas perfectível, sem jamais poder alcançar a perfeição de Deus, a vontade que nos é concedida, tem de ser uma força capaz de atuar sobre certos fluidos com mais ou menos poder, de acordo com o avanço espiritual alcançado, para produzir neles as vibrações e movimentos que são o que em última instância constitui neles o que chamamos de forças.

Já demonstrei como a vontade, expressão genuína do espírito, atua nas ações do homem, já expliquei, ao falar do magnetismo, como essa força atua sobre as outras pessoas; agora, aplicando esse conhecimento aos fenômenos espíritas, eles poderão ser compreendidos até certo ponto.

É sempre a mesma teoria, a mesma explicação. Quando o espírito quer produzir algo, põe em ação o perispírito e atrai para si os fluidos animalizados do médium, fluidos idênticos aos que manjava quando estava na vida material, com a grande vantagem de que em seu estado atual os maneja com inteira liberdade; com eles penetra nas mesas onde é praticado o experimento e, a seguir, impõe-lhes o movimento que deseja, vencendo a gravidade, ou seja, a atração, com maior facilidade do que quando era homem; porque, neste caso, ele precisava fazer uso de órgãos materiais cujo movimento consome grande parte da força fluídica desdobrada pela vontade no organismo.

Não se surpreendam; se não o fizeram ainda, percorram com paciência a primeira parte do primeiro livro e ficarão convencidos de que a inércia dos corpos, a gravidade ou a coesão, não são tão

grandes quanto supomos; e, finalmente, de que as forças se manifestam em fluidos imponderáveis.

A tiptologia é produzida pelos Espíritos, segundo suas próprias afirmações, da seguinte forma: estando a mesa impregnada de fluidos obedientes à vontade do Espírito, é fácil para eles fazer vibrar a madeira no ponto em que dirigem um choque fluídico por um simples ato de vontade. Mas o que eles não podem nos explicar é a diversidade dos fluidos mediúnicos, alguns aptos para este fenômeno, outros para o movimento e levitação de objetos, outros para produzir ação sobre o próprio médium, dependendo de sua organização, seu passado e de afinidades com os espíritos que o assistem, como no caso de Shepard.

Tendo Allan Kardec perguntado a um dos espíritos que o ajudaram em sua tarefa, como os espíritos faziam para levantar uma mesa ou um peso qualquer, ele obteve esta resposta:

Quando uma mesa se move sob as vossas mãos, o espírito evocado absorverá no fluido universal aquilo que precisa para animá-la de uma vida fictícia. Preparada, a influência de seu próprio fluido liberado por sua vontade. Quando a mesa que deseja mover é muito pesada para ele, ele chama para ajudar os espíritos que estão em suas mesmas condições. Por sua natureza etérea, o próprio espírito não pode atuar sobre a matéria densa sem intermediário, ou seja, sem o vínculo que o liga à matéria; esse vínculo, que constitui o que vocês chamam de perispírito, dá a vocês a chave de todos os fenômenos espíritas materiais.

Os espíritos não podem se fazer sentir senão indiretamente pelo jogo dos fluidos que eles veem e manipulam ou dirigem neste ou naquele sentido por meio da vontade; são, em uma palavra, forças postas à disposição do espírito quando este está desencarnado.

No entanto, contra essa ideia, há a declaração de muitos médiuns videntes. Dizem que veem os espíritos fazendo, entre vários, esforços diretos para elevar os objetos, e que quando pela mediunidade consegue-se pôr em jogo um instrumento musical, um espírito moderadamente materializado, ao menos em seus braços, toca o teclado com os dedos.

Vejam como um dos espíritos que guiaram o lápis de Allan Kardec explicava essa contradição: Em primeiro lugar, lembre que os efeitos físicos são produzidos quase que exclusivamente por espíritos inferiores, ainda relativamente materializados, o qual é fácil de se conceber: um Espírito superior não se ocuparia, nem sequer quando no mundo material, dessas ninharias; e se em espírito o tentasse, não conseguiria, porque quanto menos materializados seus fluidos, menos efeitos diretos podem produzir na matéria grosseira. São, então, os espíritos medíocres que realizam tais trabalhos. Ou seja: são espíritos que, em sua maioria, ainda acreditam que estão na matéria ou que ainda não conseguiram esquecer seus hábitos ou atos materiais. Por isso, muitas vezes produzem, sem se dar conta de como, os fenômenos mais estranhos, já que basta a vontade para obtê-los, e pensam que o fazem diretamente com as forças que sentem em si mesmos, visto que operam com elas; daí colocarem em jogo seus membros fluídicos ou perispírito, que nessa classe de espíritos quase sempre conserva a forma humana, não só porque é relativamente materializado, como já disse, mas porque essa forma responde ao pensamento do espírito.

## VI

*Das manifestações visuais ou aparições em diversos graus de visibilidade até a materialização*

Não há dúvida de que os espíritos podem se tornar visíveis. Essa é a persuasão dos espíritas que já contam por anos o tempo da observação e do trabalho no Espiritismo.

Antes de tentar a explicação desses fatos, acho conveniente nos darmos conta do porquê dos Espíritos não serem vistos. Eles não são vistos como a eletricidade não é vista, porque os fluidos não se opõem à passagem da luz, como o vidro não se opõe. Observe-se bem que estou me referindo à vibração, pois, de resto, todo corpo é permeado pelo éter, que, como já foi dito, é uno e indivisível; mas os corpos que podemos ver decompõem as vibrações do feixe de luz, absorvendo parte delas e refletindo outras, o que resulta em sua visão e cor em nossa retina.

Um dos guias espirituais da Sociedade “Constância”, que deu provas de grande elevação e inteligência, disse-nos que “nem mesmo a alma humana, no seu fluido perispiritual, por mais depurado que seja, deixa de ser permeada pelo éter, o que, acrescentarei, é atestado pelo próprio fato da invisibilidade.

Os antiespíritas o são porque não querem se dar ao trabalho do estudo por meio do qual os espíritas passaram a ter certeza de

que em todos os fenômenos, antes ditos sobrenaturais, a matéria participa em seu estado fluídico imponderável, as leis que a regem e uma vontade que opera dentro delas, como o homem opera na matéria tangível através do conhecimento das chamadas leis naturais às quais está sujeita.

Até os espíritas mais novatos sabem que a imortalidade é um fato comprovado pela comunicação revelada por meio da fenomenologia espírita; e devem, conseqüentemente, compreender que a vontade, faculdade direta do espírito, retém o poder de agir sobre seu corpo fluídico ou perispírito com mais liberdade do que quando constituía com o corpo a dualidade humana.

As manifestações dos espíritos, seja qual for sua forma, exigem a intervenção do perispírito; mas assim como por meio dele o encarnado pode atuar sobre os nervos, por estes sobre os músculos e, em última instância, sobre os objetos que o cercam, manipulando-os e usando-os de tantas maneiras diferentes; assim também o espírito em liberdade atua sobre os fluidos dos encarnados e, em última instância, sobre os elementos substanciais da matéria, e combinando-os produz em seu perispírito, no caso de que nos ocupamos, uma disposição particular que não tem analogia para nós e que o torna perceptível.

A maior ou menor perceptibilidade do espírito que se quer tornar visível, depende então da habilidade e força que desdobra no manejo dos fluidos, como também depende da afinidade que encontra nos fluidos do médium. Essa é a causa dos diferentes graus de visibilidade, desde aquela que só permite a percepção ao médium, até a que está ao alcance de todos os presentes na escuridão, e até aquela que constitui a materialização que todos podem ver à luz do dia.



Se vários são os graus de visibilidade que podem afetar os Espíritos, também são várias as aptidões dos encarnados para vê-los, seja por causas permanentes das relações existentes entre o organismo e o perispírito, seja por outras temporárias e sujeitas a estados patológicos especiais ou de excitação moral que podem produzir um desprendimento mais ou menos parcial do perispírito.

As causas permanentes constituem a clarividência mediúnica. Alguns videntes enxergam apenas no escuro e mantendo os olhos fechados. Esses veem, então, como os sonâmbulos, por meio do perispírito, isto é, adquirem momentaneamente a visão direta da alma. Outros veem com os olhos abertos. Essa faculdade, segundo alguns espíritos, consiste no fato de esses médiuns possuírem um aparelho visual capaz de ser sensibilizado por meio dos fluidos. O olho do médium é então uma câmara escura que adquire considerável potência, marcando-se nela tênues vibrações que passam despercebidas ao público em geral.

Os moribundos, nos casos de enfraquecimento gradual, costumam ver os espíritos que circundam a cama e que já operam sobre ele com seus fluidos benéficos e simpáticos, a fim de auxiliá-los no doloroso trabalho de desprendimento do corpo material. Em tal estado, eles reconhecem esses espíritos e os chamam pelo nome, quando já pela visão material não conseguem distinguir os entes queridos que ainda são deste mundo. Os médicos e a preocupação materialista atribuem o fenômeno ao delírio ou alucinação, sem perceber que aquele requer um estado febril com ataque de sangue ao cérebro, quando o oposto é o que ocorre no físico, e que esta, a alucinação, só pode ocorrer pela excitação do sistema nervoso em um grau excepcional de vitalidade.

Assim, em última análise, a alma é quem vê, podendo fazê-lo

tanto à luz do dia como no escuro, porque a luz que ilumina o espírito é outra; é a luz da alma. As sociedades espíritas costumam receber provas disso fornecidas por espíritos materializados no escuro; pelo movimento de objetos que se elevam no espaço da sala e deslizam pela plateia sem machucar ninguém; e também pelas possessões, pois os médiuns, de olhos fechados, praticam atos que lhes seria impossível realizar em estado normal.

Sendo assim, entende-se que algumas pessoas, quando evocam ou se concentram, caem em uma espécie de êxtase e veem os Espíritos que se prestam a isso por um simples ato de vontade.

Quando o êxtase é muito acentuado, a alma um tanto avançada eleva-se a grandes alturas, permanecendo unida ao corpo apenas por um vínculo fluídico perispiritual; mas esse fenômeno exige que o organismo seja extremamente sensível e delicado: por isso participa das sensações do espírito, apresentando o aspecto da contemplação e da bem-aventurança, algo que dá uma ideia do que o espírito percebe nesses momentos.

Essas pessoas tão bem-dotadas podem lembrar o que o espírito viu e ouviu durante o sono fisiológico.

Como se deve supor, não me refiro a sonhos vulgares, geralmente ridículos ou sem fio, que são, pelo contrário, o resultado de um atraso do ser ou de excitações nervosas que não permitem que a matéria repouse profundamente.

O espírito também se afasta, mais ou menos, nestas como em todas as pessoas durante o sono; mas não conservam a lembrança, guardando apenas o resultado da noite espiritual. É por isso que se acorda com a melhor disposição para continuar a dura provação ou com a alma satisfeita e alegre, mesmo que não haja razões de ordem puramente humana.

Lembro-me de que minha mãe deu mais de uma vez provas de que seu espírito percorria boas distâncias durante o sono.

Várias vezes, ao acordar, ela contava o que vira neste ou naquele ponto, e depois resultava ser verdade.

Uma noite, entre outras, acordou muito comovida dizendo que a irmã Eustáquia tinha falecido e ficou profundamente entristecida com isso, apesar das reflexões que lhe foram feitas. Na época não havia telégrafos, nem os vapores cruzavam nossos rios com tanta regularidade. Assim, alguns dias se passaram até a confirmação do triste anúncio que devia chegar de Paysandú.

Algumas pessoas têm o dom da visão dupla. Swedenborg deu provas claras de que possuía esta faculdade em alto grau. Não se deve acreditar, porém, que o espírito possa se locomover, enquanto a pessoa está em estado de vigília, a ponto de ver o que está acontecendo a grandes distâncias.

O que realmente ocorre é que os espíritos apresentam uma imagem fluídica ao vidente, seguindo nisso as causas e os efeitos que se observam no magnetismo com as sugestões.

Uma irmã minha às vezes dava provas de possuir visão dupla. Ao ver o que se passava à distância, ficava imóvel e com os olhos fixos. Certa vez, lembro que ela estava passeando por uma alameda no sítio que ela possuía em Motón, e de repente parou e exclamou: “Ai! Meu Deus, está queimando, está queimando o quarto de P... está quase queimado... já está apagando...” Continuou assim expressando todos os incidentes do caso. Quando ela terminou, os presentes a questionaram dizendo: “O que você poderia ter visto? É uma ilusão; isso não pode ser”. “Eu não sei, respondeu ela, não entendo o que acontece comigo nesses casos; parece que estou vendo tudo o que disse e temo que seja verdade, porque, como vocês sabem, não poucas vezes adivinhei o que estava acontecendo longe de mim”.

Alguns dias se passaram e soube-se que realmente havia

ocorrido um incêndio e que tudo o que minha irmã viu estava correto.

\*\*\*

Isso quanto à visibilidade dos espíritos sem a presença de médiuns de materialização, e à faculdade de ver espiritualmente que algumas pessoas possuem. Mas quando a visibilidade é buscada pelos espíritos, em dispondo de um médium ad hoc, eles se tornam visíveis para todos os presentes.

Esses fenômenos surpreendentes, onde ocorrem com mais frequência é nos Estados Unidos (América do Norte). No entanto, alguns médiuns de materialização têm aparecido de vez em quando na Inglaterra e na França. Esses médiuns viajam pelo mundo. Suas sessões são pagas porque esse tipo de médiuns perde muito de sua vitalidade após cada sessão, ficando por mais de vinte e quatro horas sem condições para suportar o trabalho. Decerto os fluidos que os espíritos deles extraem são recuperados, mas lentamente.

Os jornais espíritas dos Estados Unidos estão repletos de relatos de sessões maravilhosas em que dezenas de espíritos apresentam-se um após o outro, sendo a maioria deles reconhecidos por alguns dos presentes, e tudo é executado a uma meia-luz suficiente para ver até mesmo as feições. Em geral, os médiuns são deixados sozinhos em uma sala escura de onde saem os espíritos; mas com alguns médiuns a materialização é realizada à vista do público. Vê-se então como uma espécie de vapor esbranquiçado emerge do médium e vai gradualmente tomando forma. Outras vezes, embora saindo materializados da escuridão, eles se desmaterializam à vista de todos.

Eu tive o prazer de testemunhar a materialização na

Inglaterra e na França. Em Paris era produzida pela médium Mme. Babelin. Em cada sessão fiz, para relatório, a descrição do que vi com todos os seus detalhes e mencionando os nomes das pessoas presentes. Eu poderia, portanto, publicar as mais interessantes, mas isso ficaria longo e seriam encontradas repetições desnecessárias. É preferível relatar os principais fenômenos observados, suprimindo nomes próprios, desconhecidos aqui.

Para conseguir um ingresso no salão de Mme. Babelin, era necessário solicitá-lo com antecedência aos dias designados, pois muitas eram as pessoas que desejavam assistir e apenas quatorze eram admitidas de cada vez, por disposição nesse sentido do guia da médium. Lá vi várias vezes o Dr. Chazarin, senhoras e senhores das classes abastadas e esclarecidas da sociedade, entre eles um jornalista que, segundo me disse, fazia então parte da Redação do *Fígaro* e vinha pela primeira vez, desejoso de esclarecer a verdade, que ele considerava oposta à existência de espíritos. No entanto, sua impressão foi contrária ao seu desejo, conforme ele me expressou após algumas sessões.

Antes do início das sessões, as senhoras eram convidadas a revistar as roupas da médium, o que era realizado em um aposento contíguo, enquanto os cavalheiros inspecionavam a sala. Feito isso, duas pessoas escolhidas entre as mais incrédulas amarravam a médium na sua cadeira, ficando assim perto de uma mesa e rodeada pelos visitantes, que faziam a corrente estando de mãos dadas.

Como pode ser visto, Mme. Babelin não podia produzir efeitos senão no escuro, mas de vez em quando, o espírito guia, apossado dela, pedia luz para que se pudesse verificar que a médium continuava amarrada à cadeira e que ninguém alheio àquela reunião tinha penetrado no recinto.

Quando os espíritos se propunham a produzir alguma materialização importante ou algo que exigisse um grande acúmulo de fluidos, pediam através de batidas na mesa que os espectadores cantassem baixinho. As canções mais simples ou populares eram escolhidas, o que produzia um efeito simpático ao coração e às vezes ao ouvido.

Sobre a mesa foram colocadas duas caixas de música, uma campainha, alguns leques, papel e lápis.

Percebia-se geralmente que as caixinhas de música se elevavam alternadamente no espaço, enquanto mãos invisíveis lhes davam corda e, seguindo suas tocatas, passavam por cima das cabeças dos presentes ou roçavam delicadamente os joelhos, de acordo com o desejo mental de cada um, sem nunca fazer mal pelo impacto, o que não deixa de ser notável, visto que reinava a escuridão mais completa. Os leques faziam seu jogo abanando; a campainha também percorria a sala soando e batendo no teto. Às vezes, sem que houvesse flores, estas apareciam, caindo em quantidade nas saias das senhoras, ou sendo graciosamente colocadas em seus cabelos e nas casas dos botões da sobrecasaca dos homens.

As materializações mais gerais são de mãos, visíveis pela luz azulada que lançam pelas pontas dos dedos. Apresentam-se às vezes materializações do busto. Já vi várias, entre outras, de um espírito que saudava a todos, movendo os dois braços ao mesmo tempo, o qual, através da luz já indicada, fazia perceber o todo do busto. Desejando poder vê-lo melhor, roguei a ele que fizesse o possível para que eu pudesse ver claramente sua fisionomia. Então ele se aproximou muito de mim e, iluminando-se com seus dedos luminosos, me fez ver distintamente o rosto de um jovem turco, com um turbante branco. Pela segunda vez, antes de desaparecer, ele veio até mim, e fazendo a mesma coisa, pude vê-

lo mais descolorido, sem brilho nos olhos e com o bigode aparentemente branco: ele já estava se desmaterializando.

Em outra ocasião, quando a luz acendeu, vimos o referido jornalista sem seus óculos, que eram usados por uma senhora que ele não conhecia. Soubemos então que ele havia pedido mentalmente para retirá-los e passá-los a qualquer um dos presentes, sentindo imediatamente que estavam sendo retirados dele.

Lembro também que quando um dos presentes disse que estavam roubando a carteira dele, eu senti que uma das minhas mãos era aberta e colocado nela um objeto, que era a tal carteira.

Tanto e tanto, não poderia deixar de contribuir para afirmar minhas crenças recentes. Porém, eu queria testar se, estando sozinho no hotel, algum espírito estava perto de mim, rogando para que, se fosse assim, ele me desse uma prova no primeiro encontro; consistindo ela em colocar uma sempre-viva na casa de botão da minha sobrecasaca, o que realmente aconteceu.

O último trabalho que presenciei que me deu a prova do poder dos Espíritos através dos agentes fluídicos de que eles dispõem nessas ocasiões, foi o seguinte:

Eu disse que havia uma mesa e que a médium estava amarrada em uma cadeira. Pois bem, depois de ter cantado um bom tempo a pedido dos espíritos, notamos que todos os objetos que estavam sobre a mesa eram espalhados sobre os joelhos dos presentes. Pouco depois, sem que se fizesse sentir ruído algum, a médium, ainda adormecida, pediu luz, e aí a nossa surpresa foi grande: sobre a mesa estava Madame Babelin sentada em sua cadeira e perfeitamente amarrada, sendo de se notar que a senhora é muito gorda, e portanto bem pesada. Para produzir, sem ruído, essa mudança de posição, teria sido necessária a força

de quatro homens; porém, não digo esse número, mas nem apenas um poderia passar entre a mesa e aqueles que formávamos a corrente.

Como já disse, também na Inglaterra tive a oportunidade de observar esses mesmos fenômenos. Perto de Londres, em Stratford, residia um médium, Sr. Herne. Este senhor recebia duas vezes por semana as pessoas que lhe eram recomendadas, mas como não era rico e tinha que perder seu tempo, obrigava a pagar cinco xelins. A primeira vez que compareci, havia apenas três cavalheiros presentes, duas senhoras que eu não conhecia e o Sr. Burns, a quem estava recomendado.

Primeiro colocamos as mãos sobre a mesa e as luzes se apagaram, sendo ouvidas logo depois várias vozes, de pessoas que tivessem a possibilidade de se locomover no espaço. O médium caiu logo em um estado que só pode ser comparado ao letárgico. Em seguida, fomos para a sala contígua, separada por uma cortina daquela em que o médium estava. Uma vela acesa foi colocada dentro de um aparelho simples de madeira muito fina, que além de ser transparente, tinha uma abertura que deixava a luz escapar diretamente sobre um piano. Um dos presentes tocou até o início das aparições, que ocorreram após 15 ou 20 minutos.

Em primeiro lugar, apresentou-se a forma de uma mulher, que tanto pela voz quanto pela aparência, imediatamente me lembrou uma jovem minha conhecida, falecida há mais de 23 anos. Sem o poder evitar, senti-me atraído por aquela bela visão; mas quando me aproximei dela, ela desapareceu atrás da cortina.

Enquanto isso, ouviam-se as vozes dos dois espíritos familiares ao médium, John King e outro de cujo nome não me lembro. Eles nos dirigiam algumas palavras às vezes engraçadas que nos faziam até rir, não só pela diversidade de vozes, como também de caráter.



Na segunda vez que testemunhei essas experiências, mesmo que a voz não tivesse mudado, eu já teria reconhecido qual dos dois espíritos se dirigia a nós.

Aquele que toma o nome de John King materializou-se várias vezes em diferentes países e por diferentes médiuns; seu retrato existe em alguns centros espíritas. O outro espírito afirma ter sido um palhaço em sua última encarnação. Embora bem-intencionados, visto estarem ativamente servindo à ideia de trazer crenças salvadoras para nós, com o fim de evitar que a humanidade caia no caminho embrutecedor do materialismo, eles não são espíritos elevados.

Por isso, permito-me recordar aqui que os Espíritos superiores não se prestam à produção de efeitos materiais, como movimentos de corpos pesados, golpes e materializações. Para obter sua presença, é necessário dispor de um bom médium, reunidas várias pessoas com o desejo de ser instruídas e de progredir moralmente.

Continuando minha narração interrompida, direi que logo após apareceram duas formas de mulher e finalmente John King, com seu aspecto original e traje especialíssimo<sup>26</sup> da época em que viveu, há cerca de três séculos. Deve ter sido de formas atléticas, sendo sua voz e presença imponentes. A luz, já disse, era suficiente para distinguir os menores detalhes das formas que apareciam.

Assim terminou a reunião, e eu ainda não estava satisfeito, o qual não é de surpreender, já que venho sendo um materialista consciente há mais de dez anos (o que, aliás, não é muito geral); na época, estava tentando me instruir na nova doutrina espiritualista e percebendo a verdade das manifestações materiais, necessárias na atualidade para que a humanidade, tantas vezes ludibriada e

---

<sup>26</sup> Naturalmente branco como aquele usado por todos os espíritos materializados.

enganada, possa finalmente acreditar de forma definitiva.

Um pensamento me perseguia. A sala onde se encontrava o médium tinha uma porta e uma janela. Não era possível que pessoas vestidas como as circunstâncias exigiam, entrassem por aquelas aberturas? Os cinco xelins podiam dar para tudo isso. Eu expressei essas dúvidas ao Sr. Burns, editor do Espiritualista, e roguei a ele que perguntasse ao Sr. Herne se em outra ocasião ele me permitiria revisar todo o conteúdo da sala e até mesmo parte de sua pessoa, imediatamente colando um selo na janela e na porta. Respondeu-me afirmativamente. Fui à reunião levando duas tiras de papel com meu nome e o elástico, para prender bem nas aberturas.

As formas apareceram igualmente, vindo até mim, quase tocando-me, uma forma de homem que reconheci perfeitamente. Com seu olhar e gesto, ele me deteve em minha cadeira e eu fiquei tão impressionado que não consegui articular palavra. Era ele, X, como o conhecia antes de sua morte na guerra do Paraguai. Eu não podia mais ter a menor dúvida de que esses fenômenos eram reais. Todo engano, toda ficção era impossível. Mas... Ai! quando a descrença ou certas ideias se enraízam em nossa mente, é muito difícil nos livrarmos delas. Saí persuadido e confuso. Isso durou alguns dias, e depois tudo aquilo parecia-me um sonho, e as dúvidas voltaram a me assaltar. Determinado, no entanto, a acreditar firmemente ou descartar tudo de uma vez, escrevi para Sr. Herne dizendo-lhe que queria acreditar, mas para isso seria necessário que ele produzisse os mesmos fenômenos em uma casa de Londres que eu designaria. Ele não criou dificuldades.

Na sala de estar do Sr. Burns instalamos uma cortina em um dos cantos sem entrada ou saída, nem mais espaço do que o estritamente necessário. Quando Sr. Herne chegou, quase foi despido por mim para ter a certeza de que não estava escondendo

nada com o qual aparentar uma forma.

A lâmpada de gás foi desligada e deixamos um lampião a querosene, muito baixo e com um quebra-luz. Naquela meia-luz, mas suficiente para reconhecer uma pessoa de perto e até distinguir a cor dos cabelos e dos olhos, apareceu uma forma que demorou bastante para se apresentar. Mas que surpresa agradável a minha!

A cortina abriu-se na parte alta, como a uns dois metros, aparecendo o busto de uma jovem que pude reconhecer perfeitamente, eu tinha diante de mim uma sobrinha minha que eu amava como uma filha e que morreu aos 18 anos. Nenhum outro espírito apareceu; mas isso foi o suficiente. Vi diante de mim aquela jovem que acreditava perdida para sempre e, através da cortina entreaberta, percebia parte da perna da médium e ouvia seus roncões.

Nesta capital (Buenos Aires) houve um médium de materialização, o Sr. Camile Bredif. Por meio dele, muitas pessoas bem situadas desta Sociedade puderam observar esse tipo de fenômeno. Diz-se com grande generalidade que numa das sessões que decorreram na casa de um tal Sr. Frane, apareceu a senhora deste cavalheiro, sendo perfeitamente reconhecida por todos os presentes. A descrição detalhada de uma dessas sessões pode ser encontrada na *Revista Constância* do ano 1877, pág. 78. Vou apenas colocar o seguinte: “O médium ficou em um canto da sala atrás de uma cortina escura em uma poltrona, deixando uma luz que imitava a da lua. Em poucos minutos vimos a cortina se abrir e apareceu o rosto de uma mulher de traços delicados, a cabeça coberta por um manto branco; ela entrou e tornou a sair aparecendo até a cintura, voltou a entrar, dando fortes batidas em uma porta; o dono da casa então se aproximou e, pegando em sua

mão, o espírito disse-lhe em voz baixa que queria menos luz. Isso foi feito, e imediatamente ela reapareceu na forma completa, apoiou-se no braço do dono da casa e saiu caminhando pelo cômodo, apertando a mão de vários dos assistentes.

Seu traje era uma espécie de roupão branco, sua mão macia, branca e pequena como a de uma menina.

Depois de entrar atrás da cortina, onde o médium Sr. Bredif permanecia em estado de sonambulismo, ela disse que queria apertar a mão de todos os presentes; aqueles que se aproximaram apertaram aquela mão, tão diferente da do médium pela sua forma, brancura e toque macio e delicado.

Os criados da casa estavam presentes, a convite do próprio espírito, para testemunharem a materialização. Apertou a mão de todos eles, a alguns tocou a cabeça, a outros o rosto, e ao dono da casa pegou a mão, levou-a ao rosto e fez-lhe tocá-lo, beijando-a depois.

Depois disse que ia embora e que a luz fosse aumentada para despertar o médium.

Colocando-nos novamente com ele na mesa, um dos presentes perguntou se não haveria inconveniente em tocar o médium enquanto o espírito estava materializado fora da cortina: a mesa respondeu que podia: você vai fazer bem.

A sessão de materialização durou das 8h35 às 9h10; ao todo 35 minutos, ficando todos bem satisfeitos; ninguém esperava que diante de treze pessoas fosse obtida tão completa, porque geralmente costuma acontecer o contrário, pela dificuldade em harmonizar vontades e fluidos de muitos indivíduos. Com este mesmo médium, o Sr. Engenheiro Encina obteve várias provas da materialização e, tendo-se empenhado com o Dr. Miguel Cané em que este presenciasse um desses acontecimentos, ele consentiu, conforme consta do jornal *El Nacional*, sob a condição de que teria

permissão para colocar o médium dentro de uma bolsa de cordão, que ele se encarregaria de lacrar. Acreditando que desse jeito nada aconteceria, os dois amigos deixaram Bredif em um quarto escuro e foram para a sala ao lado, onde se preparavam para tomar uma xícara de chá, quando a forma perfeita de uma jovem índia emergiu do gabinete. O Dr. Cané dirigiu-lhe a palavra, perguntando se ela poderia passar para ele uma das xícaras. Ela respondeu afirmativamente e a passou.

Concluída a sessão, o Dr. Cané encontrou Bredif sempre na bolsa e intacto o selo que havia colocado nela, o que não o impediu de terminar seu relato com a palavra: taumaturgo.

Para que nem todos possam dizer isso dos médiuns, no dia 15 de março de 76, várias pessoas já declararam que segundo o *Banner of Light*, com a médium Sra. Stewart, seu espírito protetor costumava se desmaterializar na frente de todos. Posteriormente, testes desse tipo têm sido mais frequentes, não deixando qualquer margem para dúvidas. Com alguns médiuns é possível hoje, nos Estados Unidos, obter várias materializações ao mesmo tempo, estando à vista do médium.

O que tem suscitado dúvidas é o fato de algumas vezes ter surpreendido o médium sob o aspecto de outra pessoa; como aconteceu com o médium Bastien diante do príncipe herdeiro da coroa da Áustria e do arquiduque João. Esse fato geralmente ocorre quando o espírito que se materializa não encontra fluidos materializados, que o transformam completamente. No caso indicado, que deu muito o que falar e se denominou a fraude dos espíritos, aqueles que relataram o fato não puderam deixar de afirmar que, ao assumir a forma, haviam encontrado algo que se desvanecia da vista, deixando então a personalidade do médium. “Em suas numerosas observações, o sábio Alfred Wallace teve

ocasião de verificar o fato, sem poder, segundo ele, culpar o médium por isso, que nestes casos está como sempre em estado inconsciente.

Agora, como esses fatos são produzidos? Impossível responder de forma categórica; mas o leitor que acompanhou os capítulos do primeiro livro poderá descartar com menos dificuldade a ideia de impossibilidade que assalta a mente diante deles. Já sabemos o que são as forças, sabemos que os fluidos que chamamos de vitais estão sujeitos à vontade do ser espiritual, e que a matéria nada mais é do que uma forma transitória do fluido universal ou substancial. Esses fatos, portanto, por mais surpreendentes que sejam, vêm apoiar-se nesses conhecimentos e, ao mesmo tempo, demonstrá-los na prática. Certamente, as formas que os Espíritos assumem não correspondem à matéria que precisou, para ser o que é, o trabalho secular e evolutivo da substância universal; possui sua aparência e principais atributos de densidade e peso, sem ter sua persistência.

Por enquanto, eis aí o fato que se relaciona com outros da ordem da comunicação espírita. Ainda não é possível dar explicações de como os Espíritos procedem, pois, segundo eles, não há palavras com que explicá-lo, e mesmo que houvesse, não poderíamos entendê-lo dado nosso pequeno grau de avanço no assunto.

Por outro lado, é preciso não esquecer que o Espiritismo não vem nos dar a ciência feita, nem mesmo no que diz respeito ao mundo espiritual, porque a lei exige que o nosso progresso particular seja conquistado pelo próprio esforço para merecer, e que o progresso deve resultar do conjunto de todos esses esforços.

Os espíritos elevados que poderiam nos iluminar em muitos pontos, limitam-se a acompanhar-nos em nossos trabalhos; é que,

para que o progresso seja duradouro, é necessário que seja conquistado palmo a palmo. Os professores nas escolas fazem com as crianças o que os guias do Espírito fazem conosco. Nem uns nem outros podem começar do final.

Chegaremos gradualmente a explicar todos os fenômenos; apenas estudo e tempo são necessários. Os iogues da Índia provavelmente sabem como devem se preparar e como devem organizar as coisas para ter alguma ação voluntária sobre os fluidos, se formos julgar pelo que eles operam diretamente. No entanto, não creio que seja graças a avanços das ciências, por cujo desenvolvimento iremos chegar ao mesmo resultado, mas sim por vestígios práticos obtidos pela tradição e emanados de uma civilização extinta.

Mesmo que ainda não possamos compreender o como dos fenômenos, sua realidade nos dá luz suficiente para dissipar nosso erro em nos aferrarmos às poucas leis e forças que a ciência pode apreciar como último limite do que é produzido na natureza. Esses fatos mostram que existem muitas leis e muitos conhecimentos essenciais ainda por conhecer e conquistar; e que o sobrenatural não existe, exceto no sentido de que os fenômenos são efetuados com a ajuda de seres do além-túmulo.

O estudo dos fluidos já é facilitado ao homem pelo Magnetismo e pelo Espiritismo; e quando ele vier a conhecer melhor sua importância capital sobre as coisas e os seres, a ciência terá dado um grande passo. Será então a ciência de que falamos na introdução; será a ciência das ciências, estas, se não são completas, estão em germe umas, e um tanto avançadas outras, mas a ciência ainda não existe: o Espiritismo era necessário para que fosse iniciada, pois sem a prova irrefutável da sobrevivência da alma e da justiça divina, nenhum conjunto científico, isto é, de

verdade, será capaz de abranger a mente humana.



## VII

*Aparições espontâneas  
momentos após a morte e os  
fenômenos de bicorporalidade*

As aparições de entes queridos que morrem longe de nós são muito comuns. Vou citar apenas dois fatos, pois meu objetivo é ter a oportunidade de teorizar sobre isso, fazendo uma comparação com a bicorporalidade, que, embora não seja tão comum, já não pode mais ser posta em dúvida.

O corpo astral, (terceiro período, segundo os teosofistas), diz o Sr. Camile Chaigneau, que está unido ao corpo propriamente dito durante a vida terrestre, está longe de ter perdido toda a ligação com o mundo material. Acontece mais de uma vez que este corpo astral, mesmo sem a aparente assistência de qualquer médium, reconstitui momentaneamente o corpo material em uma aparição tangível, especialmente logo após a morte. *L'humanité Posthume*, do positivista Sr. D'Assier, relata numerosos casos desse tipo, que ao parecer foram perfeitamente verificados.

No livro recentemente publicado na Inglaterra sob os auspícios da Society for Psychical Research<sup>27</sup> encontra-se o relato

---

<sup>27</sup> Esta sociedade de pessoas altamente versadas em ciência, visa coletar relatos sobre estes fenômenos e publicar aqueles que estejam perfeitamente comprovados.

de muitos casos de aparições, já tangíveis, já de simples impressão subjetiva.

A esta última categoria pertence o seguinte relato, que copio do livro acima mencionado:

Em 23 de dezembro de 1574, a rainha (Catarina de Médici) foi para a cama mais cedo do que de costume, tendo à sua cabeceira, entre outras personalidades de distinção, o Rei de Navarra, o Arcebispo de Lyon e as damas de Retz, de Lignerolles e de Sannes, duas das quais confirmaram a narração.

Catarina, que estava com pressa para dar boa noite, de repente se lançou nos travesseiros, cobriu o rosto com as mãos e com gritos violentos chamou em seu socorro os que a cercavam, querendo mostrar a eles o cardeal de Lorena aos pés de sua cama, o qual lhe estendia a mão. — Várias vezes exclamou: Senhor Cardeal, não tenho nada o que fazer com o senhor. O rei de Navarra mandou imediatamente um dos seus cavalheiros à casa do Cardeal, e o enviado voltou contando como o Cardeal havia expirado naquele mesmo momento.

Uma jovem cunhada minha estava em um colégio em Nancy. Meu sogro morava com a família em St. Dié. Já estava com sessenta anos, mas nada fazia pressagiar sua morte. Morreu de pneumonia dupla, em poucas horas. Era por volta das 4 horas da tarde, quando o evento aconteceu, e minutos depois D... acordava e via seu pai dando a ela seu último adeus. Ela deu um grito e desmaiou. Vieram acudir e, quando ela voltou a si, pediu com tanta insistência para ser vestida de preto e mandada para casa que a diretora teve de permitir.

Nas *Memórias de Alexandre Dumas*, segundo o jornal parisiense *Le Espiritisme*, no capítulo XX está o relato da aparição de seu pai minutos depois do seu falecimento.

“Eu fora levado para a casa do meu tio e colocado aos

cuidados da minha prima Mariana, e com isso eu não sofria contrariedade alguma, pois brincava com outro garoto chamado Picard, que fazia para mim fogos de artifício com limalha de ferro e me contava histórias muito interessantes. Um dia, depois desses passatempos, e por volta das oito da noite, minha prima Mariana me fez deitar em uma pequena cama em frente à dela e adormeci, com aquele bom sono que Deus dá às crianças como o orvalho da primavera.

Acordei à meia-noite, ou melhor, minha prima e eu fomos acordados com uma batida forte dada na porta. Na mesinha de cabeceira alumiava um abajur e, à luz dele, vi minha prima que se ergueu muito assustada, mas sem falar nada.

Ninguém poderia bater nesta porta, já que as outras exteriores estavam fechadas.

Mas eu, que ao escrever estas linhas sinto calafrios, não senti nenhum medo naquele momento, e saí da cama rumo à porta.

Aonde você vai, Alexandre? – minha prima gritou para mim – aonde você vai? – Você já está vendo, respondi com calma, vou abrir a porta para o papai, que vem nos dizer adeus.

Minha prima pulou da cama assustada, agarrou-me por baixo dos braços e me obrigou a deitar na minha caminha. Mas eu me agitava, querendo me livrar dela e gritando com todas as minhas forças: Adeus papai! Adeus papai!

Alguma coisa semelhante a um sopro espiritual passou pelo meu rosto e me acalmou.

No entanto, adormeci novamente com os olhos cheios de lágrimas e suspiros abafados em minha garganta.

Na manhã seguinte, fomos acordados quando já era dia. Meu pai havia falecido naquela noite, na mesma hora em que minha prima e eu ouvimos aquela batida na porta. Então eu ouvi estas

palavras, que não sabia o que significavam. Meu pobre filho! Teu pai, que tanto te amava, morreu.

Que boca proferiu em meu ouvido essas palavras que eu não entendia, órfão aos três anos e meio? Era impossível para mim dar-me explicação disso. Por que me anunciava a maior desgraça da minha vida? Isso eu ignoro.

Meu papai está morto? – respondi para aquela boca invisível que falava comigo. – O que isso significa?

– "Isso quer dizer que você não o verá mais."

Nestes fatos, a última vontade do espírito é cumprida. Mas, como o fenômeno pode ser concebido sem a presença de um médium? Como, quando segundo a declaração de todos os espíritos um tanto avançados que se comunicam com a humanidade, o espírito permanece pelo menos três dias na mais completa turbacão? Vamos ver.

Essas aparições, que são o resultado da última vontade ou desejo do agonizante, têm sido observadas por milhares de pessoas de todas as religiões, e até mesmo pelos materialistas mais endurecidos.<sup>28</sup>

Assim sendo, à primeira vista parece lógico supor que essas pessoas estivessem mais dispostas do que qualquer outra a entrar no Espiritismo, isto é, no estudo que desses fatos e seus análogos, é possível fazer. Não é assim, no entanto; a generalidade os atribui a uma ilusão fortuita ou a um ato providencial, milagroso, com o fundamento de que, como mais tarde é verificado, as aparições desse gênero sempre acontecem momentos após a morte.

Tais fenômenos ainda não foram explicados pelos espíritos. Será necessária a intervenção de uma mediunidade? Se fosse esse o caso, seria necessário nada menos do que um médium de

---

<sup>28</sup> Veja-se a citada obra: Society for Psychical Research.

materialização, capaz de dar fluidos suficientes para que o espírito operante possa concentrá-los no perispírito do falecido e assim torná-lo visível, sem que por isso seja encontrada aí matéria tal como a entendemos; ou então, que aquele que tem a visão seja um médium vidente e atuem sobre ele para fazê-lo ver o que no mesmo momento outra pessoa presente não veria.

Em minha opinião, é bem possível que alguma vez a pessoa que percebe a aparição possa ser vidente, mas estou inclinado a acreditar que, na maioria dos casos, devem ser outros os meios para a execução do fenômeno.

Talvez no momento da morte exista uma grande liberação de fluido vital proveniente da vida orgânica, que o espírito poderia aproveitar para se materializar.

A turbação a que todos os Espíritos estão sujeitos não pode ser instantânea, principalmente nos casos de morte rápida ou em que o conhecimento é guardado até o último momento. Em tais casos, o espírito há de ver sua personalidade material e compreender seu estado. Não é assim quando a consciência é gradualmente perdida, porque então o ato da turbação já começou.

Assim como o espírito fica em turbação ao encarnar, porque entra nos elementos de outra existência, em um ambiente diferente, também ao desencarnar deve acontecer outro tanto.

Porém, no primeiro momento da morte, se o espírito não está já em turbação, encontra ao seu serviço todos os fluidos que manejava quando estava na matéria e, como eles obedecem à vontade, a materialização é possível no ponto preciso onde o pensamento é colocado. De resto, estes atos não hão ser realizados sem o auxílio dos protetores que cada espírito possui.

Tais aparições não podem continuar, pois como o espírito

deve permanecer apenas com seu perispírito, condição essencial para a plenitude da vida espiritual de que necessita no espaço, os fluidos animalizados devem ser liberados e a partir do momento em que este movimento se iniciar, iniciará a turbacão, mais ou menos longa, dependendo do avanço moral atingido.

Em suma, a turbacão resulta do fato da transição entre dois extremos: a vida material ou dual do homem e a vida espiritual pura, e essa transição não pode se dar instantaneamente.

Existe outro tipo de fenômeno - a bicorporalidade, isto é, a aparente dualidade da mesma pessoa. Esses fatos, embora raros, têm sido perfeitamente verificados e, como eles podem ser explicados da mesma forma que as aparições espontâneas de que acabei de tratar, encontram seu lugar neste capítulo.

Todos os fenômenos espíritas estão relacionados, todos obedecem à mesma causa, as diferenças consistem na maior ou menor acentuação que as circunstâncias permitem. Assim, para nos darmos conta do como de tais fenômenos extraordinários, devemos começar observando que está perfeitamente averiguado que o espírito, já um tanto desmaterializado pelo grau de avanço moral atingido, afasta-se do corpo durante o sono, permanecendo unido a ele por um cordão fluídico do qual não podemos formar uma ideia enquanto estamos na matéria. Nestes casos, como já disse e os fatos do sonambulismo demonstram, nenhuma memória é guardada, simplesmente porque o cérebro não participou dela.

Devo registrar aqui que esta verdade do desprendimento noturno da alma, apesar de ter seu apoio em fatos, como no caso citado de minha mãe, que ao acordar lembra-se por exceção do que se viu em lugares distantes, foi daquelas que mais dificilmente consegui aceitar. No entanto, tive que ceder às evidências.

Um dia acordei, há 4 ou 5 anos, com uma alegria íntima e com

o sentimento daquele que volta de uma longa viagem. Assim o manifestei à minha esposa e, no resto do dia, experimentei uma satisfação inexplicável. O tempo passou, acho que uns dois meses, e uma noite, encontrando-me na sociedade "Fraternidade", um espírito em possessão falou dos sonhos e do mencionado afastamento. Eu o rebati com o raciocínio que me veio à mente. Ele, a título de resposta, me disse: - Você se lembra daquele dia ... (apontou para a data, que eu já esqueci), você acordou dizendo que embora não tivesse sonhado com nada, parecia-lhe que vinha de uma viagem longa e agradável?

- Sim, eu me lembro - respondi.

- Bem, você fez a viagem na companhia de um protetor que está presente neste momento, e com ele você foi pela primeira vez para onde seu pai está.

Na "Fraternidade" ninguém conhecia minha esposa e ela esqueceu imediatamente o que eu lhe dissera ao acordar, porque não havia prestado atenção naquilo.

Consequentemente, pode-se dizer que só eu poderia ter revelado o fato.

Algum tempo depois, um amigo que possui mediunidade vidente viu-me uma noite, estando ele em Buenos Aires e eu a quarenta léguas na província, tendo, como ele me disse, mantido uma conversa espiritual comigo, já que ele também é médium de audição.

Um pouco mais de elevação moral, mais fluidos disponíveis e a bicorporalidade ocorreria, visível para todas as pessoas. Acentuem-se mais ambas as perfeições e poderão ser explicados os fatos que Allan Kardec relata, os quais não vou repetir por serem bem conhecidos.

Vou citar apenas um dos muitos casos, que encontro no belo

trabalho do Sr. Delanne, *Le Espiritisme devant la science (O Espiritismo perante a ciência)*, porque é um dos mais comprovados.

Sir Robert Dale Owen agia como ministro da República dos Estados Unidos em Nápoles. Em 1845, diz este diplomata, existia na Livônia o Colégio de Neuwelke, a doze léguas de Riga e a meia légua de Wolmar.

Naquele colégio havia quarenta e duas estudantes residentes, a maioria de famílias nobres, e entre as preceptoras estava Emilia Sagée, de trinta e dois anos, de boa saúde e de conduta irrepreensível. Poucas semanas após sua admissão, foi percebido que quando algumas discípulas afirmavam tê-la visto em um lugar, outras afirmavam tê-la visto em um lugar diferente.

Um dia as meninas de repente viram duas Emilia Sagée completamente iguais e fazendo os mesmos movimentos, uma, porém, tinha um lápis de giz na mão e a outra não tinha nada.

Pouco tempo depois, enquanto Antonieta de Wrangel fazia sua toaleta, Emília começou a abotoar-lhe o vestido por trás da menina e, ao se virar, viu no espelho duas Emília abotoando seu vestido e de susto desmaiou. Outras vezes, quando estavam à mesa, a dupla personalidade da preceptora aparecia em pé atrás da cadeira de Emília, imitando todos os movimentos que ela fazia para comer; só que as mãos não tinham faca nem garfo. No entanto, essa segunda Emília não parecia imitar sua pessoa real mais do que acidentalmente e, às vezes, quando se levantava da cadeira, seu duplo eu parecia ocupar o assento. Em uma ocasião ela estava de cama, doente, e a senhorita de Wrangel estava lendo algo para ela. De repente, a preceptora empalideceu e quase desmaiou. A jovem perguntou-lhe se não estava se sentindo bem, ao que ela respondeu negativamente com a voz fraca. Momentos depois, a senhorita de Wrangel viu muito distintamente a dupla



Emília passeando pelo aposento.

Eis aqui o exemplo mais extraordinário de bicorporalidade observado na referida preceptora. Um dia, as quarenta e duas alunas estavam bordando na mesma sala do andar térreo, cujas janelas davam para um jardim. Assim, elas puderam ver que Emília, que estava cortando algumas flores, apareceu instantaneamente sentada em uma poltrona. As estudantes dirigiram imediatamente o olhar para o jardim e sempre viam Emília, embora aparentando sofrer e movendo-se muito lentamente; ela estava como adormecida e exausta.

Duas das mais ousadas se aproximaram daquela visão para tocá-la e sentiram uma leve resistência, que, segundo elas, poderia ser comparada à produzida por um objeto de musselina ou crepe. Uma delas passou através de uma parte da visão; e depois de ter passado, a visão permaneceu em toda sua integridade por alguns instantes, depois foi desaparecendo gradativamente. Esse fenômeno se reproduziu de diferentes maneiras enquanto Emília manteve o emprego, ou seja, de 1845 a 1846; mas houve intermitências de uma ou mais semanas. Observou-se que quanto mais materializada a dupla pessoa se apresentava, mais decaída e em sofrimento a senhorita Emília ficava.

O mais estranho de tudo isso é que a paciente não suspeitava nada, não via nada e só sabia o que estava acontecendo pelo que lhe era contado. Tais fenômenos causaram inquietação em alguns pais, que tiraram suas filhas do colégio, que assim, aos poucos, foi perdendo alunas até fechar.

Um fato que se destaca nesta narração, diz o Sr. Delanne, é a íntima ligação que existe entre o estado do corpo e o do duplo. Quando o perispírito parece menos vaporoso, mais sólido, o corpo se enfraquece e assume aspecto de decaimento; pelo contrário,

quando o perispírito se fluidifica, o organismo material recupera suas forças. Isso indica que existe um vínculo entre o corpo e seu duplo. Allan Kardec nos disse que a alma se afasta do corpo durante o sono, mas que está sempre presa a ele por um cordão fluídico, que, se fosse cortado, a morte seria instantânea.

Quem assim pode se mostrar em dois pontos ao mesmo tempo, tem, no momento, dois corpos, um real e outro aparente; o primeiro dotado de vida orgânica e o segundo com a vida da alma.

Já sabemos que dada a lei que constitui a dualidade humana, um corpo da espécie não pode viver sem alma propriamente dita, como a planta pode; mas também sabemos que quando o sono ocorre, e é profundo, a alma não atua diretamente sobre o organismo, enquanto a vida vegetativa e puramente animal continua em todo o seu vigor; então podemos entender que a união por uma ligação fluídica é suficiente, para que a dualidade subsista. Assim, devemos apreciar até a separação da alma, à noite, mais ou menos à distância, de acordo com o avanço moral. Mas não é assim quando se trata de bicorporalidade. Nesse caso, a pessoa deve ser dotada de grande facilidade para assimilação de fluidos e ser dirigida nesses atos por espíritos desencarnados, ou seja, ser um médium especial para a produção do fenômeno.

A bicorporalidade na vigília é muito rara; os casos mais frequentes ocorrem nas horas em que o corpo real está em repouso.

O espírito governa os fluidos, disse um espírito em sua comunicação, conhece-os em sua essência, em sua causa, em seus efeitos. Ele os condensa, rarefaz e dispersa. Transmite-lhes movimento, elevação e, ao seu gosto, torna-os ativos ou imóveis; seu poder sobre eles está em razão à sua sabedoria e inteligência.

A potência que atua é a vontade do espírito, tendo maior sucesso quanto maior seja o seu avanço. Este é o fato; por sua

vontade o espírito se move de um ponto a outro no espaço, sem se dar conta do como de sua translação. Temos os fatos; temos o fundamental da ciência espírita; saber explicar os detalhes é questão de tempo e perseverança.

Vejam o quanto a vontade pode, nos trabalhos e progressos humanos; vejam o quanto pode no próprio organismo, ao qual impõe obediência; vejam o que uma vontade avançada pode sobre outro ser por meio do magnetismo, e então calculem o que uma vontade avançada poderá sobre os fluidos gerais.

A vontade é o atributo essencial do espírito, qualquer que seja o estado em que se encontre, seja encarnado ou desencarnado; mas seu poder sempre depende do grau intelectual ou moral que atinge no curso de seu progresso indefinido.

Assim, quando um espírito altamente avançado encontra os elementos necessários em sua organização ou em seus fluidos da matéria, pode, como Santo Antônio de Pádua e São Francisco Xavier, encontrar-se em dois pontos ao mesmo tempo e produzir atos materiais em ambos. Da mesma forma, o espírito um tanto avançado que mantém sua lucidez até o último momento da morte, pode imediatamente aparecer materializado em seus próprios fluidos e naqueles que, para cada caso destes, são atraídos instantaneamente do espaço.

## VIII

*Fenômenos de Transportes*

O fenômeno dos transportes é raro, mas, atualmente, pode ser considerado plenamente comprovado.

Testemunhei o fato nas sessões dadas em Paris pela médium Sra. Babelin.

A sala havia sido revisada, e, de resto, não eram necessários os transportes para dar renome à médium, que já estava obtendo fenômenos tão variados e importantes; mas eu não pude verificá-lo de forma satisfatória. Durante uma sessão caíram doces, que alguns dos participantes, eu entre eles, pudemos comer, no escuro, porque mãos invisíveis os levaram à nossa boca.

Falando sobre Miss Nechol, Sr. Alfred Wallace diz:

“Quando aquela jovem estava no desenvolvimento da mediunidade, a primeira vez que ela obteve o transporte de flores e frutas foi em minha própria casa. Todos os presentes eram amigos meus. Sendo pleno inverno, a Srta. Nichol havia chegado cedo para o chá e tinha ficado conosco em uma sala bem quentinha e iluminada a gás, quatro horas antes de as flores aparecerem. O fato essencial é que sobre uma mesa vazia, em um quartinho fechado e escuro (a sala ao lado e o corredor estavam bem iluminados) apareceram uma quantidade de flores, que não estavam ali poucos minutos antes, quando desligamos o gás. Eram

anêmonas, tulipas, crisântemos, rosas chinesas etc. Todas elas estavam perfeitamente frescas, como se tivessem acabado de ser cortadas em uma estufa. Estavam cobertas por um orvalho frio e miúdo. Nem uma única pétala quebrada ou murcha, nem fora do lugar o estame mais delicado ou a fibra mais fina. Sequei e conservei todas, e anexei a declaração de todos os presentes, de não ter tido nenhuma participação voluntária em trazer aquelas flores para a sala. Eu acreditava então, e ainda acredito, que era absolutamente impossível para a Srta. Nichol tê-las escondido por tanto tempo, apresentá-las inteiramente cobertas por uma belíssima camada de orvalho, exatamente a mesma que se forma em um dia muito quente nas paredes externas de um copo com água muito fria.

Desde então, fenômenos semelhantes sucederam-se depois centenas de vezes em muitas casas e sob várias condições. Às vezes, as flores eram amontoadas em grandes quantidades sobre uma mesa. Frequentemente, apareciam aquelas flores ou frutas que eram solicitadas. Um dos meus amigos pediu um "girassol" e caiu sobre a mesa um, cujas raízes ainda estavam com terra.

Um dos testes mais surpreendentes aconteceu em Florença com o Sr. T. Adolfo Trollope, a Srta. Trollope, a Srta. Blahden e o Coronel Arvey. O quarto foi revistado pelos cavalheiros; a Srta. Guppy (médium) foi revistada pelas senhoras inclusive em suas roupas íntimas. O Sr. e a Sra. Guppy foram solidamente amarrados, enquanto permaneciam ao lado da mesa. Aos dez minutos de evocação, todos disseram que sentiam um cheiro de flores e, ao acender uma pequena vela de cera, verificou-se que os braços da Sra. Guppy e do Sr. Trollope estavam cobertos de junquinhos que enchiam a sala com seu perfume.

Tanto o Sr. Guppy quanto o Sr. Trollope referem isso quase

nos mesmos termos (*Relatório da Sociedade Dialética de Espiritualismo*, pág. 277 e 372).

No *Banner of Light* de 25 de setembro de 1880, referindo-se às materializações obtidas pela médium Sra. Esperance, relata-se que um espírito materializado pediu uma garrafa com água e um pouco de areia, colocou-a no centro da sala e dando nela alguns passes circulares, cobriu-a com um pano branco que surge instantaneamente à vista dos espectadores. Feito isso, o espírito retirou-se, ficando a uns três pés da garrafa. Imediatamente, viu-se algo subindo e se espalhando até atingir a altura de quatorze polegadas. Então a forma avançou e descobriu a garrafa, revelando uma planta com bastantes folhas que acabara de crescer nela. Então, uma flor de cor escarlate e dourada foi aparecendo na mesma planta. A planta não era uma qualquer, era uma *Ixora Craeata*. O fato foi verificado por várias pessoas e se repetiu em outras sessões.

Como se vê, não apenas os transportes podem ser obtidos, também o crescimento de plantas à vista dos espectadores. Mas, no caso mencionado, a planta estava oculta. Os faquires indianos obtêm esse prodígio em condições mais extraordinárias ainda. O Sr. Jacolliot, distinto escritor, testemunhou o fato, colocando todos os materiais, até a semente, e viu o desenvolvimento gradual do crescimento completo. Por outro lado, se os médiuns são passivos nesses casos, os faquires agem por vontade própria. Ambos os procedimentos estribam no manuseio de fluidos, que, em espírito, estaremos todos no caso de conhecer ou pelo menos manejar por simples vontade, e, na matéria, como os faquires, por meio de conhecimentos especiais do ocultismo.

Do fenômeno dos transportes, que explicação podemos dar a nós mesmos? Deve ser considerado como o produto de uma fluidização prévia do objeto, para passá-lo nesse estado através

das paredes? Nesse caso, teríamos um fenômeno triplo, e todos os três de difícil aceitação, fluidificação, passagem pela matéria e reconstituição do objeto. Isso poderia acontecer? O astrônomo Zoëllner, fazendo experiências com o médium Slade, passou em uma corda grandes anéis de madeira sem solução de continuidade, então selou as pontas da corda, e mesmo assim os anéis foram removidos dela. Isso foi repetido várias vezes no escuro, mas sob condições de teste que impediam qualquer fraude. O sábio William Crookes viu um talo de capim da China passar através uma tábua. O fato merece ser relatado em todos os seus detalhes:

O segundo caso<sup>29</sup> que vou referir, ocorreu em plena luz do dia, um domingo à tarde, com a presença do médium Sr. Home e algumas pessoas da minha família. Minha esposa e eu tínhamos passado alguns dias no campo e trazido flores frescas. Quando chegamos em casa, nós as entregamos para uma empregada colocar na água. Sr. Home chegou pouco depois e juntos fomos para a sala de jantar. Quando nos sentamos, a empregada trouxe as flores que havia colocado em um vaso. Coloquei-as no centro da mesa, que estava sem toalha. Era a primeira vez que Sr. Home via aquelas flores.

Depois de se obterem várias manifestações, a conversa recaiu sobre certos fatos que pareciam ser explicados apenas se admitindo que a matéria poderia realmente passar através uma substância sólida. A propósito disso, recebemos a seguinte mensagem alfabética: É impossível para a matéria passar através da matéria; mas vamos lhes mostrar o que podemos fazer.

Esperamos em silêncio e logo vimos uma aparição luminosa pairando sobre o buquê de flores; depois, à vista de todos, um talo

---

<sup>29</sup> *Força psíquica*, Versão Catalã, 1888.

de capim da China, de 15 polegadas de comprimento, que formava o enfeite do centro do buquê subiu lentamente, destacando-se das demais flores, e depois desceu para a mesa, em frente ao vaso, entre este vaso e o Sr. Home. Chegando à mesa, aquele talo não se deteve, mas passou através dela sem se torcer, como todos vimos perfeitamente, até que a atravessou inteira.

Imediatamente após o desaparecimento do talo, minha esposa, que estava sentada ao lado de Sr. Home, viu entre ela e ele uma mão saindo de debaixo da mesa e segurando o talo, com o qual a tocou duas ou três vezes no ombro, produzindo um ruído que todos ouvimos, depois deixou o talo no chão e desapareceu. Houve apenas duas pessoas que vissem a mão, mas todos os presentes puderam distinguir o movimento do talo. Enquanto isso acontecia, todos podiam ver as mãos de Sr. Home tranquilamente apoiadas na mesa à sua frente. O lugar por onde o talo desapareceu ficava a 18 polegadas do lugar onde estavam as mãos. Era uma mesa de jantar com deslizadores, abrindo-se com parafusos, não era do tipo que se estica, e o encontro das duas partes formava uma estreita fenda no centro. Foi por essa fenda que o caule passou sem quebrar; no entanto, todos nós o havíamos visto passar sem dificuldade, suavemente, e quando o examinamos depois, vimos que não oferecia o menor sinal de pressão ou erosão.

Se dermos crédito ao que disse William Crookes, o capim da China não se fluidificou, mas foi amolecido e deformado ao ponto de passar por uma fenda formada pela união dos painéis da mesa. Isso é mais possível do que fluidificação e passagem pela matéria.

Na ciência, eu encontro apenas as experiências do Sr. Shitzemberger que podem ter alguma analogia com o fenômeno dos transportes, considerando-o do ponto de vista da passagem da matéria através da matéria.



O sábio químico condensava, sob a influência do eflúvio elétrico, diferentes gases e, em particular, o óxido de carbono, em tubos de vidro fechados. Feito isso, percebeu que a eletricidade transportava através do vidro, de fora para dentro, água e oxigênio, e de dentro para fora, carbono.

Porém, apesar disso, para mim a explicação mais satisfatória para o fenômeno dos transportes é aquela que deu um espírito a Allan Kardec.

A primeira coisa que se exige, segundo esse espírito, é ter um bom sensitivo, ou seja, uma pessoa dotada do mais alto grau de poderes mediúnicos de expansão e penetrabilidade. Nessa classe de médiuns o fluido animalizado é projetado em torno deles e em profusão.

As naturezas impressionáveis, as pessoas cujos nervos vibram ao menor sentimento, à menor sensação, que são sensibilizadas por influências morais ou físicas, internas ou externas, são sujeitos muito aptos a serem excelentes médiuns de efeitos físicos, de tangibilidade e de transportes; mas é necessário que as outras faculdades e a vontade do espírito não sejam hostis à medianimidade. Com tais médiuns é fácil obter todas as tiptologias, os movimentos de objetos pesados e até mesmo sua suspensão no espaço. Quanto mais médiuns houver, maior a certeza do sucesso.

Não é assim nos transportes, pois para estes é requerido um trabalho mais completo por parte do espírito, e que haja apenas um médium, visto que sendo dois ou mais, a execução seria impossível, devido à dificuldade de fazer com que os fluidos concorressem simultaneamente ao objeto buscado. Mesmo a presença de pessoas hostis ao espírito que atua costuma atrapalhar radicalmente o fenômeno.

Assim, os transportes devem ocorrer muito raramente, visto que sua prática apresenta tantas dificuldades, às quais se deve acrescentar que poucos são os Espíritos que as podem produzir, mesmo nas melhores condições.

O espírito que opera é forçado a impregnar seus próprios fluidos com o fluido vital que só o encarnado pode dar.

É então quando ele consegue, por meio de certas propriedades do meio ambiente, desconhecidas do homem, isolar e tornar certos objetos invisíveis.

Não me é possível, diz o espírito, por não me ser permitido por ora, levantar o véu dessas leis particulares que regem os gases que os cercam; mas posso dizer que muitos anos não passarão sem serem reveladas a vocês. Será visto então o surgimento e produção de uma nova variedade de médiuns.

Os espíritas estudiosos compreenderão facilmente o que foi dito sobre a expansão e concentração dos fluidos especiais requeridos para produzir a locomoção da matéria inerte, ou acreditarão nisso como nos fenômenos do magnetismo, com os quais os mediúnicos apresentam tantas analogias.

Quanto aos incrédulos e aos sábios piores do que os incrédulos, não estou pensando, disse o Espírito, em convencê-los, pois não me ocupo deles; um dia o serão pela força da evidência, porque será necessário que se curvem ante o testemunho unânime dos fatos espíritas, como foram forçados a fazê-lo ante tantos outros fatos que em um princípio rejeitaram.

Esses, como quase todos os fenômenos espíritas, exigem certas condições que irritam os intolerantes. Assim, eles se esquecem de que os próprios fenômenos de laboratório requerem suas condições especiais, de luz e outras. Por outro lado, não é permitido aos Espíritos transformar-se em espetáculos para divertir o público curioso, no Espiritismo que tem um objeto sério

e no qual o progresso só pode ser feito através da assiduidade no estudo e a observação, de modo que tudo seja produto do esforço próprio, e, portanto, merecido.

Concluirei transcrevendo a resposta do espírito à questão de saber se os espíritos poderiam introduzir um objeto qualquer em um aposento fechado.

Essa questão é complexa, disse ele: o espírito pode tornar os objetos invisíveis, mas não pode quebrar a agregação da matéria, que seria a destruição do objeto. Uma vez que o objeto está invisível, ele pode trazê-lo no momento que quiser e não o largar até o momento conveniente para fazê-lo aparecer. Quanto aos objetos que nós compomos, é outra coisa; como apenas introduzimos elementos da matéria, sendo estes fluídicos e imponderáveis, podemos dizer estritamente que introduzimos esses elementos com nós mesmos, que penetramos e passamos pelos corpos mais condensados, com a mesma facilidade com que os raios do sol passam através do vidro.

Não temos nem podemos dar qualquer explicação satisfatória para esses fenômenos. Tão só nos é dado fazer suposições. Se os espíritos dispõem dos fluidos, talvez consigam combiná-los de forma a impedir que os objetos assim circundados reflitam a luz, sem a qual não há visão. Se assim não fosse, teriam de operar nos órgãos visuais dos presentes de uma forma ainda mais incompreensível. A possibilidade de tal modo de operar, podemos deduzi-la do que alguns iogues da Índia executam. De acreditarmos no que é afirmado por escritores sérios, se eles ficam olhando com firmeza nos olhos das pessoas ao seu redor, em um determinado momento eles desaparecem de sua vista, deixam de ser vistos.

Isso em relação aos transportes; quanto ao crescimento

inusitado das plantas, só podemos dizer que o fato prova que a força vital é necessária aos seres e à vegetação, e que sem ela, a umidade e o calor nada poderiam fazer. Em apoio dessa ideia, temos o fato de que as plantas que vivem na sombra crescem raquíticas e sem cor. Não lhes faltou o calor, mas a ação direta da luz, para que o movimento da seiva se acelere, o próprio calor se desenvolva e o todo alcance um maior crescimento. Pois bem, todo o fluido vital que a planta precisa fixar em si dessa forma, pode ser tomado diretamente dos fluidos que o espírito ou o faquir concentra sobre ela.

## IX

*Fotografia espírita*

A fotografia dos espíritos que se materializam seria a melhor prova de que vocês não são uns alucinados – diziam os materialistas empedernidos. Pois bem; não só William Crookes foi capaz de fotografar a forma do espírito de Katie King, mas posteriormente muitas fotos dos espíritos foram feitas, com a particularidade de que eles estavam em um estado de visibilidade apenas para os médiuns videntes.

A luz forte contraria a materialização, e isso é concebido para ocorrer em fluidos concretizados transitoriamente; a ação das vibrações etéreas que desenvolvendo o calor chegam a liquefazer a matéria, não pode deixar de produzir um efeito dissolvente sobre a matéria aparente a que chamamos materialização. Esta deve ser a razão pela qual o método de Crookes não pôde ser continuado; mas as fotos de seres invisíveis ao olho humano aumentaram rapidamente. Isso parece impossível tendo-se os fenômenos ópticos bem presentes, mas não assim se lembrarmos que as visões que já não afetam a retina afetam as placas fotográficas ultrasensíveis. Não há muito tempo foram feitos experimentos, tirando fotos no escuro, logo após os objetos usados para o experimento terem estado no sol. Assim, o reflexo tênue que os objetos ainda produzem foi suficiente para esse

propósito. As fotos dos espíritos são brancas e transparentes; bastaria então uma concreção fluídica muito tênue para que o fenômeno ocorresse. É por isso que os médiuns videntes que testemunharam os acontecimentos puderam descobrir, antes da execução, os espíritos que depois foram reconhecidos no negativo.

Já vimos como é que os espíritos que querem ser vistos pelos videntes<sup>30</sup> conseguem que isso aconteça; segundo eles, sensibilizam o aparelho visual. Bem, isso mesmo poderia ser aplicado no caso da placa, em cujo preparo pode ser sensibilizada a ponto de marcar as radiações ultravioleta, que o olho normalmente é incapaz de perceber. Seria, então, graças a essas vibrações, as mais rápidas do feixe de luz, que se obteriam as imagens de seres que não podemos ver, porque não temos consciência das vibrações que excedem as determinadas pelo violeta e pelo vermelho, e que no entanto existem, como provam as observações avançadas da ciência.

As fotografias espíritas são realmente produzidas dessa forma? Não é possível resolver no sentido afirmativo; mas é um dos meios dos quais, sem imprudência, podemos dizer que os Espíritos poderiam muito bem se servirem para estampar na placa suas imagens vaporosas e transparentes, produzidas, bem entendido seja isto, pelos fluidos do médium, de cuja presença requerem.

O Sr. Thomas Slater, optista há muito estabelecido em Euston Road, fotógrafo amador, levou consigo onde o Sr. Hudson uma nova câmera feita por ele e suas próprias lentes; ele viu tudo o que estava sendo feito e obteve um retrato no qual havia uma segunda figura. Ele então começou a fazer experimentos em sua própria casa e no último verão obteve resultados notáveis. O

---

<sup>30</sup> Nota: Cap. VI.

primeiro deles foi o retrato de sua irmã, ao lado do qual duas cabeças eram vistas. Destas, uma é sem dúvida a do falecido Lord Brougham, e a outra, muito menos nítida, é reconhecida pelo Sr. Slater como a de Robert Owen, com quem manteve uma relação íntima até a sua morte. Desde então, ele obteve várias fotografias excelentes da mesma classe.

Uma, em particular, mostra uma mulher em sua roupagem longa e flutuante, em preto e branco, que está em pé ao lado do Sr. Slater. Na outra, a cabeça e o busto aparecem apoiados em seu ombro. Nestas duas, os rostos são muito semelhantes; e outros membros da família os reconheceram como retratos da mãe do Sr. Slater, falecida quando ele era criança. Em outra, vê-se uma bela figura infantil, também vestida, em pé junto ao filhinho do Sr. Slater. Agora, que essas figuras sejam corretamente idênticas ou não, não é o ponto essencial. O fato de qualquer figura, tão clara e inequivocamente humana, aparecer em placas tiradas por um especialista em ótica e fotógrafo amador em seu estúdio particular, com instrumentos feitos por ele mesmo, e sem ninguém presente além de membros de sua própria família, essa é a verdadeira maravilha. Em uma ocasião, uma segunda figura apareceu ao lado dele, quando ele estava absolutamente sozinho, simplesmente por se sentar na cadeira após remover a tampa do objetivo da câmera.

Por serem médiuns, ele e sua família, não precisam de ajuda estranha, e talvez por isso tenha tido tanto sucesso. Uma das fotografias mais extraordinárias obtidas pelo Sr. Slater é um retrato de corpo inteiro de sua irmã, em que não há uma segunda figura, mas aquela aparece completamente coberta por uma espécie de cortina transparente de renda, que, quando examinada com atenção, mostra que é feita de círculos sombreados de

diferentes tamanhos, totalmente diferentes de qualquer tecido material que eu tenha visto ou do qual tivesse notícia alguma.

O próprio Sr. Slater me mostrou todas essas fotos e explicou as circunstâncias em que foram produzidas. De que não são imposturas não há dúvida alguma, e têm um valor inestimável como as primeiras confirmações independentes que corroboram o que antes só se obtinha através de fotógrafos profissionais.

Chegamos agora às valiosas e decisivas experiências do Sr. Juan Beathé, de Clifton, fotógrafo aposentado com 20 anos de experiência, e do qual o referido editor afirma: “Quem conhece o Sr. Beathé não pode deixar de reconhecer nele um fotógrafo reflexivo, habilidoso e inteligente, um dos homens mais incapazes de se deixar enganar facilmente, pelo menos no que se refere às fotografias, e um dos mais completamente incapazes de enganar os outros.

O Sr. Beathé foi auxiliado em sua pesquisa pelo Dr. Thompson, um médico de Edimburgo, que tem 25 anos de prática como amador em fotografia. Fizeram seus experimentos no estúdio de um amigo que não era espírita (mas que chegou a se tornar médium durante os experimentos) e, como médium vidente, contavam com os serviços de um industrial a quem conheciam bem. Todo o trabalho fotográfico foi feito pelos Srs. Beathé e Thompson, permanecendo os outros dois sentados junto a uma pequena mesa. As vistas ou provas negativas eram tomadas em séries de três, com alguns segundos de intervalo entre uma e outra, e em cada sessão várias dessas séries eram tomadas.

As primeiras fotos mostravam apenas manchas esbranquiçadas. Estas tornaram-se cada vez mais notáveis, assumindo formas mais definidas. No entanto, os experimentadores continuaram sem desanimar com a falta de sucesso. Em uma das sessões, o médium vidente disse que estava



vendo uma névoa densa na frente das pessoas. A placa ficou toda esbranquiçada, sem nenhum traço daquelas pessoas que deveriam estar nela representadas. Novamente descreveu uma névoa igual, mas com uma forma humana diante dela; aparecendo essa forma na placa no meio de uma espécie de nuvem.<sup>31</sup>

Por algum tempo os experimentos continuaram assim. Existem vários desenvolvimentos curiosos, diz Wallace, cuja natureza ficou suficientemente indicada; mas é preciso ser mencionada uma só fotografia muito surpreendente. Durante a operação, um médium viu uma figura branca e uma negra, ao fundo. Ambas aparecem na pintura, a figura branca muito tênue e a negra bem mais diferenciada, de tamanho gigantesco, com um rosto maciço, de feições rudes e cabelos longos. (*Repertório Espiritual*, janeiro e agosto de 1873. *Notícias fotográficas*), 18 de junho de 1872).

O Sr. Beathé teve a gentileza de me enviar uma série completa dessas fotografias extraordinárias, trinta e duas no total, e me forneceu muitos detalhes que eu desejava conhecer. Eu os descrevi com a maior exatidão que me foi possível; e o Sr. Thomson autorizou-me a usar seu nome como confirmação das afirmações do Sr. Beathé sobre as condições em que essas pinturas apareceram. Esses experimentos não foram feitos senão com grande trabalho e muita perseverança. Às vezes, nada fora do comum era obtido em vinte tentativas sucessivas. Das centenas que foram feitas, não houve sucesso algum em mais da metade. Mas o obtido nas outras valeu muito a pena. Elas demonstraram o fato de que, o que um médium ou vidente vê (mesmo quando

---

<sup>31</sup> Essa forma de evitar que a visão das pessoas pudesse ser transmitida para o aparelho, nos faz ver como os espíritos procedem para esconder os objetos nos fenômenos de transportes.

ninguém mais vê nada), muitas vezes pode ter uma existência objetiva. Eles nos ensinam que talvez o livreiro Nicholai, de Berlim, cujo caso foi citado até a sociedade como tipo da ilusão espectral, realmente viu seres reais, e que se na época a fotografia já tivesse sido descoberta e devidamente aplicada, poderíamos agora ter tido os retratos dos homens e mulheres invisíveis que enchiam seu quarto. Ao mesmo tempo, fornecem-nos indicações do procedimento pelo qual as figuras vistas nas sessões podem precisar serem formadas e desenvolvidas gradualmente, e permitem-nos compreender melhor as afirmações feitas frequentemente por inteligências comunicantes, de ser muito difícil produzir formas definidas, visíveis e tangíveis, e que isso só pode ser realizado por meio de uma rara combinação de circunstâncias favoráveis.

A fotografia espírita pode ser simulada. Em Paris havia um fotógrafo, o Sr. Buguet, que as produziu autênticas por algum tempo, sob sua própria mediunidade, mas como esta desaparecesse e eram muitos os clientes insatisfeitos, ele procedeu para satisfazê-los. Eu vi algumas das primeiras e pude comparar com as últimas. A diferença é chocante, e apenas o renome já adquirido pelo fotógrafo poderia fazer com que passassem por autênticas por algum tempo, até que ele foi processado e os meios empregados por ele foram descobertos. Porém, do fato de que seja possível cometer fraude nisso, não se segue que a realidade não exista. Aqui mesmo, em Buenos Aires, um fotógrafo começou a tirar fotos espíritas; mas, vindo ter com ele alguns espíritas da sociedade Constância para obtê-las sob severo exame, disse que não as fazia mais porque já não tinha ao seu dispor o médium de que se valera. Dessas fotos, tenho uma, que é claramente falsa.

Como já disse, as primeiras fotografias obtidas pelo médium

fotógrafo Sr. Buguet eram autênticas.

Durante o processo, as declarações a esse respeito foram numerosas. Cento e quarenta pessoas juraram ter reconhecido seus parentes ou amigos falecidos, entre eles podem ser citados o químico Sr. Royard, a Condessa de Caithess, o Conde de Pomar, o Príncipe de Wittgenstein, o Duque de Leuchtemberg, o Conde de Bullet, o Coronel Devolluet e M.O. Sullivan, ministro dos Estados Unidos.

Em Londres aconteceu como em Paris, e o Sr. Wallace diz o seguinte sobre isso:

A fama dessas fotos espalhou-se rapidamente. Um grande número de pessoas quis obter resultados semelhantes; até que depois de algum tempo, surgiu o boato de impostura, e muitos agora acreditam, por aparências suspeitas, que um grande número de falsificações ocorreu. Nesse caso, isso não seria surpreendente. O fotógrafo em questão não era espírita e ficou desorientado com as fotografias obtidas, viu que dezenas de pessoas procuravam-no e saíam satisfeitas ou insatisfeitas, consoante obtivessem ou não uma segunda figura junto com elas, e pode ser que tenham sido feitos arranjos em favor dos quais fosse possível satisfazer a todos.

Seja disso o que quiser, a verdade é que qualquer pessoa prevenida pode perfeitamente perceber a autenticidade de uma fotografia em que se trate de espíritos, seguindo as indicações do Sr. Wallace nas páginas 69 e 70 (versão em espanhol) de sua citada obra.

## X

*Escrita Direta*

A escrita direta, como todos os fenômenos espíritas, foi obtida de tempos em tempos no passado, mas nunca houve a noção da influência que as pessoas exercem sobre sua manifestação ou de ser necessária a proximidade dos então desconhecidos médiuns. Tudo era atribuído ao milagre, se relacionado à religião, e ao diabo nos demais casos.

O primeiro que parece ter estudado a escrita direta e a deu a conhecer na França foi o Barão de Guldenstubbé, que publicou uma obra muito interessante sobre ela, ilustrada com grande número de fac-símile das escritas que obteve. A posição social de Guldenstubbé, diz Kardec, sua independência e a consideração que ele usufruiu na mais alta sociedade, remove incontestavelmente qualquer suspeita de fraude intencional. Tudo o que se poderia supor é que ele próprio fosse o joguete de uma ilusão; mas a isso responde peremptoriamente o fato da obtenção do referido fenômeno por muitas pessoas que também tomaram as precauções necessárias para evitar toda fraude e qualquer causa que pudesse levar ao erro.

O fenômeno da escrita direta é um dos mais convincentes, mas também um dos mais raros, porque são poucos os médiuns cujos fluidos se prestam para que os Espíritos possam produzi-lo.

No início era utilizado um papel e um pedaço de lápis, que posteriormente se julgou desnecessário, tendo-se em conta o fenômeno dos transportes, mas sem perceber que desta forma o trabalho a ser realizado pelo espírito era mais complicado e exigia do médium uma maior quantidade de fluidos. Por outro lado, as comunicações eram assim mais suspeitas, já que apareciam escritas com substâncias vermelhas e outras cores, e surgiu a ideia de que podiam estar escritas previamente, por meio de tintas simpáticas.

Posteriormente apareceram alguns médiuns que, inspirados por seus guias, indicaram as lousas como mais adequadas ao caso. Os principais são Sr. Eglinton e Sr. Slade, que viajaram pelo mundo prestando-se para produzir o fenômeno na presença de incrédulos. Contem-se, entre eles, muitos homens de ciência e prestidigitadores notáveis, que deixaram claro que, nas condições em que o evento é apresentado, não poderia ser imitado por eles.

O astrônomo Zoellner, o Dr. Gibier e outros fizeram experiências com o Sr. Slade, na época em que este médium conservava suas faculdades mediúnicas em toda a sua integridade.

Bandas de couro seladas em ambas as extremidades apareciam cheias de nós. Argolas sem solução de continuidade saíam de uma corda igualmente lacrada, como já disse no capítulo dos transportes.

Mas o fenômeno particular da mediunidade do Sr. Slade é a escrita direta, e nisso vamos nos concretizar.

“Tendo o Sr. Slade me convidado a traçar, diz o engenheiro Sr. Tremeschini, uma pergunta qualquer em uma lousa que ele me apresentou, escrevi estas palavras: O nome da pessoa em que estou pensando no momento. O senhor Slade pegou a lousa, colocou-a na beirada da mesa que estava ao meu lado e a removeu

após três segundos. Verifiquei com a pessoa que estava comigo, participando da sessão, que a palavra Vechy estava claramente escrita no quadro negro, exatamente abaixo da minha pergunta. Esse era realmente o nome do amigo em quem eu estava pensando.

Dr. Gibier conta que ele não teve tanta sorte; não obteve satisfação a uma pergunta mental, mas conseguiu fazer a escrita operar em quadros-negros trazidos por ele, dos quais não se separava por um instante e que não eram tocados pelo médium nem sequer quando o fenômeno estava ocorrendo.

Conhecemos Slade aqui, infelizmente já doente, com seu poder mediúnico enfraquecido, abandonado, às vezes por seus guias primitivos e assumido por outros espíritos empenhados em perdê-lo pela mistificação. A sua já habitual intemperança é a causa de não só a sua mediunidade estar declinando, mas também estar atraindo, pela lei das afinidades, espíritos empenhados na obra do mal, contrária ao triunfo do Espiritismo porque implica um progresso moral e social para a humanidade.

No entanto, enquanto a comissão que o trouxe aqui foi capaz de monitorar seus passos e evitar sua conduta desordenada, os fenômenos que ele produziu foram surpreendentes e irrepreensíveis, e quando ele caiu em seus excessos e adoeceu, aconselhados por nossos guias espirituais, ele não foi mais apresentado ao público, a fim de evitar o mal que poderia ter resultado.

Vou narrar um que outro dos fenômenos que presenciei, sempre focando na escrita direta.

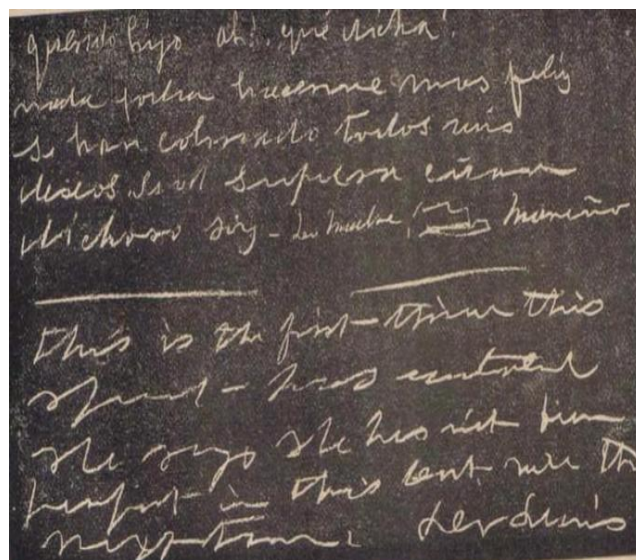
Slade pegou dois quadros-negros entre os vários que nós mesmos lhe havíamos entregado, mostrou-os e então, colocando um pedacinho de lápis em um, cobriu-o com o outro, pedindo ao Dr. Carvajal (um dos presentes) que segurasse uma ponta,

enquanto ele segurava a outra; aproximou assim os quadros-negros do ouvido do referido cavalheiro e, se todos pudemos ouvir o roçar do lápis ao traçar as frases, o Dr. Carvajal ficou ainda mais surpreso, pois conseguiu acompanhar todos os sons correspondentes ao movimento da escrita.

Em outra sessão operou sobre quadros-negros trazidos por um dos visitantes, e um deles apareceu totalmente escrito em quatro idiomas e com caracteres de letra diferentes.

Na minha própria casa e na presença de poucas pessoas, dei ao médium dois quadros-negros e um lápis, do qual ele tirou um pedacinho que colocou entre ambos, colocando-os sobre a mesa, e sem tocá-los, fez a corrente conosco, segurando nossas mãos. Só o meu braço tocava as lousas, e logo ouvimos o passar do lápis. Então, eu mesmo peguei as lousas e encontrei nelas, em espanhol, língua que o médium não conhecia, uma frase de uma mãe para um filho, e que poderia muito bem ser a minha, porque no momento em que escrevo isto, volto a olhar aquelas palavras, e encontro, como encontrei no primeiro dia, que a caligrafia é muito semelhante à que minha mãe tinha em sua última existência terrena.

Eis aqui o fac-símile.



Como se pode ver, o espírito que escreveu primeiro não conseguiu terminar uma frase iniciada. Aí a letra muda, e em inglês, diz que, por ser a primeira vez que ele escreve assim, não conseguiu uma escrita bem-feita.

A escrita direta, por mais sobrenatural que possa parecer quando as leis que regem esses fenômenos não são conhecidas e não foram aprofundados os estudos que o Espiritismo abrange, é de grande utilidade, como prova material indiscutível da presença de uma ou várias forças desconhecidas para a ciência e de inteligências que as colocam em jogo, por mais invisíveis que sejam.

Mas, como assinala Kardec, não se podem esperar comunicações extensas por este meio, mas apenas frases ou simples palavras com sentido, em várias línguas, desconhecidas do médium: “foram obtidas, diz ele, em grego, em latim, em siríaco, em caracteres hieroglíficos, etc.”



## XI

*Médiuns de escrita e desenho*

Os médiuns que escrevem por inspiração consciente, mas obedecendo a ideias outras que não as suas, e aqueles que escrevem inconscientemente, sentindo que a mão é dirigida por uma vontade alheia, são médiuns de escrita.

Essas duas formas de mediunidade podem ser encontradas juntas na mesma pessoa, mas geralmente é possuída apenas uma. Entre os médiuns de inspiração, alguns recebem apenas as ideias substanciais daquilo que se lhes quer fazer escrever; outros já recebem o fio do discurso, que vão moldando de acordo com seu próprio avanço e preparação; e alguns, que são auditivos, sentem algo parecido com a palavra falada dentro do cérebro. Aqueles que chamamos de mecânicos podem escrever enquanto conversam com as pessoas presentes, recebem comunicações em línguas que não conhecem; em suma, nenhuma parte parece assumir nisso o cérebro ou as habilidades intelectuais do próprio espírito. Essa mediunidade é pouco comum, não por não se encontrar a aptidão pessoal generalizada para esse fim, em maior ou menor grau, mas porque seu desenvolvimento exige muito tempo. Conheci vários que começavam a moldar as letras, outros que faziam garranchos, e que abandonaram por falta de tempo diário do qual dispor ou por inconstância. O mesmo acontece com os médiuns de desenho, que são uma variedade dos mecânicos da escrita. Em todas essas

mediunidades, os graus de facilidade são diversos, dependendo da lucidez relativa do conjunto de circunstâncias que atuam em sua produção: aptidão pessoal nos fluidos, preparação prévia (outras encarnações) do espírito, ilustração atual e elevação dos espíritos que vêm se comunicar.

Alguns discursos foram proferidos na Sociedade Constância, por espíritos em possessão de um médium, e foram, dias depois, ditados e inspirados, quase literalmente, a alguns dos médiuns de escrita. No apêndice poderá ser encontrado um desses discursos, recebido assim. De resto, existem obras escritas inteiramente sob ditado dos espíritos.

Existem também muitos desenhos mediúnicos, mas os mais perfeitos são, até hoje, os produzidos pelo Sr. Fabre. São verdadeiras obras de arte, fotografadas em quantidade. Este médium era um ferreiro simples, sem noções de desenho. Uma noite, em um momento de desespero, ele estava para se jogar no Sena; um cavalheiro espírita que por acaso se encontrava próximo ao local onde aquele fato acontecia, conseguiu evitar que se realizasse; convencendo-o de que não devia atentar contra seus dias, fez com que ele entrasse no Espiritismo e acabou se revelando um grande médium de desenho.

O Sr. Victorien Sardou, o conhecido dramaturgo, é um excelente médium desenhista. Conhecidas são as gravuras que foram feitas de seus desenhos, entre elas o tão elogiado de uma das mais originais e elegantes moradias que segundo o espírito que dirigia sua mão, é habitada pelo espírito daquele que foi Mozart entre nós, já em outro mundo melhor. Mas, seja disto o que se quiser, a verdade é que o Sr. Sardou não podia ter inventado esse trabalho, que os litógrafos consultados não quiseram se encarregar de reproduzir – não existiam então os avanços atuais neste campo – e, além disso, aquilo era um maremagnum de

curvas e ângulos que finalmente vinham terminar o desenho, capazes de fazer recuar qualquer pessoa. Então Sardou decidiu empreender novamente sua fácil tarefa, desenhando em uma pedra litográfica na qual a execução foi mais rápida do que da primeira vez.

A médium O'Neill pintou, segundo Alfred Wallace, uma pintura de seis pés de altura por quatro de largura, em cinco horas de tempo e na presença de várias pessoas reunidas para testemunhar o fato. – A rapidez é o que distingue, entre os desenhistas, aqueles que são médiuns e aqueles que não são.

Agora: de que modo esses fenômenos ocorrem? Em casos de inspiração, a coisa é muito compreensível. Basta aplicar o que foi dito sobre a transmissão do pensamento nas páginas 255 a 257 do primeiro volume. Por meio do perispírito, o espírito pode operar nesse sentido com mais facilidade do que um encarnado sobre outro. Nisto não pode mais haver qualquer dúvida. O que ainda não podemos nos explicar de forma completamente satisfatória é a maneira como os espíritos atuam na mediunidade mecânica. Tenho procurado na obra do Sr. Gabriel Delanne, que é, em minha opinião, a mais científica em questão de espiritismo, e não me satisfaz de forma alguma sua teoria do movimento reflexo, por mais que seja considerado inconsciente. Os médiuns videntes que consultei a esse respeito dizem que viram perto daqueles que estão no desenvolvimento desta mediunidade, espíritos que trabalham, se essa palavra pode ser adotada, para determinar uma ação exercida por meio de fluidos sobre o braço. Acredito que os conhecimentos que já possuímos autorizam a hipótese de que a corrente ou comunicação natural fluídica correspondente ao braço direito possa ser cortada por meio de outra mais potente do espírito, deixando assim os nervos desse braço sob a ação direta

de sua vontade.

Concluirei este capítulo transcrevendo, do parágrafo 225 de *O Livro dos Médiuns*, parte do que os Espíritos ditaram a respeito dessas mediunidades.

Qualquer que seja a natureza dos médiuns de escrita, sejam eles mecânicos, semimecânicos ou simplesmente intuitivos, nossos procedimentos de comunicação não variam de maneira sensível. Na verdade, nós nos comunicamos com os espíritos encarnados, como com os espíritos propriamente ditos, por meio da irradiação de nosso pensamento.

Nossas ideias não precisam do vestuário da palavra para serem compreendidas pelos espíritos; todos eles percebem e concebem o pensamento que queremos comunicar-lhes, pelo simples fato de direcioná-lo a eles, mas o grau de compreensão está em razão direta ao avanço intelectual alcançado; isto é, nosso pensamento pode ser compreendido por alguns, enquanto outros não o entenderão, porque esse pensamento não desperta nenhuma memória, nenhum conhecimento adquirido.

Nesse caso, o espírito encarnado que nos serve de médium é mais adequado para transmitir nosso pensamento aos outros encarnados, mesmo que não o compreenda; pois um espírito desencarnado pouco avançado não poderia fazê-lo, se fôssemos forçados a recorrer a ele como intermediário; porque o ser terrestre coloca o seu corpo à nossa disposição como instrumento, o que o espírito errante não pode fazer.

Assim, quando encontramos no médium o cérebro enriquecido com conhecimentos adquiridos em sua vida atual e seu espírito com vastos conhecimentos anteriores latentes próprios para facilitar nossas comunicações, os utilizamos com preferência, pois então o fenômeno da comunicação é muito mais fácil do que com um médium de inteligência limitada e cujos

conhecimentos prévios fossem insuficientes.

Com um médium de inteligência atual ou anterior desenvolvida, nosso pensamento é instantaneamente transmitido de espírito para espírito, por uma faculdade própria ao espírito em si. Neste caso, encontramos no cérebro do médium os elementos necessários para dar ao nosso pensamento a forma da palavra, sendo isso aplicável tanto a médiuns mecânicos como a médiuns semimecânicos ou intuitivos. Por isso, quaisquer que sejam os Espíritos que se comunicam através de um médium, os ditados por ele obtidos, mesmo vindos de Espíritos diversos, ressentem-se do estilo especial do médium. (É o que nós explicamos pela ação reflexa da força espiritual). Embora o pensamento lhe seja completamente alheio, embora o que queremos dizer não venha dele, nem por isso deixa de o influenciar com a forma, com as qualidades intelectuais e características morais próprias de sua individualidade.

Um músico dificilmente pode executar bem em um instrumento péssimo; ele precisaria de um que fosse ao menos toleravelmente bom; e ele sempre se sairá melhor em um piano, flauta ou violino do que em um apito; mas a composição será sempre essencialmente a mesma. Bem, é exatamente isso que acontece conosco; as ideias são as mesmas, mas as palavras ou a forma, na maioria das vezes, dependem do médium.

Se somos obrigados a nos servirmos de médiuns pouco desenvolvidos, nosso trabalho é muito penoso, porque temos que recorrer a formas incompletas. Isso é uma complicação para nós, pois somos obrigados a decompor nossos pensamentos e proceder palavra por palavra, letra por letra, o que é incômodo e impede a velocidade e o desenvolvimento de nossas manifestações.

Quando queremos proceder por ditados espontâneos, trabalhamos sobre o cérebro ou registros do médium e juntamos nossos materiais aos elementos que ele nos fornece, e isso sem ele saber, ou seja, em estado de inconsciência; é como se tomássemos de seu bolso as quantias que ele pudesse possuir e, em seguida, empilhássemos as diferentes moedas na ordem que nos parecesse mais útil. Mas quando o médium, ao escrever, quer nos interrogar, é bom que antes reflita seriamente, para que suas perguntas sejam metódicas, facilitando assim nossas respostas; pois, como já disse em outra ocasião, seu cérebro está frequentemente em uma desordem inextricável e é tão difícil quanto penoso para nós agirmos dentro do labirinto de seus pensamentos.

Quando as perguntas são feitas por terceiros, é bom, é útil, que a série de perguntas seja comunicada com antecedência ao médium, para que ele se identifique com os desejos do evocador, o que facilita muito a nossa tarefa, devido à afinidade que é estabelecida, ou seja, certa concordância entre o estado de nosso perispírito e o do médium que nos serve de intérprete.

Certamente podemos falar de matemática, por exemplo, por meio de um médium que nada sabe sobre ela, porque muitas vezes o espírito das pessoas possui conhecimentos em estado latente, ou seja, pessoais ao ser fluídico e não ao ser humano, porque seu cérebro atual é um instrumento rebelde a este ou aquele conhecimento. Podemos dizer o mesmo da astronomia, da poesia, da medicina e das línguas, bem como de todos os outros conhecimentos humanos...

Como já dissemos, os espíritos não precisamos revestir nosso pensamento: percebemos e comunicamos o pensamento pelo fato de ele já existir em nós. Os seres corpóreos, ao contrário, não podem perceber o pensamento, a menos que seja revestido. Enquanto a palavra, o substantivo, o verbo, a frase, são

necessários para pensar, inclusive mentalmente, nenhuma forma tangível é necessária para nos entendermos entre nós.

## XII

*Médiuns de cura*

Esta mediunidade é realmente uma das mais escassas, embora não faltem pessoas que, por serem médiuns, atribuem-se tão preciosa faculdade.

Os fatos da mediunidade curativa assemelham-se muito aos do magnetismo aplicado ao alívio dos enfermos. Os meios utilizados são análogos: a imposição de mãos e os passes, o elemento que se utiliza é o mesmo, mais ou menos bem dirigido pela vontade do magnetizador, no seu caso, e pelos Espíritos, naqueles a que me refiro.

Segundo algumas comunicações do além-túmulo, não existe bom magnetizador sem estar ajudado por espíritos em maior ou menor número, e mais ou menos acertadamente. Mas seja disso o que quiser, decerto que se em realidade se trata de mediunidade em alguns casos, as curas serão mais extraordinárias, já que os fluidos que o magnetizador dá são dirigidos por inteligências que podem apreciar as enfermidades e aplicar a elas o movimento saudável mais conveniente por meio dessas tão eficazes forças.

Mas assim como o magnetismo produz efeitos mais ou menos simpáticos, mais ou menos benéficos, quando a emissão do fluido é produzida apenas pela vontade pessoal, como também se o médium assimila muito fluido e o transforma em fluido magnético,



sob a ação de um organismo saudável e o poder moderador de um espírito moral e caridoso, os efeitos de seus fluidos serão capazes de produzir curas maravilhosas.

Conheci um médium curandeiro em Paris, Monsieur Hippolyte, e na Inglaterra outro de cujo nome não me lembro; mas como os efeitos produzidos são semelhantes, descreverei apenas aqueles que tive o prazer de testemunhar através do primeiro, porque são mais poderosos e abrangem tudo o que se pode fazer neste campo da mediunidade.

Monsieur Hippolyte era um homem de uns 45 anos de idade quando o conheci, de constituição forte e musculosa, com as cores de um homem saudável, com um olhar amável e um semblante tranquilo e simpático. Possui uma relojoaria e sua posição é independente, sem ser rico. Ele se dedica três horas por dia ao tratamento de quem se apresentar, gratuitamente, e cumpre com a maior benevolência o dever que lhe foi imposto.

Tamanho é o prestígio que já tem por suas curas maravilhosas, que pessoas de todas as classes sociais, espíritas e não espíritas, vão até ele em busca de saúde, tendo-se visto na necessidade de admitir não mais do que um certo número por dia, por meio de números de ordem. Para pegá-los, pessoas doentes apinham-se à sua porta todas as manhãs.

Por quinze dias tive o prazer de testemunhar e observar seu modo de atuação, recebendo explicações.

Um paralítico entra, apoiado em suas muletas; ele o faz sentar, colocando-lhe as pernas horizontalmente em outra cadeira; aplica nele alguns passes, sem violência, sem preocupação aparente, e a seguir pronuncia estas palavras: *Allons amis, travaillez moi ces jambes.*<sup>32</sup> Estas, sob a direção de uma força desconhecida, movem-

---

<sup>32</sup> *Vamos pessoal, façam essas pernas trabalharem.*

se a despeito do paciente, que sofre visivelmente. Chamei sobre isso a atenção do Sr. Hyppolyte, que estava falando com outra pessoa enquanto esse fenômeno ocorria. Em seguida, aproximou-se, informou-se do local dolorido e, aplicando-lhe a mão, disse: Amigos, insensibilizai, peço-vos. Pouco depois a dor cessou, sem que as pernas deixassem de se mover. Esse trabalho dura um quarto de hora, diariamente, aparentemente sendo executado de forma independente do médium. Então o homem levanta-se e sai visivelmente melhorado, mas ainda precisa de vinte dias de trabalho para se curar radicalmente.

Uma mulher também chamou a minha atenção, ela estava com a barriga inchada e com muita palidez. Era o meu segundo dia e o primeiro dela, então pude observar por quatorze dias as manipulações a que ela foi submetida e sua rápida melhora.

“O que você sente?” Hippolyte perguntou.

"Uma dor interna nesta região da barriga", respondeu ela.

Em seguida, ele aplicou o ouvido no ponto indicado, fazendo um reconhecimento de toda a barriga.

“O que os médicos disseram a você?”

“Nada, senhor, eles receitaram mas fui me sentindo cada vez pior”.

“Acho que V. está com um tumor; vamos ver”.

Dito isso, ele magnetizou com suma facilidade a paciente, convidando-a a ver ela própria a sua doença e descrevê-la. Ele o fez, dizendo que, em efeito, tinha um tumor do tamanho de uma noz.

Retornada ao estado normal, o Sr. Hippolyte procedeu, aplicando as mãos no local indicado, por cerca de dez minutos. Ao retirá-las, disse: vamos proceder com a cauterização. Um fenômeno notável ocorreu então. O médium fazia o movimento típico de quem joga algo em um determinado ponto e, a cada ação,

a barriga tomava ali, sem ser tocada, o formato côncavo, coincidindo com uma expressão dolorosa no rosto do paciente.

“O que você sente?”

“Como se me queimassem por dentro”, ela respondeu.

“Muito bem; é isso mesmo que estamos tentando fazer”.

Esse processo foi repetido nos quatorze dias seguintes; e às vezes, a mulher sendo magnetizada, indicava a diminuição do tumor e os dias que eram necessários para o desaparecimento completo.

O que de minha parte posso afirmar, é que, ao sair de Paris, a barriga tinha se reduzido notavelmente, o aspecto geral era melhor e o apetite tinha voltado, desaparecendo aos poucos as dores.

Se eu não tivesse o temor de prolongar muito a história desses fenômenos, poderia citar outros casos de curas surpreendentes, mas o que foi dito é suficiente para entender a verdade da existência de médiuns curadores.

Segundo Hippolyte, na hora marcada para as curas ele se sente carregado de fluido, a ponto de não conseguir se sentir bem se não aplicar as mãos. Já é, pois, nele uma necessidade que foi criada pela constância nas primeiras aplicações que, como sempre, devem ter sido imperfeitas. Além disso, ele parece ser um homem extremamente moral e virtuoso. Pretende ser dirigido, nas curas, por meio de seu próprio magnetismo e fluidos desconhecidos, por cinco Espíritos que foram outros tantos médicos, na última encarnação.

Nesse ponto eu poderia terminar este capítulo, mas acreditando que não vou incomodar o leitor, acrescentarei dois fatos originais.

Desde o primeiro dia, vi uma mulher sentada perto de uma

mesa com o cotovelo direito sobre ela, e cujo braço se movia de maneira estranha e inusitada.

Curioso observador, não deixei de perguntar a causa daquilo. O Sr. Hippolyte me fez saber que aquele braço que assim se agitava, estava quase paralisado e que, sem seu auxílio, logo ficaria paralisado completamente.

“Mas, disse eu, como é que você consegue produzir esse efeito enquanto aplica suas mãos e sua atenção a outras pessoas?”

A resposta, como sempre, mostrando sinceridade e humildade, foi que ele mesmo não entendia o como; que nada poderia fazer sem a ajuda de seus amigos em espírito.

“Você quer ver algo ainda mais estranho?” disse; e, levantando-se, colocou a mão na minha testa e depois na testa da mulher doente. Agora, acrescentou, você pode obter pelo pensamento, que o braço seja agitado, que fique em quietude, que se levante nesta ou naquela direção, conforme a sua vontade.

Em efeito, o fenômeno ocorreu com toda a precisão.

“Você está vendo aquela senhora, disse-me ele em outra ocasião? Ela sofre de dispepsia flatulenta; pois bem, como prova do poder que estamos discutindo, daqui vou produzir nela um movimento violento de escape de gases de estômago.

Ele a olhou fixamente por um instante (dois segundos), dizendo: *allez, allez, amis*.<sup>33</sup>

Pouco depois, uma estranha inquietação foi notada na senhora, que, entretanto, deve ter permanecido totalmente alheia ao que se tratava. O fato acontecia tão continuamente que lhe impedia de respirar: Basta, amigos, disse então Hippolyte, e tudo aquilo foi cessando rapidamente.

Os ignorantes diriam: milagre; os clericais dos tempos da

---

<sup>33</sup> *Vamos, vamos amigos.*

Santa Inquisição teriam dito: bruxaria; e os atuais, pouco menos: obras do diabo.

Não é nada disso, tudo é natural, porque o sobrenatural não existe, por mais que aquilo que vai além do nosso conhecimento tenha sido designado como milagre.

Tais fenômenos são o simples produto da combinação de forças fluídicas existentes, embora desconhecidas para nós.

Enquanto isso, esses fatos já não podem mais parecer tão surpreendentes, agora que o magnetismo está novamente em auge, cujos fenômenos se assemelham tanto aos que relatei.

De resto, quem me conhece não duvidará da minha veracidade. Aos que não estão neste caso, direi que tanto este como os relatos anteriores vão ser lidos pelas pessoas a quem me referi; e que são fatos que continuam ocorrendo e sendo testemunhados por outras pessoas.

## XIII

*Médiuns falantes ou de  
incorporação - Natureza das  
comunicações e conselhos gerais  
aos espíritos novatos.*

Caridade não deve ser confundida com tolerância. Este abraça o universo para aceitar todas as causas defendidas, boas ou más, exceto para fazer uma triagem séria, sem amargura e sem ideias pré-concebidas. A tolerância também perdoa as faltas dos homens, sabendo que na terra ninguém é perfeito.

Chamamos de médiuns de incorporação aqueles que falam sob a ação coercitiva de um espírito.

Essa mediunidade já foi explicada no primeiro capítulo desta parte. Devo apenas acrescentar que os médiuns mantêm os olhos fechados e ficam mais ou menos inconscientes. Há aqueles que, durante a incorporação, falam e se movem sob a ação da vontade do espírito, sem poder opor-se a ela, e compreendendo o papel que se lhes faz representar; mas quando voltam a si, lembram-se com menos clareza do que disseram ou fizeram. Outros são menos conscientes; e assim de grau em grau, até chegar àqueles que estão sujeitos à inconsciência até onde isso seja possível.

Provavelmente estão neste caso aqueles a quem o espírito pode fazer falar em línguas que lhe são desconhecidas, como a citada por Wallace, que quando ele escrevia já havia falado em dez línguas.

Todas as comunicações obtidas por este meio ressentem-se de uma certa influência do médium, se ele é muito consciente, e do seu modo de falar em quase todos os casos, mesmo em alguns inconscientes cujo cérebro esteja pouco preparado pela instrução ou trabalho intelectual.

Quando um espírito inteligente se manifesta em um bom médium, bem desenvolvido, com um cérebro bem composto, preciosos discursos são produzidos como o que damos no Apêndice e outros que causam admiração, não só pelo conteúdo da frase, como também pela música e as modulações de voz.

Na sociedade Constância, temos o Sr. Castilha, excelente médium de incorporação, porém um tanto consciente. Para evitar isso e deixar o mais independente possível o espírito que deve falar por seu mecanismo, um outro espírito se apodera da médium Sra. de Razetti, e magnetiza o senhor Castilha. Deve-se notar que a dita senhora não é de forma alguma capaz de magnetizar, e não possui quaisquer estudos a esse respeito. Trata-se, pois, de magnetismo espiritual. Envolvido assim o espírito do médium em fluidos poderosos, o organismo cerebral fica livre de todas as influências. O espírito que desta maneira se apresenta é uma inteligência que pede aos visitantes da Constância, um tema científico, filosófico ou de interesse geral para desenvolvê-lo, o qual faz sem hesitação, falando, às vezes, por meia hora ou mais e exibindo a oratória mais atraente.

Um dos médiuns mais inconscientes que temos na Constância recebe um espírito que, uma noite por semana, receita de palavra

a cada um dos irmãos que o consultam para suas enfermidades. Nada pergunta: ele fala com todos diretamente e lhes diz o que precisam fazer. Os medicamentos que ele prescreve são geralmente simples, parece que só servissem como veículos para melhor atuar através dos fluidos que os impregnam. Quem conhece os efeitos produzidos pela água magnetizada, não duvidará muito, principalmente se lembrarem o fato daquela paciente assistida diretamente por um invisível e que foi relatado no capítulo IV desta primeira parte. A verdade é que as curas operadas por esse meio têm sido extraordinárias. Quando o caso exige, ele também prescreve magnetização espiritual por meio da referida médium. Assim foram salvos até mesmo doentes desenganados pela ciência médica.

Os médiuns de incorporação são muito úteis em sociedades bem constituídas. Com eles, os guias trazem espíritos em sofrimento e, assim são produzidos o que chamamos de quadros da vida de além-túmulo. Na verdade, eles merecem esse nome, como será entendido ao descrever algum.

Apresenta-se por exemplo, um assassino que vê o quadro fluídico de suas vítimas. Ele está nas trevas espirituais e só vê seus crimes, como acontece com um criminoso que, trancado em uma masmorra, é forçado, por esse fato, a pensar sobre seus atos. Às vezes ele é realmente perseguido por espíritos que se vingam dele ou que se perverteram em sua companhia e por causa dele.

Esses quadros mostram aos espíritas de maneira clara o que acontece no mundo espiritual e como, sendo a consciência nosso único juiz, os sofrimentos para o delinquente são terríveis até chegar o arrependimento sincero e o desejo de evolução; como os dramas que iniciam na Terra continuam no espaço e são resolvidos pela justiça e equidade em sucessivas reencarnações. Além disso, a palavra autorizada pelo estudo desses mesmos fatos



e das doutrinas do Espiritismo, é dirigida a esses seres em sofrimento. Desse modo a caridade é feita com eles, porque, como os guias dizem, é tal o estado de materialização relativa em que se encontram esses Espíritos, que o pensamento de seus guardiães ou anjos protetores não chega bem a eles – encontram-se na incapacidade para conceber as ideias que lhes são transmitidas, porque nesse estado ainda não compreendem senão pela forma ou pela palavra, como se ainda estivessem na matéria.

\*\*\*

A maioria das comunicações são recebidas pelos médiuns de incorporação e pelos de escrita. É chegado, então, o caso de abordarmos a natureza das comunicações.

O mundo espiritual é uma cópia do mundo material. Lá como aqui, alguns empurram o carro do progresso ou aplainam seu caminho, enquanto outros tentam detê-lo voluntária ou involuntariamente, opondo o obstáculo da maldade, da falsidade ou a remora da ignorância e da desídia; lá, como aqui, as ideias e as paixões mais encontradas estão em luta.

Disto segue-se que devemos proceder com prudência em nossas relações de além-túmulo; ponderar bem os conceitos e não nos arriscarmos a cair no fanatismo, aceitando cegamente tudo o que vem do espaço. Se o homem pode enganar e perder o homem, o espírito pode fazê-lo mais facilmente, porque não o vemos nem conhecemos seus antecedentes ou procedimentos.

Sendo assim, devemos suspeitar ainda mais dos remédios que um médium em incorporação pode nos oferecer. Somente em sociedades sérias e onde os guias já deram provas evidentes de sua competência e boa vontade, onde, em suma, toda mistificação

seja impossível, somente em tais sociedades se pode confiar e tomar os remédios prescritos.

Se os Espíritos já exercem uma ação direta sobre a humanidade através dos fluidos, e produzem intuição e sugestão, com êxito mais ou menos eficaz, dependendo da maior ou menor sensibilidade do encarnado; se a natureza dessa influência pode ser do bem ou do mal, dependendo do merecimento daquele que a recebe; o que podemos esperar das comunicações ditas espíritas? A resposta é lógica: que por meio delas se vinguem os ofendidos em encarnações anteriores ou se manifestem as gratidões a que nos tornamos credores; mas se isso é inegável, também pode acontecer que, sem possuir nenhum vínculo estabelecido pelo passado, procurem enganar-nos, dar-nos notícias espirituais falsas, e até intrometer-se em assuntos privados, para fazer gozação dos transtornos que produzem, ou com o propósito de nos conquistarem para a ideia ou crença que defendem.

Assim, as pessoas que, sem experiência própria ou sem seguir os conselhos da experiência alheia, utilizam a comunicação espírita como passatempo, ficam expostas à mistificação e a serem induzidas a erros de funestas consequências.

Não faz muitos anos que um cavalheiro francês, estabelecido com uma barraca de frutas nesta capital, teve notícias do Espiritismo, e imediatamente começou a experimentar a mediunidade em sua família. Um de seus filhos resultou em ser médium de incorporação, obtendo assim provas evidentes da existência dos espíritos e de sua ação, sem perceber que um deles estava assumindo ascendência em sua mente.

Quando o espírito percebeu que possuía controle suficiente sobre o imprudente espírita, deu o último golpe para completá-lo, dizendo-lhe que, se ele mandasse seu filho escolher um número na loteria, ganharia o prêmio. Este conselho foi seguido e o

prometido cumpriu-se. Encorajado por esse resultado, o espírito sugeriu-lhe que ali, no pátio de sua barraca, existia um enterramento de ouro da época dos espanhóis. O crédulo inexperiente fez perfurar o solo em diferentes direções sem encontrar nada. Mas nem por isso ele perdeu a fé. Já estava ele completamente obsediado pelo espírito? Não se pode afirmar ou negar, mas a verdade é que foi induzido a vender sua empresa, a tomar uma concessão de terras nos limites austrais da Patagônia e a criar ali uma fábrica de óleo de peixe, com a qual deveria, segundo o espírito, lavrar para si uma fortuna imensa. O infeliz viu sua esposa morrer ali, seu filho enlouquecer, e finalmente teve que abandonar tudo e voltar arruinado e sem família.

No entanto, está longe de ser exato que o Espiritismo enlouqueça tantos quanto pretendem seus inimigos, confundindo o que seja o resultado lógico da ação dos Espíritos sobre a mente do infeliz em que uma vingança espiritual é executada, com o estudo do Espiritismo, que esses desafortunados não conheceram e que talvez pudesse salvá-los, como salvou aqueles que, assim perseguidos, chegaram casualmente às sociedades espíritas, onde conheceram as verdadeiras causas daquilo que atribuíam, em ideia fixa, enlouquecedora, às próprias aberrações do cérebro, adquirindo também conhecimento dos meios que existem para rejeitar más influências.<sup>34</sup>

Sim. Existem aqueles que caem na obsessão, aqueles que realizam atos inconvenientes, acreditando em comunicações interessadas ou levianas; se, enfim, alguns chegam à loucura, graças às relações que estabelecem com os espíritos, é por sua ignorância no Espiritismo ou por sua teimosia em querer se ocuparem por si mesmos, sem guias e sem preparo, em

---

<sup>34</sup> Ver no apêndice.

experimentar essa comunicação, expondo-se, como se exporia a contratempos inesperados, o leigo em química que pretendesse fazer experiências sozinho em um laboratório.

As pessoas a quem chega o conhecimento da existência do Espiritismo, nunca devem ensaiar a comunicação em casa sem antes ter lido Kardec; mas se estão realmente desejosas de obter a verdade que nele existe e querem proceder sem se exporem a perigos, devem entrar em alguma sociedade séria; nela se convencerão, e uma vez convencidos, se seu zelo é tal que eles estão dispostos a ser pioneiros da nova era moral que o Espiritismo inaugura, contribuirão para o seu progresso com a própria mediunidade ou com a propaganda da filosofia espírita.

Os velhos espíritas que não se contentam com os fenômenos modestos que são obtidos nas sociedades de estudos sérios, é preciso dizê-lo, estão possuídos de uma curiosidade fútil e perigosa. Esses irmãos estão mais preocupados com os fatos que lisonjeiam os sentidos do que com aqueles que, embora suficientes como evidência, são dirigidos apenas no sentido do ensino do além-túmulo, um ensino que nós espíritas precisamos nas investigações, que se relacionam com a atualidade e o futuro do espírito humano.

Esses espíritas causam mais dano à causa do que o clero e o jesuitismo, seus inimigos declarados. Eles se expõem à mistificação e, possuídos por ela, levam os visitantes aos seus centros, onde na realidade ocorrem fenômenos de potência e de prova, mas onde talvez apareçam fraudes, executadas por espíritos a despeito da vontade contrária dos médiuns.

Quem o faz costuma dizer que todos os centros foram formados dessa maneira e que nenhum pode ter o privilégio de ser bem assistido. É verdade que todos tiveram um começo; mas também é verdade que, de acordo com os motivos em que os

promotores foram inspirados, assim foram os resultados; e isso não pode ser posto em dúvida por quem se tenha dado conta da verdade do ‘a cada um segundo as suas obras’, verdade tantas vezes demonstrada pelos fatos, pregada por Jesus e pelos guias do Espiritismo.

Várias são as leis divinas que concorrem para esse fim, sendo a principal delas a das afinidades fluídicas, intelectuais e morais.

Portanto, se um certo número de pessoas (três podem bastar segundo a palavra de Jesus) se reúnem, penetradas do amor de Deus, desejosas do bem moral para si mesmas e para seus semelhantes e dispostas ao sacrifício para cooperar em algo com a grande obra do Espiritismo, serão bem assistidas e mesmo que devam lutar, porque sem luta não há progresso, finalmente triunfarão e chegarão a se tornar fundadores de uma sociedade séria; porque em virtude de sua perseverança no bem, atrairão os bons por afinidade, e dentre eles um guia destacará, capaz de dar continuidade à obra.

Mas se uma vã curiosidade é o que guia o encarnado; se não houver uma grande ou nobre aspiração, o encontro atrairá Espíritos dispostos no mesmo sentido, que não terão problemas em acabar com a saúde dos médiuns, fazendo-os produzir fenômenos poderosos nos quais o fluido vital se esgota inutilmente. Seus discursos ou comunicações vão, a princípio, estar de acordo com as ideias de quem os recebe e lisonjear sua autoestima, atraindo assim suas simpatias.

Os do grupo darão assim fácil acesso às mistificações mais grosseiras e, finalmente, à obsessão, até chegar o termo obrigatório da existência efêmera do mal e essas sociedades se dissolvam, depois de terem feito muito dano à causa com uma propaganda completamente contraproducente.

No entanto, aqueles que patrocinam tais reuniões costumam dizer: Em nossa sociedade não existem os inconvenientes que são notados em sociedades intituladas sérias; os maus não vêm impossibilitar os fenômenos, e os que aparecem mostram, por sua intranquilidade, que são espíritos do bem.

A luta de sociedades como Sociedade Constância, sustentam aquela ação persistente dos malvados que vêm até elas determinados a fazê-las perder o controle, a introduzir desconfiança, a perturbar suas sessões e prejudicar os médiuns; essas lutas são aceitas pelos guias, deixando que os adversários usem a sua força, porque assim têm a oportunidade de lhes mostrar que essas sociedades estão bem fundadas desde a sua origem e encontrarão sempre encarnados de nobres sentimentos, capazes de lhes dar uma duração indefinida; esta luta mostra a importância das sociedades que a vivenciam, nessa luta a Constância viu aparecerem, empenhados no mal, os líderes das sociedades do gênero que eu critico, tranquilos nestas e furiosos na nossa; graças a essa luta, vão sendo anulados muitos elementos maus do espaço, que se convertem ao bem; em suma, essa luta implica que sociedades como a Constância devem ser combatidas pelo mal, porque são do tipo que carregam alto a bandeira do Espiritismo, ensinando com seriedade os fenômenos ao neófito, dando aos espíritas uma direção moral e ajudando-os nas investigações, porque empenhados ainda na sua obra, os clericais e os jesuítas do espaço veem nelas um perigo; e porque delas parte a palavra de ordem na propaganda e são os pilares fortes da edificação espírita, cujos alicerces se encontram nos livros que fazem conhecer e seguir, na formação de grupos e desenvolvimento de médiuns.

As sociedades raquíticas em seus propósitos, frívolas e contraproducentes, não chamam à luta, mas sendo possuídas de

maus elementos espirituais, afastam os bons, porque tal é a lei e tal é a verdade do livre arbítrio que se realiza no tempo, de acordo em seus acertos e seu poder com o grau de avanço obtido.

Lá, diz-se, os espíritos estão tranquilos e sem contratempos. E como não estariam, visto realizarem o seu trabalho sem dificuldade e satisfeitos! Mas alguns desses tranquilos mostram-se furiosos em sociedades sérias, onde encontram resistência às suas maquinações.

Acredito que o que foi dito é suficiente, para aqueles que caíram no erro se afastarem dele e darem seu tempo e o contingente de suas luzes aos centros espirituais nos quais os guias deram provas suficientes de serem na realidade espíritos elevados ou do bem.

Em centros seriamente constituídos, as comunicações não podem ser postas em dúvida quanto ao seu propósito, quando o passar dos anos e o tempo mostraram que não apenas as mistificações sob nomes respeitáveis não são permitidas, mas os espíritos guias se propuseram a conduzir ou ajudar os bons tarefeiros na pesquisa científica e doutrinária do Espiritismo.

Mas quando as sociedades principiam, nunca estão isentas da mistificação, e só triunfam dela com a perseverança nas boas intenções e nas oportunas advertências dos guias, que nestes atos dão a conhecer as suas tendências saudáveis.

De resto, o primeiro objeto de análise do que vem do espaço, está na própria sala das sessões. Se os ali reunidos estão convencidos de que todos ou a maioria são motivados pela boa vontade e estão dispostos a defender a causa do Espiritismo, moralizando-se primeiro para dar o exemplo aos de fora, e estudando para poder fazer uma propaganda judiciousa e prudente, pode-se ter certeza de que atrairão os bons elementos

espirituais correspondentes ao grau do desejo, virtude e inteligência que desdobrarem. Assim, embora a adoção das opiniões dos Espíritos, deva ficar sujeita, no início, ao critério da própria razão, para adquirir conscientemente a confiança neles e rejeitá-los com motivo; podem, repito, ter a certeza do seu triunfo definitivo e de que virão a fundar uma sociedade na qual quem quiser investigar possa entrar com segurança e depois fazer parte da geração que inaugura com o Espiritismo a era do progresso moral, progresso tão necessário até para os povos mais civilizados, já que seu abandono é a razão pela qual a verdadeira felicidade não seja o resultado de tanto esforço e de tanto avanço material e intelectual.

Porém, convém que os espíritas que se retiram das sociedades, seja pela idade, seja pelas exigências da existência que os afastam do ponto de encontro, assim como os que estudam e, portanto, são obrigados a ler o muito que é escrito e é apoiado em opiniões do espaço, e mesmo livros inteiramente ditados por espíritos, fiquem prevenidos para que possam apreciar adequadamente as revelações do além-túmulo.

Se não podemos duvidar que o mundo dos espíritos é um reflexo da humanidade; se o progresso é atribuído com verdade ao espírito; se a solidariedade está bem estabelecida por meio da reencarnação; não há como duvidar de que no espaço existem pretensiosos, falsos sábios e cegos de espírito, em meio à luz divina, que não os alcança, porque não a merecem.

O espaço é o mundo da ideia e, por isso mesmo, as crenças que carregamos daqui persistem nele por muito tempo; o fato da desintegração do corpo material não dá um átomo de avanço ao espírito, a menos que ele já o tenha conquistado em encarnações anteriores. Ao entrar na nova vida, passado o tempo de confusão aplicável a todos, o espírito tem o grau que corresponde ao seu



passado, cuja memória vai recuperando gradativamente.

Assim, então, quem jesuíta foi, permanece jesuíta por tempo indeterminado, se é que há de mudar e progredir no espírito e, se não, voltará ao mundo com sua astúcia, sua encoberta maldade, sua falsidade e propósito egoísta; o materialista também o será; o católico fanático continuará em seu erro e considerará estar no purgatório; e aqueles que gostam de falar do que não entendem e rir de todos aqueles que levam as coisas a sério na vida, continuarão a fazê-lo, e o mistificarão se puderem.

Por isso, devemos ter a mesma desconfiança daquilo que nos chega do mundo dos espíritos, como daquilo que vem dos encarnados, e aplicar os mesmos critérios que o grau de nossa razão nos permitir.

Se, como ensina o Espiritismo, o progresso deve ser fruto do esforço individual e geral, para merecer a eternidade de felicidade que aguarda a humanidade; se uma condição desse progresso é a luta entre o bem e o mal, entre a inteligência que avança e a inércia da ignorância, entre o livre pensamento que investiga e o fanatismo que fica estacionado, o que dissemos acima é lógico, justo, necessário, e prova que a própria revelação, como alguns a entendem ou pelo menos pretendem entendê-la, não existe, nem nunca existiu.

A única coisa permitida aos guias espirituais encarregados da direção do progresso intelectual e moral de nosso mundo, é descer de vez em quando em missão para dirigir os bons elementos, dando-lhes o exemplo das virtudes e propagando máximas salvadoras que, pela ascendência daqueles que as pregam, ficam gravadas nos corações; e tanto maior será o resultado benéfico para a humanidade, quanto maior o sentimento de caridade determinante, e mais dolorosa será a

prova aceita pelo espírito em missão.

De tudo isso segue-se que as comunicações demasiado pretensiosas ou dogmáticas, aquelas em que as verdades conquistadas pela ciência são desprezadas, as defendidas pela Igreja Católica com seus grandes erros, e as demasiado materialistas, devem ser vistas com desconfiança. Da mesma forma devem ser tratadas aquelas que vêm escudadas sob nomes conhecidos e as que se relacionam com assuntos privados, de família ou de comércio, porque os bons sentem na sua consciência que não lhes é dado se imiscuírem neles; as provas que cada ser buscou ao encarnar devem ser realizadas; e é preciso respeitar o livre arbítrio, deixando que a luta ensine.

\*\*\*

Em *O Livro dos Médiuns*, Allan Kardec classifica as comunicações em grosseiras, frívolas, formais e instrutivas. Na minha opinião, os espíritos devem ser considerados sob duas fases: a moral e a intelectual. Sob a primeira, apresentam-se a nós em escala ascendente, que, partindo da vileza e da abjeção, atingem o mais nobre e mais elevado sentimentalismo; sob a segunda, se bem são encontradas as inteligências mais triviais, também são descobertas eminências sublimes que dificilmente podem ter seu igual na Terra.

Portanto, a classificação mais lógica das comunicações é a seguinte:

Obscenas, veementes, sentimentais ou frívolas; instrutivas e sublimes.

Comunicações veementes são aquelas que, apesar da linguagem escolhida, deixam entrever o ódio, a vingança de que são capazes aqueles que as ditam, ou quando incitam diretamente

as paixões de quem as recebe.

Para serem consideradas em seu verdadeiro mérito e objeto, as comunicações sentimentais devem ser submetidas ao crivo da razão, porque os mais belos e simpáticos sentimentos costumam ser fingidos para induzir ao erro a longo prazo e até mesmo chegar à obsessão. É preciso desconfiar, pelo menos, daquelas que se referem à família ou à amizade e são tanto mais úteis quanto mais se afastam das coisas e acontecimentos humanos, voltando-se para o que interessa ao espírito em seu progresso imortal.

Comunicações frívolas ou triviais, diz Kardec, emanam de espíritos levianos, zombeteiros ou brincalhões, mais maliciosos do que malvados, que não dão importância ao que dizem. Por não serem nada indecentes, são apreciados por certas pessoas, que encontram prazer naquelas diversões fúteis em que se fala muito para não dizer nada. Esses espíritos também falam gracejos satíricos de vez em quando e, no meio de suas piadas, duras verdades que quase sempre acertam o alvo.

Devo apenas acrescentar que tais comunicações, embora não emanem de malvados, causam muito mal, no caso de encontrarem pessoas incapazes de apreciá-las pelo que merecem e que, alucinadas com seu falso brilho, têm a fraqueza de lhes dar publicidade.

Como evitar esse inconveniente?

Vejo apenas um meio: os espíritas se convencerem de que a propaganda somente deve ser feita pelos irmãos que, junto com o aprofundamento no próprio Espiritismo, possuem uma instrução geral, que lhes permite julgar a maioria das comunicações com precisão.

Caso contrário, expõem-se a divulgar falsidades históricas e a falsas afirmações a respeito da vida na Terra dos homens que sua

pátria já julgou e cujos nomes são anulados pelos frívolos ou mal-intencionados do espaço, como aconteceu não faz muito, tendo-se publicado um livro com comunicações tão inadequadas que é e será contraproducente para o Espiritismo, cuja seriedade e verdade ficam comprometidas por uma propaganda pretensiosa, embora de boa fé.

Se esses espíritos, que muito pouco se importam com a verdade ou o com mal que seu comportamento pode causar, encontrarem crédulos ignorantes, ditarão, por exemplo, revelações sobre os habitantes do sol ou da lua, com qualquer absurdo científico que lhes ocorra; e talvez, infelizmente, essas patranhas apareçam o dia menos pensado em letras de molde.

Comunicações instrutivas são aquelas cujo objeto é algum ensinamento sobre ciência, filosofia ou moral. São mais ou menos profundas, de acordo com o grau de elevação do espírito, mas não serão dogmáticas; longe disso, o espírito avançado sempre se apresenta humilde e exprime a sua opinião, não só porque, assim, ensina pelo exemplo, mas porque ele já sente muito verdadeiramente que só existe uma ciência absoluta e suprema - Deus - e que os seres em progresso indefinido vão apenas despojando-se de erros à medida que penetram nas regiões mais puras da luz divina. Por outro lado, como disse recentemente, não devemos esperar desses espíritos luminosos mais do que eles consideram estar ao nosso alcance; e, no máximo, que levantem uma ponta do véu que oculta os conhecimentos futuros. Assim procedem os verdadeiros guias do Espiritismo, assim procedeu Jesus, e assim dá-se lugar ao cumprimento da lei: O ESPÍRITO HUMANO DEVE SER FILHO DAS SUAS PRÓPRIAS OBRAS.

“Pela regularidade e frequência dessas comunicações, diz Kardec, vai sendo possível apreciar o valor moral e intelectual dos espíritos com os quais nos comunicamos e o grau de confiança que

eles merecem. Se a experiência é necessária para julgar os homens, muito mais ainda para julgar os espíritos." Se vierem de falsos sábios, logo se descobrirão como tais, caindo em contradições chocantes; e se pretendem enganar os ouvintes, estes descobrirão a trama urdida, desde que tenham em mente os conselhos contidos no Livro dos Médiuns.

Comunicações sublimes. Relativamente poucos espíritas têm oportunidade de ouvi-las e, infelizmente, menos ainda são capazes de senti-las e compreendê-las, apesar da simplicidade da linguagem; mas sem exclusão, todos os que têm um coração sensível, sentem-se docemente comovidos como ao ouvir um fluxo de harmonias.

Para compreendê-las em todo seu alcance, é preciso sentir a comunicação direta com a alma, é necessário ler nas entrelinhas, como quando encontramos no Evangelho as frases que realmente pertencem a Jesus. Uma só delas, qualquer uma, demonstrará a veracidade da minha afirmação; esta, por exemplo: **digo isso para quem tem ouvidos e queira ouvir, para quem tem olhos e queira ver**. Quer dizer, para aqueles que, já adiantados, podiam compreendê-lo e o compreenderam e se sentiram como seus doze apóstolos, espíritos elevados que com ele vieram, todos de acordo para a grande obra realizada pelo Cristianismo, uma obra que ainda dá e continuará a dar seus mais belos frutos.

SEGUNDA PARTE

**DOUTRINA E FILOSOFIA  
ESPÍRITA**

## I

*Do perispírito*

No capítulo II, primeira parte, deste volume, já expliquei algo sobre as forças desdobradas pelos Espíritos, mencionando de passagem o perispírito. A seguir, vou elucidar com mais detalhes o que se refere ao perispírito ou corpo astral, empreendendo a tarefa com certo receio, apesar de minha preparação a esse respeito, pois sei que se trata de uma questão transcendental para o Espiritismo, e que, conseqüentemente, é de extrema importância que sua resolução seja correta.

Os fenômenos do Espiritismo atestam a favor da ideia de que a alma tem a seu serviço imediato um fluido próprio, que lhe serve para atuar sobre os fluidos animalizados dos médiuns, e com eles sobre a matéria.

Sem esse intermediário não é possível conceber a ação da alma sobre o organismo e, por isso, os filósofos espiritualistas viram-se forçados a idear algo a respeito, ou a superar a dificuldade com suposições mais ou menos inverossímeis.

Para Leibnitz, embora a alma e o corpo façam vidas separadas, são regulados em suas funções de tal forma, que as modificações que se operam em um repercutem ou se reproduzem no outro, assim como os ponteiros de dois relógios

bem arranjados marcam a mesma hora. Essa harmonia, segundo Leibnitz, foi imposta pelo Criador, razão pela qual ele a denominou preestabelecida.

Para Descartes, cada substância é a causa, não a ocasião, dos fenômenos que se manifestam na outra. Conseqüentemente, sua teoria foi chamada de hipótese das causas ocasionais. Assim, a alma e o corpo, obedecendo ao sábio desígnio do Criador, seguem duas linhas paralelas no curso da vida, permanecendo, entretanto, estranhos um à outra.

Não devemos nos surpreender com essas divagações em inteligências tão poderosas. Para a maior inteligência humana do passado, não era possível formar uma ideia, nem mesmo remota, da verdadeira origem da alma. Como eles poderiam supor que a mesma origem corresponde ao corpo e à alma? Como formariam uma ideia correta do que são as forças, para compreender então, e ainda mais tarde, como no presente, a ação da alma? No entanto, alguns tiveram a intuição da verdade, como Cudworth, filósofo e teólogo, que imaginou um intermediário que chamou de mediador plástico, que segundo ele deveria participar da natureza do corpo e da alma.

Cudworth foi beber o fundamento para essa hipótese na Bíblia. No livro de Jó, capítulo XXVII, versículos 2 e 3, fala-se do glorioso corpo do espírito. Daí também que entre os hebreus a ideia de dito corpo era comum, designando-o sob o nome de Neptesch etérea, que São João e São Paulo nos falam do corpo espiritual.

No entanto, a maioria dos filósofos espiritualistas rejeitou a hipótese de Cudworth, porque se a aceitassem, a alma se aproximaria um pouco do material. Apenas Charles Bonnet e Cyrano de Bergerac, que são posteriores a Cudworth, aceitaram a ideia do corpo espiritual e isso foi antes de Paracelso e Van



Helmont.

\*\*\*

A primeira revelação dos Espíritos a respeito do perispírito foi vaga ou imprecisa, como não poderia deixar de ser, por não terem sido feitos estudos que nos permitissem compreender maiores esclarecimentos a esse respeito. Eles se contentaram em dizer o seguinte: O espírito está envolto em uma substância que, embora invisível para vocês, ainda é muito grosseira para nós.

A falta de estudo nesta questão e a imprecisão da revelação, têm feito muita gente cair no erro de supor que o perispírito é o fluido vital que anima o organismo, caindo assim, de certa forma, no animismo simplório que já tenho combatido e que não pode ser sustido sem se colocar em contradição com os fatos e doutrinas fundamentais do Espiritismo. Vamos ver.

Citando um espírita avançado, o Sr. Papus<sup>35</sup> que dá uma palestra sobre o perispírito e sob os auspícios do Sr. Leymarie, acredito que será suficiente para podermos julgar até que ponto divergimos da generalidade. O pouco que vamos transcrever também nos ajudará a combater as ideias atuais sobre o perispírito e a fortalecer as nossas.

Vou seguir o palestrante no essencial, descartando qualquer folhagem supérflua de estilo e de forma.

O perispírito, para o Sr. Papus, é, como para todos os espíritos, o encarregado de garantir as relações entre o corpo e a alma. A seguir, ele se ocupa do sentido em que os fisiologistas contemporâneos podem tomar essas palavras e acredita ser necessário definir o que são o corpo, o perispírito e a alma, mas

---

<sup>35</sup> Diretor da *L'Iniciation* de Paris.

acrescenta que em relação ao corpo não é necessário dizer nada, pois, felizmente, os sábios não negam sua existência; quanto à alma, tentar prová-la seria longo e não há tempo para isso, limitando-se a dizer que é o princípio inteligente que se manifesta por meio da consciência e de um ternário: memória - inteligência - vontade.

Depois ele fala da vida, e diz que vida e perispírito são duas palavras idênticas que designam uma mesma coisa, e sem se dar ao trabalho de prová-lo, ele supõe que a vida está em grande parte no sangue. "Há uma reserva de vida em uma série de gânglios nervosos ligados entre si e espalhados por todo o corpo." (refere-se ao grande simpático). Ele traz à memória os feitos maravilhosos dos faquires, e os atribui à vida ou perispírito, que é projetado para fora pela vontade e, em consequência, se sob sua ação, como mais de uma vez aconteceu,<sup>36</sup> uma planta nasce e cresce até atingir seu pleno desenvolvimento em duas horas, isso é devido ao perispírito do faquir. Assim, um médium é como uma máquina desprendedora de perispírito. No caso das materializações, o perispírito sai do médium e, nesse momento, as forças invisíveis ali presentes podem agir e se manifestar.

Nesta citação, há um erro que devemos corrigir. Dr. Encausé (Papus), não é um espírita ocultista, e a sua revista *L'Initiation*, propaga as doutrinas do grupo de estudos esotéricos de mesmo nome.

O doutor Anastasio García López, em suas conferências sobre Cosmologia (1889), estabelece também que o perispírito é o princípio vital do organismo. Sem que seja ele quem realiza os fatos químicos e fisiológicos, estes não podem ocorrer senão sob a direção e a impulsão dessa força.

---

<sup>36</sup> Ver a obra de Jacolliot *Le Espiritismo dans le monde*.

Se de fato o perispírito não só tivesse de ser o intermediário entre a alma e o corpo, mas também a vida deste, teríamos que admitir o que o Sr. Papus sustenta, que os médiuns são máquinas expendedoras de perispírito. Ou seja, teriam em si uma exuberância de vida extraordinária, e por isso seriam as pessoas mais saudáveis, ou pelo menos as de maior vitalidade, o que está em contradição com alguns casos de grande mediunidade, como o do médium Sr. Home, por exemplo, que era débil de constituição e delicado de saúde. Por outro lado, a revelação espírita nos permite saber que a alma, durante o sono fisiológico, afasta-se mais ou menos do organismo. Como explicar em tal caso a vitalidade do organismo, que continua em suas funções verdadeiramente vitais? O espírito não pode ser separado do perispírito e, neste caso, segundo os espíritos, forma-se com parte dele um vínculo fluídico que sempre serve de união para com o corpo. Se o perispírito fosse a vitalidade do ser, o magnetizador daria de si mesmo no ato da cura pelos fluidos. E de tudo isso resultaria o absurdo de que o corpo fluídico do espírito, pelo menos na existência terrena, estaria em contínua mudança de substância, pois se ele dá de si, deve recuperá-lo de uma fonte comum que existiria na natureza. Isso vai contra as doutrinas fundamentais do Espiritismo. Segundo elas, o perispírito não pode desprender-se do espírito, mas purificar-se à medida que o espírito se moraliza, até que, a mais ou menos longo prazo, o perispírito não se diferencie do espírito, já sendo espírito puro.

Portanto, não é possível que os espíritas dirigentes continuem a suster que o perispírito e a vida são a mesma coisa. Acredito que o conhecimento adquirido desde Allan Kardec até o momento, nos coloca em situação de reagir. É assim que os elevados Guias da Constância devem ter entendido, pois nas últimas sessões em que

nos ocupamos com a discussão de pontos avançados da doutrina, um dos espíritos que mais se destacou em nossa sociedade pelos dons intelectuais, disse-nos que a vida não era o perispírito, que a força vital permanecia na matéria, atuando em sua decomposição e recomposições ulteriores.

\*\*\*

O transformismo é aceito pelos Espíritos que lideram o movimento denominado Espiritismo; no fundamental é aceito por todos, alguns com certas reservas. A alma, portanto, deve ter tido, qualquer que seja a origem que lhe é atribuída, um princípio muito humilde. Para mim, como para todos os que defendem o evolucionismo substancial, é idêntico ao da matéria, idêntico ao de tudo o que existe. Como já argumentei, a divisão fundamental operada pelo evolucionismo substancial consiste na criação da matéria, ou seja, a resistência passiva, a base do tangível, e os fluidos representam em seu incessante movimento, a ação, a força e a vitalidade. É evidente, então, que a origem imediata da alma deve ser buscada nesses fluidos, que, como já demonstrei, vão se diversificando através da série animal e sendo atraídos por afinidade para animar a parte vegetativa dos seres, a parte que se resolve no conjunto pelo funcionamento orgânico e pelo movimento dos plasmas, e a parte cerebral, na qual se realizam os instintos e a inteligência relativa, formando assim a alma ocasional do animal e o perispírito ou invólucro direto do espírito no homem.

Este último fluido, o mais sutil, o mais espiritualizado, que atua nos animais que em importância seguem imediatamente o homem na escala decrescente, forma então sua alma ocasional. Persistiriam esses embriões de espíritos, persistiriam, digo, no

espaço sem se dissolver, formando os elementos que, quando o homem surgisse na terra, serviriam para formar sua alma autônoma e cujo aprimoramento vai sendo operado através das encarnações sucessivas que o Espiritismo nos revela? Ou então esses fluidos, seguindo a lei de todas as coisas e as forças, buscarão, ao se disgregar dos corpos mortos, sua reunião afim? É tão possível uma coisa quanto a outra, mas prefiro acreditar que esses fluidos já espiritualizados pelo trabalho secular da vida animal, como os compostos do organismo, os líquidos, os gases, as matérias terrosas e a eletricidade, voltam às suas fontes.

Não direi mais nada, por enquanto, porque proponho tratar ainda pela terceira vez da formação da alma em outro capítulo. Enquanto isso, os desenvolvimentos já dados à questão, sugerem que o perispírito propriamente dito não forma a vitalidade total do homem, e que a partir do momento em que a consciência do bem e do mal é alcançada, conquista-se a autonomia espiritual integrada com o corpo astral ou perispírito, que já é uno ou indivisível.

Não é perispírito o que os médiuns emprestam para as manifestações espíritas: não são emanções perispirituais o que sai dos presentes nas sessões, já ajudando, já se opondo aos fenômenos, como pensam o Sr. Papus e o Dr. García López. O que os médiuns podem emprestar, porque pode ser repostado, se não houver abuso, é o fluido vital que chamei de conjunto, e que num organismo são, é assimilado e desassimilado mais ou menos rapidamente. São esses fluidos o que serve aos magnetizadores, são eles o que cura, se vierem de uma natureza sadia de corpo e alma, porque os fluidos, exceto os da vida vegetativa, estão sujeitos à vontade, ou seja, ao espírito e este, em seu progresso, atrai bons fluidos ou os transforma pelos atos que emanam do

pensamento e dos sentimentos elevados.

Não se deve inferir, do que foi dito, que mantenho uma separação totalmente definida entre os referidos fluidos. Sua separação e mútua ação podem ser comparadas à que existe entre as águas do mar e as pluviais; estas emanam daquele, e quando voltam a ele em forma de rios, resulta em uma larga faixa de mistura indefinida.

Como já disse no Capítulo III, segunda parte, primeiro volume, não existe nada nem ninguém independente na natureza, falando em absoluto; mas dentro dessa dependência mútua, as coisas e os seres existem em uma independência relativa.

Sendo isto assim; o que deve acontecer quando um espírito desencarna? Eis aqui a minha humilde opinião, baseada na observação e no estudo. Se for um espírito no alvorecer de sua independência, ou um espírito materializado por suas paixões e vícios, atrairá, por afinidade com seu perispírito propriamente dito, uma parte mais ou menos importante dos fluidos animalizados. Mas quando aquele que desencarna é um espírito já enobrecido pela inteligência e pelos sentimentos, arrastará menos fluidos materiais, até que nesse movimento ascendente, só levará consigo o perispírito, cuja purificação completa conduzirá, segundo a revelação, à região da luz onde habitam os espíritos puros.

Sem dúvida, esta é a razão pela qual os médiuns sentem uma grande diferença nos fluidos dos Espíritos, que dizem ser mais ou menos agradáveis para eles. A observação atenta dos fenômenos de incorporação, mostra também que os maus deixam sempre parte de seus pesados fluidos nos médiuns, chegando isso a produzir neles, ao deixar a incorporação, náusea, sufocamento, e sempre desconforto, que os espíritos protetores, tomando posse imediatamente, aliviam de forma notável, descartando esses

mesmos fluidos.

\*\*\*

Sendo assim, como poderiam os fenômenos que estudamos ser verificados? Como os espíritos podem operar nos médiuns? Na minha opinião, só é necessário lembrar o que podem quando na matéria se encontram, para compreender, na medida do possível, as forças misteriosas que desdobram do espaço.

Do espírito, como já disse, parte a primeira força voluntária que põe em jogo os diversos órgãos do corpo. Como toda força, deve ser um movimento ou vibração inicial que, ao chegar ao fluido da vida animal, transforma-se em outra força mais simples ou material, e correndo pelos nervos afeta tais ou quais músculos, conforme a vontade do espírito. Se o espírito encarnado quer magnetizar outro encarnado, obriga por sua vontade o fluido magnético ou da vida animal a se projetar para fora, permanecendo sempre sob a ação da mesma vontade, podendo assim dominar por completo outra pessoa fazendo-a agir, pensar e dizer o que lhe vier à mente.

Pois bem, esse poder do espírito não deve ficar perdido com a morte, visto que ele quer e pensa. Em consequência, dada a natureza sensível dos médiuns, ele pode, envolvendo em seus fluidos perispirituais o espírito encarnado, forçá-lo a fazer ou dizer o que ele quiser, e até mesmo tomar posse momentânea dos órgãos cerebrais, que devem ser afetados em primeiro lugar, a fim de produzir os movimentos dos membros ou dos músculos vocais, ficando o médium em um estado mais ou menos inconsciente.

Quanto às forças que desdobram na produção dos fenômenos físicos, podemos explicá-las tendo em mente que no estado livre, o

espírito poderá agir facilmente por ato de simples vontade sobre os fluidos que se materializam dos médiuns e das outras pessoas presentes, bem como os fluidos com os quais o ambiente está impregnado.

Isso é tudo o que, por ora, podemos dizer do perispírito e da ação dos Espíritos sobre os médiuns.



## II

*Reencarnação - Conservação do  
eu pensante em toda sua  
integridade, apesar do aparente  
esquecimento do passado - Livre  
arbitrio.*

O fato da existência do mundo espiritual e sua comunicação com o mundo material já não mais pode ser posto em dúvida. Mas pode a alma ficar satisfeita com este estado de coisas? Pode a humanidade se conformar com as desigualdades que percebemos na existência e que, ao que parece, continuam no espaço? De forma alguma isso acusaria uma marcada injustiça da parte do Criador, ou uma obra inacabada. Ainda maior seria o vácuo da justiça, se acreditássemos que as almas foram criadas no nascimento do homem, mais ou menos perfeitas, seguindo a caprichosa teoria da graça.

Para que tão chocantes aberrações não possam ser atribuídas ao Ser por excelência, a Deus, era necessário que o Espiritismo viesse dar forma e vida às palavras de Jesus, que revelou a chave do mistério, sustentando que todos somos iguais perante o Pai,

que somos todos irmãos da mesma origem e filhos das nossas próprias obras, que é preciso nascer e renascer (como disse a Nicodemos), para entrar no reino do Pai, reino que tem muitas moradas.

Reencarnação! Salvadora ideia na verdade, dirão, mas infelizmente não pode ser provada, estando em oposição aberta aos fatos. Onde está a memória dessas vidas sucessivas? Onde está o livre arbítrio, necessário para que o nosso progresso indefinido, se é que ele existe, possa ser atribuído ao nosso próprio trabalho? Teríamos que acreditar novamente pelo simples fato de uma revelação de Jesus? O espiritismo também tentaria nos impor a fé?...

Decerto que não, o Espiritismo não impõe a fé; mas possui conhecimentos que podem dar a convicção de que a reencarnação é um fato, que explica a continuação do eu, mesmo no aparente esquecimento do passado e que demonstra que temos, sim, o livre arbítrio, embora no grau que corresponde ao nosso progresso espiritual.

Essa convicção não pode ser obtida em forma completa apenas pela leitura; ela requer uma observação ou estudo paciente das comunicações e imagens do além-túmulo. Enquanto isso, como se verá a seguir, por simples dedução lógica dos conhecimentos que o leitor já possui, é possível chegar à prova racional, ou, pelo menos, à convicção de que o Espiritismo, nisto como em tudo, não nos ensina nada de absurdo ou contrário à razão mais exigente.

\*\*\*

Sem dar um princípio progressivo ao espírito, não seriam explicadas as diferenças chocantes que notamos sem esforço na

humanidade.

Sem a reencarnação, a justiça de Deus não seria explicada. Sem a continuação do eu e do livre arbítrio, não se explicariam o gênio ou as inteligências prematuras, que parecem lembrar ou trazer já feito em sua mente este ou aquele ramo do conhecimento, como Mozart, que aos nove anos regia uma orquestra, Miguel Ângelo, que aos doze já era artista, Goethe que nessa idade escrevia em várias línguas e Pascal que aos treze era um grande pensador.

Daí, sem dúvida, que alguns homens notáveis por seu gênio e seu saber, tenham pensado na reencarnação, não sob o aspecto grotesco da metempsicose, mas na diversidade de existências feitas pela alma, sempre no homem, já neste mesmo mundo, já em outros.

Leibnitz, aquele grande gênio, já pressentia as reencarnações: “Pode ser, disse ele, que haja em algum lugar um certo número de animais semelhantes ao homem, que sejam mais perfeitos do que nós”. Carlos Bonnet, inspirando-se em Leibnitz, estabelece mais claramente a ideia de que o espírito do homem possa, em seu progresso, habitar mundos mais perfeitos. Jean Reynaud também pensa na possibilidade de que o homem transformado passe “de vida em vida, de mundo em mundo, desaparecendo de um para reaparecer no outro, sempre levado pelas virtudes atrativas”.

Os filósofos acima mencionados apenas pressentiam a verdade; eles não tinham a menor evidência para apoiar suas ideias; e no entanto eles as defendiam sem temor. Atualmente, tendo essa prova pela presença dos Espíritos entre nós e suas afirmações, poucos são os que ousam enfrentar o ridículo para defender suas convicções. Vai-se ainda mais longe: F. Boluillier, sendo um moralista de primeira ordem, fala com desprezo e

derrama o ridículo sobre aqueles, dizendo: “não sabemos até que ponto devem ser levadas a sério as visões análogas de Camille Flammarion, Louis Figuier, Andre Pezzani e outros, sobre os mundos habitados, os homens planetários, os seres sobre-humanos e as reencarnações. Quanto a Pierre Leroux, façamos-lhe a justiça de que não participa das ideias de seu correligionário Jean Reynaud sobre as transmigrações de planeta a planeta: ele é, sem dúvida, um defensor das reencarnações, mas apenas neste mundo”...

Se a alma persiste além-túmulo e, como foi provado, conserva a inteligência e o poder da vontade sobre o fluido que forma o corpo astral ou perispírito, a possibilidade de reencarnação é indubitável. Para tanto, bastaria ao espírito substituir-se no feto, em determinado momento de seu desenvolvimento, pelo fluido que por afinidade atrairia o cérebro em formação.<sup>37</sup> Mas, se bem isso é concebido a respeito do espírito já avançado, não pode ser aplicado aos espíritos embrionários do primeiro momento da autonomia relativa da alma. Consultados a esse respeito, os Espíritos dizem-nos que, não só então, como também no presente, há Espíritos que é preciso fazer encarnar nas raças ou povos que por seu atraso lhes correspondem, embora a eles sejam atraídos pela grande lei das afinidades que rege no espiritual com mais força do que no material.

Assim entendida a possibilidade do fato da reencarnação, temos um motivo a alegar para provar que se trata de uma lei

---

<sup>37</sup> Como declaram os próprios Espíritos, a reencarnação deve-se a um ato de decisão que custa tanto ou mais, em certos casos, do que o morrer, porque vem-se a uma nova prova e um dos seres que ela quer é separado no espaço. O modo da reencarnação consiste em ligar-se ao feto por um laço fluídico. Quando este adquiriu uma vida já avançada, o espírito vai ficando turbado, até o momento do nascimento, quando está totalmente ligado à matéria.

ineludível.

Sendo a alma o produto da elaboração secular da Criação, sendo elaborada, direi assim, no cadinho da matéria viva, é claro que nela deve encontrar os meios de perfeição.

Por outro lado, a reencarnação é o corolário das diversas leis que regem a vida, a necessidade de sofrimento para aquilatar a virtude, a necessidade de luta em que cada existência nos coloca, para que do empenho que nela colocamos, possa resultar o progresso por nosso próprio esforço, para que sejamos filhos de nossas próprias obras.

Dão testemunho da reencarnação milhares de espíritos que afirmam lembrar-se delas. A identidade dos espíritos é muito difícil de ser obtida; mas todos aqueles que se comunicam, todos aqueles que alcançaram certo grau de avanço, todos afirmam que a reencarnação é um fato.

Sendo assim, surge o questionamento: que leis regem a reencarnação, com o discernimento necessário para que cada um tenha o que merece ou o que necessita para o seu progresso? A resposta exige que nos lembremos de algo do que foi demonstrado no primeiro livro e de alguns desenvolvimentos prévios.

\*\*\*

A vida do ser vem no germe, e a lei da herança basta para o seu desenvolvimento, sendo sua influência modificada apenas pelas circunstâncias e pelo ambiente em que ocorre, em se tratando de animais cujo espírito embrionário, instintual e inconsciente para o bem e o mal, não é dono de suas ações, nem é responsável. Mas em se tratando do homem, não atua apenas a força da herança, mas também a do espírito já senhor de seus atos,

ou seja, com o grau de livre arbítrio<sup>38</sup> correspondente ao seu avanço. Daí tanta semelhança naqueles e tanta variedade nestes, mesmo dentro da mesma família.

A alma de um animal não vem da reencarnação: é um espírito em germe ou em formação, sob a ação da vida e das necessidades que ela impõe, e é ocasional, inconsciente e irresponsável: ainda não existe como individualidade, e ao morrer a matéria retorna ao fluido de sua origem.

O espírito, a partir do momento em que se individualiza, possui um corpo fluídico (perispírito), por meio do qual entra em contato com o germe no principiar do desenvolvimento cerebral, passando por uma turbacão que cresce à medida que se desenvolve o ser material do qual vai formando parte integrante, substituindo-se assim o fluido livre que toda matéria atua.

Desse modo, o espírito perde a memória de seu passado, mas não a resultante, diremos assim, de suas encarnacões anteriores, e atua, é claro, como uma força que modifica a lei da herança, no sentido de seu avanço intelectual ou moral, sobre o físico em geral e especialmente sobre o cérebro.

Assim, embora este órgão e a constituicão animal tenham uma açã sobre o espírito, este, por sua vez, quanto mais avançado for, mais e melhor influenciara o desenvolvimento das diversas partes do mecanismo cerebral que correspondem às faculdades adquiridas.

Sabemos que o cérebro desenvolve ou modifica suas formas externas até os 40 anos, como comprovaram o Dr. Brocca e outros antropólogos de renome. E se isso acontece de uma maneira visível, é de se supor que as alterações produzidas por dentro serão maiores, vitalizando-se as partes que o espírito põe em

---

<sup>38</sup> Peço ao leitor que aceite, momentaneamente, o livre arbítrio, pois prometo provar acabadamente a sua verdade.

exercício e atrofiando-se e até ossificando-se as que deixa em desuso.

Falta a memória do passado, é verdade, e nisso é que se revela a inteligência divina, que domina no conjunto e nos menores detalhes da Criação: se o homem tivesse essa memória, procederia em consequência, pelo temor ou pelo cálculo, desvirtuando assim um dos objetos essenciais da encarnação, que é provar a consistência dos propósitos do bem e de progresso ou emenda, concebidos na vida livre do espírito, na qual a memória do passado é completamente recuperada. Mas não por falta dessa memória, a continuação do eu deixa de existir, porque o espírito preserva absolutamente o substratum de seu passado, ou seja, o avanço ou elevação adquirida. Não pode transmitir essa memória ao órgão material destinado a constituir o arquivo de tudo o que o homem estuda e opera na sua existência; mas atua livremente por suas ideias e por sua vontade, neste ou naquele sentido; procedendo assim de acordo com a inteligência e a experiência adquiridas. Portanto, o espírito é tanto mais responsável por suas ações na matéria, quanto mais domínio ele tiver sobre esta e mais avançado ele for.<sup>39</sup>

---

<sup>39</sup> O órgão da memória, falei, destinado a constituir o arquivo de tudo o que o homem estuda e opera em sua existência. Tenho em oposição, não o ignoro, a ciência e o espiritualismo. Estranha coincidência! Não estou, infelizmente, como em muitas outras coisas, nem com uma nem com o outro - paciência - direi o que penso.

O órgão da memória, se existe, dizem os espiritualistas, renova-se em pouco tempo, como tudo no organismo; conseqüentemente, os materialistas não podem sustentar que a memória não seja essencialmente espiritual: a matéria muda e a memória subsiste.

A memória resulta, dizem os materialistas, como todas as outras faculdades do homem, da organização cerebral e suas funções: das impressões deixadas pelas palavras e os fatos relatados ou vistos, resulta a memória.

Vamos ver.

\*\*\*

Se o espírito em sua infância desenvolve-se e modifica-se em paralelo com o desenvolvimento e modificação do cérebro e do sistema nervoso, assim sujeito a uma lei sábia como todas as do Criador Supremo; quando em seu progresso adquire um certo grau dado de livre arbítrio, domina a matéria com eficácia, chegando ao extremo de produzir grandezas intelectuais e heroísmos com um cérebro às vezes deficiente e em um organismo pobre; o gênio musical tira acentos e melodias de um instrumento medíocre que o músico vulgar não consegue alcançar em um instrumento de primeira linha.

“O gênio, diz Flammarion<sup>40</sup> não é apenas uma resultante das

---

Para os espiritualistas terem razão, a mudança de materiais teria que ser completa no organismo brutal, por assim dizer. Mas não existe tal coisa: a renovação lenta e as células vivas sempre conservam sua virtualidade; desassimilam e assimilam, mas não perdem seu eu vegetativo, sua função especial em companhia de milhares de outras células em cada órgão da estrutura humana.

Os materialistas, para que dizê-lo? Em geral o são porque sim – visto que tampouco abrem a exceção que acabo de fazer quanto à virtualidade dos órgãos, mantendo a integridade de suas funções não só orgânicas e vitais, mas também intelectuais, que podem ser chamadas assim por ter sido o centro do desenvolvimento gradual da alma e depois os instrumentos que servem ao espírito para conhecer ou perceber o mundo externo e para se manifestar.

Como foi visto ao estudar os fenômenos magnéticos, duas memórias sempre se manifestam: a do espírito e a humana. A alma não pode transmitir ao órgão os atos de seu passado, porque é assim que o organismo é expressamente constituído; só pode atuar, quanto ao seu passado, pelas ideias que chamamos de inatas e pela facilidade de compreender, ver, julgar e aprender, valendo-se do acúmulo de fatos, atos etc., que vão ficando registrados no órgão da memória, através do estudo, a observação e a experiência de cada existência.

Por outro lado, a memória espiritual a que me refiro é aquela que pode resultar de seus afastamentos noturnos, pois na turbação que é efeito do ato de reencarnar, a memória do passado é perdida.

<sup>40</sup> *Dieu dans la nature*, Tome III, pág. 280.



condições materiais e menos uma doença nervosa, mas, ao contrário, permanece firme como uma força superior às suas próprias condições, que frequentemente subjugou, conquistou e governou. Longe de consentir em considerar o homem um ser inerte cujas obras nada mais seriam do que o efeito de instintos, hábitos, necessidades, desejos, predisposições orgânicas, proclamamos com a irrepreensível autoridade do fato, que a inteligência governa a matéria, e que o mérito do homem consiste precisamente nessa elevação, nessa soberania de sua inteligência sobre seu corpo.

Um grande número daqueles que mais se destacaram na ciência viu a primeira luz em posições sociais em que a excelência científica nunca poderia ser esperada. Em vez das combinações químicas de fósforo e hidrogênio, em vez dos efeitos da eletricidade nervosa, apresentamos à veneração universal os grandes caracteres que, das profundezas mais sombrias da sociedade, ascenderam à conquista da ciência.

Percorrendo então as páginas do livro de Samuel Smiles (Autoajuda), lembra os nomes dos grandes homens que se destacaram em todos os ramos do conhecimento humano, e descobre que tudo deveram a uma vontade determinada, apesar da absoluta falta de dinheiro, da posição humilde na juventude e, em alguns, como em Bufon, apesar da péssima saúde e fraqueza física. Por quais quantidades, pergunta Flammarion, o azoe ou o fósforo entraram na secreção da vontade desses ilustres sábios, e de que forma o carbono foi conduzido para levá-los ao pináculo da inteligência? Apesar das circunstâncias desfavoráveis contra as quais tiveram que lutar desde os primeiros passos na vida, esses homens eminentes, pelo mero exercício de suas faculdades intelectuais, criaram para si uma reputação tão duradoura quanto

sólida, superior a todas as riquezas do mundo.

A vontade, como já disse, é um atributo essencial do espírito. A saúde, a boa configuração do crânio, dão ao espírito as facilidades das quais carece quando, pelo contrário, faltam esses preciosos elementos materiais, tornando deficiente o mecanismo pelo qual o espírito é obrigado a perceber e expressar as suas ideias e sentimentos; além disso, se o espírito encarnado é indolente e não busca avidamente o seu progresso, em vão possuirá esses dons: ele os deixará perder-se na inação, enquanto que, se for um espírito que já atingiu um poderoso desenvolvimento intelectual, no primeiro caso, será um Cuvier, um Napoleão, no segundo uma Mme. Stael, um Bufon, um Godin.

O poder da vontade e do pensamento sobre os órgãos cerebrais é grande: e também o é, em certos casos, sobre as funções orgânicas. Flammarion cita o escritor Walter, que conseguiu, por meio de uma vontade persistente e sem seguir nenhum medicamento, recuperar a saúde perdida. Eu mesmo conheci um jovem que, tuberculoso, depois de ter vomitado muito sangue, com pernas e pés inchados, ouve, da sua cama, a sentença pela qual os médicos o condenavam a uma próxima morte: imediatamente toma uma resolução tenaz – viver – apesar dos médicos e de tudo: pede-lhes que comprem qualquer tipo de calçado em que possa enfiar seus pés inchados, consegue-o pela força do seu caráter, veste-se e sai e luta, e já se passou um ano desde isto, tendo melhorado sua saúde, ou pelo menos, afastado o momento de seu fim.

Se isto é assim, a matéria também exerce sua influência passiva, mas terrível. Com o organismo cerebral decomposto, o sistema nervoso desequilibrado, ou pelo menos os fluidos que circulam por ele, toda vontade se torna impotente.

\*\*\*

Flammarion descreve os esforços desesperados de Palissy para fundir esmalte e transformar seus potes de argila em porcelana. Palissy, depois de terminar com todos os seus recursos, faltando lenha em seu último experimento, aquele em que alcançou seu objetivo, lançou ao fogo seus móveis e até mesmo o assoalho do quarto onde vivia com sua empobrecida família. Por fim, depois de anos de trabalho incessante, durante os quais teve que aprender tudo por si mesmo, colheu os frutos do seu esforço e sacrifício.

Diante deste exemplo eloquente de coragem e perseverança, diz Flammarion, e não de coragem excitada pela ardorosidade do sistema nervoso e pela raiva, pelo receio de um perigo, pelo cheiro de pólvora ou pela música militar; pois nesses casos espontâneos, nossos adversários, os materialistas, poderiam invocar a sensação, senão de uma energia que soube sustentar-se por dezesseis anos consecutivos sem desmaiar diante de contratempos, de uma vontade que se sobrepôs a todos os obstáculos, e dominou a matéria, como tinha dominado o próprio corpo de Palissy e todas as suas doenças cardíacas; diante desses exemplos, dizemos, diante de tantas glórias da família pensadora, diante de tantas luminárias que se consumiram para guiar as gerações, diante de tão elevados testemunhos da consciência humana, quem ousaria acusar a vontade de ser pura ilusão e a força moral de ser escrava? Com que direito poderiam ser negados a energia independente e o caráter dominador de tais almas bem temperadas?

A morte de Giordano Bruno, na fogueira por não se submeter à retratação exigida pela Inquisição; a de Campanella, que por sete vezes sofreu torturas, sete vezes derramou sangue e sucumbiu em

seu corpo à força da dor, e sete vezes tornou a repetir suas sátiras amargas contra os inquisidores, serve, com outros exemplos, a Flammarion, para demonstrar o poder da vontade, a elevação espiritual sobre a matéria.

O mundo pertence à energia, disse Alexis de Tocqueville, nunca se apresenta na vida um tempo de completo repouso, os esforços fora de si mesmo são tão necessários e ainda mais na velhice do que na juventude. Comparo o homem deste mundo com um viajante que caminha incessantemente em direção a uma região cada vez mais fria e que se vê forçado a se agitar mais e mais, à medida que vai entrando nela. A grande doença da alma é o frio. Para combater este terrível mal, é aconselhável não só manter vivo o movimento do espírito através do trabalho, mas também aumentá-lo no contato com os semelhantes e com os negócios do mundo.

Essas palavras são confirmadas de modo convincente pelo exemplo pessoal de seu autor. Em meio a seus grandes trabalhos, ele perdeu a visão, depois a saúde, mas nunca o amor ao estudo e à verdade. Quando se viu reduzido a tal extremo de fraqueza, que era necessário que uma enfermeira o carregasse de um quarto para outro como uma criança delicada, não por isso diminuiu sua indomável energia, cego e impotente como ele estava; para término e arremate de sua trajetória literária deixou escritas essas palavras marcantes, dignas de figurar em contraste com a hipótese materialista.

Se, como me compraz acreditar, o interesse da ciência está entre os grandes interesses nacionais, dei ao meu país o que o soldado mutilado no campo de batalha dá. Seja qual for o destino do meu trabalho, este exemplo, eu assim espero, não será perdido. Gostaria que servisse pelo menos para combater o tipo de fraqueza moral que constitui a doença da nova geração; que

pudesse atrair para o caminho reto da vida alguma daquelas almas debilitadas que se queixam de não ter fé, que não sabem onde encontrá-la e que vão procurando por toda a parte, sem o encontrar em nenhuma, um objeto de culto e de afeição.

Não há como se duvidar, então, de que o espírito atua sobre a matéria e que, quando atinge um alto grau de progresso, tem uma ação poderosa sobre ela.

A infância resulta da turbacão em que o espírito cai ao encarnar e da deficiência dos órgãos. À medida que estes se desenvolvem, o espírito vai recuperando sua autonomia ou integração intelectual e moral que lhe corresponde; mas já na infância se manifestam por atos que não passam despercebidos aos observadores, quais podem ser as aptidões, gostos, paixões e defeitos a que o homem estará sujeito, salvo no caso de contratemplos que distorçam o que ao parecer era seu destino.

Na velhice, o homem, com seus órgãos cansados, oxigena pouco o sangue, pois a respiração que corresponde às contrações do pulmão e do coração é mais lenta, resultando na diminuição do sangue arterial, a conseqüente palidez, o frio e o entorpecimento geral do mecanismo, diminuição do apetite, da digestão e, em conseqüência, da assimilação. Nesse estado, as funções cerebrais são dificultadas pela falta de fluido vital no organismo; daí que a memória cerebral fique enfraquecida, que a ideologia não encontre facilidades, não seja concebida com lucidez. Continuando esse declínio, pode chegar a caduquice, da qual às vezes nem os melhores talentos, como Newton e outros, ficam a salvo.

Este é um dos fatos sobre os quais os materialistas apoiam suas ideias; mas podemos dar uma explicação satisfatória.

Como é que o espírito poderia agir, dirigir o seu organismo, fazê-lo mover-se com a mesma facilidade de quando todos os

órgãos, mais vitalizados, sentiam com rapidez a ação nervosa, por sua vez, mais obediente às vibrações perispirituais originadas pela volição do espírito? Pretendê-lo seria o mesmo que exigir de um artista tocar com a mesma execução e arrancar as mesmas harmonias de um piano novinho em folha ou de um outro desconjuntado e de cordas enferrujadas. Se o decaimento físico continua, se alguns órgãos se atrofiam, se outros são vitalizados em intervalos, se as sensações são pervertidas, o espírito é afetado e cai em uma perturbação que só desaparecerá quando deixar o envoltório corporal; e ainda assim, como nos mostram as pinturas do além-túmulo, gradualmente e depois de um certo tempo. É inecessário dizer que isso, como tudo o que acontece ao espírito, tem sua causa em si mesmo, em seu passado ou em seu próprio presente.

Note-se que não faço argumentos para provar a dualidade humana, pois sei que essa dualidade já está comprovada pelo fenomenismo espírita, e que todo aquele que o desejar pode convencer-se disso pela observação. O que faço é simplesmente tentar explicar os fenômenos da vida do homem a partir de uma base certa e comprovada: a existência e a sobrevivência da alma.

Assim, quando uma doença ataca momentaneamente o cérebro, o espírito não pode se manifestar: e se for febre, às vezes sobrevém o delírio, que nada mais é do que a exaltação anormal dos órgãos da visão, da imaginação, da audição e da memória: exaltação do sangue atacando preferencialmente o cérebro, e disso resulta a necessidade do funcionamento anormal de seus órgãos para consumir os elementos que o sangue ali conduz, e sem o qual a morte seria rápida. O espírito está iludido, não tem consciência do seu estado, há um esquecimento imediato e vive na alucinação: então acontecem essas conversas sem fim e sem ilação, esses monólogos intermináveis, no meio dos quais um

observador atento encontrará um misto de memórias do presente e do passado do espírito.

A loucura, se é produzida por idênticas causas, produz os mesmos efeitos: se o órgão correspondente a uma paixão é o que está excitado e a comunicação dos órgãos cerebrais entre si é interrompida, o espírito não poderá se dar conta do seu estado e cometerá toda espécie de atos desordenados no sentido de sua paixão. Se a imaginação for a mais afetada, a pessoa ficará sujeita a alucinações e verá e falará com personagens que, embora não existam, o espírito vê, como acontece nos sonhos.

À parte esses estados de existência e as exceções constituídas por um passado condenável do espírito, este, em geral, encontra-se numa matéria que corresponde ao seu avanço.

\*\*\*

Mas, apesar de provado que o espírito é imortal e reencarna até atingir o grau X de progresso, não resulta disso, dirão, que ele possua a faculdade própria de escolher o seu caminho, mas ao contrário, aparece sujeito a um fado, a um destino mais ou menos fatal para cada um, pois que em suma o resto depende do meio em que cada vida se desenvolver, do mecanismo humano que lhe corresponder, de mil circunstâncias fortuitas e do grau de educação recebido.

Existe, no entanto, o livre arbítrio, e por mais difícil que seja entendê-lo, ele fica evidenciado para aqueles que investigam ou estudam seriamente o Espiritismo.

Não poderei, em consequência, trazer à mente do leitor a convicção que o aguarda depois de alguns anos de Espiritismo: mas direi duas palavras que facilitarão, creio eu, a conquista desse

ponto doutrinário, de cujo conhecimento depende o juízo correto que deve ser feito, de Deus e de sua justiça.

De fato, sem livre arbítrio não haveria castigo ou prêmio merecido. A teoria da graça com a qual o clero católico tenta explicar as desigualdades humanas, se fosse verdadeira, daria a garantia de que Deus, como os deuses mitológicos, seria suscetível de possuir todas as veleidades humanas, raiva, mau humor, e, em raros momentos, a suma bondade, criando almas e dando-lhes todas as vantagens possíveis neste vale de lágrimas.

Pelo que foi dito no parágrafo sobre a reencarnação, é facilmente concebível que se o espírito, na turbação que resulta do ato da encarnação, atua como uma força inconsciente sobre o maior ou menor desenvolvimento de tais ou quais órgãos cerebrais, à medida que recupera suas faculdades ou que se reconhece, vai adquirindo maior domínio sobre os instintos ou paixões naturais e, em consequência, vai modelando rapidamente seu instrumento no sentido que corresponda à sua peculiaridade intelectual ou moral. A continuação do EU resulta desse fato. Mas como o estado atual de cada ser espiritual foi conquistado? – o leitor perguntará novamente.

Vamos ver.

Uma vez alcançado o equilíbrio, isto é, o espírito colocado em sua nova matéria, exatamente como estava em sua encarnação anterior, com as mesmas habilidades, faculdades e paixões, poderá progredir no bem e na inteligência ou estacionar; mas isso dependerá em grande parte das circunstâncias apontadas no início deste parágrafo, e que parecem ser fatais.

Não existe tal fatalidade no entanto, no sentido que geralmente se dá à palavra, como algo que acontece contra nossa vontade, irremediavelmente, sem razão justiceira ou merecimento de nossa parte; ela existe, de fato, mas como algo que deve



acontecer em seu conjunto, na vida humana, não nos detalhes que podem ser modificados pelo comportamento do espírito encarnado, ou seja, pela vontade, como qualquer um poderá entender.

Mas, o que é a vontade? Já o disse: é o atributo essencial e livre do espírito; é uma força pela qual o espírito pode pôr em movimento o organismo cansado, contrariar o seu sono, dominar os instintos, as paixões egoístas, a sensualidade ou então entregar-se a elas, com tanto maior grau de poder quanto mais avançado estiver, aperfeiçoando-se assim sempre ou persistindo no mal.

Aqui já encontrei um elemento do problema a ser resolvido: o espírito tem ou não tem livre arbítrio.

Se a parte fatal de sua existência foi escolhida por ele ao encarnar, consciente e livremente, já teríamos a solução que buscamos. Pois bem; isso é precisamente o que acontece. Os relatos que os próprios Espíritos nos contam e o estudo que os espíritas podem fazer no que chamamos de pinturas de além-túmulo não deixam a menor dúvida a respeito.

Já disse que o espírito tem por juiz a sua própria consciência; pois bem, quando chega o momento do arrependimento, a lei divina permite a ele dar-se conta do estado de seu progresso e do que pode ser conveniente para seguir o roteiro que leva à felicidade, que não é deste mundo, e cujas encarnações, por mais longas que pareçam, não são contadas para a vida eterna do espírito.

É então que ele escolhe a prova e, conseqüentemente, o meio em que ela deve ser realizada. Ai daquele que a escolher muito difícil para as suas próprias forças, porque vai sucumbir ou lhe faltará a resignação e a perseverança; Ai dos teimosos, ignoram os conselhos da própria consciência ou dos espíritos mais avançados

e partem em busca dos prazeres da vida, desconhecendo o verdadeiro caminho da felicidade.

Ao dizer isso, refiro-me aos espíritos que pela inteligência e livre arbítrio conquistados, podem escolher sua prova ou encarnação; os outros reencarnam obedecendo à lei da afinidade, ou seja, sendo atraídos, como que por uma força, para pessoas que ainda estão atrasadas como eles.

Na sociedade, os semelhantes juntam-se ou procuram-se; bem, a mesma coisa acontece no espírito. A relação dos espíritos entre si e com os homens responde com mais razão a essa lei, porque desaparecendo as conveniências e exigências mundanas, apenas permanece o atrativo que resulta do mesmo grau de progresso, propósito, crenças, sentimentos, elevação ou inferioridade. Consequentemente, os espíritos que cercam ou seguem uma pessoa estão quase sempre em harmonia espiritual com ela; os atrasados seguirão com agrado, atraídos pela força da afinidade, os seres depravados; os morais ajudarão com prazer aqueles que se esforçam para progredir moralmente, praticando a caridade e aspirando à realização das nobres paixões; aqueles que são possuídos pela orgulhosa ideia de que tudo é devido à inteligência do homem e que, pelo menos aqui embaixo, nada tem a ver a ação divina, irão frequentar a companhia de homens que estão na mesma ordem de ideias.

Compreendendo bem isso, concebe-se que o espírito deve encarnar no ambiente que corresponde ao seu avanço, entre os seres que lhe são afins, até que, atingindo o grau de progresso a que me referi, possa escolher a prova prescindindo dessa lei e em virtude do livre arbítrio assim adquirido.

Citarei alguns casos, efetivos ou possíveis, que darão mais clareza a este assunto do que tudo o que se pudesse acrescentar a respeito.

Um poderoso, um déspota criminoso, ao separar-se da matéria, cai nas trevas, como convém à sua maldade, e assim permanece por anos. Do seu estado de então apenas o prisioneiro trancado em um calabouço escuro pode nos dar uma ideia, a sós com seu passado e com a memória de seu crime que nenhuma distração perturba. Seu espírito, de tanto pensar no crime, o representará em sua imaginação com todos seus detalhes atrozes, e essa visão constante o atormentará e o fará cair em arrependimento.

O espírito nas trevas fugirá em vão da memória ominosa de seu passado, e há de ouvir, de vez em quando, a voz de seu contristado anjo guardião.<sup>41</sup>

Quando a reação ocorrer, as trevas que o envolviam gradualmente irão desaparecendo, acontecerá nele a aplicação da lei misteriosa que faz retornar à luz espiritual todos aqueles que reconhecem Deus e buscam ansiosamente o caminho do progresso.

Mas quando volta à luz, o espírito vê com mais clareza seu horroroso passado, entende quão difíceis são as provas que o aguardam para se purificar e satisfazer sua consciência. Alguns recuam desanimados, ainda desconhecedores da justiça de Deus e tornam a cair na escuridão praguejando. Outros, ao contrário, pedem com coragem, porque têm um arrependimento mais sincero, pedem, digo, encarnações onde possam apressar seus sofrimentos e sentir a humilhação.

Uma vez, diante de nós, um espírito elevado disse: Quantas vezes o homem contempla com tristeza e sem poder se dar conta da justiça divina, criaturas que desde o nascimento trazem em suas formas deficientes ou distorcidas o selo da fatalidade, e cuja

---

<sup>41</sup> Ver no Apêndice.

sorte é efetivamente sempre contrária, até descerem à mendicância, cheios de males que os consomem sem aniquilá-los, como para prolongar o suplício!

Bem, esses geralmente são os poderosos do passado, que estão por vontade própria em sofrimento.

Se, então, não parece possível que todos os eventos da vida sejam previstos em uma encarnação, pelo menos parece que ela engloba o conjunto, ou é previsto, pelo ponto de partida, o que escolhemos ou escolhem para nós, de acordo com o grau de força espiritual que desdobramos, um grau que deve ser proporcional à dificuldade da provação.

No idiota, por exemplo, pode haver (é o mais geral)<sup>42</sup> um espírito de grande desenvolvimento intelectual, que em muitas encarnações teria abusado de suas faculdades fazendo-as servir ao mal; e que, não podendo operar a reação no sentido moral, pede uma encarnação apropriada que o faça deter sua caída na ladeira fatal. Nesse caso, o espírito sofre uma modificação que o prepara para o progresso da moral e do bem: mais uma encarnação, e tudo estará resolvido.

Não faltarão pessoas que lembrem que os idiotas e os surdos-mudos, em geral, são produtos da consanguinidade.

Esta é a verdade, sem que ninguém possa negar as numerosas exceções; mas isso, por si só, facilita ou torna aquela provação possível. A mesma resposta pode ser dada àqueles que lembram o grande número de doenças hereditárias.

Quanto à possibilidade de escolher as provas em termos de merecimentos, lembrarei que quem as escolhe o faz sempre visando a satisfação da sua consciência, reconhecendo-se como causante, pela devassidão das suas paixões e dos seus vícios do

---

<sup>42</sup> Se o mecanismo cerebral é deficiente, o idiotismo é ineludível.

passado, do primeiro germe dessas doenças nas famílias, segundo afirmam alguns Espíritos em suas comunicações.

\*\*\*

Se a imortalidade é um fato; se existe, dirão, a continuação do EU sem perda do acúmulo de progresso intelectual e moral conquistado; se o espírito tiver, nas encarnações sucessivas, o tempo para realizar, mais ou menos depressa e de acordo com seus atos voluntários, uma dada soma de perfeição, o que será dele quando a atingir? Existe um paraíso onde a felicidade merecida é encontrada e um inferno para os incorrigíveis? Não, dizemos em nome dos conhecimentos espíritas, em se tratando de limitar essas paragens; sim, no sentido de que em todo lugar e em todos os momentos de seu progresso o espírito tem o que mereceu.

Entraremos em algumas explicações a respeito.

Segundo os avançados conhecimentos adquiridos pela astronomia e pela razão avançada do século, podemos dizer que este mundo é apenas um grão de areia no universo sideral, e que mesmo no sistema de nosso sol, ele não pode ser comparado aos grandes planetas e sua perfeição relativa; daí resulta que este mundo insignificante não há de ser o único favorecido com a animação e a vida.

E o que a história evolutiva de nosso mundo nos ensina? Até onde alcança a ciência e a observação, temos que à medida que o planeta foi se aperfeiçoando, as espécies foram se aperfeiçoando por transformação, de acordo com a teoria darwiniana, ou foram aparecendo seres mais perfeitos até chegar ao homem, como fica demonstrado pelos dados mais fidedignos da geologia.

Com base nisso, podemos dizer então, que em mundos mais perfeitos do que o nosso, devem existir seres mais perfeitos do que nós; e isso que a razão nos indica é afirmado pelos mais elevados espíritos que se comunicam com a humanidade. Eles afirmam que não só o espírito reencarna aqui até atingir a perfeição que corresponde a este mundo de expiação e prova, como também passa depois a encarnar nos mundos superiores que correspondem ao seu avanço conquistado, através da lei das afinidades que para tudo e para todos rege.

Assim, em todo lugar a justiça é aplicada, em todo lugar o espírito tem o que merece ou o que necessita para seu progresso. O céu e o inferno estão em todo lugar para o espírito, até que o progresso o leve a uma dada perfeição, que torna a reencarnação desnecessária. A seguir entra na categoria de espírito puro e, como afirmam as mais belas comunicações de origem espiritual, o espírito sente, nesse estado, a ação direta de Deus e coopera para a realização das leis divinas em tudo o que se relaciona com os destinos das diversas humanidades.

\*\*\*

Em resumo, a reencarnação é uma verdade que o espírita estudioso não pode deixar de aceitar, pela uniformidade da revelação dos espíritos que a recordam. Por outro lado, a razão e a ideia, que da equidade e da justiça nos foi concedida pelo Criador, não poderiam ser satisfeitas se a reencarnação não existisse; com ela completa-se o quadro de solidariedade e harmonia universais.

A memória do passado é perdida ao encarnar, cumprindo assim alguma lei cujo modo de agir é desconhecido para nós, mas o fato existe e nos revela mais uma vez a grandeza sublime das leis divinas. Em espírito, essa memória é recuperada. Em vista do

passado, o espírito pode então entrar no caminho reto novamente e não reencarna até ter feito o propósito de emenda. Por isso, cada existência é considerada pelos Espíritos como uma prova, pois perdida a memória, só temos o resultado do progresso alcançado na matéria e o propósito reparador do espírito, cuja consistência é testada cada vez que aparecemos sobre a Terra.

Enquanto o espírito está encarnado, constituindo, por ora, uma união quase perfeita com a matéria, uma vez passada a época embrionária do espírito, e fora dos casos em que é submetido a uma prova especial e pedida, os órgãos cerebrais estão em um desenvolvimento que se harmoniza com as faculdades e grau de avanço já adquirido. Uma exceção deve ser feita, entretanto, para o órgão especial da memória. O espírito pode ser muito avançado em inteligência e moral e ter pouca memória e vice-versa. É que o espírito não pode transmitir a esse órgão as suas próprias lembranças, como se viu no estado lúcido do sonambulismo natural ou provocado, quando a alma se manifesta com certa independência da matéria; o que o espírito pode transmitir à matéria como fruto do seu avanço, são as ideias inatas, ideias que nascem como que espontaneamente no nosso cérebro, e a facilidade de aprender, de tirar partido dos estudos que vão de acordo com os que já foram adquiridos em outras encarnações, em uma palavra, o que o espírito traz consigo e demonstra na matéria, desde os primeiros passos na vida, são os graus de inteligência e moral que conquistou.

O livre arbítrio resulta desse grau de inteligência e moral reunidas, mas com especialidade da elevação moral. Em outras palavras, o desenvolvimento do livre arbítrio depende do avanço intelectual e moral; e como a consciência é, por sua vez, o substratum ou síntese desse avanço, é claro que sua

suscetibilidade será proporcional ao grau do livre arbítrio e vice-versa. Quanto mais atrasado o espírito, mais sujeito ele está aos instintos e paixões bestiais, menos livre arbítrio e menos consciência possui, como acontece no estado selvagem; mas na luta pela existência, o espírito vai conquistando em seu progresso um maior domínio sobre estes impulsos materiais, até se tornarem nobres anseios e paixões. Tendo assim vencido as tendências da matéria grosseira, o espírito ainda pode conscientemente cometer erros: aqui está sua liberdade, mas também sua maior responsabilidade. As faltas cometidas sob essas condições afetarão mais cedo ou mais tarde as suscetibilidades da consciência.

Deve-se entender que estas não são palavras mais ou menos inspiradas, o espírita tem ocasião de sabê-lo pelas imagens do além-túmulo, em sociedades sérias como a de Constância.

Pelo que foi dito, compreender-se-á em que sentido tomamos a palavra livre arbítrio. Não é a possibilidade de fazermos com o que nos cerca e com nós mesmos o que melhor nos parecer, não é a licença, não; é a liberdade com que o espírito procede em relação ao seu organismo, mas sempre sujeito às leis de ordem puramente espiritual, que, se não atuam de forma fatal ou absoluta como as que regem os movimentos da matéria, atuam como tendências que conduzem o espírito finalmente às regiões da luz e da felicidade divinas.

O homem, em seu livre arbítrio relativo, pode agir bem ou mal; mas ele será julgado mais ou menos duramente por sua própria consciência, de acordo com o grau de liberdade com que procedeu.



### III

## *Solidariedade humana - Influência recíproca entre o mundo corpóreo e o espiritual*

Em *O Livro dos Médiuns* encontramos um capítulo que trata da predileção que alguns Espíritos manifestam por este ou aquele lugar ou coisa, no qual sua ação permanece por anos, como muitas vezes tem sido comprovado pela investigação espírita.

Allan Kardec transcreve suas perguntas sobre isso a um de seus guias espirituais, e as respostas dadas por ele.

Direi o que, em suma, emerge do ensinamento dado dessa maneira pelo espírito.

Não há como duvidar de que esse fato sempre acontece em decorrência do atraso dos espíritos, seja voluntária ou involuntariamente; no primeiro caso para exercer uma vingança ou por simples prazer; no segundo, por ter cometido algum crime ali, sofrendo em consequência o horror da presença constante do fato, até que o arrependimento penetra profundamente na alma e se busca o perdão divino.

O maior número de espíritos é encontrado entre os homens, onde podem continuar suas preferências e satisfazer seus desejos

de avanço intelectual, ou se entregar aos vícios e paixões que ainda conservam.

A ideia de que na solidão sombria das florestas e nas antigas ruínas dos castelos feudais é onde de preferência são encontrados os espíritos, surge da preocupação por causa das lendas fantásticas a que se prestam essas paragens e do terror que se apodera daqueles que as visitam, cuja imaginação fica exaltada, logo acreditando ver um espectro luminoso de um espírito, ou sombras em torno que se deslizam gemendo, quando o que realmente geme é o vento passando pelas folhagens ou pelas fendas das pedras amontoadas.

De acordo com o que foi dito pelo elevado guia de Allan Kardec, repetirei, então, que os espíritos que tais lugares frequentam são misantropos e constituem a exceção, enquanto a generalidade pulula pelas cidades misturada em todos os trabalhos, ações e distrações humanas.

O mundo espiritual desencarnado, portanto, toma assim muito mais parte do que se poderia acreditar nos acontecimentos, descobertas, lutas e paixões humanas. É o que nos ensina o estudo cuidadoso em alguns anos de Espiritismo. Os Espíritos vão aonde as afinidades fluidas os atraem, isto é, os semelhantes se procuram; cada um deles, como os homens, tenta se cercar daqueles que estão no mesmo grau de adiantamento.

Alguns aproximam-se dos estudiosos e estudam com eles também, na maioria das vezes formando uma dualidade em que o esforço é mútuo e em que um espírito inspira o outro. Sem saber do Espiritismo, poetas e oradores buscam inspiração, e às vezes sentem-na diretamente e sem suspeitar da verdadeira causa: atribuem-na às fontes mentais de sua própria inteligência. Outros vingativos, guardando memória de que foram vítimas do encarnado, atrapalham seus trabalhos, impedem seu progresso ou

inspiram-lhe o mal. Muitos deles atraídos por vícios e paixões degradantes, frequentam os antros da prostituição. Outros incentivam seus ambiciosos protegidos que se propõem a escalar posições políticas sem reparar em meios, sacrificando o bem geral da pátria, que é o único motivo nobre das aspirações, em favor de uma satisfação efêmera e raquítica, em uma autoridade execrada pelo povo. Devemos considerar os espíritos verdadeiramente elevados, como a palavra indica, nas regiões superiores da inteligência, da moralidade e da luz divina, manejando os fios condutores de tão emaranhada meada, vendo claramente o caminho e coadjuvando no cumprimento da ineludível lei do progresso, que se executa apesar de muitos e a favor de todos.

A solidariedade humana é uma verdade! As lutas que o homem tem sobre a Terra são a continuação de seu passado e o reflexo daquelas que acontecem no espaço entre os espíritos.

Se os espíritos atuam sobre os encarnados, estes, em seu conjunto, influenciam o mundo espiritual. A humanidade emana fluidos constantemente. Esses fluidos, segundo a expressão de um espírito avançado, para eles que podem apreciá-los, vão sendo purificados gradativamente à medida que o homem avança em seu progresso, se civiliza e se moraliza. Esse conjunto, essa mistura, ocorre a certa distância da superfície da Terra; próximo a ela, as emanações ainda são diversas: existem boas e más, como temos ares e gases nocivos e benéficos, enquanto nas camadas superiores da atmosfera, não é conhecida diversidade, porque é a resultante de todos esses fatores resumidos.

Esses fluidos sobem da Terra até os confins da atmosfera, causam tempestades e promovem entre os espíritos da erraticidade, guerras, ódios, cujo germe trazem e que os espíritos assimilam de acordo com suas tendências. Nada se compara à

violência dos fluidos emitidos por seres vingativos ou rancorosos. A discórdia causada na Terra continua na região dos espíritos; aí ela chega como eco ou repercussão das desordens do mundo moral.

Assim, a solidariedade entre os dois mundos não pode ser posta em dúvida. O espírita estudioso considera-a como fato perfeitamente comprovado, sentindo-a em si mesmo.

Os espíritas são os mais rodeados de espíritos. As sociedades espíritas são atualmente os centros onde ocorre a guerra espiritual com todo o rancor que resulta das crenças arraigadas. Os malvados que chafurdaram no mal, instintivamente temerosos do bem, do arrependimento, do sofrimento e dos heroicos esforços que devem fazer para recuperar tudo o que foi perdido e se colocarem na via luminosa do progresso moral, caem sobre os médiuns, entram em nossos lares e os perturbam, se puderem.<sup>43</sup> Os jesuítas, os fanáticos que pressentem que as boas novas que o Espiritismo traz irão regenerar o Cristianismo e dar em terra com todas as instituições diabólicas do obscurantismo romano, que mergulhou a Espanha no atraso e em toda parte foi remora para o livre arbítrio, o pensamento humano e a verdade religiosa, assaltam-nos por toda parte, vêm às nossas sociedades e suave e silenciosamente apossam-se dos melhores médiuns, deixando então, como é seu costume nas sociedades humanas, a peçonha de sua oculta e interesseira maldade. Mas não importa! Se a luta é necessária, quanto maior ela for, maior será o progresso e a prova da importância da nossa causa, que assim põe em revolução o mundo espiritual. Em meio a toda essa luta, alguns irmãos às vezes percebem bem que a melhor maneira de afastar os maus é atrair os bons por meio do próprio bom comportamento, seguindo

---

<sup>43</sup> Estes são fatos que o Espiritismo prova quando é estudado seriamente e em sociedades bem dirigidas.

decididamente o caminho reto da virtude e do bem.

Dessa forma, esses irmãos afastarão a luta de seus lares e levarão para as sociedades o contingente das boas influências e fluidos benéficos.

Todos nós temos, em vários graus, alguma mediunidade; a mais comum é a de perceber as ideias dos desencarnados, sem nem mesmo suspeitá-lo. Isso não surpreende, se lembrarmos que a possibilidade e o fato da transmissão do pensamento entre encarnados já foram comprovados. Alguns recebem inspiração e até frases como as que Sócrates ouvia do espírito que o ajudava em sua grande missão.

Felizes aqueles que, em seu passado (encarnações anteriores), não despertaram malfadada inimizade e ódio por seus atos puníveis, porque não terão que lutar com as más inspirações e com os obstáculos que os vingativos opõem por meio de sua ação invisível, mas terrível às vezes. Terão ao seu redor apenas os fluidos benéficos dos amigos e, mais de uma vez, as ideias salvadoras. Aqueles que carregam um passado trevoso, são mortificados e até conduzidos a manicômios sob a pressão da obsessão devida à vingança satisfeita, são os que sofrem, mesmo em meio à riqueza e aos prazeres sensuais.

## IV

*Percepções e sensações dos espíritos  
- Quadros de além-túmulo*

Influência recíproca do mundo corporal e do espiritual! Esta exclamação terá escapado da boca de mais de um leitor, em sinal de dúvida, ao percorrer as páginas do capítulo anterior. E essa dúvida assentará principalmente na impossibilidade de compreender o modo de perceber e sentir dos espíritos, sem o qual também não se concebe a sua ação sobre a humanidade.

É preciso, portanto, destruir essa dúvida, que talvez venha a comprometer as ideias que, a favor da verdade, pudesse ter gerado o que até aqui foi dito nesta obra.

Alguns espíritas acham que o perispírito sempre afeta a forma humana com seus órgãos internos. Eles apoiam suas ideias em opiniões do mundo do espaço e nas materializações, nas quais a respiração e os batimentos cardíacos são sentidos. Cita-se o caso da materialização de Katie King pela médium Sra. Cook diante do sábio William Crookes; em uma das sessões, o Dr. Gully pôde verificar isso e tomar o pulso, encontrando algumas diferenças entre o estudo fisiológico de Katie e da Sra. Cook em estado normal.

De minha parte, junto com a maioria dos espíritas e também apoiando-me em opiniões autorizadas de origem espiritual, acho que a forma humana, a externa ao menos, só é possuída por muito

tempo por espíritos atrasados e momentaneamente, muito mais nas primeiras fases da vida espiritual e em cada desencarnação.

Isso tem sua explicação. Obedecendo os fluidos perispirituais ao pensamento, basta que o espírito não se afaste do mundo material, que não possa conceber a vida sem o corpo e que, devido ao seu atraso, veja apenas os homens e aqueles que em seu próprio caso se encontram, para que seu perispírito permaneça na forma que tinha no mundo corpóreo, e isso tanto mais facilmente, já que, como falei no primeiro capítulo desta parte, o espírito ainda muito material carrega consigo, ao desencarnar, parte dos fluidos animalizados.

Mais ainda, quando o espírito progride suficientemente, afasta-se de todos os sentimentos materiais e se espiritualiza verdadeiramente, e o perispírito assume a forma globular, sem que esta seja fixa, pois obedece sempre ao pensamento.

As materializações nas quais se baseiam aqueles que divergem de nossa opinião, podem muito bem ser transfigurações do próprio médium. Esses fenômenos foram testemunhados por Wallace e outros observadores. Aquelas que eu tive o prazer de testemunhar e algumas das quais me permitiram apertar suas mãos, eram certamente formas tangíveis, mas o médium não estava nelas, como poderia ser julgado pela descrição dos fatos que se encontram no capítulo correspondente.

A sensação que experimentei ao contacto da mão foi a de um calor suave especial, que não é idêntico ao de uma pessoa real, e em termos de resistência era como aquela apresentada por uma matéria pastosa. Se, como creio, no caso de Katie King, foi apenas uma transfiguração, as diferenças apontadas pelo Dr. Gully seriam explicadas pelo estado normal e pela ação voluntária do espírito que operava e podia com facilidade produzir na médium uma

alteração da circulação.<sup>44</sup>

Adotando a ideia que estamos combatendo, o perispírito se tornaria um verdadeiro mediador plástico, uma forma que regeria o desenvolvimento material orgânico. Isso nos afastaria da afirmação unânime dos espíritos a respeito dos sexos. Mas o que é pior e o que nos interessa no momento, poderíamos chegar a acreditar que os Espíritos percebem e sentem do mesmo modo que quando se encontram na matéria, isto é, por meio de órgãos especiais.

É claro que temos a opor o seguinte: todos os espíritos concordam que a luz ou o meio que lhes permite a visão não é a nossa própria luz, e ninguém que saiba pensar pode pretender que, se os espíritos tivessem a forma de um ouvido fluídico, perceberiam sons através dele, pois seria admitir que o gás ar em suas vibrações pode fazer vibrar fluidos que permeiam toda a matéria. Além disso, os espíritos afastam-se da atmosfera terrestre assim que alcançam certo progresso, o que os privaria de audição. Dirão que o meio pode ser outro, que pode ser o éter? Isso, mesmo assumindo-o como certo, de forma alguma seria suficiente para nos decidirmos por esse modo de percepção no espaço. Vamos ver.

A primeira coisa que me vem à memória é que espíritos ou guias elevados trazem para as sociedades de estudo espíritos atrasados ou em sofrimento, de modo que por meio de nossa palavra articulada, eles se convençam do erro em que vivem e da

---

<sup>44</sup> Não quero dizer com isso que todas as aparições de Katie tenham sido meras transfigurações, já que às vezes Sr. Crookes era capaz de ver tanto o médium e quanto Katie; Mas, sim, posso supor que a transfiguração seja possível em algumas sessões, pelo fato de a médium permanecer em outra sala e não ter permitido, em determinadas ocasiões, que a presença simultânea de ambos os seres pudesse ser verificada.



necessidade de se emendarem. Talvez digam: por que eles próprios não podem levar até esses espíritos essas luzes e essas convicções? Pela simples razão, respondem os guias, de que os espíritos nesse estado não percebem as ideias espiritualmente por causa do seu próprio atraso. Como não conquistaram a evolução suficiente, nossas ideias mal poderiam repercutir neles. Na posse de um médium falante, os espíritos percebem da mesma forma que nós: ouvem através do aparelho auditivo do médium.

Vamos parar por um momento e analisar o que os guias nos dizem. Que os atrasados ou materializados, não possuem avanço suficiente para permitir-lhes entender a ideia diretamente... Portanto, a forma não é necessária para que os Espíritos avançados se entendam. Transmitem o pensamento à distância entre eles, o que acontece, a meu ver, da mesma forma que entre os encarnados, como nos casos especiais já explicados nas páginas 255, 256 e 270 do primeiro volume, ou seja, sem que tome parte o sentido da audição. Quando estão próximos, acontece o mesmo entre os espíritos, eles sentem o pensamento ou as ideias sem a forma, que não é mais necessária. Quando nós os encarnados, nos dirigimos a eles, eles não nos compreenderiam se recitássemos algo que tivéssemos decorado, enquanto nosso pensamento permanecia fixo em outras ideias. Em vez disso, estas é que chegariam a eles. Assim, as orações que saem apenas da boca não significam nada, nem mesmo são ouvidas pelos amigos do espaço.

Também o encarnado receberia as ideias de um espírito em comunicação com ele, desde que sua inteligência tenha atingido um grau um tanto elevado, que o organismo cerebral funcione com regularidade e os fluidos sejam afins, sem que o caso exija precisamente o que chamamos de mediunidade. Essas ideias que chegam até nós misturadas com nossas próprias ideias inatas, nós

podemos aceitá-las ou rejeitá-las. Se as aceitamos, só nos resta dar-lhes forma, em se tratando de transmiti-las a outros pela palavra falada ou escrita.

Em apoio do que venho sustendo, transcreverei algumas respostas dadas a Allan Kardec pelos Espíritos que ditaram o livro tão propriamente denominado dos Espíritos:

237 "O retorno ao mundo dos espíritos. A alma preserva as percepções que tinha durante a encarnação?

— Sim, e outras que possuía; porque seu corpo era como um véu que as ocultava dele. A inteligência é um atributo do espírito; mas ela se manifesta mais livremente quando não encontra obstáculo.

246 "Os espíritos precisam de claridade para ver? "Eles veem por si próprios e não precisam da claridade exterior." A escuridão não existe para eles, fora o caso de estarem mergulhados nela para expiação.

247 "Os espíritos precisam se deslocar de um lugar para outro para ver o que acontece em dois pontos diferentes? Podem, por exemplo, perceber o que está acontecendo nos dois hemisférios do globo? — Como o espírito se move com a rapidez do pensamento, pode-se dizer que ele vê o que está acontecendo em todos os lugares ao mesmo tempo. Seu pensamento pode irradiar e ser fixado ao mesmo tempo em muitos pontos diferentes; mas essa faculdade depende de sua pureza, de modo que quanto menos puro for, mais limitada é a visão, e somente os espíritos superiores podem abranger o conjunto.

250 "Se as percepções são atributos do espírito, é possível escapar delas? — O espírito vê e ouve apenas o que quer. Isso deve ser entendido em geral e sobretudo em termos de Espíritos elevados; porque os imperfeitos veem e ouvem com frequência, e a despeito deles mesmos, o que pode ser útil para seu

aperfeiçoamento.

251 Os espíritos são sensíveis à música? — Vocês estão se referindo à sua música? O que significa sua música em comparação com a celestial, com aquela harmonia que nada do que há na Terra pode dar ideia? Uma está para a outra como a canção do selvagem está para as suaves melodias. Os espíritos vulgares podem, entretanto, sentir certo prazer em ouvir a música de vocês; porque ainda não é dado a eles entender ou sentir outra mais sublime. A música tem infinitos encantos para os espíritos, em razão de suas qualidades sensitivas estarem mais desenvolvidas; entendendo-se falar sobre as harmonias celestiais, que é o que a imaginação espiritual pode conseguir de mais belo e mais suave.

Sendo assim, há quem ainda se pergunte o que pode ser a tão desejada existência de pureza espiritual; qual sua ocupação: qual sua felicidade. Difícil, na verdade, formar qualquer tipo de noção. No entanto, é necessário termos alguma noção disso, embora apenas pálida ideia.

Em meio ao torvelinho das cidades, nos teatros, nas danças, em todas as diversões mundanas, nosso ser dual encontra uma satisfação que se impõe para manter a saúde e a atividade material. Essas distrações comovem as fibras do coração e do cérebro, ajudando assim a vitalizar os órgãos cujo desenvolvimento facilita nosso progresso espiritual.

Isso não admite dúvidas; mas observem a escala crescente dos gostos, em sua refinação; o camponês rústico não sentirá prazer na ópera e ficará momentaneamente feliz no teatro de marionetes ou na feira barulhenta; quem gosta de ouvir a música de Offenbach mal executada por cantores medíocres, pode não encontrar atrativo na música de Verdi executada com perfeição

nos melhores teatros; e quem, ao ouvir música italiana, ardente, leve e simples, sente o coração bater acelerado, pode não se entusiasmar ao ouvir uma ópera de Wagner e, em geral, música clássica, que exige mais delicadeza de ouvido e mais preparação naquele que escuta. Não vou continuar, todos podem se lembrar da escala de satisfações e gostos na pintura, escultura, literatura, diversões, amizade e amor, tudo dependendo da diferença de elevação adquirida, ou seja, do momento evolutivo em que o espírito está.

Julguem, então, que este refinamento dos gostos não pode ser detido: ele acompanha o progresso do próprio espírito, e como esse progresso é indefinido, considerado o gosto espiritualmente, deve tornar-se de tal delicadeza que nem sequer podemos imaginar.

As satisfações da alma aumentam à medida que nossas ações e sentimentos são enobrecidos, como cada um de nós deve ter experimentado. Quando o espírito já um tanto avançado se sente arrebatado longe da Terra pelos próprios pensamentos, quando em meio àqueles momentos fugazes de perfeita harmonia que a natureza apresenta nos dias ou noites de primavera, o pensamento se sublima, e se sonha acordado, sozinho ou em doce conversa com a companheira de nossa existência, ou com o amigo cujo coração bate em uníssono com o nosso e cujo pensamento segue os gritos que o nosso atinge em seu voo, oh! Que felicidade se experimenta! Que satisfação íntima! Só podemos ter uma ideia de sua intensidade pela mudança que sentimos quando voltamos à realidade nesta vida de provação, em que a luta burila o nosso espírito como o artista ao diamante, para que se torne luminoso e irradie seu esplendor em todas as direções.

Quanto mais alto o espírito se eleva, mais espaço seu olhar abrange, melhor compreende a grandeza divina e percebe as

harmonias da Criação, que, em nossa miopia material, desconhecemos, porque não sentimos seu íntimo enlace ou seus fins. Quanto mais o espírito se eleva, mais poder ele tem sobre os fluidos, bastando-lhe a vontade, para lhes dar forma visível ou fazê-los vibrar em harmonias sublimes.

Como os espíritos nos dizem e nós entendemos, em virtude da lei das afinidades e da elevação relativa que os seres vão conquistando, o mundo espiritual está dividido em zonas onde se encontram aqueles que alcançaram determinado progresso, mas tampouco ali a identidade do pensamento é perfeita. Disto resulta a divisão em grandes famílias espirituais, e sempre – a ação, a atividade e a distração que a colisão simpática dessas diferenças produz, em um mundo fluídico, com forma adequada aos desejos e avanços alcançados.

É assim que entendemos a solidariedade. Sou daqueles que pensam que os espíritos não passam para outros mundos melhores senão em épocas preestabelecidas que dependem de ciclos de evolução planetária e humana. Quando chegar esse momento, grande parte da população espiritual passará para mundos correspondentes ao seu avanço e merecimento, e os retardatários ficarão, para seguir de novo outro período ou ciclo de evolução.

Não esqueçamos que o mundo que habitamos é um mundo de criação de novos espíritos. Que nele a humanidade apenas está saindo da animalidade.

\*\*\*

Se essas ideias podem ser aplicadas aos espíritos elevados, poderíamos saber algo sobre os atrasados e aqueles que estão em

sofrimento? Sem dúvida. Se o Espiritismo nos traz alguma revelação, é com a apresentação dos quadros de além-túmulo, através dos quais, observando com constância, podemos ter uma ideia bem aproximada do que os Espíritos sofrem e fazem nesse grau de sua evolução ou de suas penalidades.

Geralmente são vários os médiuns de incorporação nas sociedades espíritas. Na Constância o número varia entre oito e dez. Esses médiuns recebem ao mesmo tempo diferentes espíritos que são atraídos ao nosso centro pelos guias espirituais e, às vezes, a turbção em que eles se encontram é tal que os fazem tomar possessão sem serem conscientes do fato ou notarem qualquer diferença, pois eles continuam percebendo e sentindo do mesmo modo, sem ver o corpo material em que atuam, mas sim o seu próprio corpo astral.

Esses espíritos formam o quadro de além-túmulo, estão ligados por causa dos atos de seu passado. Alguns perseguem uma ideia de vingança; os outros sentem-se atraídos por uma força superior, ao parecer, porque juntos cometeram as faltas e juntos têm que compurgá-las e progredir; outros perseguidos por visões de seus atos criminosos que a imaginação espiritual lhes apresenta com a maior vivacidade, outros em completa escuridão, como castigo merecido; alguns demonstrando, com os conceitos que expõem, que ainda não reconhecem Deus ou sua justiça e persistem em continuar suas maldades; e tudo nos dando a conhecer que eles estão possuídos das paixões, erros e perversões morais que tiveram no mundo.

Em primeiro lugar, farei presente ao leitor não convencido que os médiuns vêm de diferentes direções da cidade grande, e que, em geral, não concordam muito entre eles, combatidos como são pelos espíritos que se opõem à marcha do Espiritismo; e em consequência, não é possível que os atos ocorridos sejam fruto de

um complô. De resto, o observador logo fica convencido da importância dos quadros e de sua veracidade, tendo em vista o lamentável estado em que os médiuns permanecem por alguns momentos quando são deixados pelos espíritos.

Não existe no mundo comediante capaz de desempenhar papéis tão diferentes do próprio carácter, como aqueles que notamos nesses tão variados quadros.

Os dramas que começam na Terra continuam no espaço, e alguns só encontram solução nas encarnações sucessivas.

Os Espíritos, então, antes de atingirem uma perfeição relativa em termos de moral, sofrem ainda mais do que na Terra, se de fato erraram seu caminho e continuam a persistir no mal, que os afasta do bem, que é a luz e a felicidade. Os simplesmente atrasados ou novatos não sofrem, e os anjos guardiães os fazem encarnar em oportunidade.

## V

*Solução da questão sobre se os animais têm alma - Conversão dos instintos em inteligência*

Ao Espiritismo devemos a certeza da imortalidade, pela prova irrefutável da comunicação mediúnica. Grandioso progresso, de fato; base adquirida para uma filosofia espiritualista positiva que vem dar em parte o triunfo aos grandes filósofos que, com apoio apenas na razão pura, sustentaram a existência de Deus e da alma, por meio de trabalhos que honram a inteligência humana.

Mas se isso é assim, o Espiritismo não vem com os elevados Espíritos que norteiam esse movimento, essa difícil etapa no caminho do progresso, para nos descobrir a origem da alma, que talvez a maioria não conhece, embora possam formular opiniões a respeito; para nos dar a filosofia que a comunicação com o mundo espiritual implica; este avanço, como todos os que foram conquistados e os que ainda serão, é preciso que sejam fruto do próprio esforço, embora auxiliados pela inspiração dos invisíveis, que também buscam atingir o mesmo fim que almejamos.

No primeiro volume procurei a origem da alma tão cientificamente quanto me foi possível. Entrarei agora em outra ordem de ideias, em busca de respaldo para o que já foi dito. Para



tanto, devo voltar a falar dos primeiros princípios, e ainda não será a última vez. Desta forma o problema é magnificado, mas podendo abrangê-lo em seu conjunto, devemos empreender sua resolução, pois só assim, podendo comparar os resultados que cada teoria ou hipótese que avançamos nos dá, com as verdades já conquistadas pela ciência, poderemos ter algo onde verificar sua certeza. Isso é precisamente o que se fez nesta obra, e acredito que já vai sendo reconhecido que a ideia do evolucionismo substancial é a mais correta, pois com ela tudo se explica de maneira satisfatória, sem contradizer os progressos reais adquiridos pelas ciências no estudo das coisas e dos seres.

A questão dos primeiros princípios que o filósofo Herbert Spencer, aquela grande inteligência, abordou e tratou com um talento invejável, sem poder resolvê-la, legando, porém, em suas obras um grandioso testemunho do que o homem pode alcançar sem ter bases certas a partir das quais começar suas deduções mais ou menos corretas; essa questão, dizia, pode ser tratada pelo espírita estudioso com probabilidade de acertar, pois, dado o conhecimento avançado que o Espiritismo proporciona, a existência de uma causa dirigente, de uma alma universal, não pode ser posta em dúvida. A dificuldade subsiste apenas quanto a saber se os fluidos imponderáveis são o segundo elemento que complementa o primeiro, ou se devemos considerar na matéria um terceiro princípio incriado.

No primeiro livro tratei desse ponto e que embora esboçadamente, acredito ter demonstrado que a matéria é apenas uma forma, um estado do fluido universal, que é para mim, e deve ser para todo espírita estudioso, uma verdade fundamental de nossas doutrinas.

Se a matéria existisse por si mesma, suas leis, seu movimento,

sua vida corresponderiam a ela; e como não podemos duvidar de que a alma está no corpo humano e se imortaliza, teríamos que aceitar como possível o acordo entre duas potências, entre dois Deuses – a matéria e a inteligência - para produzir essa mesma alma.

Sendo, pelo contrário, a matéria uma simples transformação do fluido universal, as leis que regem a sua evolução sideral e em detalhe, são o resultado da vontade suprema, que facilmente concebe e a constitui numa dualidade, alma e fluido substancial, sem o qual Deus seria uma abstração.

Assim, então, uma única causa o Espiritismo reconhece - Deus - mas nela distingue a alma ou perfeição suprema e o fluido substancial transformável e base da criação tangível.

Demonstrei também que a força, que nada mais é, em suma, do que o movimento ou a vitalidade, é tanto mais intensa, duradoura e ativa quanto mais fluida é a matéria na qual se manifesta.

Agora: o espírito humano vem do espírito universal ou do fluido universal; se viesse diretamente do primeiro, seria a fagulha de que fala o catolicismo, a fagulha desprendida do Espírito Divino, absoluta sabedoria e perfeição.

– Como, então, a parte poderia ser tão imperfeita em seu início? O que a razão diz, diante de tal criação? Deus criando de si mesmo criaturas apenas perfectíveis, para aplicar a elas penas e glórias imerecidas! Deus se subdividindo eternamente! Absurdo inaceitável.

Alguns espíritas supõem a existência de três princípios no Universo: Deus, a substância ou éter, e a vida ou inteligência; dessa inteligência, que, é claro, não percebem que seria um segundo Deus, sairia a alma humana. Devemos nos ocupar seriamente dessa teoria? Acredito que todo o conteúdo deste

trabalho demonstra o erro de tal suposição. Apenas lembrarei a seus defensores que, se aceitarmos essa ideia, teríamos que nos declarar panteístas: se nossa alma vem de um princípio inteligente por si mesmo, devemos necessariamente retornar a ele, e então não é possível conceber a Criação, nem fica justificado o objeto de tantos sofrimentos que o ser passa, para finalmente voltar ao ponto de partida.

Razoavelmente, então, temos que aceitar que a alma humana reconhece o fluido universal como sua origem, como já demonstrei cientificamente antes, na medida permitida pelo escasso conhecimento humano.

Sendo esta a origem do espírito, este pode aperfeiçoar-se indefinidamente sem nunca atingir a perfeição, que é Deus.

\*\*\*

Já tendo averiguado a origem da alma, e tendo o Espiritismo aceitado o transformismo, para nos darmos conta da elaboração que sofre o fluido inicial até chegar a formar a alma consciente do homem, temos que estudar a involução desse fluido em toda a série animal.

Já dissemos que a vontade é a expressão genuína do espírito, porém, também os animais inferiores ao homem manifestam vontade. Eles agem, é verdade, mais instintivamente do que nós. Sem estudo prévio, constroem suas madrigueiras na hora oportuna para depositar seus ovos e seus filhotes, instintivamente procuram os elementos que lhes convêm e fogem dos perigos; lutam, escondem-se, espreitam, guardam memória e demonstram em muitos atos uma vontade embrionária, mesmo que seja apenas nos movimentos que executam no exercício de suas vidas; então é

preciso conceder-lhes uma alma.

Essa dificuldade invencível para a filosofia da razão pura fez com que poucos filósofos a mencionassem. René Descartes eliminou-a, dizendo que eles não tinham alma, o que é fácil de dizer, mas impossível de provar, pois, como estamos sempre vendo, eles demonstram vontade, inteligência e sentimento, pelo menos nas espécies mais nobres, como o cão, o elefante e o cavalo.

O Espiritismo está estudando essa questão, não quanto a se eles têm alma ou não, o que já está resolvido em sentido afirmativo, mas se essas almas estão em desenvolvimento e se reencarnam e passam pelas diversas espécies até chegarem ao homem selvagem, e daí, gradualmente, ao civilizado, e entre estes, aos mais elevados em inteligência e moral; ou então se a alma dos animais nada mais é do que a essência do fluido vital animalizado, que, ainda sem uma individualização suficiente, retorna ao grande todo, quando a matéria se desintegra.

A opinião está muito dividida a esse respeito. De minha parte, penso que os animais têm uma alma ocasional, que só pode ser contada como um fluido em preparação de progresso, como acontece com a própria matéria, que em sua transformação incessante dá origem ao surgimento de seres mais perfeitos. Assim é como pensam os mais ilustres espíritas e guias da sociedade Constância. Em uma discussão que surgiu dentro desta sociedade, um dos espíritos mais elevados disse, não que os animais tivessem uma alma reencarnável, mas germes que não podiam ser perdidos, já que nada se produz sem um objeto na natureza. Se a reencarnação existe para os espíritos inconscientes dos chamados irracionais, quando terminaria a suposição? Os zoófitos teriam também uma alma reencarnável? E as plantas também? Isso nos parece repugnante à razão. Seria necessário então, para que tal fosse a verdade, em primeiro lugar, que o

Criador tivesse disposto um fluido especial, um não sei o que, para formar os primeiros espíritos das plantas, de modo que já fossem capazes de progredir por si próprios através de tão inúmeras existências? Na verdade, parece impossível que existam espiritualistas ilustrados que possam cair em tamanho erro.

Se fosse dito que, talvez, os animais mais avançados ou mais próximos do homem, já possuem um espírito que reencarna, a coisa teria mais probabilidades a seu favor; mas teríamos sempre contra a inconsciência e, portanto, a falta de autonomia moral.

Então, temos necessariamente que admitir que se não toda a série vegetal e animal até chegar ao homem, pelo menos em sua maior parte, ela não possui senão a vida, uma alma ocasional que retorna ao grande todo – a vitalidade do planeta.

\*\*\*

Vimos que é preciso admitir um fluido vital, como condição, *sine qua non*, da vida que põe em jogo todos os elementos da natureza, e se não podemos razoavelmente encontrar uma alma espiritual, consciente e responsável, em cada um dos indivíduos na escala decrescente dos seres, somos forçados a supor que o fluido vital deve ser a alma ocasional dos animais, sob a influência de leis, como a herança, os instintos e as necessidades de cada espécie.

Mas o que são instintos? São, como supõem alguns espíritas e muitos materialistas, uma inteligência sedimentar?

O ato instintivo é aquele que resulta de uma ação involuntária, sem exame prévio, e que possui certo caráter imperativo para o ser que o executa. Assim se diz; mas a ideia de que tal ato ocorre é apenas uma simples suposição, já que nada

prova que não seja o efeito de uma inteligência em desenvolvimento.

Será fácil nos convenceremos, porém, de que, com raríssimas exceções ou lampejos de reflexão, o instinto nunca erra e não requer aprendizado nem imitação. O cachorro rateiro sabe procurar e, guiado por seu olfato delicado, não se engana; mas se faço de modo que acabo ensinando o cachorro a procurar minha menina escondida para esse fim, ele o faria, e faltando à razão, irá sempre farejando nos menores lugares onde o volume da pessoa escondida não permitiria sua entrada, como meu cachorro realmente fez, procurando por ela até dentro do meu chapéu.

Por instinto irresistível, hereditário, a venenosa serpente amarela da Guiana e um pássaro, cujo nome não recordo, são inimigos irreconciliáveis. A mordida do réptil causa a morte em menos de três minutos. O pássaro luta com suas garras e seu bico, porém, mais de uma vez é mordido. Ele então vai rapidamente para um arbusto, come sua casca e volta ao combate, saindo quase sempre vitorioso. Assim, o povo conheceu o meio infalível de se salvar da morte, comendo, como o pássaro ensinou, aquele contraveneno eficaz. Comer certas gramíneas serve como purgante para cães e gatos.

A inteligência frequentemente cai em erro e possui vários graus em cada indivíduo humano; a razão de um nem sempre é a razão do outro, porque isso depende do progresso alcançado pelo espírito, que age nesse sentido, mais ou menos corretamente, mais ou menos livremente.

Deus dirige os instintos, disse Voltaire, e o homem a razão. O instinto é infalível, derivado da hereditariedade e passa intacto por milhões de gerações, e o progresso, se existe, é o resultado da seleção natural e sexual, como é claramente observado no aperfeiçoamento das raças domésticas sob a direção do homem.

Notemos de passagem quão grande é nestes casos a importância da matéria, da sua constituição e da sua forma, a favor do predomínio deste ou daquele instinto ou seu refinamento.

No homem, ainda são encontrados alguns instintos que lhe são absolutamente necessários, especialmente na infância. Nos animais encontram-se princípios de inteligência rudimentar, ou seja, de memória, de raciocínio direto. A reflexão e o julgamento que fazemos das coisas são faculdades exclusivas do homem.

Os instintos são, sem dúvida, mais desenvolvidos nos vertebrados do que nos invertebrados. Isso consiste em que a medula e o cérebro são os centros do sistema nervoso, por onde são transmitidas sensações e ações, já instintivas, já voluntárias, dos animais; e nos invertebrados, esse sistema é tão rudimentar quanto o cérebro é subdesenvolvido. Pelas mesmas razões, Cuvier coloca os roedores na parte inferior da escala dos mamíferos; depois, por sua ordem, vêm os ruminantes, os paquidermes e, entre estes, como sendo os mais avançados, o cavalo e o elefante; e sempre ascendendo no desenvolvimento instintivo, apresenta os carnívoros, entre os quais se destaca o cão, que já possui uma inteligência e sentimentos que talvez só sejam superados pelos quadrúmanos.

Esta escala mostra-nos que à medida que o cérebro se aperfeiçoa, os instintos são, não mais certos, e sim mais refinados, direi assim, até atingirem os animais superiores, aos quais é impossível negar um certo grau de inteligência.

A razão mais correta, então, dado o conhecimento que temos em Espiritismo, é que não podendo encontrar a origem da alma senão no fluido vital, este deve atingir a um certo grau de espiritualização que lhe permita formar o núcleo elemental do

espírito do homem, já emancipado e consciente.

E esta evolução do fluido vital se daria, segundo o que estudamos, através do trabalho secular operado na natureza, sendo o supremo fim da vida das espécies e do aperfeiçoamento de cada uma delas, a criação definitiva de espíritos, capazes de progresso próprio, que venham a reconhecer a Deus e gozem da felicidade que Ele lhes reserva e da qual as revelações dos espíritos mais elevados que se comunicam com a humanidade dão apenas uma pálida ideia. Continuaremos a elucidar este ponto, que deve necessariamente nos conduzir ao verdadeiro transformismo.

\*\*\*

Todos os animais, sem exceção do homem, têm em si o que pode ser chamado de vida vegetativa ou essencial, cujos movimentos automáticos obedecem a leis que lhe são próprias. Tais movimentos têm por objeto a assimilação das matérias, primeiro superando e depois compensando as perdas sofridas pelo organismo, no próprio jogo das funções vitais que o mantém apto aos propósitos da espécie.

Todos os seres são compostos das mesmas substâncias e estão sujeitos em seu organismo a um plano uniforme em suas bases e, portanto, sujeitos a idênticas doenças e ao mesmo modo de reprodução, com a comprovada intervenção da vida infusória do espermatozóide.

O cérebro animal é constituído pelos mesmos elementos que o do homem, com iguais subdivisões externas e internas, com a única diferença do volume real, do relativo ao resto do organismo, da distribuição interna e do número de circunvoluções.

Do cérebro instintivamente nascem no animal seus impulsos,



sob a ação hereditária e do princípio vital, alma ocasional de todo organismo, cuja imperfeição não permite a autonomia exigida por um maior grau de avanço material e espiritual.

Assim, vemos que quanto mais perfeito o cérebro, mais nobres são as espécies, e podemos até reconhecer-lhes a memória, a capacidade de aprender e certos sentimentos.

Se algumas delas possuíssem a palavra que lhes daria a capacidade de receber instrução, não há dúvida de que manifestariam tanta inteligência quanto o homem em seu estado selvagem, e até mais do que alguns seres atuais.

Examinando os crânios dessas espécies e comparando-os com os das espécies atrasadas, vemos que já estão se afastando de sua divisão que tende a se complicar, aproximando-se assim do cérebro do homem.

Esses fatos parecem provar, à primeira vista, que o cérebro é o laboratório da ideia, como supõem os materialistas. Porém, um conhecimento maior permite-nos dizer, com mais verdade, que se o cérebro é o órgão onde se gravam os instintos e a inteligência hereditária dos animais, e mesmo em grande parte, no homem primitivo, se é, afinal, o cadinho onde se animaliza e espiritualiza o fluido vital em cujo seio devemos buscar a origem da alma, a individualização chega para esta no momento em que atinge a autoconsciência e a apreciação embrionária do bem e do mal, isto é, o discernimento.

A partir desse momento, o espírito é uma força e deve progredir por si mesmo, adquirindo gradativamente maior livre arbítrio, maior controle sobre a matéria e seus instintos bestiais, que são a causa das baixas paixões, até que domine completamente, reduzindo o cérebro à condição de um instrumento passivo sujeito à sua vontade, mas necessário na vida

material para adquirir conhecimento do mundo externo, manifestar-se e progredir.

O princípio vital ou fluido vital do planeta em combinação com a matéria orgânica, é a vida, sob a vontade de Deus. Pelo fato permanece individualizado enquanto o animal existe, mas sua alma sendo ocasional, carece de autonomia própria e atua, conseqüentemente, como simples atividade que favorece a manifestação dos instintos transmitidos pela lei da herança, do desenvolvimento dos órgãos usados pelas necessidades criadas para cada espécie e o transformismo que resulta das leis de seleção. Daí estar assegurado o futuro e os propósitos para os quais as espécies foram criadas em sua especialidade material e, em geral, para o próprio progresso do princípio vital, que, algum dia, após milhares de séculos de funcionamento da vida no planeta será a alma autônoma, livre e responsável do homem.

Explicado assim o desenvolvimento do cérebro, será mais fácil entender o que foi dito acima: que a alma não tenha, ao nascer o ser humano atual, nada mais do que instintos, e que desenvolverá suas faculdades tão lentamente quanto necessário para complementar o cérebro, que por sua ação eficiente, acaba sendo obra sua, de acordo com o adiantamento adquirido.

A capacidade de cada indivíduo de uma espécie animal para formar sua madrigueira ou seu ninho, a coragem que exhibe, a astúcia, a previsão, o amor sexual e o apego aos filhotes enquanto a necessidade de alimentá-los existe, são apenas movimentos instintivos, porque a razão, a reflexão ou o livre arbítrio não intervieram em absoluto, por meio de cujas faculdades é possível variar o sistema ou não seguir nenhum, como o homem pode fazer em seu livre arbítrio quando atinge seu mais alto grau de avanço espiritual.

O homem pré-histórico aparece, como as outras espécies,

sujeito às mesmas necessidades e procedendo instintivamente, com os únicos privilégios da palavra, um cérebro melhor formado e o admirável instrumento da mão e o pé primitivo, que, a julgar pelo atual, tinha dedos mais longos e permitiam a ele trepar até o mais alto das árvores para se salvar de seus inimigos. Sua vida instintiva deve ter durado muitas centenas de anos, a julgar pelos vestígios que deixou ao longo do período terciário e de sua única arma de guerra e trabalho – a pedra afiada. Mas a possibilidade de se fazer entender pela palavra e as vantagens derivadas de seu organismo, facilitaram seu progresso, do qual resulta conforme a demonstração anterior, que os instintos foram mudando e se tornando faculdades sujeitas à razão e à vontade.

Este é o momento psicológico da individualização da alma na forma que já indiquei, e o início de seu progresso individual, por meio de reencarnações sucessivas.

Tal é a lenta mas maravilhosa obra da Criação: de um fluido imponderável, formar seres infinitamente perfectíveis, capazes de compreender Deus, de conquistar uma posição nobre nas harmonias da Criação, de gozar da felicidade suprema em Deus e para Deus.

Esta é a involução do espírito e as razões pelas quais o Espiritismo poderia ter sido denominado espiritualismo positivo.

## VI

*O verdadeiro transformismo -  
Involução dos espíritos*

Encontramos o fluido vital, e nele, a origem da alma humana, por meio de uma preparação secular, produzida por sua involução nos inúmeros seres do passado.

Vamos agora tratar da transformação que vem sendo operada no crânio do homem desde os tempos mais remotos, tentando assim entendermos seu enobrecimento gradual. Desse modo, cumprirei o que prometi quanto à complementação dos estudos antropológicos, e darei continuidade aos referentes à involução do espírito.

Estude cada um a si mesmo e descobrirá que, antes de tomar uma resolução boa ou má, nobre ou indigna, caridosa ou criminosa, travará uma luta mais ou menos longa ou cruenta.

Esta luta mostra que no cérebro e no espírito existem tendências mais ou menos fortes em diferentes sentidos, e que o livre arbítrio, como já foi dito, depende do avanço alcançado, ou seja, do domínio adquirido pela razão, pela força progressiva do espírito sobre os instintos. Esta luta mostra-nos que o ser humano é dotado de todas as faculdades boas e más, e que tem juízo para as valorizarem, usando as que prefere ou têm nele uma preponderância adquirida no passado pelo seu próprio trabalho.

Assim, se existissem realmente órgãos determinados para o exercício de cada faculdade e de cada paixão, não se poderia determinar levando em conta apenas o desenvolvimento excessivo de tão somente um desses órgãos, mas do conjunto do cérebro como um todo, onde podem atuar outros órgãos capazes de manter o equilíbrio intelectual e moral.

Essas ou parecidas reflexões devem ter pesado na mente de Harembert, quando ele decidiu dedicar sua fortuna e tempo ao estudo dos crânios de pessoas cuja existência e antecedentes eram conhecidos. Quando o vi em Paris, ele já trabalhava há vinte anos e divulgava os resultados ao público.

Assisti às suas palestras, li as suas obras, e desde então (1870), embora não possa dizer, como o autor da Cefalometria, que aqueles 20 anos foram dedicados ao seu estudo, posso, sim, dizer com verdade que não tenho perdido qualquer oportunidade das que me surgiram, sem procurá-las, para fazer aplicações e verificar o grau de sucesso que esses conhecimentos proporcionam para determinar, pelo exame externo da cabeça, quanto às paixões dominantes em cada pessoa, suas habilidades e inteligência.

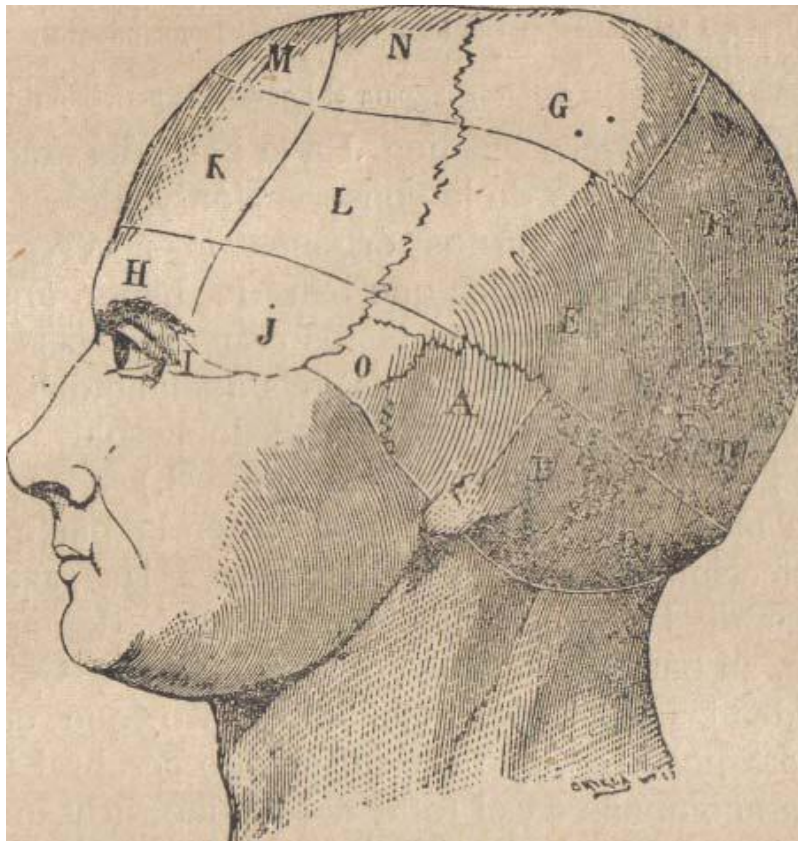
O resultado dessas observações, as quais relato algumas no apêndice, é favorável à Cefalometria, embora ela não possa chegar a ser uma ciência exata, como também não o será nenhum conhecimento que tende a buscar na forma externa da cabeça, da face e do resto do organismo, o valor intelectual e moral das pessoas, porque existem fatores internos que não podem ser apreciados e, sobretudo, porque o homem, como já sabemos, é espírito e matéria. Se, em geral, os conhecimentos da Cefalometria são corretos na sua aplicação, é porque, também em geral, a matéria é moldada pelo espírito de acordo com suas tendências e

grau de avanço.

Harembert não formou escola pelas razões que irão ser apresentadas no apêndice, o qual em nossa opinião nada diz a favor ou contra os sistemas. Basta termos um conhecimento razoável do passado para nos assegurarmos de que mais de um inovador afortunado para encontrar um progresso, para conquistar uma verdade, caiu no esquecimento, tomando a coisa depois o nome daquele que soube formar uma escola; e o contrário também aconteceu muitas vezes: as escolas de maior autoridade na medicina e nas ciências naturais finalmente desapareceram diante da verdade de outras que surgiram depois.

\*\*\*

Eis aqui, diante de nossos olhos, uma gravura que dá uma ideia do sistema organográfico da Cefalometria de Harembert.



*Facultades*

*primitivas* que, como los primeros colores, obrando en conjunto y en 'proporciones diferentes, producen las innumerables medias tintas.

## INSTINTOS

Bajo los temporales ó hueso instinto del amor de la vida.

A. *Alimentimndnd*: alimentarse.

B. *Defensividad*: defenderse y atacar.

Bajo el occipital ó hueso del instinto del amor de los otros

C. *Amor*: generación.

D. *Simpatía*: vinculación á las personas.

Bajo los parietales, ó hueso del instinto del amor de sí mismo.

E. *Circunspección*: temor que impele á la prudencia, á huir ó á ocultarse.

F. *Fiereza o altivez*: emulación, ambición.

G. *Perseverancia*: fuerza de carácter.-

## RAZÓN.

Bajo el frontal ó hueso de la razón.

## I.-INTELIGENCIA

H. *Configuración*: sentido y memoria de las formas, base de la observación.

I. *Memoria de los sonidos*: palabras y ruidos.

J. *Harmonía*!, facultad de asociar, para completarlas, las ideas, los productos de todas las sensaciones. (El oído, el tacto, la vista, el olfato y el gusto tienen sus órganos bajo el esfenoideas O, ó hueso de las sensaciones.+)

## II.-ESPIRITU

K. *Penetración*: comparación.

L. *Imaginación*: suposición, ficción, indagación de las causas.

M. *Equidad*: sentido de lo justo y de lo injusto.

N. *Respeto*; amor de lo bello, de lo verdadero, de lo justo.

Vamos fazer um pequeno exame. Na base do crânio encontramos os instintos de conservação e de propagação da espécie. São os órgãos mais próximos da medula espinhal, ou seja, aqueles que devem ter surgido primeiro, aqueles que se observam nos crânios das espécies desde os mais atrasados aos mais avançados. O desenvolvimento gradual teve que ser operado da parte posterior para a parte frontal.

Ora, a última coisa que aparece na parte frontal como aperfeiçoamento correspondente às raças mais avançadas da espécie humana, é além de sua forma e volume, sua parte culminante, onde, segundo a Cefalometria, residem as faculdades mais nobres. O que equivale a dizer, para nós, que este desenvolvimento cerebral e a altura que o acompanha no total do crânio, acusam a presença de órgãos que só podem estar a serviço de espíritos de inteligência desenvolvida e capazes de nobres

propósitos e atos.

Os conhecimentos antropológicos dão por resultado, confessado pelos antropólogos, que o desenvolvimento frontal é sinal de superioridade e enobrecimento do espírito, e a preponderância da parte posterior da cabeça, de inferioridade e baixeza.

As observações de César Lombroso estabelecem também que uma testa achatada para trás mostra pouca retenção moral ou pouco respeito pelos costumes e pelos outros homens.

Como já deverá ter percebido todo aquele que observou o que a figura 8 explica graficamente, na Cefalometria, não se trata mais de fixar caprichosamente um órgão para cada faculdade ou instinto, atuando isoladamente, e sim, como a realidade mostra, sob uma ação conjunta. A divisão principal em faculdades e instintos responde à natural do crânio; as subdivisões às circunvoluções correspondentes; e se dentro delas estabelecem-se algumas localizações, elas respondem à observação e são as bases fundamentais do jogo completo das faculdades intelectuais, morais e instintivas.

Mas todos esses dons e tendências modificam-se, entrelaçam-se e, em última análise, dão o EU em seu maior ou menor valia.

As sensações e os instintos são os mesmos em todos os animais dotados de um cérebro. As diferenças consistem apenas na intensidade relativa. Eles também têm os órgãos essenciais da inteligência; mas apenas o homem possui as circunvoluções que respondem à faculdade de comparar, julgar, aceitar ou rejeitar os produtos da inteligência e dos instintos.

O homem tem em perfeito desenvolvimento sob o frontal na parte média superior do lóbulo anterior, sobre os órgãos da inteligência, os das faculdades do espírito, que são a penetração, a imaginação, a equidade e o respeito.



Os animais demonstram em suas ações que possuem uma vontade embrionária, quase sempre sujeita à força do instinto, de cuja ação resulta a maior ou menor tenacidade que demonstram na realização de seus instintos de conservação, reprodução e assimilação.<sup>45</sup>

Essa energia potencial, que no homem se torna perseverança, tem a sua sede, segundo as inúmeras observações a que a Frenologia e a Cefalometria deram origem, na parte culminante do cérebro.

Esta verdade cefalométrica rendeu a Harembert, mesmo sendo ele um espiritualista convicto, uma dura reprovação por parte de outros espiritualistas exagerados ou excessivamente escrupulosos, que só se contentam com a ideia de que o espírito humano é único e criado expressamente, sem qualquer analogia com os animais, que, segundo eles, carecem de alma.

Já disse que para o Espiritismo, que aceita toda verdade provada, por mais contrária que possa parecer à sua verdade igualmente provada da sobrevivência da alma humana, os animais têm alma. Mas, em atenção aos conhecimentos dos quais demos noção nos capítulos anteriores, e à declaração de espíritos como os guias da Constância, pode-se dizer que não são espíritos reencarnáveis ou conscientes, mas germes que não se perdem; e que, assim como as inúmeras partículas de matéria, em seu estado chamado orgânico, formaram parte de inúmeros animais antes de formar o homem; assim os germes espirituais (fluido vital espiritualizado) que animaram esses seres são, no homem, a alma propriamente dita, livre e responsável, autônoma e progressiva.

O homem não difere do animal por ter, apenas ele, uma

---

<sup>45</sup> Esses instintos são chamados por Harembert: o amor à vida, o amor aos outros e o amor a si mesmo.

vontade, mas pelo fato de essa vontade ser fruto dos dons do espírito necessários ao seu livre arbítrio, ou seja, da razão, da comparação, do julgamento, em suma, a consciência que está faltando no animal.

Pode ser também, como já disse, que a substância cinzenta seja a matéria na qual diretamente operou primeiro a vontade resultante dessas faculdades do espírito, passando então para o órgão encarregado de fixá-la neste ou naquele sentido, como no órgão da memória são fixadas as ideias e causas que motivaram o ato voluntário; deixando assim o espírito livre para continuar seu trabalho de exame e volições em sua ação ininterrupta.

Portanto, enquanto o homem realiza com perseverança os atos que o espírito resolveu depois de estudar os prós e os contras, o bem e o mal que deles podem surgir, ele pode refletir e preparar outros.

No animal, pelo contrário, como facilmente conceberá um espírito observador, se alguma parte tomam as suas embrionárias faculdades intelectuais, logo resolve e instintivamente executa de maneira atropelada, totalmente bestial, sem que seja possível, entretanto, combinar outra volição.

Assim, o livre arbítrio do homem consiste no grau de domínio que tenha adquirido por seu próprio trabalho sobre os instintos, até que consiga convertê-los em paixões nobres, como se entenderá na continuação destes estudos.

\*\*\*

Os instintos que atuam por si próprios nos animais são:

Amor da vida ou instinto de conservação ..... Alimentação  
 Defensividade

Amor aos outros ou instinto de reprodução ..... Geração  
Simpatia-afeição

Perseverança ou energia potencial para a satisfação dos primeiros instintos.

Circunspeção ou cuidadoso temor instintivo para conseguir o melhor resultado.

Amor a si mesmo ou instinto de assimilação

Ferocidade, que constitui a coragem na defesa ou o ataque no prosseguimento dos impulsos na conservação ou da reprodução.

A inteligência divide-se assim:

Configuração ..... Memória das formas.

Memória ..... Dos sons, os cantos e as palavras.

Harmonia ..... Faculdade de associar os produtos da inteligência.

Os instintos mais nobres faltam em muitas espécies e em outras só existem em estado rudimentar; do qual resulta que os primeiros apresentam os lobos ópticos descobertos e que Owen designa com o nome de liencéfalos; aqueles com cérebro liso mas com lobos ópticos cobertos e são os lissencéfalos, aqueles com circunvoluções pouco abundantes ou pouco desenvolvidas e são

os girencéfalos.

Para apreciar externamente as sensações, temos apenas a parte visível do esferoide.

Também agora possuímos conhecimentos que resultam de disseções cerebrais em hospitais e da vivisseção. Por exemplo, o órgão cerebral da fala está localizado no ângulo onde termina para trás a terceira circunvolução frontal esquerda, que é curva no homem e retilínea na maioria dos animais.

Os instintos inatos, que resultam da transmissão hereditária e que são dotes concedidos pelo Criador, de uma maneira para o homem inexplicável, completam as espécies animais; tais são, por exemplo, a de se purgar com certas ervas, formar o ninho ou madrigueira no momento adequado, e outros que os preparam para o propósito que devem cumprir na harmonia da Criação, harmonia que compreenderemos quando estudarmos a existência do bem e do mal.

No homem existem os mesmos órgãos que respondem aos instintos animais; porém, com um maior desenvolvimento das faculdades da inteligência e, principalmente, as de penetração, comparação e imaginação, aparecendo nele o respeito ou amor pelo belo, pelo verdadeiro e pelo justo, a equidade ou consciência e benevolência, de cujo conjunto resulta a razão.

Da combinação dos sete instintos e igual número de faculdades em que a cefalometria dividiu o cérebro, nascem todas as aptidões, graus de inteligência, moral, paixões e virtudes do homem. Nenhuma outra base é necessária, nem cabem mais no cérebro, dadas suas divisões e circunvoluções naturais.

Sob a ação das faculdades de comparar, explicar, julgar e respeitar ou rejeitar os produtos da inteligência, combinados com os instintos, ela os modifica e os enobrece, até se tornarem virtudes.

A penetração é a faculdade de comparar, ligada à imaginação e à harmonia; dá origem à causalidade, demonstra as relações entre causas e efeitos, cria a indução e as ciências. E com a equidade, a simpatia e o respeito, o homem obtém seu mérito social, e é mais ou menos benevolente e religioso. Ele é engenhoso e prático com a configuração e a harmonia, e eloquente com a memória das palavras. Mas quando esta é mais forte do que a penetração e falta a instrução, pode dar lugar a um vão charlatanismo.

Sem a equidade que, agindo com a simpatia, cria a bondade, a benevolência, o homem inteligente é cáustico e ciumento, porque então, a dignidade (FORÇA NO INSTINTO ANIMAL) degenera em orgulho. Sem a circunspecção, ele será superficial e pouco medido em suas ações. Com muita circunspecção, raramente é estrepitoso. O riso do sábio é visto e não ouvido.

O equilíbrio às vezes desaparece, os instintos muito poderosos ou uma educação ruim, fazem do espírito um escravo; nesse caso não é mais ouvida a voz enfraquecida da consciência.

A imaginação é a faculdade de criar suposições, ficções, imagens, para chegar ao conhecimento da causa, das diferenças e das analogias reconhecidas pela comparação. Esperança, poesia e entusiasmo são devidos a ela, por suas combinações com as outras faculdades.

A equidade é o sentido do justo e do injusto, a consciência. A ela são devidas, como explicarei mais tarde, a sensibilidade, a benevolência, a abnegação, a caridade.

O órgão da equidade, que, como Harembert o concebe e eu o aceito, é a faculdade de distinguir o bem e o mal, de medir a importância que neste ou aquele sentido nossas ações podem ter, e nos converte, conseqüentemente, em seres responsáveis; não

existe em animais.

A inteligência deles, disse Cuvier com razão, não se considera ela própria, não se vê, não se conhece. Os animais não têm a reflexão, essa faculdade suprema do espírito humano de se voltar para dentro de si mesmo.

O respeito, diz Harembert, é a coroação do espírito, o amor e a admiração pelo belo, pelo verdadeiro, pelo justo, que a penetração, a imaginação e a equidade, harmonizadas com a inteligência, nos fazem conhecer.

No entanto, tão nobres faculdades no espírito do homem costumam não estar equilibradas entre si e, nesse caso, degenerar em excessos.

Com muita imaginação e respeito, cai-se às vezes na superstição, no misticismo ou no fanatismo, que fica fora da razão, desconhecendo a própria equidade e conveniências.

Do conhecimento do belo, do verdadeiro, do justo, do mundo moral, deve nascer a ação poderosa e harmoniosa de todas as faculdades do espírito, unidas a uma inteligência completa.

Sob a influência da razão, a circunspeção é a prudência, uma virtuosa timidez, uma judiciosa indecisão. Sem esse guia, dispõe à astúcia, à mentira, ao roubo.

A perseverança é: a constância, a força de caráter, ou então a obstinação, a contumácia e o despotismo, quando combinada com a força igualmente viciada.

A força é: a dignidade, a honra, o amor-próprio, uma ambição nobre; ou o orgulho, a inveja, a arrogância, a fatuidade, uma sensualismo exagerado.

A simpatia é: a amizade, a sociabilidade; ou a disposição a se deixar influenciar por más companhias, ou para adquirir maus hábitos e manias.

O amor (geração) é: o pudor, a castidade, o matrimônio; ou a

libertinagem, o cinismo.

A alimentividade, instinto de beber e de comer para viver, é: a temperança, a frugalidade, indispensáveis à saúde; ou a glotonaria, a embriaguez.

A defensividade é: a coragem, a suscetibilidade; ou a brutalidade, a crueldade. Não acrescento: e o crime, porque o assassinato é, às vezes, a vingança do covarde, ou o resultado da instigação de outras paixões.

As falhas ou depressões dos instintos dão origem a inconvenientes no desenvolvimento frutífero de cada vida humana. Vou dar alguns exemplos.

Sem a circunspeção: perplexidade, indiscrição. Uma longa experiência pode proporcionar uma circunspeção fictícia, que falta com frequência quando outro órgão predominante está agindo.

Sem a ferocidade: humildade, modéstia, abnegação. Quando a ferocidade falta com a equidade e o respeito: baixeza, envilecimento.

Sem a simpatia: isolamento, egoísmo, às vezes avareza quando o órgão da simpatia, faltando com o da equidade, é substituído com a circunspeção; pois a amizade, a vaidade e a sensualidade podem preservar dessa doença moral.

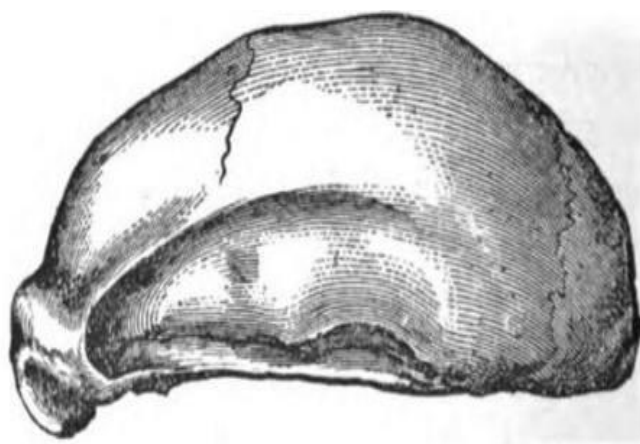
Sem a defensividade, pela razão e a ferocidade (firmeza), frequentemente foi inspirada uma coragem bem meritória. Se todas essas faculdades faltam ao mesmo tempo, preguiça e covardia, que não devem ser confundidas com indolência, muitas vezes devida a um excesso de imaginação.

\*\*\*

O homem pré-histórico possuía um desenvolvimento físico maior do que na atualidade, talvez mais longos braços e os dedos dos pés mais determinados, tudo isso dependendo necessariamente dos trabalhos muito duros que executava e da necessidade de subir em árvores para escapar das feras ou buscar abrigo na folhagem densa das selvas primitivas, mas o que nos interessa é o estudo de seu cérebro típico, porque, como se viu, é esse o órgão que representa o grau de avanço espiritual alcançado.

Um dos mais antigos crânios conhecidos é o de Neandertal.

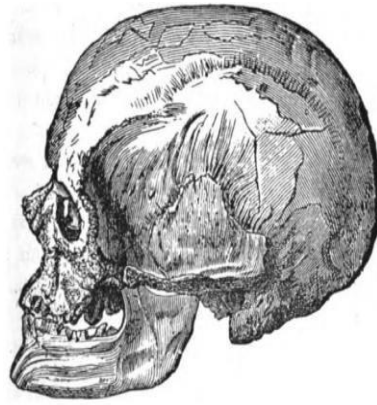
A paleontologia humana começa apenas na época pós-plioceno ou do mamute. Sr. De Quatrefages e Sr. Hamy, examinando os crânios de Eguisheim, de Brux, de Constadt, de Dense e de Neandertal, bem como aqueles de origem feminina de clichê e de Straengenaes, encontraram alguns caracteres comuns neles, dolicocefalia, a pequena elevação da abóbada, a grande inclinação da testa e um desenvolvimento dos arcos sobre-orbitais. Dentre esses crânios, que são os mais antigos, o que mais chama a atenção é o Neandertal.



Vista lateral do molde lateral de uma parte do crânio humano encontrado na Caverna de Neandertal.

Eis aqui outro crânio célebre que pertence a uma época menos remota.





Crânio do velho de Cro-Magnon Eyzies (época do rangífero).

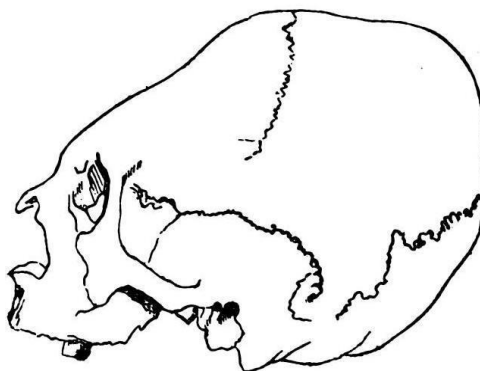
O Neandertal, que é talvez da época do mamute, é de uma grande tenacidade, como corresponde à era primitiva. Os órgãos que denotam a paixão sexual são ainda mais desenvolvidos, assim como os instintos de conservação ou amor à vida. A inteligência é escassa e a depressão da parte moral mostra o estado de barbárie em que devia estar, seu destino não sendo outro, por enquanto, que a luta pela existência, o primeiro incentivo do progresso.

O de Cro-Magnon, contemporâneo do rangífero fóssil, já é uma cabeça muito menos imperfeita e provavelmente pertence a uma das raças mais avançadas de seu tempo. Externamente, poderia ser confundido com os da atualidade; Porém, estudado mais demoradamente, encontramos uma espessura dos ossos muito maior, principalmente nas partes mais nobres, com o correspondente detrimento do cérebro. O que prepondera nesse crânio são os instintos do amor à vida e do amor geração.

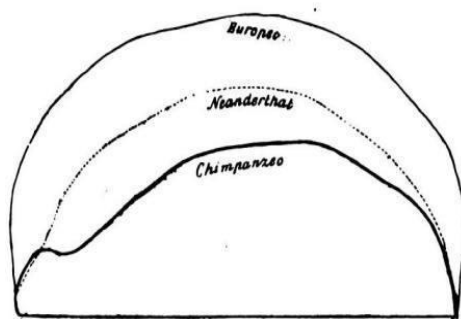
O primeiro crânio, pelo seu formato, poderia ser confundido com o de um antropóide, se sua capacidade não tivesse sido calculada em pelo menos 1200 gramas. É, portanto, sem dúvida, um fóssil humano, constituindo uma prova contra a fábula de Adão e Eva, ou dos anjos caídos.

O progresso foi realizado, pois podemos dizer com certeza que nenhum ser humano poderia ser encontrado na atualidade

com formas cranianas tão bestiais.



Crânio dos aluviões da Áustria  
(Museu de História Natural, sala de Cuvier, segundo o desenho de Boitard)



Perfil do crânio de um chimpanzé adulto, do Neandertal e de um europeu trazido ao mesmo diâmetro absoluto para destacar suas diferenças relativas de elevação. A região da sobrelanceira do crânio do Neandertal parece menos proeminente do que na fig. 9 porque os contornos supõem-se tomados sobre a linha média, na qual a proeminência das órbitas nesse crânio é menos acentuada.

Mas como é realizado esse progresso? Sem aceitarmos a existência de um fluido vital que, permeando tudo no planeta, forme a alma ocasional ou acidental dos seres, cuja existência até os materialistas precisam reconhecer, não pode ser explicada a ação que determina que todo órgão que se põe em uso venha a se desenvolver, atrofiando aqueles cuja necessidade desapareceu. O fluido vital, devido às necessidades que o ser experimenta, retira-se com energia sobre o órgão material ou mecanismo adequado à satisfação exigida, atraindo para ele, como se costuma dizer, toda a vitalidade.

Daí que forçando muito as tarefas do cérebro na infância, determina-se o seu desenvolvimento, em detrimento do resto do

organismo; daí também o costume salvífico nas escolas da atualidade, de acompanhar o trabalho do espírito com os exercícios corporais, para restabelecer ou manter o equilíbrio.

Já mostrei que nos crânios de animais existem, embora em pequeno desenvolvimento, os órgãos da inteligência e, em germe, os da razão. O homem primitivo devia estar nas mesmas condições ou pouco melhores.

Mas como – dirão – podem desenvolver-se a inteligência e as faculdades morais, se não são exercitadas, se se trata apenas de preencher as necessidades animais? Isso é o que veremos a seguir.

\*\*\*

A luta pela existência desenvolve a inteligência dos animais, nas exigências da defesa ou o ataque, para evitar perigos, caçar as presas necessárias para seu sustento ou buscar os alimentos vegetais. O mesmo acontece necessariamente com o homem primitivo, mas como não foi dotado de armas nem abrigo natural, precisa seguir o instinto de associação, que desenvolve afetos mais duradouros e o obriga a recorrer à arte para lavrar ferramentas de trabalho e roupas de couro para si, o qual contribui para o desenvolvimento de seus órgãos intelectuais, já de per si mais potentes ou perfeitos do que os das espécies inferiores. À medida que ele progride e transmite esse progresso por herança, novas necessidades e gostos aparecem, a linguagem torna-se mais inteligível e as novas gerações começam a receber o lote de artes e conhecimentos acumulados pelas gerações que passaram.

Assim, o maravilhoso instrumento do cérebro vai sendo aperfeiçoado, em paralelo com a espiritualização do fluido vital.

Esta é a energia, a ação vital que, encerrada na matéria, formando a dualidade animal, realiza o progresso dentro da esfera que lhe corresponde e leva em si o fruto dele, pois as moléculas materiais desagregam-se e disseminam-se. Ainda não tem autonomia própria, mas individualiza-se enquanto anima uma existência e, como já foi dito, vai sendo assim preparado para criar a alma humana, para quando, no conjunto harmônico do progresso do planeta, chegar o momento do aparecimento do homem.

Quando este fato ocorre, e o homem passa a ter uma alma autônoma e reencarnável, ela carrega em si a inteligência, a memória e as demais faculdades e paixões que lhe correspondem, e atua, como já disse, de acordo com seu grau de adiantamento, como força em oposição à hereditária, sobre o físico e, em particular, sobre o desenvolvimento do cérebro.

Para compreender, se possível, essa ação da alma, é necessário ter em mente o que demonstrei nesta obra a respeito das forças que nos parecem tão formidáveis porque as julgamos pelos seus efeitos e em relação às nossas. A matéria, isto é, o fluido universal em estado tangível, é reduzida a ser uma passiva escrava das forças. Um exemplo recordará e tornará a teoria mais compreensível.

Se supusermos o mundo separado de toda influência externa e detido em um ponto do espaço, nessas condições ele permaneceria imóvel, pois, carecendo de vontade e não sendo solicitado por nenhuma força, não existe motivo para ele tomar uma direção qualquer. Se somarmos a isso o fato de que o éter não opõe resistência à marcha dos corpos siderais, entenderemos que se pudéssemos dispor de um ponto de apoio, com nosso próprio esforço poderíamos imprimir ao mundo uma velocidade dada e constante, capaz de colidir com outro mundo colocado em seu caminho, também imóvel e sem ação atrativa, sofrendo ambos,

consequentemente, graves transtornos internos, para então continuar juntos o caminho com uma velocidade reduzida à metade da velocidade inicial se os volumes estivessem equilibrados.

Enquanto isso, uma força de atração, igual ou tão pequena quanto a que deu origem ao movimento, bastaria para que a translação fosse diminuindo até se deter completamente, como entenderá qualquer pessoa com alguma noção de física.

Do que foi dito podemos deduzir que a atração que determina a marcha dos mundos e o peso dos objetos em sua superfície, não é formidável senão em relação às nossas forças, e que bem podemos considerá-la pequena e agindo como soberana, porque nenhuma outra se opõe a ela.

Apliquemos isto à lei ou força pela qual se transmitem as formas hereditárias, força que se encarrega de manter a integridade das espécies e dos aperfeiçoamentos que em seus indivíduos vão sendo operados, pela ação da seleção sexual e pelo uso ou não uso desta ou daquela parte do organismo. Essa força modeladora domina mais de parte do macho, e sabemos que basta um espermatozóide microscópico de seu licor espermático para transmitir essa força que deve ser mínima, mas obedecida pela matéria viva em seu desenvolvimento, com a única variante que sabemos podem produzir o ambiente em que se nasce e vive e as enfermidades a que os seres estão expostos.

Assim, essa força reina quase em absoluto, apesar de sua insignificância potencial, porque nenhuma outra força se opõe a ela, e a matéria, como tal matéria tangível, não tem vontade e deve obedecer a qualquer força que seja. Porém, quando o espírito reencarna traz consigo o seu avanço, tem o seu corpo astral ativo, porque é fluídico ou etéreo, então representa uma força que atua

ao mesmo tempo que a hereditária, e já as coisas mudam, sendo a influência do espírito tanto maior quanto mais adiantado ele for.

\*\*\*

Essa influência não pode operar instantaneamente sobre os órgãos cerebrais da criança, mas com o tempo modifica-os ou molda-os, até que, em geral, venham a estar em harmonia com o grau de inteligência e moral que o espírito conquistou.

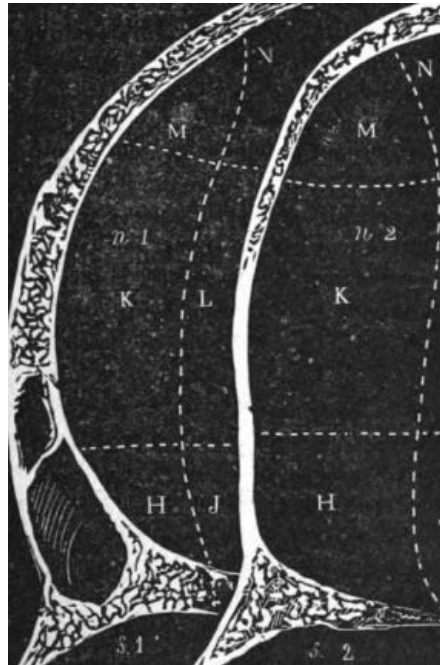
Se este vem para a vida material bem disposto para o bem, isto é, a moral, e não vacila em seu propósito, influenciará notavelmente no aprimoramento dos órgãos correspondentes; adquirindo assim seu mérito e levando depois à vida espiritual o resultado de sua vitória sobre os instintos, que se traduz por uma maior eterização do perispírito; ou seja, a purificação que lhe permite elevar-se mais, distanciar-se da Terra e, conseqüentemente, aproximar-se das regiões da luz divina, de onde pode pressentir as alegrias inefáveis que o esperam quando chegar à pureza.

Se, pelo contrário, a vontade neste sentido, como resultante dos propósitos feitos no espaço, não consegue evitar a atração dos gozos grosseiros da matéria, ela negligenciará não só o progresso moral, mas também o progresso intelectual; e o resultado desse esquecimento será a perda dos órgãos que respondem a esse fim.

Os Espíritos que não se corrigiram suficientemente da sua maldade, da sua preguiça, da sua hipocrisia ou do seu fanatismo, que no espaço se reconhecem contraproducentes, são os que caem na reincidência.

Citarei um fato que, a título de verificação, dará ao mesmo tempo uma ideia de como ficam atrofiados os órgãos cerebrais que não são usados.

O desenho a seguir representa dois crânios da coleção Harembert; o primeiro é o de uma freira que ficou muito tempo no claustro e o segundo é o de uma atriz.

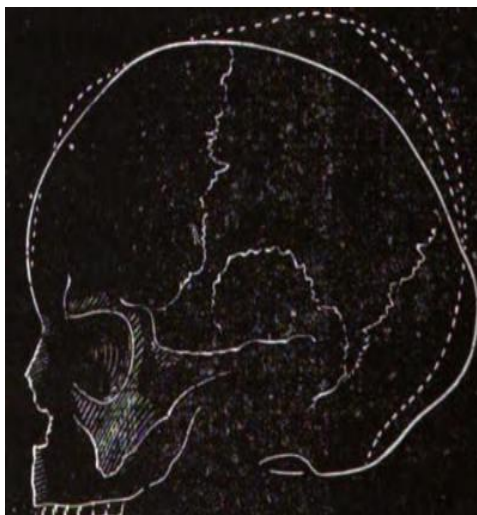


A freira, não precisando do exercício das partes intelectuais, nem mesmo das morais, já que sua vida é esterilizada em orações maquinais e na satisfação das necessidades vitais, deixou em desuso os órgãos correspondentes, que se atrofiaram e ossificaram, apresentando o sínus correspondente.

A atriz, precisando de suas faculdades para cumprir seu papel no mundo, embora em sua origem, como se vê pela comparação das duas testas, ela não fosse mais dotada do que a freira, cujo espírito, mais avançado, sem dúvida deve ter caído na preguiça, no egoísmo, apresenta os órgãos da inteligência em pleno funcionamento, enquanto os da moral, mais negligenciados do que na freira, começa a ossificação.

Já disse que a preguiça espiritual pôde fazer a pessoa da freira cair na ideia de viver em um claustro, fazendo a felicidade

consistir na tranquilidade da mente, no desaparecimento de toda luta. Acrescentarei que a forma de seu crânio mostra que essa tendência vinha sendo acentuada desde outras encarnações, ou pelo menos do espaço, pois é notado no crânio o sinal correspondente, a depressão do órgão da perseverança ou energia.



As linhas contínuas — representam o crânio da freira e las descontínuas ----- o da atriz.

É assim que o progresso dos espíritos vai sendo operado, mais ou menos lentamente, em mil diversas direções e matizes, do qual resulta o próprio mérito.

Boas ações purificam o perispírito e más ações o mancham; disso resulta a elevação que pode ser alcançada no espaço.

A consciência é o juiz dessas ações e dispõe ao arrependimento.

\*\*\*

Já que falo de consciência, vamos aproveitar a oportunidade para nos darmos conta do que ela é em si mesma.

Para Harembert, ela reside na equidade, o qual pode ser aceito sem comprometer a doutrina que estamos estudando.

O órgão da equidade é aquele que mais tarde entra em



desenvolvimento; não é visto nos crânios fósseis mais antigos e está apenas principiando nas raças atrasadas de nosso tempo, cujas testas são geralmente achatadas.

Porém, a equidade deve ter existido desde a criação do homem, em germe, em seu cérebro, ou pelo menos seu surgimento como tal deve ter marcado o momento psicológico da individualização do espírito reencarnável e em progresso próprio, pois somente quando o ser está dotado da faculdade de distinguir o bem e o mal, pode, em justiça, adquirir um livre arbítrio relativo e progressivo que lhe impõe um grau de responsabilidade também relativo.

Daí que possamos dizer que a consciência é o substratum do próprio avanço; que ela é o nosso juiz na vida espiritual, tanto mais severo quanto maior o grau de elevação adquirido.

A consciência é o que determina o arrependimento e indiretamente nos indica a prova da qual precisamos.

Mas além da voz da consciência, como todo espírita observador sabe, existem para os espíritos leis que atuam como tendências para chamá-los ao caminho reto, tais como as trevas, as obsessões e as visões ilusórias do espírito que em seu remorso ele provoca, tendo diante de si um quadro constante que lhe representa seu passado.

\*\*\*

Assim, os instintos devem ser transformados em virtudes ou enobrecidos de tal modo que seja impossível reconhecê-los.

O amor grosseiro do animal, que tem como objeto apenas a satisfação de uma necessidade material, transforma-se em amor espiritual ou amizade, que persiste além da morte.

O amor instintivo pelos filhotes, que deixa de agir quando eles não precisam mais dos pais, é o sentimento puro da maternidade humana.

O amor, acompanhado de outras faculdades igualmente modificadas, chega ao amor de Deus e à caridade.

O instinto de autopreservação, tão proeminente nos animais e que só se estende aos filhotes, é sacrificado no homem por amor à pátria ou aos seus semelhantes.

A coragem do animal consiste na defesa e o ataque sob a influência da necessidade. O homem, quando exerce sua coragem, sujeita-a à razão.

Tudo isso acontece no homem de espírito já avançado, em condições normais de saúde e na idade em que os órgãos funcionam regularmente.

Ao encarnar, como já disse, o espírito perde a memória do passado e, portanto, precisa reconquistar o conhecimento; e não podendo receber impressões do mundo externo senão pelos sentidos, nem se manifestar senão pelo jogo material dos órgãos cerebrais e da fala, necessariamente, por mais adiantado que ele seja, dependerá da ação da matéria; sua preparação seguirá os instintos necessários nessa época da vida e terá os gostos igualmente instintivos da idade, até chegar gradativamente a da razão pela qual o espírito se sobrepõe, tendo ensinado seus órgãos, e pode começar sua ação sobre eles.

Com o estado da infância pode ser comparado o da velhice ou fraqueza extrema.

O que foi dito até agora, não só basta para dar uma ideia completa da involução do espírito, mas para mostrar que as verdades, por mais opostas que possam parecer à primeira vista, podem concordar, porque a verdade, como a ciência, é em última análise única; as aparentes contradições e as diferentes avaliações

dependem da pequenez do cérebro humano, de seu pequeno avanço para abranger, em conjunto harmonioso, todos os conhecimentos e descobrir suas relações.

## VII

*Deus e a sua ação sobre as coisas,  
os seres e a alma*

Até aqui tenho me referido respeitosamente a Deus, sem dar da sua existência outra prova além da que resulta para todos, da contemplação da Criação, cuja sublime grandeza acusa uma inteligência suprema.

Essa inteligência só é negada por homens cegos por seu orgulho em uma ciência deficiente, atribuindo tudo à matéria e suas leis, quando bastaria o reconhecimento de nossa própria inteligência, de nossa própria ideia de justiça e amor ao belo e ao bom, para reconhecer um princípio, cujos atributos devem ser necessariamente a inteligência, a justiça e o amor.

Essas eram as únicas provas que a humanidade tinha para acreditar em Deus, se a fé não lhe bastasse. Desde o surgimento do Espiritismo, nova ciência que abre grandes horizontes para a pesquisa, possuem-se outras provas que cada vez mais afirmam a crença. Essa ciência torna impossível a negação da imortalidade e esse fato por si só já nos aproxima da ideia da existência de Deus.

Vemos que o espírito, dispendo de um corpo fluídico relativamente insignificante, produz efeitos surpreendentes que não há muito tempo seriam classificados como milagres. Compreendamos, então, que, se existe realmente uma inteligência

suprema, ela tudo pode fazer dispondo do fluido universal, cujas vibrações são a origem da força que gera todas as outras.

Os espíritos não só produzem esses efeitos voluntária e conscientemente, mas se comunicam; e todos, todos aqueles que alcançaram certo grau de avanço, declaram sentir Deus na consciência.

Os fatos de ordem espiritual que o Espiritismo nos permite estudar nos trazem a convicção de que a justiça divina existe e se realiza por meio de leis que atingem a todos e dão a cada um o que merece.

O Espiritismo dá assim testemunho de Deus; mas, não bastando isso aos propósitos que esta obra persegue, é necessário que procuremos, na medida do possível, a concordância com os conhecimentos atuais e a explicação da ação divina sobre o universo.

\*\*\*

Herbert Spencer, em vista da impossibilidade em que a ciência até agora se viu para ter uma ideia de Deus, da matéria em si, da Criação, do tempo e da força inicial, declara que tudo isso é incognoscível; isto é, escapa absolutamente a qualquer verificação positiva.

Incognoscível? Apesar do que o passado nos ensina, ainda há quem ouse falar do incognoscível ou do impossível? Quantas vezes a humanidade encontrou o que parecia desconhecido para ela e o conheceu depois? Esquece-se disso? Pretende-se, por um lado, estabelecer limites à investigação, enquanto, por outro, confia-se no progresso, sem recorrer a leis outras que não as da matéria?

Se todos os homens de certa valia tivessem se obstinar-se em sustentar que a pretensão de medir distâncias siderais, de saber a

composição dos sóis, de formar o mapa do planeta Marte etc., era querer alcançar o desconhecido para o homem, a astronomia ainda estaria bem atrasada.

Descartemos a ideia do impossível, coloquemos a serviço da resolução de tão grande problema todos os conhecimentos, todas as aptidões, toda a inteligência de que sejamos capazes, busquemos a Deus, porque enquanto o buscarmos, contanto que tenhamos alguma ideia de sua existência, não podemos cair em sua negação, como acontece quando o consideramos como incognoscível. Nesse caso, acostumamo-nos à ideia de que a Criação não precisa de seu poder, nem os homens em seu desenvolvimento sucessivo precisam de sua noção para fundar a justiça, a solidariedade, a moral.

O que é que se opõe, nas mentes de alguns homens, de modo que não lhes seja possível compreender a existência de Deus? A maioria diz, com Buchner, que ninguém consegue entender como uma razão eterna que governa pode conciliar-se com leis imutáveis. Ou são as leis da natureza que governam, ou é a Razão eterna, umas ao lado da outra estariam a todo momento em colisão. Se a Razão eterna governasse, as leis da natureza seriam supérfluas; se, ao contrário, as leis imutáveis da natureza governam, elas excluem toda intervenção divina. Se uma personalidade governa a matéria com um fim, diz Moleschott, a lei da necessidade desaparece da natureza. Cada fenômeno será objeto de um jogo de azar e de um arbitrarismo sem freio.<sup>46</sup>

É preciso concordar, diz Flammarion, respondendo a essas ideias, em que essa objeção é bastante singular. Esse estranho raciocínio vacila em sua própria base.

Parece-nos, ao contrário, que a inteligência que se revela nas

---

<sup>46</sup> As transcrições deste parágrafo são retiradas do trabalho de Camille Flammarion, *Deus na Natureza*.

leis da natureza demonstra, pelo menos, a inteligência da causa a que se devem essas leis e que são precisamente a expressão imutável dessa inteligência eterna. Erted, (esse sábio escrutinador do mundo físico) expressou com lucidez a relação de Deus com a natureza, dizendo que o mundo é governado por uma razão eterna que manifesta seus efeitos nas leis imutáveis da natureza. Não é meio ridículo pretender que essa causa deveria deixar de existir por estar intimamente de acordo com essas mesmas leis? Vejamos, como exemplo, um excelente harpista, de habilidade tão perfeita, que os acordes que tira das cordas vibrantes parecem identificados com a poesia de sua alma. Dirão, por isso, que o harpista não existe, pois para admitir a sua existência seria necessário que ele às vezes discordasse arbitrariamente das leis da harmonia? Esta forma de raciocínio é tão obviamente falsa que os mesmos que a empregam reconhecem-no implicitamente. Assim Buchner, referindo a respeito dos milagres, o fato de o clero inglês ter pedido ao governo que ordenasse um dia geral de jejum e oração para afastar uma epidemia de cólera, elogia Lord Palmerston por responder que a propagação da cólera dependia de condições naturais parcialmente conhecidas e poderia ser melhor travada por medidas sanitárias do que por orações. Muito bem!

O autor ainda acrescenta mais. Essa resposta, diz ele, trouxe-lhe uma acusação de ateísmo, e o clero declarou que era um pecado mortal não querer acreditar que a Providência pode em qualquer tempo contradizer as leis da natureza. Que ideia singular essas pessoas formam do Deus que criaram para si! Um supremo legislador capaz de se deixar amolecer por súplicas e soluços para perturbar a ordem imutável que criou, violar suas próprias leis e destruir com as mãos a ação das forças da natureza. Cada milagre,

diz também Catta, se houvesse algum, provaria que a Criação não merece a veneração que sentimos por ela; e o místico deve, necessariamente, deduzir da Criação a imperfeição do Criador.

Vejam-se, pois, os nossos adversários, em contradição com eles próprios, pois por um lado não querem admitir que uma razão eterna possa estar de acordo com leis imutáveis, e por outro pensam conosco que a ideia de imutabilidade, ou pelo menos de regularidade convém muito melhor com a perfeição ideal do ser desconhecido que chamamos de Deus, do que a ideia de mudança ou arbitrariedade que certas crenças tentam impor a ele.

Leis eternas, necessariamente supõem para a razão humana, a perfeição do princípio do qual emanam, já que tudo na natureza volta a se aperfeiçoar em um transformismo e evolução que obedece a um plano, e esse plano concorda com um grandioso propósito: a criação definitiva dos espíritos.

Essas leis não são apenas eternas, invariáveis, infalíveis, mas fatais a tudo que tem por cenário a matéria, as forças e a vida, até chegar ao homem.

Mas quando começa a autonomia, a reencarnação e a continuação do EU, as leis divinas só atuam como tendências que, apesar do livre arbítrio dos espíritos que lhes permite atrasar ou acelerar o próprio avanço, encaminham o conjunto para o ideal predeterminado, passando por todos os graus da civilização e do progresso, deixando a cada ser a posição que lhe corresponde ou que merece.

Mas os espíritos algum dia alcançam o pináculo de sua perfeição e então gozam da plenitude do livre arbítrio, que, graças à sua prolongada evolução ou preparo, nunca poderá ser usado senão em prol do bem, no conhecimento e na observância das leis, e em missões de ordem espiritual, para que os grandes propósitos do Criador sejam cumpridos.



Uma Providência caprichosa sujeita aos altos e baixos a que pudesse submetê-la a preferência por esta ou aquela seita religiosa, por este ou aquele povo, por este ou aquele indivíduo a título de exceção, não existe; mas nós a temos sempre, a favor do bem e do progresso, por meio de leis imutáveis que o determinam em sua harmonia.

E assim sendo, ocorre nos perguntarmos qual seria a causa, o Criador mais digno de adoração, o mais sublime: aquele que eternamente precisasse variar suas leis, aperfeiçoar aqui, refazer, ali, conceder algo a alguns, negá-lo aos outros; ou aquele que não se retifica jamais? Todos aqueles que estudarem profundamente o Espiritismo; todos aqueles que vierem a ter uma ideia, por mais pálida que seja, da harmonia suprema das leis que operam no universo, não poderão vacilar em seu julgamento; eles verão que se não há retificação, em qualquer caso é porque tudo está bem estabelecido e tudo caminha para a realização do progresso, dentro de um plano preconcebido; verão que, se nada é concedido milagrosamente a ninguém, é porque tudo é necessidade, razão, merecimento, justiça.

Às vezes, quando sentimos os sofrimentos, quando lutamos com os contratemplos, quando somos vítimas da maldade, desesperamos da justiça. É um erro, tudo isso não é nada frente à eternidade que nos espera, tudo isso, se o sofrermos com paciência com resignação e esperança, aquilata nossa virtude, contribui para nosso progresso, nos aproxima do fim desejado, da felicidade, e nos garante que não cairemos das elevadas posições que iremos conquistando, que, como acabo de dizer, é o fruto da longa evolução ou preparação sofrida.

A ordem universal reina na natureza, diz Flammarion; a inteligência revelada na constituição de cada ser, a sabedoria

difundida sobre o conjunto inteiro como a luz da alva e, sobretudo, a unidade do plano geral, regida pela lei harmoniosa da incessante perfectibilidade, representam-nos, doravante, a onipotência divina, como suporte invisível da natureza, como sua lei organizadora, como a força essencial da qual derivam todas as forças físicas e da qual elas são outras tantas manifestações particulares. Deus, então, pode ser considerado como um pensamento imanente, residindo incontrastável na própria essência das coisas, sustentando e organizando Ele mesmo, tanto as criaturas mais humildes quanto os mais vastos sistemas solares; porque as leis da natureza não já não mais estariam fora desse pensamento: seriam apenas sua expressão eterna.

\*\*\*

O conhecimento atual, bem interpretado e com a colaboração do Espiritismo, já dá uma ideia não desprezível do que são as forças, a matéria, o fogo e a vida.

Já temos a segurança da sobrevivência do espírito, e por isso, e pelos novos conhecimentos que surgem por toda parte desde a grande descoberta dos meios de comunicação com o mundo espiritual, já podemos falar dos primeiros princípios, descartando a ideia do incognoscível.

Antes, porém, é necessário retificar um erro da ciência atual, retificação autorizada pelos conhecimentos que o Espiritismo proporciona e que me serviram para estabelecer o encadeamento lógico de causas e efeitos, partindo de uma única causa e de uma única substância universal.

Os gases, segundo a ciência, são um modo de ser da matéria, em que os átomos físicos estão mais distantes uns dos outros do que no estado líquido e, neste, mais do que no estado sólido. Se

assim fosse, como os átomos guardariam essas distâncias, enquanto os gases se opõem à pressão? Se os átomos se atraem, que força pode mantê-los separados? O calor?

Não, o calor não apresenta em si mesmo resistência de qualquer tipo; o que faz, o que só pode fazer, é manter a dilatação dos átomos, que é o que já mostrei ao tratar do calor. Sem essa dilatação, todos os fenômenos físicos tornam-se inexplicáveis. Mas a ciência atual, persistindo em seu erro, supõe o éter feito de átomos enormemente distanciados, enquanto os fenômenos da luz estão provando a evidência em contrário. O éter não pode ser considerado como constituído de átomos físicos, por menores que se suponha que sejam, nem ainda pela dilatação deles, pois o átomo físico é a primeira criação fundamental do universo visível, a partir de uma enorme concentração de fluido substancial para formá-lo.

O éter não pode de forma alguma ser comparado a nenhuma matéria que o homem possa apreciar. Mas, em consequência de todos os conhecimentos acumulados nesta obra, o éter deve ser considerado como verdadeiramente substancial e sem interstícios interatômicos.

A partir desse fluido universal, foi formado o universo tangível, e os seres que o habitam, e os fluidos que lhes dão vida, e a alma pensante e voluntária do homem, mas esse fluido não é a inteligência, não é a vontade, não é Deus se transformando, para passar por mil peripécias e transtornos com o único propósito de criar os espíritos; e o que é mais absurdo, aplicar a essas infinitas partes de Si mesmo tantas dores e sofrimentos, através das encarnações sucessivas, para então se dar satisfações incompreensíveis!

É necessário, portanto, buscar o princípio voluntário, a ação

inteligente, a sublime justiça de que o Espiritismo dá testemunho, e esse princípio não pode ser outro senão a alma universal que reside no éter, como o espírito reside no perispírito.

Deus é um só e único princípio incriado, eterno, o Ser por excelência, realizando-se no fluido universal; é a primeira força, o princípio motor e ordenador, que do fluido substancial criou o mundo material transitório, numa transformação regida por sábias leis para um fim supremo: a formação dos espíritos que, com um certo grau de livre arbítrio, chegarão, todos eles, a ser seus verdadeiros filhos, compreendendo-o, amando-o e cooperando na obra grandiosa e eterna. Embora eles nunca possam contemplá-lo, porque Ele é o Ser infinito, e o ser concreto e perfectível só pode ver o concreto, eles o sentirão na consciência.

\*\*\*

Citarei, em apoio às minhas ideias, a opinião autorizada de um dos mais elevados guias da Constância, em um discurso proferido por ele, de posse de um médium, por ocasião de algumas conferências científicas que proferi naquela sociedade.

.....“A força primeira, disse o espírito, ou seja, o princípio da força a que aludi, devia existir antes da aglomeração de partículas e moléculas que dão forma ao existente ou tangível da Criação, bem como ao invisível para vós encarnados e inapreciável para a vossa ciência.”

“Esses elementos, então, de que foram formados? Como essas moléculas apareceram, quando assumiram a forma de moléculas? Embora elas formem as grandes porções, em sua pequenez, também para existir elas precisaram que existisse algo para formá-las.”

Se para formar algo, é sempre necessário que haja algo, esse

algo, de onde veio formar esse primeiro algo?

A vontade primeira é a força que impera, domina e executa. Nela não podemos reconhecer limites, é o centro de tudo, é o anel viário que começa desde seu princípio em si, e em si mesma finaliza, chama-se Deus.

Essa força, como ela é representada no espaço infinito, no Universo? O que ela é?

Tem a forma bruta da matéria palpável que a ciência analisa descobrindo suas combinações? Não.

Essa força primeira será, talvez, o calor que vivifica, que dá movimento e vida? Não.

Bem, o que é então?

Se, partindo dos fatos que o homem pode apreciar, ele chegar à convicção de que a matéria é a primeira base da Criação, a inteligência seria um efeito da evolução no tempo sem medida, tornando-se assim a inteligência a força primária, sendo a força o modus da matéria.

Se o ser inteligente parte de um princípio material mais ou menos leve, mais ou menos fluídico, desapareceu a importância primeira da execução da vontade em seus primeiros sintomas, em sua manifestação primeira; enquanto aquela manifestação é visível desde o início da Criação: a força já existia, como evidenciado pelas leis que regem os desenvolvimentos sucessivos.

A impulsão primeira da nebulosa não pode surgir da matéria, visto que ela ainda não existia na forma posterior que o homem estuda e cujas manifestações secundárias ele erroneamente considera como se elas fossem próprias ou exclusivas dela mesma.

O calor que nutre a vida material também não é a força motriz primária, não é a base sobre a qual repousa essa vida que se quer fazer partir da fricção dos corpos, para verificar que o calor pode

animar o universo inteiro constante e eternamente.

Se o calor é a base principal nas manifestações da vida humana, isso não significa que ele exista na sua base primária, nada mais é do que uma produção de movimento, que ao mesmo tempo dá vida às suas manifestações.

A força primária não reconhece em seus elementos constitutivos a matéria tal como vocês a sentem.

O calor primeiro da vida, da existência, de tudo, não está sujeito às manifestações de atritos materiais.

A vida primeira, em sua manifestação primeira, não precisou dessas partículas, dessas moléculas que constituem a vida já continuada e material.

Existe algo mais sublime do que a ideia concebida pelos materialistas.

Esquecem que a manifestação do calor é posterior à matéria, ou seja, para que sua ação seja sensível, foi necessária uma força criadora da matéria. E se essa primeira força não pode ser baseada no calor, deve logicamente ser atribuída a outro princípio com vontade inteligente de criar a matéria, o calor e suas manifestações sucessivas.

Se esse calórico tem a importância que se lhe quiser dar, se é verdade que suas manifestações são sensíveis e que a humanidade ou o universo inteiro é partícipe e bebe nessa fonte o alimento de sua própria existência, não por isso deve ser considerado como uma força dominante, própria ou completamente desligada da Criação.

Tudo o que existe e toda a matéria que existe está em movimento; por seu movimento mantém a vida; por sua própria vida produz o calor; então a força que parte do calor, provém da potência que evolui dentro do seu próprio corpo (do existente) e lhe dá movimento.

E esse movimento é, nada mais e nada menos, do que o produto da força central que em si mesma existe: sua vida produz as manifestações da vida que estudamos; é a força que põe em movimento tudo o que existe, lançado no espaço em estado fluídico e depois solidificado; é aquela que produz a atração e repulsão de todos os elementos, de todos os componentes, que ela une e separa na continuidade do tempo sem medida.

Esclareçamos ainda mais essas palavras do espírito.

Se a matéria em sua diversidade não pode provir senão de uma única matéria, a substância primeira e eterna, a ação inteligente que as leis da evolução e do transformismo demonstram, não pode dimanar senão de uma inteligência superior e incriada.

As forças primárias devem partir de algo que não é o calor, uma vez que o calor só aparece em certo estado da formação da matéria. O impulso vem necessariamente de mais longe, e se aplicarmos a verdade já conquistada, de que quanto mais fluida a matéria, maior a ação e mais vida ou mais força ativa, devemos supor que existe algo ainda mais puro, mais tênue do que o próprio éter, onde reside a força primária; e a essa não podemos chamá-la de outra forma senão vontade suprema, à qual tudo obedece, constituindo assim a alma universal.

No curso de seu progresso evolutivo, o homem desenvolve a inteligência e torna-se capaz de aperfeiçoar seus instintos até transformá-los em paixões nobres, em sentimentos ideais e na noção da justiça; mas essa inteligência, essas nobres paixões, esse ideal, essa sede de justiça, certamente têm uma origem qualquer, que devemos necessariamente encontrar na força primária.

Então, nessa força, chame-a do que quiser, Deus ou alma universal, reside a inteligência e a justiça suprema, pois a

humanidade, recebendo apenas um germe capaz de desenvolvimento, no curso de sua longa involução, com sujeição às leis que levam a esse fim, e graças aos elementos que encontra preparados para a sua realização, chega à ideia de justiça e ao sentimento do amor universal.

Por outro lado, o profundo conhecimento do Espiritismo, o estudo das leis que regem no mundo espiritual, demonstra até à evidência, a ação direta de um princípio inteligente como causa ou artífice exclusivo da inteligência perfectível do ser criado.

Reconhecemos um único princípio, um único Ser incriado; mas esse Ser é uma dualidade eterna, alma e substância ou fluido universal.

O próprio materialista que meditar, que se desviar um tanto de sua ideia fixa da matéria bruta e se perguntar o porquê de sua evolução, da Criação, da vida, dos sentidos, dos instintos e da inteligência, da harmonia sideral, das forças, do calor e da luz, sem dúvida responderá a si mesmo que a natureza é muito sábia. Muito bem; essa sabedoria que reside em toda parte, essa sabedoria atribuída à natureza, é seu princípio espiritual, eterno, sublime, onisciente, de cuja ação consciente emana tudo o que a governa.

Nada mais direi sobre isso, considerando que a melhor prova da existência de Deus resulta do conjunto dos conhecimentos acumulados nesta obra.

\*\*\*

Agora vejamos como podemos nos explicar a ação de Deus sobre o universo.

Toda matéria, como bem sabe a ciência, é porosa, isto é, possui espaços intermoleculares e interatômicos, por isso são mais ou menos compenetráveis pelos líquidos, estes pelos gases e



todos pela eletricidade; e sendo assim, não há dúvida de que o são pelo éter.

O Espiritismo nos dá o mais perfeito conhecimento da compenetrabilidade da matéria com o surpreendente fenômeno da passagem dos Espíritos através de todos os corpos, razão pela qual, como todos afirmam, a matéria não lhes oferece resistência alguma.

Mas há mais; se os fluidos dos quais o homem dispõe, como no magnetismo, também não encontram barreira na matéria, como se viu no capítulo correspondente, e se os espíritos estão no mesmo caso; eles por sua vez e todos os fluidos são permeados pelo éter, de acordo com a afirmação dos espíritos superiores.<sup>47</sup>

Ora, vemos que a matéria se desintegra pelo calor, que já podemos dizer, penso eu, que não é o resultado do movimento dos átomos físicos que constituem a matéria em seu estado ponderável, e sim que, do calor (movimento fluídico), resulta o movimento atômico; vemos que os espíritos que manejam à vontade certos fluidos mais ou menos grosseiros, dependendo de seu avanço, podem transportar matéria de um ponto a outro e amolecê-la, como no caso citado nas páginas 101 e 102, que dá uma nova prova de que a matéria é uma forma transitória, e que os fluidos são as energias vitais ou energias de ação sobre ela, por meio de uma força primária, que neste caso é a vontade insignificante do espírito humano, então, o que não poderá, em todo o universo, a vontade criadora sobre o fluido substancial etérico?

Se as forças primárias são encontradas nos fluidos, podemos avaliar seus efeitos; se, descartando a preocupação materialista, descobrirmos que os fluidos imponderáveis são aqueles que

---

<sup>47</sup> Refiro-me especialmente ao espírito cujo discurso transcreveu em parte.

sustentam a vitalidade; se quanto mais tênue o fluido, mais força ativa é reconhecida em sua ação; se através da intervenção dos fluidos vitais de que a alma dispõe para mover a máquina animal, as forças do homem se desenvolvem; se, agindo sobre esses mesmos fluidos, o homem pode subjugar seus semelhantes pelo domínio magnético; se os espíritos podem produzir pelos mesmos meios os fenômenos de força que tanto admiramos; e se a alma, sendo a essência do fluido de sua origem, é também permeada pelo éter, que força, senão a universal, pode ser atribuída a Deus, por meio do fluido etérico substancial?

A dúvida é impossível: a força primária, a impulsão que carrega em si a lei suprema da formação da matéria e, conseqüentemente, as forças, a ação e a vida que delas resultam, provêm de Deus.

Se o espírito abrange o organismo inteiro em um único sentimento; se pelo perispírito ele percebe e age - Deus deve perceber, sentir e agir com vontade onipotente sobre o fluido universal em que é ou se realiza; e sendo a parte tangível do Universo gerada a partir desse mesmo fluido e permeada por ele, não pode de forma alguma escapar à ação divina.

Isso é tudo o que em nossa inteligência limitada podemos alcançar ou supor a respeito. Talvez o homem nunca consiga passar além, e nem deveria ambicionar isso. Baste a nós, baste à humanidade ter o consolo de compreender, enfim, que Deus existe, que sua ação atinge todos os âmbitos do Universo, todas as coisas e todos os seres, e que essa ação é amor e justiça.

\*\*\*

Concluirei este capítulo com duas palavras sobre a eternidade e o tempo.

A eternidade não é compreendida pelo homem, porque ele está habituado a ver em tudo o que pode apreciar e, em si mesmo, um princípio e um fim. Na realidade, trata-se apenas de transformações sucessivas, ou seja, mudanças de forma, pois a matéria não se aniquila, nem do nada poderia surgir um só átomo mais.

Tudo vem, na grande transformação geral, do éter; e retorna a ele na forma evolutiva que foi descrita nos primeiros capítulos desta obra. Se déssemos um princípio a Deus, ao universo em seu total conjunto, teríamos que supor outro poder criador anterior, e assim por diante, iríamos nos perder em um infinito de Criações sucessivas, se não quisermos sustentar o absurdo de que do nada surgiu a imensidão do que existe.

Se não há começo nem fim no grande todo, não existe para ele o tempo; só pode agir para o que, partindo de um ponto, chegará necessariamente a outro. Assim, os astros, embora eternos em sua substância, têm seu tempo contado em termos de forma. O tempo só é medido e contado para o que está em transformação.

Sendo assim, como o Espiritismo pode sustentar que a alma humana é imortal e eterna? Simplesmente porque ela nunca foi transformada; não é matéria no sentido de algo que assume forma tangível e está sujeito à desintegração; é fluido substancial em sua origem, diversificado pela ação primária dos elementos materiais dos astros em seu período solar; mas sempre sem forma determinada, sempre incorruptível, involucional, aperfeiçoa-se e purifica-se no cadinho cerebral, pelo trabalho e pela luta pela existência através da sucessão da vida, até que seja personalizada pelo fato moral do conhecimento do bem e o mal e a consciência de sua existência.

É por isso que os Espíritos que chegaram a um certo grau de

adiantamento nos dizem que não contam o tempo, porque nada passa para eles, nem sentem jamais a fadiga.

## VIII

*Problema da Justiça Divina - A fé e as ideias inatas - O bem e o mal - A Providência, como em geral é entendida, não existe - Anjos guardiães - Distribuição dos prazeres no mundo.*

Se, em virtude do pouco avanço, a consciência e o livre arbítrio são limitados, a justiça exige a posse de instintos e ideias inatas que sirvam de guias, e que a responsabilidade dos atos seja proporcional a esse grau de atraso.

Sendo assim, quem se encarregará dessa justiça estrita? Se estivesse fora de nós, exigiria um conhecimento impossível dos mecanismos ocultos da nossa alma; mas estando em nosso próprio ser, sendo nossa própria consciência, esse juiz estará sempre bem-informado e será tanto mais severo quanto mais clara a concepção do dever e o conhecimento do bem e do mal.

Será que isso bastará para dar noção da justiça divina, quando temos tanto mal na matéria, tanta luta, tanta dificuldade a vencer? É verdade que desta forma a justiça será realizada de acordo com o grau de responsabilidade; mas por que a criação do mal, por que as doenças, por que a árdua obrigação do trabalho; por que a vida

material, por que, enfim, o esquecimento daquilo que aprendemos em cada encarnação?

Enquanto essas perguntas não forem respondidas satisfatoriamente, não se pode dizer, exceto pela fé e a esperança, que Deus deve ser magnânimo e justo.

Vamos estudar esta questão em detalhes, mas primeiro, vamos gravar bem em nossa mente que a origem imprescindível da alma torna necessária a criação da matéria e da vida nela; que, se quisermos obter a felicidade eterna, é justo que a mereçamos e que, para esse fim, o bem e o mal devem existir; que para a consciência ser nosso próprio juiz, é necessário que sejamos filhos de nossas próprias obras; que, em suma, se quisermos desfrutar do livre arbítrio, em nosso organismo devemos carregar o germe do bem e do mal, para que tenhamos mérito na vitória, que se traduz em nosso próprio progresso e no bem para nossos semelhantes; ou então, optando pelas satisfações intelectuais do mal, desçamos à lama dos vícios, entorpecendo nossos fluidos, escurecendo a alma e semeando a iniquidade – o mal à nossa volta.

\*\*\*

A Fé e as ideias inatas – Os diferentes graus da crença na imortalidade da alma, em Deus e na sua justiça, dependem dos diferentes graus de adiantamento do espírito.

Os povos simples ou primitivos têm uma crença inata, uma fé que lhes é necessária ao seu progresso, uma fé que, no relativo a Deus, aplicam de forma grotesca, adorando a natureza, o sol e a lua, ou criando, segundo a sua fantasia, ídolos, deuses que bastam ao seu embrionário avanço espiritual.

A ideia inata de imortalidade é igualmente traduzida de uma maneira tosca. Daí que alguns povos primitivos coloquem perto

do corpo dos mortos uma jarra de água e peixes defumados para que possam fazer a viagem de além-túmulo, e que todos esses povos sejam cheios de crenças supersticiosas, de bons e maus espíritos, sem que, no entanto, nenhuma manifestação real e razoável possa ser feita entre eles.

Mas à medida que avançam, como mostra a história, vão modificando o culto, cuja base é sempre a mesma: as ideias de Deus e da imortalidade. Todos eles têm uma religião à altura de seu merecimento ou avanço.

A mais sublime neste sentido tem sido a religião desprendida da pregação de Jesus. Mas a humanidade ainda não podia conceber a Deus em absoluto, e o Cristianismo se tornou pagão e se tornou idolatria, sob formas mais belas e atraentes.

Os infelizes trabalhadores, aqueles que, pelo seu duro destino, pelos seus sofrimentos, deveriam ter estado mais dispostos a negar a Deus ou a negar a sua misericórdia e justiça, são os mais devotos na fé e na esperança – com raras exceções.

Incapazes de pensar livremente, adoram a Deus da maneira rotineira que lhes foi ensinada na infância e que o costume consagra, por mais absurdo que seja.

Por que essa fé? Seria, talvez, por que fé e ignorância são uma mesma e única coisa? Não é isso: a história e o presente mostram-nos que homens de alta inteligência e grandes virtudes abrigam a fé dentro do peito e são os corajosos defensores do culto.

Vamos explicar isso. A condição dos espíritos que ainda podem ser considerados como estando no primeiro período de seu desenvolvimento, necessita dessa fé para seu progresso, e Deus, em sua bondade suprema, ordenou as leis de tal maneira que ela não possa lhes faltar.

As grandes inteligências (referimo-nos àquelas que acreditam

na verdade e acompanham a sua fé com a virtude), são espíritos que já conquistaram, no seu terceiro período (diremos assim, para uma compreensão mais fácil), uma elevação que lhes permite sentir Deus em si mesmos e ter a visão clara do grande futuro que os espera na imortalidade. São eles os homens de ciência que, apesar das evidências contraproducentes de seus conhecimentos, perseveraram em sua fé, afastando-se das formas e erros vulgares da religião popular; são eles os filósofos espiritualistas que esgotaram sua engenhosidade para demonstrar pela razão pura o que infelizmente não é demonstrável; são eles os homens que, inspirados nas ideias que conquistaram no passado, falaram à humanidade sobre as reencarnações e os mundos habitados.

Existem outras grandes inteligências, que ou não possuem essa fé enraizada, ou carecem dela por completo. Infelizmente, eles são numerosos. São os espíritos que têm feito um progresso defeituoso, dando tudo à inteligência e negligenciando completamente a moral. Entre uma encarnação e outra permanecem nas trevas e, à força de sofrimento, buscam e obtêm uma nova provação, na qual geralmente reincidem.<sup>48</sup>

Esses são, a longo prazo, os espíritos que mais sofrem, porque desvinculados dos laços morais, fazem servir seu talento e a instrução, que sempre buscam com avidez, para escalar posições políticas, onde nenhum bem fazem, e para conquistar fortunas, que aplicam com egoísmo à sua própria satisfação.

\*\*\*

Existem muitos outros, que passam pelo período mais difícil da provação que chamaremos de segundo período. A fé cega,

---

<sup>48</sup> Esses conceitos baseiam-se no estudo cuidadoso, por alguns anos, dos quadros do além-túmulo.



inata, vai desaparecendo à medida que os espíritos avançam, e, pelos fatos devem adquiri-la por si mesmos nas existências sucessivas; mas se essas encarnações são negativas, se em alguma delas eles se deixam levar pelas más paixões ou pelas ideias falsas reinantes, avançam pouco ou nada em espírito, e pode então ser assegurado porque em nada eles acreditarão mais do que no testemunho de seus sentidos, e suporão ser suprema a efêmera e pretensiosa ciência humana.

Essas ideias atuais, que tanto prejudicam multidões, são o resultado de um progresso necessário ao advento da era da luz e da verdade: a queda de crenças absurdas.

Os fatores inconscientes desse progresso são aqueles incrédulos avançados apenas em inteligência, que se aplicam com avidez para arrancar, conjuntamente com os erros, as nobilíssimas ideias da existência de Deus, da justiça divina e da imortalidade, destruindo assim as bases fundamentais da virtude, dos afetos, e da esperança.

É para eles, e para sustentar a fé daqueles que estão no primeiro período, que o Espiritismo vem demonstrar pelos fatos, pelo fenômeno material, que a alma existe e tem o que necessita ou merece em cada etapa de seu progresso. Infinito.

Eis aí, explicado em poucas e simples palavras, o porquê de alguns terem fé e outros não. – Tudo é justiça. – Tudo é previsto e merecido. – Tal é a sublime grandeza do Organizador Supremo!!

Para quem não traz o conhecimento da existência da alma e de sua imortalidade bem gravado em sua consciência, e que, por esse mesmo motivo deve adquirir a convicção dessa verdade aqui embaixo, isso deve ser muito difícil para ele, na realidade. Para o espírito que se encontra nesse caso, a união com a matéria é tal que não pode ter uma noção inata a esse respeito, devendo

adquiri-la, com maior ou menor facilidade, a cada encarnação. E, como enquanto estamos vivendo na matéria só vemos matéria inerte, matéria vegetativa e matéria animada e inteligente, mal podem eles conceber o espírito em estado livre, com um corpo fluídico invisível e conservando todo o poder da vontade, as paixões morais, a inteligência e os conhecimentos adquiridos nas diversas encarnações.

Para quem infelizmente está nesse caso, esse fato deve parecer maravilhoso, embora pareça tão natural para os convictos já da vida espiritual.

Quanto aos espíritos novos, em seu primeiro período, eles têm, como exige a justiça, fé inata e resignação inconsciente em seu estado de provação rude.

\*\*\*

Existe uma lei que chamarei do trabalho ou de luta pela existência, uma lei que se justifica com os conhecimentos do Espiritismo.

Deus, em sua grandeza, não está e nunca esteve inativo, mas tem criado eternamente, ou seja, transformado o fluido universal, para dar origem ao surgimento dos mundos e da vida. Assim então, a ação, o movimento, é a vida divina e, conseqüentemente, deve ser a lei do ser criado. A inação seria a morte do espírito, como é causa de que os órgãos que não são exercitados atrofiem. Nem podemos conceber a vida sem ação; é, portanto, uma condição ineludível dela. O tédio toma conta do homem que se entrega à preguiça.

Tudo no universo está em movimento, sóis e mundos giram sem cessar, e a vibração dos fluidos invisíveis constitui energia, luz e vida, no conjunto universal.

As espécies se aperfeiçoam na luta pela existência, desempenhando o papel que lhes corresponde na harmonia universal.

Por meio do trabalho, o homem conquista seu conforto e embeleza sua morada planetária, acumulando assim bens que deve usufruir sem limite em suas sucessivas encarnações. Se numa das suas existências só deve trabalhar, noutra encontrará o fruto do seu próprio trabalho e das gerações que passaram, estabelecendo-se assim a solidariedade humana e realizando-se a justiça distributiva do merecimento.

O homem que a nada dedica seus esforços ou suas faculdades, não cumpre com a lei geral e não tem direito aos bens que o trabalho proporciona.

A forma deste depende do progresso alcançado, e a luta pela vida reveste assim todo o caráter de justiça que buscamos.

O trabalho excessivo e mal remunerado depende do atraso moral da sociedade e exige uma reação.

\*\*\*

O bem e o mal.- Se o que chamamos de mal não existisse, não compreenderíamos nem apreciaríamos o bem, a vida se esterilizaria e as felicidades inefáveis que aguardam o espírito quando pode, desde o espaço, contribuir para o bem ou realizá-lo, não poderiam acontecer, sendo reduzido à contemplação passiva e estúpida do Deus do catolicismo.

O mal está para o bem como as trevas estão para a luz; não é mal, e sim negação da criação positiva do bem, como a escuridão em si não é senão uma carência da luz.

Quem está no mal afasta-se do amor de Deus, quem está no

mal, prefere as sombras à luz, prefere os gozos efêmeros que o mundo proporciona aos espirituais que nos aproximam da felicidade suprema que está em Deus.

Os gozos materiais constituem um bem relativo que é preciso se tomar com medida, como meio de distração ou em cumprimento de uma necessidade de nossa existência material, mas não como o ponto fixo que deve determinar a rota de nossa existência espiritual.

As paixões ignóbeis respondem sempre a um sentimento de sórdido egoísmo que contraria o progresso ou o bem social, pelas desconfianças que geram e pelos males reais que produzem; mas no final, a satisfação que seus autores experimentam torna-se em seu próprio mal, já destruindo o equilíbrio da vitalidade corporal, já preparando um sombrio vazio para eles ao chegarem à vida espiritual.

Esse vazio é facilmente concebido, visto que na vida espiritual os apetites por essas paixões não podem ser satisfeitos. O tédio é conseguinte, e sendo guiados por ele, a justiça divina é desconhecida, cai-se na maldade pelo próprio mal, e tortura-se a humanidade, sobre a qual o mundo espiritual tem tanta influência, sem deixar por isso de se realizar a justiça.

Cada ser tem o que merece; aquele que é bom, em virtude da lei das afinidades, atrai para si os espíritos do bem e nada podem os maus sobre ele; mas podem, sim, sobre aqueles que se entregam aos vícios ou se deixam arrastar pelas más paixões.

Se a ambição de mando daquele que não busca nisso senão a satisfação pessoal, se realizar, ele fará um mau governo, produtor de males mediatos ou imediatos para o povo, que aparecerá vítima inocente; mas se inquirirmos sobre as causas, sobre o estado dos costumes, é provável que pensemos de maneira muito diferente. De resto, basta lançar um olhar retrospectivo para nos

convencermos de que os povos sempre tiveram o governo que lhes correspondeu segundo o seu atraso, a sua depravação ou as suas virtudes e grau de cultura.

Quanto aos déspotas, as consequências de seus atos finalmente se concentram neles mesmos, produzindo-lhes o tédio, o medo, o desencanto, o furor em presença da mais mínima contrariedade; estão condenados a ver desaparecer as satisfações que se prometiam no abuso de prazeres e caprichos e, como as entidades vulgares, mais tarde se encontrarão no espaço sem saber o que fazer, qual caminho tomar em sua vida espiritual; ver-se-ão no escuro, como é justo, pois não deve chegar a irradiação divina a quem assim a desconhece, pretendendo impedir o progresso ou moldar a vida aos seus desejos desenfreados.

Assim, o mal resulta, então, necessário para estimular o desenvolvimento intelectual e moral, sendo sempre realizada a justiça.

Mas, dirão, o inocente pode ser vítima da paixão ignóbil ou da brutalidade criminosa. É exato e inevitável, se deve existir o livre arbítrio, mas isso é conhecido por todos aqueles espíritas que, sem se contentar com o simples fenômeno, estudam as manifestações dos espíritos e os quadros de além-túmulo, levando em conta ao mesmo tempo que a vida na matéria é a transição, a provação, e que a vida espiritual é a imperecível ou normal (49).

*(49) Não é possível nesta pequena obra dar a esta questão todo o desenvolvimento que ela merece; limito-me a apresentá-la de forma clara para facilitar a sua resolução a quem deva continuar a investigação.*

Outro conceito impõe-se: a existência do anjo guardião, um espírito avançado que se obriga a zelar por um espírito que encarna. Ao efeito, fica ligado a ele por laços fluídicos, que lhe

permitted a transmission of his own thought to the heart of his protégé, as a warning of danger of launching himself into this or that unworthy act, permitting afterwards, in fulfillment of duty and of the law, that free will be realized.

Therefore, if he delays or hesitates, he loses his proof, this is just; if he produces evil, the divine laws have foreseen compensation for the offended and, as to him, will attract by affinity the spirits that are in equality of conditions, making it thus every time more difficult and painful the reaction, which is also just.

In the oppressed peoples there can be, and without doubt there is, many beings who do not deserve a bad government, which gives them a brilliant opportunity to progress; they must resist against the revolution of right, with detachment; for patriotism and for love of the like; they must form the sacred nucleus in which the reaction must finally operate; they must give the example of virtue in the midst of corruption of customs and, thus, doing good, when they return to their place, will receive the deserved reward.

But how – it occurs to ask – can the application of the reward be made, when we have only conscience as judge?

In this way, the more the spirit advances, the more he elevates himself, because his fluidic body purifies itself, which allows him to distance himself gradually from Earth (place of darkness for the spirit) and approach the regions of divine light, which, as Spiritism proves, is certainly not the light that blinds the mortal eyes.

Deeper knowledge in the occult sciences teaches how the perispirit is purified. I will say here only that evil acts attract heavy or material fluids, and good acts and noble thoughts produce an essential modification in the perispirit, because it is intimately linked to the will, which is the

manifestação genuína do espírito.

Quando se fala no bem e no mal, não podemos deixar de nos lembrar de epidemias, catástrofes, guerras e doenças.

Levaria muito tempo detalhar uma a uma, essas várias manifestações do mal, por isso temos que considerá-las em conjunto.

Todo mal conduz ao bem; as dores físicas e morais põem à prova a resignação e a paciência, contrárias ao orgulho, que é o maior inimigo do nosso progresso; e já foi visto que se alguma vez se sofre sem uma causa necessária ou merecida, a compensação não se faz esperar.

Em caso de guerra, existem aqueles que dela são culpados e outros que são as vítimas. Para aqueles haverá sofrimento no espírito e na sucessiva existência corporal, para estes justa reparação, se obedeceram à necessidade; se morrerem, logo reencarnarão, melhorando na situação e nos meios de progresso.

Encontram-se no mesmo caso as vítimas de cataclismos, naufrágios e acidentes? É de se supor que sim; mas, segundo certos espíritos, a maioria desses eventos estão previstos. Se não fosse esse o caso, estarão previstos ao menos os eventos que, a depender do comando, vão marcando seu progresso. Isso se explica porque o passado determina o presente, e este será o passado do futuro. A elevação de objetivos, a inteligência na apreciação e o conhecimento dos fios da trama, bastam para isso; e os fios são as provas solicitadas pelos espíritos que formam a classe dominante no mundo, de cuja luta irá depender o futuro.

Existem algumas evidências a favor desta afirmação. No apêndice encontra-se uma que, como fato, não pode ser posto em dúvida: é testemunhado por personagens da grande revolução de 99. A revolução foi profetizada por Cazotte em um momento de

inspiração direta, da qual em mais de uma ocasião ele se mostrou digno. Predisse a sorte que caberia às principais pessoas que o ouviam, e chegou até a predizer a decapitação do rei, e isso numa época em que a pessoa real era considerada sagrada.

Daí que, em diversa ação, nas provas solicitadas, estão maravilhosamente combinados o merecimento, o livre arbítrio de cada um e a justiça e o progresso para todos.

As enfermidades e a morte prematura, como se entenderá, podem ser mais facilmente previstas pelos anjos guardiães e até pelo próprio espírito, se já for avançado, pois conhecendo os antecedentes da família e dos pais, pode-se prever a constituição que o organismo irá ter, as doenças hereditárias a que estará sujeito e a maior ou menor propensão a contrair esta ou aquela doença contagiosa.

No primeiro caso, o anjo guardião busca o que é conveniente para seu protegido, não do ponto de vista da felicidade mundana, mas do sucesso final do progresso espiritual; no segundo caso, o espírito escolhe por si mesmo de acordo com os ditames de sua consciência.<sup>49</sup>

A maioria dos casamentos estão previstos, o que é fácil de conceber depois do que foi dito. De fato, todos podem perceber isso, lembrando como se encontram inesperadamente aqueles que estavam destinados a se unirem.

Os dramas que começam na Terra, como já disse, continuam no espaço. Aquele que, sendo mais avançado, perverte alguém que está em menor grau de desenvolvimento intelectual e moral, deve necessariamente ser perseguido por ele em busca de reparação.

---

<sup>49</sup> A consciência é o juiz e, em espírito, a vida é apreciada sob critérios muito diferentes do que na matéria; em espírito, quando o arrependimento chega, o progresso é veementemente desejado a qualquer custo, enquanto na matéria, lutamos com o instinto de preservação e as aspirações mundanas.



Essa é a lei, como evidenciado pela observação dos quadros do além-túmulo. Aquele que causa sofrimento deve sofrer; quem faz chorar tem que chorar. Quem desviou um amigo, qualquer pessoa, do caminho reto, devido à ascendência de sua superior cultura ou posição social, ineludivelmente tem que restaurar as coisas ao seu ponto de partida, tem que voltar à matéria e se encarregar de levantar aquele a quem fez cair, sendo nesse caso talvez sua esposa ou um filho seu.<sup>50</sup>

Portanto, podemos dizer com verdade que as dores, tristezas e contratempos que o homem experimenta em cada existência, são buscados ou merecidos. O passado decide sobre o presente e o presente sobre o futuro.

\*\*\*

A providência. – Como é geralmente entendida, ela não existe; todas são leis que se entrelaçam e resultam na harmonia do conjunto, levando as coisas e os seres a um fim determinado, mas sempre brilhando, como luz esplendente, a justiça divina.

O mal e o bem estão em luta dentro dessas leis, mas o bem é poder positivo e o mal negativo; o primeiro é uma força constante e progressiva; o segundo, uma resistência que míngua.

O mal é mais eficaz no mundo material, o bem é mais eficaz no mundo espiritual; os triunfos efêmeros daquele, elevam os seres que são vítimas deles por não se renderem aos opressores; o mal tem seus meios e o bem também tem os seus; se o malvado pode produzir o estupro e o crime, não seria justo que o bem não tivesse ao seu alcance, não direi a vingança, a qual, se permitida, é

---

<sup>50</sup> Algumas de minhas afirmações, se não baseadas em meus próprios conhecimentos, têm seu fundamento nos ditames do além-túmulo feitos a Allan Kardec.

sempre uma prova de atraso, mas os meios de fazer o bem física e moralmente: por isso, Deus concedeu ao ser já saturado de amor e de caridade, que sua oração sincera alivie aqueles que sofrem aqui ou no espaço, que ele possa, impondo as mãos com fé, transmitir através delas seu fluido purificado, seu fluido vital, ao irmão doente e trazer-lhe melhora agindo sozinho, se não for médium, e auxiliado pelos espíritos se o for.<sup>51</sup>

A Providência não se ocupará em parar a chuva, em evitar um cataclismo, pois tudo isso está dentro do desígnio divino e sujeito a leis fixas, que promovem o progresso definitivo.

O progresso do planeta é correlativo e paralelo com a humanidade que recebe desse progresso e contribui para ele; o homem saneará lugares não saudáveis, estabelecerá higiene em todos os lugares, destruirá as causas da produção de micróbios, transformará pelo fogo, evitando a putrefação, até o seu próprio corpo; aproveitará resíduos orgânicos em fertilizantes caiados e inócuos; e destruindo assim, em parte, as causas das epidemias, ele também encontrará os meios para combatê-las eficazmente, quando em seu avanço atingir o domínio voluntário dos fluidos.

Este e muitos outros avanços serão feitos pelo homem por meio de sua inteligência; preverá as mudanças do tempo, contribuirá para a normalização das chuvas, melhorará todos seus meios de locomoção; mas enquanto não houver progresso moral, enquanto a ideia de solidariedade não dominar completamente, enquanto a igualdade não for um fato, enquanto os costumes não forem purificados, a felicidade não será deste mundo.

A classe social dominante não verá seus desejos realizados enquanto não se elevar ao sentimento espontâneo de fraternidade e caridade, que lhe aconselhará a uma melhor remuneração do

---

<sup>51</sup> Tais são os médiuns curadores, extremamente raros, porque são necessárias generosidade, abnegação e a boa assistência dos espíritos.

trabalho dos pobres e a evitar seu cansaço excessivo. Quando este fato ocorrer, a maioria dos humanos poderá se render aos afetos que enobrecem, verá a higiene em seu lar e garantida a honra das jovens.

Não há dúvida de que, atualmente, da morada anti-higiênica do proletariado saem as pragas que mais tarde invadem os palácios; da corrupção na pobreza, originada pelos ricos, brota o germe da lepra corruptora dos costumes.

Do que foi dito, segue-se que a Providência não atua diretamente em cada caso, mas no conjunto harmonioso do progresso, deixando que dentro dele cada homem possa conquistar para si mesmo a felicidade e a posição culminante que ocupará algum dia na escala dos seres.

O único que pode ser considerado como atos providenciais diretos, é a encarnação de espíritos altamente colocados por sua pureza, que obtêm permissão para vir, ou são enviados em missão especial para revelar à humanidade o que ela não pode alcançar por si mesma, ou para tirá-la do erro.

Essas missões serão tanto mais eficazes quanto maior for o sacrifício imposto a si mesmo pelo espírito, como a de Jesus, que pode ser considerada a pedra angular da civilização moderna.

\*\*\*

Distribuição dos bens do mundo. – A generalidade encontra nisso um argumento decisivo contra a equidade justiceira de Deus; assim, mesmo quando daquilo que foi dito sobre a escolha das provações e penalidades que cada um se impõe e merece, resulta o erro dessa avaliação, é necessário que estudemos cuidadosamente o porquê da desigualdade na distribuição dos

bens.

Se o planeta Terra é um mundo de criação e provação, é evidente, como atestam a maioria dos espíritos responsáveis pela direção do Espiritismo, que aqui são criados novos espíritos, entendendo esta criação como o ato psicológico de individualização do fluido vital em um ser humano, no qual os órgãos da moral já existam em desenvolvimento.

Esses espíritos podem aparecer em povos atrasados (fueguinos, australianos e outros), que recebem também missionários, ou espíritos das raças civilizadas, que, já adiantados, descem entre eles para promover o progresso.

Pois bem; esses espíritos embrionários, quando chega a sua vez de encarnar nos povos avançados, não podem de forma alguma ter outro objetivo senão aquele que podem realizar, aquilo de que necessitam para exercitar suas faculdades nascentes. São estes os mais simples trabalhadores das campanhas, sem que isso signifique que entre eles não existam Espíritos altamente inteligentes, que estão aí em busca do progresso moral que se inicia com a resignação, a paciência e, sobretudo, com a humildade, ou então, para ali assumir naturezas vigorosas, capazes de resistir completamente, mais tarde, as tarefas intelectuais, que são as mais exigentes ou desgastantes de energia e fluido nervoso.

Em todas as classes sociais, em todos os estados da vida, o espírito progride se realiza sua prova, isto é, aquela que se julgou capaz de fazer e decidiu antes de sua encarnação.

Em seu caminho de progresso, o espírito precisa percorrer toda a escala e deve retroceder mais de uma vez para corrigir erros, faltas, culpas, que deve retificar, sob pena de estacionamento. Deste movimento, a que se vê reduzido o espírito que realmente deseja o seu progresso, e do aparecimento dos

espíritos novos, depende a organização social, a diversidade de classes, de aptidões e a diferença na distribuição dos dons mundanos.

Esta, então, é a inteligência justa, grande e sublime por parte do Criador, portanto, existem também os meios de progresso geral, de progresso humano, que exige a divisão do trabalho e das habilidades, para que os espíritos encontrem todos os graus de prova que o seu avanço exige; é assim que esta verdade se realiza: a cada um, segundo seus meios e seus méritos no mundo.

A quem trazer será dado e a quem não trazer será tirado, disse Jesus.

Isso, que à primeira vista parece um absurdo, uma iniquidade caprichosa, é, pelo contrário, de estrita justiça, e os espíritas já sabem de forma inequívoca, pela história de muitos Espíritos, que falando de si próprios estabelecem a filiação de suas diversas encarnações, que as palavras de Jesus são uma tradução fiel da verdade.

Nada mais justo do que responsabilizar o ser por seus atos, de acordo com o grau de seu livre arbítrio e as circunstâncias que lhe permitiram, ou não, os meios de agir mais ou menos bem.

Assim, aquele que, possuindo saúde, posição social, progresso intelectual, fortuna ou mando, não aproveitar esses dons, merecidos ou não, para fazer o bem, dar exemplo de fraternidade e ensinar o caminho reto, nada trará ao mundo espiritual que o faça merecedor de que algo lhe seja dado lá; antes, pelo contrário, com justiça lhe será tirado, sujeitando-o a encarnar nas esferas sociais inferiores, ou colocando-o numa situação de querer aproveitar a inteligência que sente em sua mente, sem poder encontrar os meios.

Com razão Jesus dizia, em sentido figurado, que era tão difícil

para um rico entrar no reino do Pai quanto um camelo passar pelo fundo de uma agulha. É que a provação do poder e as riquezas é a mais difícil; nela, quase todos se perdem por orgulho, abuso, egoísmo, e devem percorrer de novo a escala, embora, em geral, rapidamente, para merecer mais uma vez aquela tremenda prova. Para sair deste mundo, é necessário que o avanço seja tão grande nas virtudes morais, que garanta o sucesso em outro superior, para não ficarmos expostos a descer novamente.

A distribuição dos dons do mundo é, portanto, equitativa e regida pela necessidade. Dentro do concerto universal que conduz as coisas e os seres pelo transformismo, pelas leis sábias, pela involução do fluido vital, pela suprema realização dos propósitos do Criador, pela criação dos espíritos e pela verdadeira felicidade, todos podem fazer o que gostam, realizar suas aspirações; aqueles que colocam a felicidade nos prazeres sensuais, na ganância ou nas riquezas mundanas, no jogo, na ambição de mando imerecido, podem realizar seus desejos; e ao mesmo tempo que se desviam do caminho reto em seu próprio detrimento, são instrumentos inconscientes do progresso material e moral das sociedades. É verdade que o mal é necessário ao bem. Este não pode brilhar nem ser aquilatado senão em meio às dificuldades e tentações.

Outra característica da justiça divina que é dado ao homem apreciar é o grau de felicidade relativa (a absoluta não é deste mundo) que cada ser alcança em uma existência.

A riqueza por si só não traz felicidade, se o ser que a possui não a merece, caso em que será dotado de uma organização defeituosa e doentia; o poder, quando não realizado no bem, afasta a satisfação, a tranquilidade e as simpatias; a beleza, embora seja uma prova tão difícil quanto a da riqueza intelectual ou material, não é uma felicidade se for acompanhada por defeitos de caráter.

A felicidade é absolutamente subjetiva.

O pobre que não o for em excesso, que não tiver como pena a pobreza, que têm saúde e seja um espírito nos primeiros passos, sem um passado execrável, sentir-se-á feliz, preenchendo com facilidade as suas aspirações singelas; e o rico, entediado e sempre contrariado, em meio às suas paixões e distrações forçadas, com inveja o verá comendo um pedaço de pão com prazer e apetite, o ouvirá cantar, enquanto executa sua tarefa que nos parece atroz, e que para ele é tão fácil, porque possui uma organização poderosa. As mais insignificantes distrações lhe trarão mais íntima e franca alegria ou prazer do que aquela que os mais ricos podem experimentar em uma ópera ou em bailes e banquetes luxuosos.

Isso não quer dizer que o rico seja sempre infeliz – não. O que quer significar é que a felicidade é puramente subjetiva, que depende da inocência primitiva do ser ou de seu progresso moral realizado.

\*\*\*

Do estudo superficial que acabamos de fazer sobre as relações do mal e do bem, fica evidente que o mal nada mais é do que o incentivo ao progresso para chegar ao bem, à verdadeira felicidade subjetiva no estado de perfeição espiritual.

Grande é a justiça de Deus; se em alguns casos não a conseguimos compreender, é devido à nossa pequenez; para ter fé nela deveria bastar-nos sentir na alma o desejo da justiça, compreendendo-a e aplicando-a, visto que o ser criado não pode ser mais justo do que o seu Criador.

Deus estabeleceu, diz Kardec, leis cheias de sabedoria que têm o bem por objeto. O homem tem em si mesmo o que precisa para

seguí-las; seu caminho está traçado por sua consciência; a lei divina está gravada em seu coração e, além disso, Deus as faz recordar constantemente ao homem por meio de todos os espíritos encarnados que receberam a missão de iluminá-lo, moralizá-lo e melhorá-lo e, finalmente, nestes últimos tempos, pelos numerosos espíritos desencarnados que se manifestam em toda a parte.



## *Conclusão*

A humanidade conquista com o Espiritismo a consoladora certeza de que os entes queridos não concluem na sepultura, e que, embora todos soframos através das diversas encarnações, no fim chegamos à felicidade eterna. Assim, a certeza substituirá as crenças; todos poderão perceber que Deus é inteligência no fato da criação da alma, é justiça no seu desenvolvimento e é amor no infinito que nos aguarda.

A profecia do gênio foi cumprida: a ciência é a religião; e essa religião nos mostra a conveniência do trabalho, da luta e da perseverança para conquistar, as habilidades primeiro, a concepção e aplicação da equidade na fraternidade mais tarde e, por último, a moral coroadada pela humilde caridade; isto é, primeiro a inteligência, depois justiça e por último amor, para seguir o impulso assim marcado pela ação de Deus e chegar a Ele, que é, em última instância, amor.

Nossa origem espiritual perde-se na noite dos tempos, nasce obscura, instintual e simples; desenvolve-se aos poucos, cai no mal, sofre, luta, e no seu sofrimento e na sua luta encontra o progresso e conhece o bem. E através do bem chega à luz, nas alegrias inefáveis da caridade e do amor.

No decorrer dessa lenta evolução, o homem sempre teve as crenças religiosas como seu guia; mas seu culto sempre esteve no nível de seu progresso intelectual e de suas necessidades morais.

Agora conquista finalmente a verdade, que em sua elevada missão Jesus pregou – o Espiritismo é o Cristianismo puro atestado pelos fatos; é a suprema conquista da humanidade, uma conquista que coroa o progresso intelectual e inicia a era do progresso moral.

\*\*\*

Não quero dizer que tenha havido ou que haja uma separação radical entre ambos os progressos – não. Em todos os tempos, houve certo progresso moral, em todos os tempos alguns homens se destacaram na elevação moral; mas, tomada em conjunto, a humanidade sempre foi imoral. Atualmente acontece a mesma coisa: o baixo povo é imoral por seu próprio atraso, na inteligência; as classes dirigentes, embora contribuam para o progresso intelectual e saibam manter as aparências, no fundo são as mais refinadamente imorais, são os traficantes da política, são aqueles que, dando o mau exemplo, pervertem os costumes, comprometendo o futuro do Estado.

Individualmente, a primeira coisa que o homem tem são os instintos; depois ele conquista a inteligência e finalmente a moral. Essa evolução é acompanhada nele, como vimos, pelo formato do crânio. Mas este último desenvolvimento ainda não foi completado: é necessário ele ser complementado para que o homem alcance toda a sua perfeição sobre a Terra e com ela a felicidade possível.

Para tanto, é necessário empenhar as potências da alma, fazer a vontade agir nesse sentido para conquistar, junto com a virtualidade moral, os órgãos nos quais a dualidade humana se realiza. E onde o homem encontrará o incentivo que deverá incliná-lo a proceder assim? Nas promessas de uma vida futura que a religião é incapaz de demonstrar... ou no materialismo que

só apresenta no final da vida, da ação de uma existência efêmera, um descarnado esqueleto?

Certamente não! Os tempos são chegados em que o homem precisa, para estímulo do progresso moral, saber que a alma sobrevive à matéria, que existe justiça e que um futuro feliz nos aguarda; dependendo apenas da nossa vontade, da nossa maneira de proceder, que o termo seja abreviado ou prolongado.

\*\*\*

É lei imposta a todas as coisas caminhar por diferentes vias, de acordo com suas funções, mas para o mesmo e grandioso fim.

Parar é fácil; difícil é parar por muito tempo, parar de caminhar é impossível.

A humanidade tem subido trabalhosamente a ladeira dos tempos: Moisés, com a lei em suas mãos, conduziu-a ao sopé da grande montanha sobre qual se estende a abóbada do desconhecido; Jesus, com sua moral inabalável, deu-lhe um vislumbre do caminho que leva ao céu.<sup>52</sup>

O Espiritismo, estudando os meios e as leis da comunicação com os Espíritos, chegou estabelecer o contato entre a humanidade do presente e a humanidade do passado; esta comunicação permite-nos saber que Jesus falou a verdade; que somente o cumprimento de sua moral pode nos conduzir a Deus; e esta demonstração é tão evidente que o homem não poderá mais duvidar, nem se deter em seu progresso moral.

Certamente esse progresso será lento, mais lento que o progresso intelectual, porque este é estimulado pela necessidade ou pelas conveniências sociais de uma maneira evidente ou

---

<sup>52</sup> Comunicação de além-túmulo.

imediate, enquanto o progresso moral deve ser realizado ao impulso de aspirações mediatas no ideal do futuro e para a satisfação da consciência.

Se, portanto, perdidas as crenças, como fruto do avanço intelectual, não tivesse a humanidade conquistado o Espiritismo, esse progresso moral não poderia ocorrer. O ateísmo materialista, que mata a esperança e destrói o ideal de justiça, tornaria a moralização impossível, e um movimento de anarquia e regressão social não demoraria em se iniciar.

\*\*\*

Mas a regressão real (refiro-me à humanidade) nunca ocorreu no passado, e muito menos pode ocorrer no presente ou no futuro; o que parece retrocesso são as quedas momentâneas de alguns povos, para que se cumpra a lei do merecimento, e que da luta e do mal-estar surjam a reação e o progresso; são lições que o destino depara em suas leis previdentes, cada vez que se desconhece o caminho reto do progresso.

O avanço, o aprimoramento, a espiritualização, está no pensamento divino; e embora tenhamos livre arbítrio, ele é um dom relativo incapaz de tolher esse pensamento, pensamento que levará o planeta e seus habitantes ao cúmulo da perfeição possível nele, e as almas à felicidade dos justos. Por isso, providencialmente, o homem sempre encontra algo que o guia; até aqui teve as religiões; doravante ele terá a ciência e a consciência.

Não olhamos com fanatismo os bens que o Espiritismo pode produzir; nós o apreciamos no que ele realmente é: uma conquista à altura do nosso progresso, que servirá de farol para a humanidade em seu tortuoso caminho, sem que, no entanto, possa o seu atrativo ser poderoso o suficiente, para que cada ser, as

sociedades, os povos, venham a se tornar instantaneamente morais e caridosos, fazendo reinar desde já a democracia, a fraternidade e a equidade.

Para este ideal a humanidade caminha sem o suspeitar, conduzida pelo aperfeiçoamento espiritual de cada ser na sucessão das suas encarnações, de cujo aprimoramento e dos trabalhos que vão operando as gerações que passam, resulta o progresso geral. Mas essa marcha do progresso, ainda não plenamente reconhecida, é mais ou menos lenta, mais ou menos pontuada por retrocessos parciais, dependente de erros (falta de avanço intelectual) e de culpas (falta de avanço moral), sem que isso possa impedir a realização dos destinos humanos, mas apenas retardá-los.

\*\*\*

Esse Espiritismo não nos revela uma Providência caprichosa, não nos revela um Deus que zela direta e constantemente por cada ser, ou seus agrupamentos, ou pela própria humanidade; o que nos ensina é que dentro de certas leis que atuam como tendências, os seres e as coletividades humanas possuem um livre arbítrio relativo, dependendo assim seu progresso – mais ou menos difícil, mais ou menos longo, em direção ao fim que o Criador nos deparou – do esforço particular e geral que o homem faz para alcançá-lo, através do seu aperfeiçoamento intelectual e moral; e que, sendo a solidariedade humana uma verdade, aqueles que se adiantam mais, ensinam e dirigem os mais atrasados, na Terra e do espaço, onde degrau a degrau chega-se ao ser mais elevado de cada mundo, que é o encarregado do seu correspondente desenvolvimento espiritual.

O Espiritismo nos ensina que as forças, que as ações físicas,

levam a um fim preconcebido, pois vemos que em sua realização sucessiva transforma a nebulosa em sistema sideral; através de uma evolução dada, conduzem cada planeta para o fim que corresponde a ele, consistindo as variantes de seu estado apenas nas massas relativas, e assim dando origem ao fato de poderem nascer em alguns a vegetação e os seres, enquanto os outros alimentam essa vida com seu calor e luz; pela aplicação das leis da hereditariedade, da seleção natural e sexual, as espécies se desenvolvem, algumas se aperfeiçoando e aquelas que não têm mais razão de existir desaparecendo; por leis igualmente inevitáveis, forma-se o elemento espiritual até o homem alcançar a noção de bem e mal, conquistando assim o direito à autonomia que se traduz, em primeiro lugar, pelo fato da reencarnação.

O Espiritismo mostra-nos que a partir daquele momento, ao mesmo tempo que o espírito conquista faculdades pela transformação dos instintos em inteligência e das paixões materiais em nobres paixões, as leis divinas deixam de ser fatais, agindo apenas como tendências. Cada espírito tem assim o organismo que corresponde ao seu estado de avanço, o que necessita ou merece nas circunstâncias que envolvem cada uma das suas encarnações; mostra-nos também que o ser pode deter-se ou prolongar o seu caminho, mas que, graças a essas tendências finalmente alcança, por seu próprio esforço, a soma da perfeição e da felicidade possíveis no mundo.

E se isso acontecer com cada um dos seres humanos que habitam a Terra, não irá ter um impacto necessário nas sociedades e nos povos? Certamente sim. Chegará um tempo em que nenhum novo espírito aparecerá no planeta, quando todos estarão em melhoria e tendendo para a igualdade. Se esses tempos ainda não chegaram, não podem estar longe, pois as raças e os povos atrasados já estão desaparecendo.

Esse movimento deverá ir se acentuando à medida que os espíritos se aperfeiçoarem, até se tornarem tão moralmente avançados que esse mesmo avanço torne desnecessárias as leis coercitivas, pois as causas do ressentimento, do ódio e da guerra terão desaparecido e, conseqüentemente, a fraternidade e a igualdade serão um fato consumado. Então a humanidade terá dominado completamente a matéria, e com o conhecimento que alcançou no manejo dos fluidos ou das forças, como os espíritos desencarnados já em parte o possuem, poderá reduzir as causas das doenças e epidemias que nos afligem por causa de nossa ignorância relativa e do atraso moral que nos torna vítimas de nossos vícios e maus hábitos.

Isso é o que o Espiritismo nos ensina e o que nos faz esperar. No entanto, ainda existem aqueles que duvidam do progresso e alguns até desesperam do futuro. Há quem acredite numa Providência que maneja diretamente os acontecimentos e distribui caprichosamente a sua graça, enquanto outros, negando-a, chegam a supor que tudo é realizado por Sua Majestade o Acaso. Os religiosos só veem a salvação em suas crenças, mas estas irremediavelmente desaparecem diante da civilização. Alguns confiam no progresso intelectual, enquanto negam o progresso moral. Há quem se atreva a dizer que este seria contrário ao progresso real, ou pelo menos inútil; enquanto outros sustentam que onde a moral e os costumes são pervertidos, o estado está perdido.

Portanto, não basta o que foi dito e ensinado até agora nesta obra. É necessário provar que o progresso se realiza apesar das quedas e retrocessos de alguns povos. É necessário indagarmos as causas desses retrocessos, quais são as que impulsionam o progresso e, por último, que influência podem ter o saber e a

moral do Espiritismo na elucidação dos problemas sociais atuais, de cuja resolução o futuro depende em grande parte.

Essas questões serão tratadas em outra obra que estou preparando e que espero concluir, apesar do pouco tempo que minhas muitas ocupações e minha saúde precária me deixam. A vontade é uma força que só pode ser aniquilada neste mundo pela morte: alguns autores terminam suas obras mesmo depois de terem perdido a visão.



# *Apêndice*

## **É verdade ou não que o Espiritismo leva ou predispõe à loucura e ao suicídio?**

Alguns alienistas obstinados na preocupação materialista rejeitam qualquer investigação que possa desviá-los por um instante de sua ideia fixa, procedendo assim como os sectários fanáticos que evitam a discussão de suas crenças arraigadas. Por isso, sem estudo prévio dos fenômenos espíritas, formulam seu julgamento de acordo com os limitados conhecimentos psicológicos que possuem. Daí que, quando um pobre louco ultrapassa a soleira de certos manicômios, os encarregados de classificar a doença acusam o Espiritismo de ser a causa, cada vez que encontram no paciente a mania de perseguições, ou alucinações, esquecendo que esses casos existiram em todos os momentos, antes que existisse o Espiritismo.

Com o mesmo propósito, o Dr. Forbes Winslow ousou dizer que os asilos nos Estados Unidos continham cerca de 10.000 vítimas do Espiritismo. Tamanha imprecisão chamou a atenção do ilustre Dr. Eugenio Crowell, que após sérias investigações publicou e rebateu a afirmação com os seguintes dados irrefutáveis, no *New York Spiritualia* de 2 e 9 de março de 1877:

O número de casas para alienados nos Estados Unidos em 1º de julho de 1876, de acordo com o *American Journal of Insanity*, era: instituições apoiadas pelo estado, 58; por cidades e condados, 10; por instituições de caridade, 10; por particulares, 9; total 87 e mais oito que estavam em construção. O número de alienados nessas 87 instituições, naquela data, era estimado pela mesma autoridade em 29.558.

No mês de dezembro último, 1876, dirigi as seguintes questões a cada um dos diretores dos asilos para dementes nos Estados Unidos:

--- Número de alienados internados ou em tratamento em sua instituição, no último ano; ou, se esse número ainda não foi definido, o do ano anterior.

--- Em que proporção entravam alienados por exaltação religiosa.

--- Em que proporção os alienados pelo Espiritismo.

Recebi a resposta de 66 diretores, mas apenas 58 contêm todos os dados necessários.

Coloco esses dados a seguir, em forma de tabela, exatamente como os recebi.

(Segue-se a tabela, contendo o nome das casas dos alienados, o ponto onde se encontram, o número de dementes inscritos no período mencionado, o número de distúrbios mentais devidos à exaltação religiosa e ao Espiritismo) Continua agora Sr. Crowell.

De acordo com esta tabela, observamos que dos 23.328 loucos que estão nesses 58 institutos, 412 casos são atribuídos à exaltação religiosa e 59 ao Espiritismo.

Considerando que no mês de dezembro passado havia 30.000 alienados nas diversas instituições dos Estados Unidos, que 530 casos foram atribuídos à exaltação religiosa e 76 ao Espiritismo, vemos que segundo o número total, seja da tabela transcrita ou de todas estabelecimentos do país, há sete casos de loucura de exaltação religiosa por um caso atribuído ao Espiritismo. Observemos também que os 87 asilos encerram dentro de suas paredes apenas 76 espíritas (menos de um para cada asilo).

A tabela seguinte apresenta as estatísticas para um determinado número de anos, feitas a este respeito em treze

instituições.

Aqui temos um número de 58.885 casos; desse número, 1894 são atribuídos à exaltação religiosa e 229 ao Espiritismo. Segundo esses números, observamos:

Em 30.000 casos, nos anos anteriores, 1.016 pela religião, 117 pelo Espiritismo.

Este ano, 530 pela religião, 76 pelo Espiritismo.

É importante notar que o conhecimento do Espiritismo tem se espalhado muito, que o número de seus adeptos aumentou consideravelmente e que os casos de alienação atribuídos ao espiritismo apresentam um número absolutamente menor.

66 alienados de um total de 30.000, representam uma fração de 1 em 395 ou uma quarta parte de 1 por 100, em vez de 33 por 100, conforme afirma o Dr. Forbes Winslow.

Das referências de que falamos, 42 mostram-nos que dos 32.313 loucos, 215 pertencem ao clero, enquanto apenas 45 são espíritas, o que nos dá um clérigo por cada 150 alienados e 1 espírita por cada 711.

Se estimarmos em 2.000.000 o número de espíritas nos Estados Unidos (número bem longe do verdadeiro), deveríamos ter 1.333 alienados em nossos asilos, enquanto temos apenas 76. Somos, portanto, obrigados a contribuir para o sustento dessas instituições sem grande benefício para nós; mas, como a nossa religião ensina a caridade para com todos os homens, ficamos felizes por poder exercê-la com os sacerdotes e com os membros das congregações, porque as suas necessidades são maiores do que as nossas.

O Dr. Reaney, diretor do Hospital de Iowa, diz, na carta que dirige a mim, que dos mais de cinquenta loucos que foram tratados em sua casa durante os anos de 1874 e 1875 não havia nenhum espírita.

Segundo o relatório do Worcester State Lunatic Hospital, Massachusetts, no qual 829 alienados foram atendidos em 1876, apenas um espírita foi admitido nos últimos três anos.

O Dr. John Curwen, diretor do asilo estadual para lunáticos em Harrisburg, Pensilvânia, me diz: Há muito tempo não temos um único caso causado pelo Espiritismo.

No asilo para lunáticos Stale em Utica, New York, 11.831 alienados foram admitidos em um período de 32 anos; 32 casos foram atribuídos ao Espiritismo no período de cinco anos após 1849; naquela época o Espiritismo acabava de nascer e, portanto, era pouco compreendido. Depois de 1853, isto é, após vinte e três anos, nenhum caso foi apresentado.

O Dr. B. A. Wright, diretor do North Western Hospital, em Toledo, Ohio, escreve-me: Oito casos de alienação neste ano (1876) foram atribuídos à exaltação religiosa. Existem outros loucos cuja exaltação religiosa parece ser a causa de sua loucura, mas nada é dito nas listas de estatísticas.

O Dr. J. B. Crooker, em uma carta ao Rev. Dr. Watson de Memphis, diz: Fui encarregado da direção do Hospital de loucos de Nova Orleans por sete anos, e neste período um grande número de alienados foram admitidos e curados; não tive um único caso de alienação produzida pelo Espiritismo, mas muitos de outras religiões.

O que se segue é um trecho de uma carta do Dr. C. H. Nichols; diretor do Hospital do Governo, em Washington, onde foram tratados em 1876, 931 loucos:

Eu vi um parágrafo escrito pelo Dr. Winslow, no qual ele afirma que o Espiritismo causou 10.000 casos de distúrbios mentais nos Estados Unidos. Minhas observações me levam a afirmar que não há sequer 1% de verdade nessa afirmação.

A estimativa do médico está longe de ser justa. Em vez de 1 por 100, é 314 de 1 por 100 (ou 1 por 133).

O Dr. J. W. Ward, diretor do asilo para lunáticos de New Jersey, em Trenton, escreve: Temos oito casos resultado do Espiritismo (de acordo com o que nos foi referido). É muito difícil saber se o Espiritismo é a causa ou o resultado da loucura, porque as alucinações de doenças no estado de alienação, são frequentemente tomadas, sem razão como causa da própria doença.

Dr. D. R. Burrell, diretor do asilo Brigham Hall, em Canandaigua, Nova York, diz: As estatísticas oferecem, entretanto, poucos casos atribuídos à exaltação religiosa ou ao Espiritismo. Parentes ou amigos da pessoa atacada de alienação frequentemente apresentam como causa da loucura, aquilo que é simplesmente o resultado; o qual é fácil de ver após alguns dias de observação. Em muitos casos dos chamados casos religiosos, os alienados não pensaram em religião ou só se tornaram religiosos depois de serem atacados de insanidade. Essa mesma conclusão, não poderia ser tirada em relação ao Espiritismo como causa?

O Dr. N. R. Stites, Superior do Asilo de Homeopatia do Estado, em Middletown, N. Y, escreve: Temos uma ideia em nós mesmos que nos inclina para o natural. É surpreendente que, no momento em que o espírito e o corpo enfermo abandonaram a rédea a todos os erros de uma imaginação em delírio, o espírito confuso, esquecendo, por assim dizer, suas relações com o mundo exterior, vendo e ouvindo coisas que lhe parecem estranhas, volte avidamente seus olhos para o sentimento do sobrenatural?

Então ele se lembra do que ouviu sobre Espiritismo e o torna objeto de seus temores e fascínios. O enfermo assediado grita, divaga e atribui-se sua doença ao Espiritismo. Deve-se notar que essas circunstâncias geralmente não ocorrem até depois que a

insanidade foi declarada, o que me induz a descarregar a religião e o Espiritismo de um grande número dos casos atribuído a eles.

O médico. B. D. Estman, diretor do asilo estadual para lunáticos, em Worcester, em seu relatório de 1873, diz que as tabelas dirigidas segundo os relatórios dos parentes dos alienados, são frequentemente muito insatisfatórias; os parentes com frequência têm interesse em esconder a verdadeira causa do mal, ou o atribuem a este ou aquele sintoma insignificante.

Todas essas observações são realmente de grande importância para todas as pessoas interessadas no Espiritismo. A impopularidade de nossas doutrinas e a ideia que muitas pessoas têm do quanto elas podem influenciar o espírito, torna fácil e natural atribuir uma aberração mental ao Espiritismo, mais do que a outra causa. É sem dúvida em virtude disso que grande parte do pequeno número de alienações inscritas como originadas pelo Espiritismo são falsas.

O Dr. John P. Gray, editor do *American Journal of Insanity*, afirma em seu relatório: Todo grande movimento religioso sempre foi acompanhado de um certo número de casos de loucura; isso prova simplesmente que, em todo momento dado, certo número de Espíritos, seja constitucional ou acidentalmente, estando predispostos à loucura, são atraídos pela exaltação religiosa, que é uma das principais causas morais.

Essas observações podem muito bem ser aplicadas ao Espiritismo, embora em uma pequena esfera.

O Dr. J. Ray, eminente autoridade em jurisprudência médica e que fez sobre a loucura um estudo particular, disse no *American Journal of Insanity*, outubro de 1867: É muito repreensível que se tenha uma tendência a deixar passar ignorados os fatos Espiritismo, sem torná-los objeto de uma investigação científica. É

surpreendente que os médicos não queiram se aprofundar nos casos bem conhecidos de catalepsia, sonambulismo, êxtase, visão dupla, e que cheguem à conclusão de que todos os fatos do Espiritismo e do magnetismo animal são totalmente impossíveis. Comparem este parágrafo de um dos maiores especialistas em nosso país com as afirmações refutadas e a generalização cega do Dr. Forbes Winslow e do Rev. Dr. Talmage.

Transcrevo o texto acima da brochura do Sr. Cosme Mariño, do ano 82 O Espiritismo perante a ciência.

Não faz muito tempo, o Dr. Rodríguez de la Torre se propôs a provar em um livro aqui publicado (Espiritismo e Loucura) que o Espiritismo é uma poderosa causa de transtornos mentais. Li com atenção e descobri que, apesar de falar do grande número de infelizes levados à convalescença pelas práticas espíritas, só posso citar quatro casos em que pode ser atribuído como fator predisponente a leitura de obras espíritas, sendo digno de nota que eles leram quando já haviam dado o que suspeitar de seu estado mental, como fica claro pela imparcial descrição do Dr. De la Torre. Esses infelizes só tiveram conhecimento do Espiritismo quando já eram perseguidos por alucinações e, em um deles, quando estava abismado sob a ação de uma profunda paixão de ânimo pela perda de um ente querido.

Para acusar o Espiritismo dos casos de insanidade que aparecem nas estatísticas, seria necessário indagar, se se deseja proceder de boa fé, se o estudo do Espiritismo foi ou não a verdadeira causa. Certamente haveria casos, mas a maioria seria pela tenacidade de experimentar sem estudo suficiente, e sem conhecer sequer o Livro dos Médiuns; mas será difícil encontrar um caso de loucura produzido nas sociedades espíritas de investigação séria e devidamente constituídas. Longe de lhes causar loucura, poderia citar vários casos em que infelizes



perseguidos por espíritos, já quase obsediados, foram salvos do asilo na Constância, recuperando a tranquilidade perdida e voltando às suas ocupações normais; mas não o farei porque não devo dar nomes próprios, e precisaria entrar em longas explicações que só podem ser entendidas por aqueles que já observaram e estudaram muito o Espiritismo.

Os médiuns não são inventados pelo Espiritismo. Ele é apenas a ocasião para que as faculdades mediúnicas se manifestem, como o ateliê não forma o artista, mas põe em jogo suas aptidões. Portanto, se o passado do espírito encarnado em uma pessoa fez inimigos no espaço, eles encontrarão, em sua mediunidade inconsciente, a facilidade para se vingar.

Esses são os desafortunados que estão listados como loucos, vítimas do Espiritismo que ignoram e, que pelo fato de serem médiuns, teria sido melhor que o conhecessem, o que teria aumentado muito as chances em favor da preservação da saúde.

Esses são os que vão em grande número aos manicômios e os que nos tempos mais bárbaros e fanáticos foram queimados como bruxos, feiticeiros ou possuídos, quando ainda não existia o Espiritismo, que vem dar a explicação para estes fatos, encarrilhá-los, estudá-los e evitar que os médiuns inconscientes caiam na loucura.

No entanto, o Espiritismo não é apenas acusado de produzir loucura, mas também de levar ao desenvolvimento de ideias suicidas.

Suicídio provocado pelo Espiritismo! É impossível, a primeira coisa que você lê em Allan Kardec, é que o suicídio é um dos maiores crimes, porque é a consequência da rebelião do espírito, que não quer se submeter à prova que lhe corresponde pelo seu passado. Nas sociedades espíritas os guias espirituais confirmam

esta verdade, e os quadros do além-túmulo revelam os sofrimentos atrozes a que está sujeito o espírito do suicida. Ele sente-se com vida e não pode separar-se do corpo em decomposição. Esse tormento dura todo o tempo necessário para que ocorra a reação e se torne impossível a reincidência na próxima encarnação, que deverá ser como a anterior no sofrimento, pois a prova deve ser realizada para que ocorra o progresso.

**Os materialistas afirmam que, uma vez que os espíritos não podem existir, os supostos fenômenos nada mais são do que meras alucinações.**

Segundo alguns médicos, como o Dr. Rodríguez de la Torre, os espíritas são fracos de mente, porque são cérebros que evoluíram de forma incompleta por herança mórbida, provavelmente, ou por outras que lhe escapam! Fracos de mente Flammarion, Crookes, Goldsmik, Zöllner, fracos de mente, se não loucos, teriam sido Jesus, Sócrates, Platão; desequilibrados o Dr. Gibier, Wallace, Varley e muitos outros homens sábios, astrônomos e inteligências como Sardou, Jacolliot, Victor Hugo e Madame de Girardin. Cordatos ou de mente poderosa seriam apenas o Rodríguez de la Torre, Ramos Mejía e todos os da escola de Lombroso, que, no entanto, acaba de reconhecer a realidade dos fenômenos espíritas, ante o professor Cilfi, o qual o coloca no caso de ser tirado da lista dos privilegiados de reta razão, de cérebro forte.

Apesar de entrar no número da grande família neuropática, em companhia daqueles homens eminentes, atrevo-me a apelar à razão de quem pensa com o Dr. Rodríguez de la Torre para que estudemos o que é alucinação e pesquisemos depois formalmente se as práticas espíritas nada mais são do que produtos de alucinação ou predisponentes nesse sentido.

O estado alucinatório requer excitação cerebral totalmente anormal, como no delírio. Essa excitação pode ser produzida por várias causas. São conhecidos os efeitos do álcool, ópio, haxixe, beladona ou seu alcaloide, atropina, cloral etc. A fraqueza física

extrema também pode causar alucinações. Qualquer causa, determinante de alteração da circulação e do funcionamento regular do cérebro, pode afetar os elementos nervosos exagerando a sua atividade e dando origem a alucinações do ouvido ou da visão. Essas alucinações são temporárias, desaparecendo com as causas predisponentes, se não se repetirem em demasia. As alucinações de natureza permanente indicam uma lesão orgânica, um distúrbio funcional profundo ou uma obsessão.

Quanto às causas de ordem moral que podem levar à alucinação em pessoas de imaginação excessiva, encontramos o fanatismo religioso e o excessivo trabalho mental em torno de uma única ideia ou estudo, quando são acompanhados por jejum excessivo e vigílias prolongadas.

Isso é tudo o que pode ser dito com verdade sobre as alucinações e suas causas, podendo apenas acrescentar que as pessoas com temperamento nervoso e delicado são mais abertas a elas do que aquelas de embotado sensualismo e pouca inteligência. É por isso que podemos citar Rousseau, que tinha momentos de alucinação, e outros que chegaram a obter a visão perfeita de um objeto qualquer em que reconcentrassem seu pensamento.

Alguns autores defendem a possibilidade de alucinações contagiosas. Despine, citado pelo Dr. De la Torre, afirma: as alucinações são contagiosas nos exaltados, nos entusiastas e nos fanáticos. Em reuniões de pessoas absorvidas pela mesma ideia, as alucinações propagam-se e facilmente se tornam gerais. Não pretendo questioná-lo, mas sob a condição de que existam as causas da excitação cerebral, isto é, algo que possa impressionar vivamente a imaginação - o que não é o caso do fenomenismo espírita, que o autor quer explicar desta forma. Para tanto, ele

inventa de forma totalmente inexata os meios usados pelos espíritas para ver os Espíritos. Aqueles que presumem que se trata apenas de alucinações contagiosas demonstram, portanto, que não presenciaram nenhuma sessão espírita.

Um dos presentes, segundo Despina, o mais exaltado, afirma que vê o objeto dos pensamentos e aspirações dos membros reunidos, ou que ouve tais palavras que bajulam sua paixão religiosa; e os assistentes, colocados no mesmo diapás moral e vivamente impressionados com as declarações da pessoa alucinada, acabam, por sua vez, vendo e ouvindo através das alucinações, o que aquela viu e ouviu da mesma forma... em suma, contágio moral e poderosa ação moral sobre o físico; essas são as duas causas que propagam as alucinações dos exaltados na assembleia.

É assim que ele explica os fenômenos relatados nesta obra! Porém, quem acompanhou sua leitura verá que nunca foi necessário recorrer a meios que pudessem levar a suspeitar que a ilusão ou a alucinação interviessem minimamente. Basta presenciar uma única sessão espírita na Constância, por exemplo, para se persuadirem da verdade que sustento. Nove anos se passaram desde que iniciei a investigação dos fenômenos espíritas, e posso garantir que nunca presenciei uma sessão em que as coisas tenham acontecido como o Dr. Despina indica.

Nas sessões de materialização que presenciei em Londres, enquanto o médium permanecia no gabinete escuro, os participantes falavam alegremente ou ouviam os acordes do piano, até que, aberta a cortina, dava passagem a um espírito materializado em seu perispírito. Nestes casos, todos observam, ninguém fala, a menos que o espírito dirija a palavra a um dos presentes. Enquanto isso, ninguém expressa suas impressões,

nem elas são importantes, exceto entre os bisonhos que se dão conta desses fatos tão maravilhosos. Após essas sessões, geralmente é levantada uma ata ou memória, com anotação do que foi presenciado. O acordo é completo; todos viram e ouviram a mesma coisa, sem a necessidade de alguém falar em voz alta o que se vê.

Nas sessões gerais das sociedades espíritas, os fenômenos que podem ocorrer, embora variados em seu significado intelectual ou moral, não o são na forma material de sua produção. Daí eles serem esperados com total indiferença. Os associados conversam em grupo sobre política ou comércio, os homens; e sobre modas, passeios e tarefas domésticas, as senhoras. Cinco minutos de silêncio são suficientes para que os fenômenos ocorram, tempo necessário para que os fluidos dos médiuns afetem as mesas, dando assim aos Espíritos os meios de colocá-las em movimento, bem como a incorporação, que exige a aquiescência dos médiuns que, como creio ter dito antes, podem rejeitar por ato voluntário a ação direta dos Espíritos sobre eles.

Repito, então, que basta presenciar uma sessão para convencer do erro em que, por falta de observação dos trabalhos espíritas, caem aqueles que supõem a alucinação como causa dos fenômenos, que dessa forma não teriam mais objetividade que os personagens fantásticos com os quais os loucos falam.

Sabendo que nós espíritas sustentamos que existem mediunidades videntes e ouvintes, eles encontraram a explicação para isso na alucinação. Se tivessem observado esses médiuns, submetendo-os a uma experimentação séria, como eu mesmo fiz algumas vezes, não duvidariam da realidade objetiva do fenômeno.

Na França, conheci uma vidente e ouvinte ao mesmo tempo. Ela não me conhecia e, na primeira vez que a consultei, ela me

disse que eu tinha um oficial ao meu lado e descreveu seu uniforme e sua fisionomia de tal modo, como se estivesse vendo o retrato do meu avô paterno, coronel da marinha espanhola. Em seguida, direcionei mentalmente algumas frases ao espírito indicado e as respostas que o médium deu, repetindo o que ouviu dele, foram inteiramente consistentes e satisfatórias.

Devo alertar que a referida médium, uma jovem inglesa, nunca tinha sido magnetizada, e que eu não estava em contato com ela de modo que o fato pudesse ser atribuído a sugestão ou transmissão de pensamento. De resto, posso garantir que eu não só não estava pensando em meu avô, mas trazia no meu coração o desejo de obter uma conversa com o meu pai por aquele meio.

Mas seja disto o que se quiser, nas sociedades espíritas não se faz uso da mediunidade vidente nem ouvinte. Na Constância, temos um excelente médium nessa faculdade, e posso garantir que nunca lhe é perguntado nada nem diz o que possa ouvir. Mas já foi aproveitado mais de uma vez para obter um discurso pronunciado por um dos espíritos guias da sociedade. Ele o faz nos dias seguintes, em sua própria casa, recebendo então o ditado completo do discurso que se deseja publicar.

## Uma objeção razoável

Uma das objeções mais razoáveis contra a ordem de equidade e justiça que o Espiritismo declara existir em tudo o que diz respeito à humanidade, é a morte prematura, quando os Espíritos nada fazem senão aparecer e desaparecer no mundo.

Como irão justificar, dizem-nos, esse fato? O que esses espíritos vieram fazer na Terra? Por outro lado, sabe-se que essa mortalidade segue uma determinada proporção, de acordo com as idades.

É difícil, em verdade, dar uma resposta que possa satisfazer os materialistas, ou mesmo os espíritas que não possuem conhecimentos, não só teóricos, mas também práticos no Espiritismo. Os espíritas compreenderão facilmente a explicação.

Dentro das leis que regem a mortalidade, existem também aquelas que dirigem o movimento progressivo dos espíritos. Se assim não fosse, a grandeza de Deus e sua inteligência suprema falhariam.

A evolução do espiritual tem seguido e segue paralelamente à evolução da matéria.

À medida que os povos se civilizam, os espíritos avançam e, conseqüentemente, passam a ter mais meios de evitar as enfermidades e combater as causas da mortalidade infantil.

Na mesma proporção do progresso espiritual, então, está o progresso no material. Quando a humanidade atingir seu apogeu, é bem possível que a morte aconteça apenas no tempo preestabelecido. Alguns espíritos têm feito revelações sobre a vida em planetas que já atingiram a meta, e dizem que lá a existência é



quase igual para todos, e quando chega o fim dela, extingue-se sem dificuldade ou dores e sabendo de forma óbvia que é apenas uma separação por um tempo mais ou menos longo.

Em nosso estado atual, aqui embaixo, os espíritos têm muitas culpas para expiar. Uma dessas expiações é a encarnação e a desencarnação quase imediatas, previstas pelo espírito. Existe um número de espíritos proporcional à mortalidade infantil, aos quais convém essa triste expiação – que serve também, ao mesmo tempo, para exercitar e avivar a virtude, a paciência e a resignação dos pais.

## **Declaração do sábio Lombroso em favor da realidade dos fenômenos espíritas**

Há poucos meses, que Charles Richet, professor de fisiologia da faculdade de medicina de Paris, escreveu todo um livro no qual se declara partidário do fenômeno espírita, repreende as academias, desafia os sábios que desdenhosamente rejeitam o estudo de uma nova verdade, e garante que os fatos que o Espiritismo oferece para observação, são uma realidade tão positiva quanto qualquer outro fato científico.

Hoje Lombroso, cuja fama é universal, apresenta-se diante de nós e confessa-o; inclina sua cabeça ante o poder da evidência, rende-se sensatamente ante a irresistível demonstração experimental, envergonha-se de ter combatido a verdade acreditando que era erro e sente na alma o arrependimento de ter estado cego por tanto tempo sem entendê-la.

Não estamos exagerando. Vejam essa declaração.

Lombroso escreveu uma carta ao pesquisador Sr. Ernesto Ciolfi, e esta carta foi publicada na Giudiziaria Tribune de Nápoles, em seu número de 5 de julho de 1891.

Dela transcreve Il Vesillo o seguinte parágrafo, que damos em tradução:

“Estou envergonhado e contristado de ter combatido com tanta tenacidade a possibilidade desse fato chamado espírita; digo do fato, porque da teoria ainda sou contrário. Mas os fatos existem e dos fatos me orgulho de ser escravo.”

Cesar Lombroso

## **Problema científico resolvido por um espírito**

Explicação do movimento retrógrado aparente dos satélites de Urano e descoberta dos satélites de Marte.

O Major General A. W. Drayson dirigiu a seguinte carta ao jornal londrino *La Luz* em resposta a uma consulta feita por M. Georges Stock; isto é, se o Major poderia citar um único caso de solução dada imediatamente por um espírito ou pela força inteligente assim chamada, a um dos problemas científicos que faz um século ocupam e constantemente confundem os sábios da Europa.

Respondendo sua pergunta, tenho o prazer de comunicar o seguinte, como resultado de minha experiência pessoal.

Foi no ano de 1781 quando Sir William Herschell descobriu o planeta Urano e seus satélites, e ficou extremamente surpreso ao observar que o movimento destes últimos apresentava um fenômeno inesperado e sem exemplo, em oposição à conhecida lei universal da harmonia do sistema planetário; porque nos planos de suas órbitas ao redor de Urano eles giram de oriente a ocidente, ou seja, ao contrário e em uma direção diametralmente oposta à dos outros satélites.

Quando o famoso astrônomo francês Laplace descobriu que o Sol, como todos os planetas, era formado da condensação da matéria das nebulosas, considerou o movimento excepcional desses satélites como um enigma indecifrável.

Em todos os manuais de astronomia publicados até 1860, confirma-se este fato relativo ao movimento inverso dos satélites

de Urano. E eu mesmo, admitindo tudo, não conseguia me explicar isso em forma alguma; era um mistério tanto para mim quanto para todos os astrônomos.

Em 1858, recebíamos em nossa família uma jovem dotada de mediunidade e diariamente obtínhamos manifestações. Uma noite ela me disse que estava vendo perto de mim um espírito que lhe afirmava ter sido astrônomo quando vivia em nosso planeta. Perguntei se ele entendia melhor a astronomia em estado de espírito do que quando existia na Terra. Ele respondeu que muito mais.

Tentei por à prova esse espírito astrônomo orgulhoso e fiz-lhe a seguinte pergunta: Você pode me dizer ou me ensinar por que os satélites de Urano fazem sua rotação do oriente para o poente em vez de fazê-la de poente a oriente? A resposta não se fez esperar. Aqui está: Não é inteiramente correto que os satélites de Urano façam sua rotação em torno desse astro de oriente a ocidente, mas, exatamente como a lua ao redor da Terra, eles a fazem de ocidente a oriente.

O erro em questão reconhece como causa a circunstância de que, quando Urano foi descoberto, seu polo austral estava na direção da Terra, de tal forma que, assim como o Sol observado desde o hemisfério austral parece fazer seu caminho diário da direita para a esquerda, e não da esquerda para a direita, da mesma forma os satélites de Urano pareciam girar da esquerda para a direita, quando na verdade seu verdadeiro movimento em torno de seu planeta era da direita para a esquerda.

À pergunta que imediatamente fiz, ele me deu a seguinte resposta explicativa: durante o longo tempo em que o polo austral de Urano esteve na direção da Terra, os satélites pareciam girar da esquerda para a direita. Essa posição dura cerca de 42 anos, mas quando Urano direciona ou muda seu polo boreal em direção

à Terra, os satélites são vistos movendo-se de ocidente a oriente. Depois de perguntar como poderia ser que 42 anos após a descoberta de Sir Herschell, o erro não tivesse sido notado, foi-me respondido que: Normalmente é copiado sem qualquer reflexão e sem um exame consciencioso o que esses sábios afirmam, visto eles serem tidos em grande estima e gozarem de grande autoridade científica.

Sobre essa matéria escrevi uma dissertação que foi publicada em 1859 no jornal *La Institución de la Artillería Real*. Mais tarde, em 1862, em um de meus trabalhos sobre astronomia, repeti essa mesma solução simples para o problema, mas a influência das autoridades no assunto é tão grande que só em nossos dias os astrônomos começam a dizer, sem afirmá-lo, que o mistério dos satélites de Urano provavelmente deve ser atribuído à posição de seu eixo.

Durante a primavera de 1859, fui novamente capaz de me comunicar, por meio da jovem médium, com um espírito que afirmava ser o mesmo astrônomo. Ele me informou que o planeta Marte tinha dois satélites que ninguém ainda tinha descoberto, mas que podiam ser identificados em condições favoráveis. Confiei parte dessa comunicação a três ou quatro amigos que conheciam meus estudos espíritas. Resolvemos não falar nada sobre isso, já que no momento não tínhamos nenhuma prova científica da verdade anunciada. Também confiei esse mesmo fato, antes da minha viagem às Índias, a Sir Sinnet, mas não me lembro a data exata. Dezoito anos depois, ou seja, em 1877, esses satélites foram descobertos por um astrônomo de Washington.

Traduzido de *Le Messager*, de Liège, (Bélgica), 15 de agosto de 1889.

## **Discurso de além-túmulo**

Discurso pronunciado pelo espírito Hilário, guia e protetor da sociedade Constância, através do médium falante C. S., desenvolvendo o seguinte tema proposto por um irmão:

### **TEMA**

Como se explica, à luz do Cristianismo, a aparente contradição que resulta para a nossa sagrada doutrina, da proibição de Moisés registrada em Deuteronômio, cap., XVIII, vers. 9 a 11, que diz: - Não evocarás os mortos.

### **Prece do espírito Hilário**

Senhor! Lançai, ó pai amoroso, um raio de vossa luz pura e brilhante sobre o vosso filho. Permitti que os vossos mensageiros venham e depositem em sua mente o vosso alento inspirado, para que ele possa explicar com lucidez e selar o desenvolvimento do tema proposto com o selo da verdade!

Ecos das montanhas, sussurro dos vales, murmúrio de riachos cristalinos, trinado da querida rola, vinde! Vinde a mim. Uni os vossos ecos melodiosos com a harmonia do universo, e assim unidos, formai um foco de inspiração, de luz e de verdade, onde meus pensamentos possam refletir-se em vossa luz e meus lábios pronunciar palavras de verdade! Vinde; este filho do Senhor vos espera... Vinde... Obrigado!

### **Desenvolvimento**

Moisés foi o iniciador de uma grande reforma, de um código que serviu de base para que a humanidade pudesse colher todas as vantagens que a aguardavam no futuro.

Moisés veio à Terra nos tempos primitivos, em épocas de atraso, de extravio e perversão de todo sentimento moral e religioso; ele veio habitar no seio de uma sociedade intelectualmente bárbara. O povo hebreu era a personificação da barbárie primitiva, onde viveu submersa por muitos séculos. Gente idólatra onde se adoravam homens cheios de vícios e imperfeições, onde metais, animais ferozes e até os mais horrorosos répteis eram objeto de adoração e culto religioso.

Conseqüentemente, a reforma que ele estava destinado a introduzir precisava ser radical e enérgicos os meios a serem empregados. Precisava de uma legislação firme e que suas leis fossem impostas pela força a um povo incapaz de acatar pelo convencimento aquelas reformas tão fundamentais, que contrariavam abertamente as suas práticas religiosas, usos, costumes e crenças.

O que teria sido daquele povo bárbaro e supersticioso, ignorante e fanático, acreditando como acreditava em falsos ídolos, encantamentos e adivinhações, com a evocação dos mortos?

Teria sido o joguete dos espíritos falsários.

Teria se afastado de Deus para se entregar nos braços da idolatria.

Teria rejeitado a luz da verdade para viver nas outras brumas do engano.

Examinem a Bíblia cuidadosamente e verão que ela está infestada com essas aparentes contradições; no entanto, não há contradição, exceto para aquele que deseja a todo custo extinguir as verdadeiras fases da luz, para iluminar os espíritos com os fogos fátuos da sua ignorância.

Examinem cuidadosamente e verão que Moisés também disse

ao seu povo, como lei divina:

Olho por olho. Dente por dente.

E essa lei tem regido por séculos, até que veio o filho de um humilde carpinteiro, nascido em uma humilde aldeia da Judeia, para nos dizer:

Quando receberdes um tapa na face esquerda, apresentai a direita.

Após a lei da força, da vingança, da retribuição das injúrias, veio a lei do perdão, a lei do esquecimento das ofensas, a lei da fraternidade, do amor, do perdão das dívidas para que sejam perdoadas as nossas.

Comparem os tempos de uma e outra legislação.

Comparem o estado moral, intelectual e social daqueles povos que se afastaram de Deus para oferecer seus horrendos sacrifícios aos animais ferozes, aos bezerros de ouro, às serpentes venenosas.

Comparem, e entenderão a razão filosófica e científica de tais prescrições, entenderão que, o que hoje nos parece absurdo, naquela época foi muito necessário.

O que hoje não tem razão de ser, era naquela época tão indispensável que a humanidade não poderia ir ao seu objeto sem isso.

Olho por olho dente por dente. Disse Moisés.

E aquele filho de Nazaré; aquele que foi escarnecido, açoitado e coroado de espinhos; aquele que percorreu o Calvário carregando nos ombros o pesado madeiro; aquele que expirou no alto do Gólgota, depois de regar o pé da cruz na qual foi pregado com gotas do seu próprio sangue; Jesus, enfim, revogou essa lei quando Pedro no Horto desembainhou a espada contra Malco, e Ele o conteve com estas palavras:

Pedro, embainha a tua espada; que quem matar a ferro, a



ferro morrerá.

Revogada foi a lei da vingança e destruída a lei da retaliação, e substituídas pela lei do amor e do perdão...

Não evocarás os mortos, disse Moisés; porque, como deixo explicado, aquelas pessoas que já conheciam a comunicação com o mundo espiritual, careciam da instrução necessária e, principalmente, da firmeza da fé em seu Deus para se manterem dentro de seus mandatos e não darem a seus corações maior acesso ao mal do que ao bem; isto, como podem ver, teria sido a perdição da humanidade!

Sábia e consoladora foi a disposição que vocês consultaram; porque veio para demolir o edifício da idolatria, para deixar livre o caminho à verdadeira religião que se volta para Deus.

Porque veio para afogar em seu seio o fanatismo nascente, que se defendeu e ainda defende, após 3.000 anos de luta, suas posições no coração da humanidade.

Mas depois de Moisés veio o divino Mestre, e o que achou desnecessário, ele o aboliu; o que considerou necessário, ele o afirmou; e o que ele não aboliu e nem confirmou, ele o deixou livre, para a humanidade, em sua marcha de progresso, reformar, abolir ou confirmar, uma vez que já era depositária de segredos científicos que a elevavam muito acima do povo de Moisés.

Ela estava em pleno uso do livre arbítrio com sua faculdade intelectual de distinguir o bem do mal, e Jesus predisse o uso que a humanidade faria dessa faculdade, e sua predição se cumpriu!

Ele disse aos seus apóstolos:

A luz da verdade descera sobre vocês e o espírito santo estará com vocês; e eu estarei com vocês em espírito, quando precisarem de mim.

Agora eu lhes pergunto:

O que vocês entendem por luz da verdade, se não for uma revelação espiritual?

O que vocês entendem por Espírito Santo, se não for a comunicação que Deus envia por meio de seus mensageiros puros?

O que vocês entendem por presença de Jesus em espírito, se não for uma comunicação direta com seus discípulos para manter, em seus corações, puro o código das leis eternas; puro o sentimento de sua doutrina; inalterável e pura a verdade de suas santíssimas máximas, as únicas que podem conduzir a humanidade ao porto seguro da salvação?

É isso o que vem libertar a humanidade do século atual daquela proibição tão salvadora e justa para a humanidade de 3.000 anos atrás.

Mas não é suficiente que ela tenha sido dispensada de cumprir aquela lei; é bom averiguar se o Espiritismo foi deixado como pedra de toque, como prova para que possamos continuar pelo bom caminho ou nos afastar do mau.

É bom saber se aquele que reformou a legislação mosaica não manifestou algo que nos lance um raio de luz sobre um assunto de tão fundamental importância!

Percorram, percorram as páginas desse precioso livro e nelas encontrarão tudo o que lhes é necessário para iluminar o seu caminho.

Não evocarás os mortos!

O que são os manes dos antigos poetas?

O que são as musas dos modernos, senão espíritos daqueles que morreram?

Como se compreendem as visões de Jacó, os sonhos de José, senão pela comunicação com o mundo invisível?

O que significa, afinal, a predição de Jesus:

Chegará o dia em que vossos jovens terão visões e vossos anciãos terão sonhos.

O que tudo isso significa, senão uma predição que se cumpre hoje por meio do Espiritismo?

Ó grande, imenso poder e sabedoria de Deus!...

Como vos ostentais a cada momento maior, mais imenso, mais profundo, quanto mais se pretende vos penetrar!

Como foi possível que isso, que é tão claro, tenha passado impresso dezoito séculos diante das vistas do homem, sem que ninguém tivesse penetrado em seu evidente conteúdo?

Inclinemos humildes nossas testas, elevemos nossos corações a esse Deus que, nas coisas aparentemente mais simples e triviais, sabe nos dar a prova patente da sua grandeza, para nos fortalecer no fervor da nossa fé religiosa e do seu amor infinito!

Demos a Ele profundas e sentidas graças pelos tempos que alcançamos!

O espírito da verdade virá sobre vocês, disse Jesus.

E quando este espírito da verdade vem com manifestações tão claras e evidentes, vocês ainda querem rejeitá-lo; e chamam-se apóstolos de Jesus Cristo!

O espírito da verdade virá sobre vocês, ele virá!

E quando vocês veem que este espírito de verdade vem ao mundo e se estende e se difunde, e penetra por toda a parte, e desliza-se nos corações dos humildes, dos cegos, daqueles que vocês chamam de ignorantes; e passa por todas as escalas sociais, e penetra na cabana, e derrama suas luzes no palácio, e surge nos grandes centros sociais ao mesmo tempo que se manifesta nas quase desertas selvas e montanhas, então dizem: Este não é o espírito da verdade!

Não é, não pode ser, cada um de vocês repete; porque sendo

eu o apóstolo de Jesus Cristo, devo também ser o depositário de seus arcanos e o propagador de suas verdades!

Minha alma está em trevas; portanto, esta luz não é a luz da verdade, eu a rejeito!

Desgraçados!...Não veem que o demônio do orgulho invade seus sentidos, cega seus olhos, obscurece sua razão e anuvia sua compreensão?

Rejeitam a luz porque sempre gostariam de ser os dispensadores da verdade e da graça!

Ministros das religiões positivas, não podem se conformar com que a sociedade possa prescindir de vocês!

Entenderiam o espírito da verdade caindo diretamente sobre aqueles que vestem um manto bordado com os emblemas de seus rituais!

Entenderiam o espírito da verdade servindo ao engrandecimento, à prosperidade e à vanglória dessas religiões positivas que conquistaram sua preponderância pelo ouro que seduz e perverte as consciências, pelo punhal que rasga o coração do irmão; pela gota de veneno que se infiltra nas veias do pai, da mãe, do filho; enfim, por meio do que destrói o que Deus criou e levantou, o que conspira contra Ele!

Mas a verdade de Deus precisa de mais amplos espaços do que podem oferecer-lhe corações limitados pelo orgulho, a vaidade e o egoísmo.

Verdade que não se encerra em limites estreitos; verdade que se espalha pelo mundo como a luz do sol; verdade que ilumina todos os entendimentos em uma igual intensidade; essa é verdade de Deus; é lei de justiça, de igualdade; de equidade, de caridade e de amor.

Verdade que se concretiza em um pequeno número de privilegiados, que se encerram em muros inacessíveis aos

profanos, que afasta alguns de sua luz para esbanjá-la sobre outros; isso é verdade obscura, falta de provas, inevidente, falsa!

Como poderia permitir esse Deus de amor, de caridade, de justiça, de misericórdia e de bondade, a um de seus filhos, invocando uma faculdade que eles mesmos se atribuíram, tomar seu nome, seu santo nome, para se elevar acima dos demais e humilhar seus irmãos?

Como pode consentir que sua lei de igualdade seja violada, dispensando a uma classe social benefícios que não são concedidos às outras?

A equidade, a justiça, a fraternidade seriam então palavras vãs e não leis divinas!

E Deus não pode, digo, não quer revogar suas leis divinas em benefício de classes, castas ou hierarquias.

À luz falsa de uma doutrina mal compreendida, pretendem estudar as leis de Deus harmonizando-as com seus interesses mundanos.

Aos seus falsos resplendores têm estado olhando a Terra, por espaço de muitos séculos, servindo de centro a toda a imensidão do universo, sem que fossem suficientes para persuadi-los de que o sol não parou à voz de Josué, todos os argumentos que as ciências exatas traziam, apoiados em experiências evidentes.

E foi necessário que a ciência quebrasse todos os obstáculos depois de uma luta feroz de séculos, para entender que este Éden, este mundo único, estável e imperturbável, está sujeito e obedece, como todos os outros astros, à lei universal de gravidade, atração e repulsão.

A favor dos progressos da ciência, foi visto que o que até então era um dogma de fé, não passava de uma falsa interpretação do texto bíblico.

E o planeta Terra foi visto gravitar e fazer sua revolução no espaço como os outros; e comparando-o com eles, este, que tinha sido considerado como o todo da Criação de Deus, resultou ser um pequeno infusório comparado a um elefante; um átomo, a parte indivisível por sua pequenez, em comparação com o infinito, a lágrima de uma criança confundida com a imensidão das águas do oceano; o nada, enfim, comparada com o todo.

Os dogmas da fé desapareceram ante a ciência.

Dia virá em que marcharão juntas, abraçadas, enlaçadas, ciência e religião, isto é: filosofia e moral.

A ciência, encaminhando a humanidade para seus altos destinos de aperfeiçoamento e progresso; a religião, conduzindo-a ao foco de onde saiu; e ambas, unidas por laços fortes, rumo a Deus, fonte de toda ciência, fonte de toda religião: Criador de tudo o que existe.

Sim; dia virá em que o véu do obscurantismo, com que os sacerdotes das religiões positivas desejam entenebreecer seus irmãos, será completamente rasgado.

Dia virá, e não está muito distante, em que a fé racional substituirá a fé cega; em que as brumas da ignorância serão completamente dissipadas pelos claros raios de luz da ciência.

E então vocês, ministros do altar, entenderão estas palavras de Jesus:

Confessai-vos uns aos outros.

E vocês não darão a interpretação distorcida e violenta que deram aos mandatos dele para fazê-los servir aos seus propósitos mundanos.

Aqueles que distorceram a doutrina do divino Mestre para manter no mundo o império de seu poder temporal, não entenderam, ou melhor, não quiseram entender o que Jesus queria dizer.

Confessamos nossas faltas para pedir perdão àquele a quem ofendemos.

Pois quem ofende a um, ofende a todos os seus irmãos, e ofendendo a todos os seus irmãos ofende a Deus; porque Deus disse pela boca de seu mensageiro:

Ame o teu próximo como a ti mesmo; e não ama o próximo quem o ofender e, depois de tê-lo ofendido, não confessar a sua culpa, não se arrepender e não pedir humildemente perdão do agravo infligido.

Mas daí à confissão inventada por quem tão mal interpretou as palavras de Jesus Confessai-vos uns aos outros, medeia a imensa distância que existe entre o bem e o mal; a verdade e a mentira; a luz e a escuridão.

Esses que vocês veem à frente e que se fazem chamar de ministros das doutrinas positivas, estudem-nos, comparando-os com as doutrinas do Cristianismo, e verão que eles não são cristãos, porque não se apoiam na doutrina de Cristo.

Eles não são mosaicos, porque não praticam a doutrina de Moisés.

Nem cristãos, nem mosaicos; eles são sacerdotes!!!...

Queridos irmãos; Lembrem-se de que todo aquele que se apoia nas leis de Deus, esse está na verdade; e todo aquele que se desviar delas incorrerá no erro.

Além disso, gravem essas palavras em sua mente:

Tenham o Universo como templo, o coração como altar, Deus como imagem e a consciência como sacerdote.

Trabalhem, estudem com desprendimento, com abnegação, com um verdadeiro empenho de se instruírem e não de se engrandecerem; e verão seu entendimento se iluminar e sua fé se justificar com os elementos da verdade.

E as falsas interpretações darão lugar à evidência dos fatos.

Bem; em primeiro lugar, temendo abusar do médium, e em segundo, sendo urgente a minha presença em outro lugar, eu me retirarei, sempre que vocês não precisarem da minha presença.

Deus esteja com vocês.



## Predição de Cazotte, referida por La Harpe

(*Obras escolhidas e póstumas*: 4º vol. In-8. Paris 1806; v.1, pág. 62)

Ainda me parece que foi ontem e, no entanto, era o início de 1788.

Estávamos à mesa na casa de um de nossos confrades da Academia, fidalgo e homem de alta inteligência. O acompanhamento era numeroso, e nele todos os estados estavam representados; gente da corte, togados, literatos, acadêmicos etc. A comida tinha sido esplêndida como de costume: à sobremesa, os vinhos da Malvasia e da Constança acrescentaram à alegria própria de tais encontros, aquela liberdade, alheia, por outro lado, ao bom tom; estávamos naquelas circunstâncias em que tudo é permitido desde que provoque o riso.

Chamfort acabara de ler para nós uma de suas histórias ímpias e libertinas, e as nobres damas que nos acompanhavam à mesa ouviram-na sem nunca recorrer ao leque. Daí um dilúvio de piadas sobre religião. Um recitava estrofes de *La Pucelle*;<sup>53</sup> outro lembrava esses versos filosóficos de Diderot:

*E com as tripas do último padre.*

*Enforcai o último rei ...*

*E todo o mundo aplaudia.*

Um terceiro levanta-se e, agitando um copo cheio, exclama:

– Sim, senhores, tenho tanta certeza de que Deus não existe, como de que Homero era uma besta. – E, de fato, ele tinha tanta

---

<sup>53</sup> Poema de Voltaire.

certeza de uma coisa quanto da outra.

A conversa foi ficando mais séria; a revolução que Voltaire acabara de fazer foi comentada com admiração, e todos concordaram em que esse era o primeiro título de sua glória.

– Ele deu tom ao seu século: é lido tanto no vestíbulo quanto na sala de estar.

Um dos convidados contou, engasgando-se de tanto rir, o que seu cabeleireiro lhe disse enquanto o empoava:

– Olhe, cavalheiro, embora eu seja apenas um pobre diabo, nem por isso tenho mais religião do que outro.

A conclusão tirada de tudo isso foi que a revolução não demoraria em ser consumada e que era absolutamente necessário que a superstição e o fanatismo cedessem à filosofia; e todos começaram a calcular a probabilidade da época em que aconteceria e quem seriam os que veriam o reinado da razão. Os mais velhos doíam-se de não poderem chegar a vê-lo, os jovens se alegravam por terem uma esperança verossímil e, acima de tudo, a Academia parabenizava-se por ter preparado a grande obra e por ter estabelecido a chefia, o centro, o móvel de liberdade de pensamento.

Apenas um dos convidados não tomara parte alguma em toda aquela alegre conversa, deixando cair apenas algumas piadas discretas sobre o nosso grande entusiasmo. Era Cazotte; homem gentil e original, mas infelizmente enfatulado pelos delírios dos iluminados. Ele então tomou a palavra e disse no tom mais formal:

– Senhores, podem ficar satisfeitos, todos verão essa grande e sublime revolução que tanto desejam. Sabem que sou meio profeta; pois bem, repito que a verão.

Nós respondemos com o conhecido ditado: Não é preciso ser um grande bruxo para isso.

– Concordo, mas talvez seja necessário sê-lo um pouco mais

para o que me resta por contar. Sabem o que vai acontecer com essa revolução, e o que vai acontecer com todos vocês, todos os que estão aqui, o que acontecerá depois dela, o efeito bem comprovado, a consequência bem reconhecida?

Ah! Vamos ver – disse Condorcet com seu ar socarrão e sorriso zombeteiro, – nunca vem mal a um filósofo se encontrar com um profeta.

– Vós, senhor de Condorcet, ireis morrer espichado no chão de uma masmorra, e ireis morrer do veneno que tereis tomado para vos libertar do carrasco; do veneno que a felicidade daquela época vos obrigará a carregar sempre.

Grande espanto a princípio; mas então lembraram que o bom Cazotte costumava sonhar acordado e tomaram aquilo como brincadeira. – Senhor Cazotte – disse um – essa história não é tão engraçada quanto o seu Diabo apaixonado.<sup>54</sup>

Mas quem enfiou em sua cabeça essa masmorra, esse veneno e esse carrasco? O que tudo isso tem a ver com a filosofia e o reinado da razão?

– É justamente isso o que eu lhes digo, é em nome da filosofia, da humanidade, da liberdade, é no reinado da razão que lhes acontecerá o terminar da sua vida como acabo de lhes dizer, e será um bem o reinado da Razão, porque esta então terá seus templos; e mais ainda, naquela época não haverá outros templos em toda a França além dos da razão.

Dou fé – disse Chamfort com uma risada sarcástica – de que você não será um dos sacerdotes desses templos.

– E espero não o ser: mas você, Senhor de Chamfort, que será um deles, e certamente muito digno de sê-lo, cortará suas próprias veias dando em si mesmo vinte e duas estocadas com uma navalha

---

<sup>54</sup> *Le Diable amoureux*, novela de Jacques Cazotte.

de barbear; e no entanto não morrerá até alguns meses depois.

Todos se entreolharam e as risadas continuaram.

– Você, Senhor Vieg d’Azir, não vai abrir as veias por si mesmo, mas vai mandar serem abertas seis vezes no mesmo dia e em um ataque de gota, para ficar bem certo de cumprir sua intenção e vai morrer na noite seguinte; você, Senhor de Nicolai, vai morrer no cadafalso; você, Senhor de Baily, no cadafalso; você, senhor de Malesherbes, no cadafalso...

– Ah! Bendito seja Deus – interrompeu Rocher – parece que o cavalheiro só dá contra a Academia; acaba de fazer uma execução terrível nela; eu, graças aos céus...

– Você também vai morrer no patíbulo.

-Oh! É uma aposta, disseram de toda a parte; ele jurou exterminar tudo.

– Não, não fui eu quem jurou.

– Mas então, será que vamos ser subjugados pelos turcos ou pelos tártaros? Ainda...

– Nada disso, já lhes disse; para então vocês serão governados apenas pela razão. E aqueles que assim os tratarão, serão todos filósofos e pronunciarão a toda hora as mesmas frases que vocês estão usando há uma hora, repetirão as suas máximas e citarão os versos de Diderot e de Pucelle como vocês.

Ouvindo isso, todos sussurravam uns aos outros: – Podem ver, ele está louco, fala tão sério como se ele próprio acreditasse: está brincando e todos vocês sabem que em suas brincadeiras ele mistura algo de fantástico. – Sim – respondeu Chamfort – mas seu fantástico é muito pouco divertido; é patibular demais. E quando tudo isso vai acontecer?

– Não passarão seis anos sem tudo o que acabo de dizer estar realizado.

– Eis aí verdadeiros milagres (e agora era eu mesmo quem

falava); mas observo que você não me inclui nisso.

– Você também estará lá por um milagre não menos extraordinário: para então, você será cristão.

Grandes exclamações.

– Ah! – replicou Chamfort: Agora estou tranquilo... se só devemos perecer quando La Harpe seja cristão.... Senhores, somos imortais.

– Mas, contudo – disse a Duquesa de Grammot – nós, mulheres, estamos felizes por não nos envolvermos para nada em revoluções; e mesmo quando digo para nada, isso não significa que não nos metamos sempre um pouco; mas, ninguém nos diz nada e nosso sexo...

– O seu sexo, senhoras, não irá livrá-las desta vez; e mesmo não tomando parte alguma, serão tratadas como os homens, sem nenhuma diferença.

– Mas o que é que está dizendo, Sr. Cazotte? É o fim do mundo, nem mais nem menos, o que está aí pregando.

– Não sei se é isso; mas o que sei é que a senhora, Madame Duquesa, será conduzida ao cadafalso; com muitas outras damas que lhe farão companhia, na carreta do carrasco e com as mãos amarradas nas costas.

– Ah! Espero que, nesse caso, terei pelo menos uma carroça enlutada.

– Não, senhora; visto que damas da mais alta linhagem, irão como você em uma carreta e com as mãos amarradas.

– Senhoras da mais alta linhagem! Pois que! As princesas do sangue...

– Mais alta ainda.

Houve aqui um estremecimento muito marcado em todos os presentes, e o dono da casa empalideceu: a brincadeira estava

começando a ficar pesada demais.

A duquesa de Grammont, para dissipar o nevoeiro, não insistiu sobre aquela resposta, limitando-se a dizer em tom leviano:

– Não, senhora; você não o terá, nem você nem ninguém. O último sentenciado que o terá por uma graça especial será...

E deteve-se por um momento.

– Pois bem! Quem será o feliz mortal que terá essa prerrogativa?

– Será a única que lhe reste: esse será o rei da França.

O dono da casa levantou-se bruscamente e todos o imitaram. Ele foi até onde Cazotte estava e com sentida voz disse a ele:

– Meu caro Cazotte, essa lúgubre brincadeira já durou bastante. Você foi longe demais e pode comprometer a reunião da qual você mesmo faz parte.

Cazotte não respondeu e já ia se retirar, quando Madame de Grammont, que a todo custo queria evitar levar aquilo a sério e queria que a alegria renascesse, avançou em sua direção.

Senhor profeta – disse ela – você que leu a sorte a todos nós, nada manifestou do que vai acontecer com você mesmo.

Cazotte ficou em silêncio por alguns momentos, de olhos baixos. Depois replicou:

– Senhora duquesa, você leu o assédio de Jerusalém, de Josefo?

– Oh! Sem dúvida, quem não leu isso? Mas faça de conta que não li.

– Pois bem, senhora, durante aquele cerco, houve um homem que por sete dias consecutivos caminhou ao longo das muralhas e, sem se esconder dos sitiados ou dos sitiantes, gritava incessantemente e com voz trovejante: Ai de ti, Jerusalém! E no sétimo dia exclamou: Ai de ti, Jerusalém! E ai de mim!... e ao

terminar essas palavras, uma enorme pedra atirada pelas máquinas inimigas o esmagou.

Dito isso, Cazotte saudou e saiu.<sup>55</sup>

---

<sup>55</sup> J. P. Deleuze, de quem tiramos a citação anterior por não ter as obras de Jean-François de La Harpe à mão, acrescenta algumas verificações que atestam a veracidade da história e que acreditamos não será por demais reproduzi-las, visto tratar-se de um fato nada comum. Tendo o conde de Montesquieu afirmado ao Sr. Deleuze que a condessa de Genlis lhe falara várias vezes dessa predição, suplicou àquele senhor pedisse mais amplos detalhes à condessa. Aqui está o que ele respondeu:

Novembro de 1805

*Creio ter mencionado esse fato de o Sr. Cazotte em minhas memórias, embora não esteja inteiramente certa disso. Já o ouvi de La Harpe mais de cem vezes antes da revolução e sempre exatamente como o vi impresso várias vezes e como ele próprio o publicou. Isso é o que posso dizer, certificar e assinar. – Condessa de Genlis - O filho do Sr. Cazotte também confirmou ao Sr. Deleuze que seu pai era dotado em alto grau com a faculdade da previsão, da qual deu diferentes provas.*

*Uma delas que lhe referiu, é a que deu quando voltou para casa no dia em que sua filha conseguiu arrancá-lo das mãos da turba que tinha se apossado dele e o conduzia ao suplício; em vez de participar da alegria da família, anunciou que em três dias seria preso novamente, e que desta vez seu destino seria irremediavelmente cumprido. Em efeito; aconteceu exatamente como ele predisse, morrendo no cadafalso em 25 de setembro de 1792 aos 72 anos.*

*Acrescentemos que o famoso médico e anatomista Vieg d'Azir também referiu a vários de seus amigos a profecia de Cazotte muito antes da revolução, a qual parece que o preocupava um pouco.*

*Finalmente, eis aqui outra carta que também comprova a realidade da predição – Carta, dirigida ao Sr. Miale pelo Barão de La Mothe-Langon, Paris, 18 de dezembro de 1833. Meu caro amigo: você me pergunta o que eu posso saber sobre a famosa predição de Cazotte, mencionada por La Harpe. Não posso dizer mais sobre disso do que atestar, sob minha palavra de honra, que ouvi a Condessa de Beauharnais repetir várias vezes ter testemunhado este singular acontecimento histórico.*

*Ela o contava sempre da mesma maneira e com o acento da verdade. Seu testemunho corrobora o de La Harpe.*

*Ela falava nisso na frente de todos os seus amigos; muitos ainda estão vivos e podem atestá-lo como eu. – Você pode fazer deste escrito o uso que achar melhor. – Adeus, meu antigo e bom amigo; é sempre seu estimado – O Barão de Lamothe-Langon.*

Achamos inútil acrescentar que a previsão de Cazotte foi cumprida ao pé-da-letra, até no que ele acrescentou a respeito de si mesmo. Então foi uma predição, uma profecia completa o que ele fez.<sup>56</sup>

---

*Acreditamos que isso é suficiente. Adicionar mais seria um luxo que não devemos nos permitir.*

<sup>56</sup> Estudos sobre a alma por Arnaldo Mateos.



## Provas da verdade cefalométrica

Escolho a seguir, entre muitas, apenas três observações que denotam que a cefalometria, sem ser uma ciência exata, mostra que, em geral, as qualidades e o estado de progresso do espírito formam um conjunto harmonioso com o mecanismo cerebral que deve servir ao desenvolvimento gradual correspondente a cada encarnação.

Estando em St. Dié (França) fui convidado para almoçar pela família de Sr. Pasquin, relacionada com a da minha esposa. Foi-me apresentada a senhora ao meu lado (Madame Bordeu), sem que eu soubesse que era filha do ancião que presidia à mesa. Na sobremesa, a conversa, por um daqueles giros inexplicáveis, recaiu sobre a fisionomia e, daí, em algo alusivo à frenologia. Tomei parte nela e logo se generalizou. Falei em cefalometria dando um pouco de seriedade ao assunto, o que de certa forma interrompeu o tom alegre e leve que até aquele momento revestira a conversa. Em seguida, direcionando meu olhar para a sra. Bordeu, disse, podemos fazer um experimento muito fácil, se a senhora permitir.

– O que é que você pretende, examinar a minha cabeça? – Não, senhora, respondi; para o caso, é suficiente para mim o que posso ver. – E o que você vê em mim? – exclamou a senhora com surpresa. – Vejo, senhora, que se a cefalometria tem alguma coisa de verdadeira, você é poetisa de nascença. Não sei se você fez estudos literários ou se escreveu versos, mas, se faltou a ocasião, deve ter poetizado mesmo em prosa; mas quase ousou dizer que

deve ser afeiçoada à versificação. Sem dar tempo a uma resposta de sua parte, Sr. Basquin disse apressadamente: – Sim, isso é correto. Desde a idade de doze anos ela escrevia versos, sem ter se dedicado à literatura. Dito isto, o bom velhinho quis dar uma prova disso e, como tinha terminado a refeição, levantou-se e, um momento depois, voltava com um rolo de papéis e um caderno que atestava a veracidade da minha afirmação.

Não é preciso dizer que isso fez com que a conversa continuasse por alguns instantes sobre o mesmo assunto, e pediram minha opinião sobre outras pessoas. Respondi que, não podendo fazer um exame detalhado que exigia tomar as dimensões relativas das cabeças, só poderia dizer algo nos casos em que o desenvolvimento neste ou naquele sentido predominante fosse muito visível. A seguir acrescentei, referindo-me a um cavalheiro que atribuía o meu ditame ao acaso, que podia dizer-lhe que o desenvolvimento excessivo da imaginação nele era tal, que, não sendo esta faculdade imaginativa atemperada pela memória dos fatos (tive o cuidado de me guardar de indicar a falta, que também notei, de tonicidade no caráter), às vezes até devia chegar a ser visionário, ou tomar por realidade as fantasias que assaltavam sua mente.

Antes que eu pudesse desculpar minha audácia em ter que por à prova conhecimentos que considerava de certa importância, a senhora daquele cavalheiro exclamou com um acento que denunciava a convicção: – Exato, exato, está vendo? É o que eu sempre digo a você.

\*\*\*

Estando em Vichy, vi à mesa do hotel, à minha frente, uma família de ricos fabricantes de sedarias de Lyon. Uma das moças, de uns 16 ou 17 anos, chamava minha atenção pelo grande

desenvolvimento dos órgãos correspondentes à memória de palavras e sons. Eu estava desejoso de saber se as aptidões correspondiam ao signo cefalométrico. Uma noite, em que estava chovendo, muitas pessoas ficaram no grande salão do hotel. Aproveitei a ocasião para puxar conversa com a mãe da jovem e por ela fiquei sabendo que não estava enganado.

A menina tinha uma memória privilegiada, falava três línguas tão bem como a sua própria. Tocava piano e, segundo a senhora me contou, as peças que ela chegava a aprender, nunca esquecia. Para me dar uma prova disso, chamou a filha e disse que queria que ela tocasse tal peça (não me lembro o nome). A menina desculpou-se, dizendo que fazia muito tempo que não a tocava, que acreditava que não seria possível, mas que tocaria outra.

Não, replicou a mamãe – quero que toque a que eu lhe indico – desejo que este cavalheiro a ouça. E como na França as moças estão acostumadas de uma forma muito diferente que as do nosso país, a menina foi ao piano, hesitou um pouco e finalmente encontrou o começo e tocou uma peça longa e brilhante.

Uma das observações mais conclusivas que consegui fazer na cefalometria foi-me fornecida por acaso no meu estabelecimento de campo. Para dar uma ideia clara desse fato, devo transcrever alguns parágrafos da obra: Code natural de moral social, de Armand Harembert.

Durante minha permanência em Paris em 1855, para visitar a exposição, diz ele (página 12, edição de 1862), encontrei-me com alguns partidários da minha doutrina, entre eles, o Sr. Guy, anatomista da Faculdade de Medicina, possuidor de grande número de modelos de cabeças em gesso, representando com precisão as de outras tantas pessoas famosas, das quais fiz algumas compras para aumentar a minha coleção.

Minha presença como autor da Nova Organografia do Crânio Humano foi bem recebida, pois naquela época discutia-se sobre o crânio de certa pessoa que, segundo se dizia, fazia a frenologia mentir, não apresentando ela o órgão de uma faculdade à qual devia uma certa celebridade. O teste a que fui submetido parecia-me fácil, pois aquele crânio tinha uma forma excepcional, e é nesses casos, acima de tudo, que as características mais salientes de um caráter são reconhecidas com segurança.

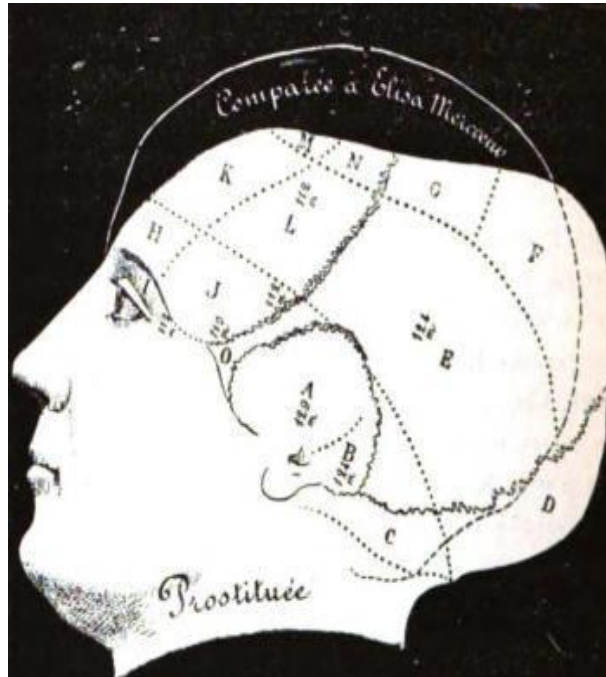
Este crânio, eu disse, baixo e prolongado, é o de uma mulher privada de toda elevação de pensamento, com grande configuração (senso das formas e da harmonia) para adorar os atavios e a moda; pouca penetração, imaginação, equidade e respeito, para que a razão, que é a resultante da ação harmoniosa das faculdades da inteligência e do espírito, tenha sido capaz de dirigir os instintos altamente desenvolvidos, com exceção da perseverança, que é quase nula, e de amor de geração, que é muito fraco.

Nela, a circunspecção deve ter se transformado em astúcia, mentira e talvez roubo. A altivez, que é enorme, sem a razão, não pôde produzir senão a vaidade, o coquetismo, o ciúme; a simpatia, superdesenvolvida, faltando a perseverança, pôde levar esta mulher à prostituição, ainda que o órgão do amor seja pequeno, pois este, por si só, nem sempre é a causa do vício; é à razão e à perseverança que se deve a coragem no trabalho para viver com honestidade, o que se deve ter em mente neste caso, pois sem elas, uma mulher em tais condições, entrega-se facilmente ao primeiro que lhe oferece um futuro fácil.

Eis aqui o fac-símile desse crânio, com o perfil atraente daquela mulher.

Então, em meio à admiração que minhas palavras produziram, fui levado a ler a inscrição que até então se tivera o

cuidado de esconder de mim, e que dizia: Uma das prostitutas mais determinadas de Paris.



Essa mesma forma dominava o crânio de uma jovem sobrinha de outra, de uns 18 anos, filha de uma família inglesa, nossa vizinha. Ela tinha vindo para passar um mês no campo.

Logo que a vi, chamou minha atenção e, quando me foi possível, fiz a conversa recair em cefalometria. Não demorei muito para obter um exame detalhado da cabeça daquela jovem. Ela me perguntou imediatamente o que eu encontrava nela. Respondi evasivamente e sorrindo que não havia nada de errado; que para formar um julgamento, eu desejava consultar uma obra. Ela entendeu, finalmente, que eu não queria dizer-lhe a verdade, e cada vez que a vi depois, o qual busquei propositalmente, porque queria descobrir, de alguma forma, se eu estava errado ou não em meu julgamento, ela voltava sobre a questão.

Finalmente, cedendo de boa vontade aos seus esforços para eu lhe dizer a verdade, desejo que eu soube gerar em sua mente, consenti, mas procurando uma ocasião em que estivesse a sós com ela. Conte-lhe o que seu crânio indicava, mas, naturalmente, de

forma comedida e adequada para não a ofender, pedindo que me contasse a verdade a respeito, porque em caso de eu não estar enganado, daria a ela um conselho que lhe seria muito útil.

Ela baixou os olhos e ficou em dúvida por um momento sobre o que deveria responder. Voltei a insistir na ideia científica que me preocupava e pedi novamente que me contasse a verdade, e que fosse qual fosse, nunca sairia dos meus lábios de um modo que a pudesse comprometer; então ele ergueu seus expressivos olhos e, fixando-os em mim, sedutoramente, confessou que não havia erro no que aquela ciência me indicava. Dei-lhe o conselho prometido e separei-me dela, sem ter tido oportunidade de vê-la depois.

Quem eu vi poucos dias depois de sua partida foi a priminha, percebendo nela uma certa perda de cor, grandes olheiras e olhar velado, tudo isso indícios de que ela havia participado dos impulsos apaixonados de sua hóspede, porque devo dizer que embora ela não tivesse os defeitos de baixeza de Catalina Llegado, cuja fisionomia e forma craniana é a da figura, em troca possuía mais desenvolvido o amor geração.

Mais tarde, soube que a jovem havia sofrido um percalço e que o fruto infeliz havia ostensivelmente desaparecido para o mundo. Não ouvi mais nada, porque os meus vizinhos venderam seu gado e, tendo comprado um campo em Entre Rios, foram ocupá-lo, interrompendo a correspondência entre nós por uma daquelas causas fúteis que só podem, no entanto, ser eliminadas verbalmente.

## **Vantagens que podem ser obtidas com o estudo e aplicação da cefalometria**

Nas crianças, as inclinações do espírito já são perceptíveis; mas tão misturadas com os atos inocentes da idade, que não seria possível fazer um julgamento sobre seu futuro. Aos 10 ou 12 anos é quando o ser começa a se caracterizar. Nessa idade, as linhas e proporções da cabeça já estão claramente traçadas. Seria o momento de estudá-la à luz dos conhecimentos proporcionados pela cefalometria, a fim de formar uma ideia que, embora nunca possa ser definitiva, pode ser muito útil para adotar um plano de ensino e educação para cada caso.

Partindo desta verdade: – Cada órgão que é exercitado desenvolve-se – seria possível darmos aos jovens a oportunidade de desenvolver aqueles que correspondem às faculdades e instintos mais nobres, evitando-lhes tudo o que pudesse excitar a vitalidade daqueles que denotam tendências más ou viciosas, vindas do passado. Se por esse meio fosse possível propender às reações que o espírito encarnado deve operar, isso provaria cada vez mais a existência da lei da solidariedade humana. Os pais são obrigados a dar bom exemplo e educação a seus filhos, corrigindo seus erros na medida de seu avanço e possibilidades – é a lei natural; e com o auxílio da cefalometria, aumentaria o grau do possível.

Com o caráter observador que me distingue, estudei o desenvolvimento moral das pessoas que conheci desde a minha juventude. Tenho notado em alguns que, apesar de suas más

inclinações, que se deixavam conhecer na intimidade, aos poucos eles souberam dominá-las; e embora ainda tenham impulsos de vingança, são, de fato, boas pessoas; uma delas é quase um modelo em procedimentos corretos e elevados. Sua juventude foi a do libertino: era briguento, imprudente e mordaz; hoje é um exemplo da firmeza de caráter, da honestidade e do cavalheiro.

Nele muito fez o exemplo do meio em que passou muitos anos (dos 17 aos 30) e a dignidade que é nota dominante nos contornos da sua cabeça; ele quis ser respeitado e com a sua inteligência clara, optou pelo único caminho que pode conduzir à obtenção de respeito e consideração sincera. Assim, ele conseguiu, pela prática das boas faculdades, dominar-se de tal forma, que o homem que dizia sentir prazer em fazer sofrer os outros e não podia deixar impune a menor ofensa, é hoje, em sua idade avançada, caridoso, útil e sensível ao menor sofrimento ou penalidade que venha a descobrir em outrem.

Quanto aos dons da inteligência, é conveniente, a meu ver, cultivá-los todos, mas deixando que os jovens sigam a carreira para a qual estão melhor dotados, que só a cefalometria pode determinar a priori. Lembro que uma irmã da minha esposa, que tinha nove anos quando a conheci, numa época em que eu me ocupava intensamente da cefalometria, estava em uma escola em Mancy; pedi para lhe ensinarem a tocar piano, porque percebi nela um grande desenvolvimento nos órgãos necessários para a música.

A instrução recebida era geral, então muito pouco ela podia se dedicar ao piano, mas aprendeu com extrema rapidez, chegando a interpretar à primeira vista peças difíceis, que podia tocar imediatamente para estranhos.

Com isso poderia ser evitada a perda de uma vocação e talvez a oportunidade de uma carreira brilhante e benéfica para a



humanidade. Somente o estado de saúde poderia e deveria modificar o índice cefalométrico. Em alguns casos, qualquer carreira que exija muito estudo e concentração pode levar à morte prematura.

O progresso espiritual não exige que o espírito chegue a conhecer todos os ramos do conhecimento humano. É evidente que no espaço não irá fazer contabilidade, matemática, geologia, geografia etc.; o que importa para o espírito é o grau de inteligência e razão que se adquire pelo estudo nas encarnações sucessivas. E mais do que tudo isso, é preciso atingir um alto nível de moral.

## Mais duas palavras sobre a Cefalometria

Os conhecimentos adquiridos por Armand Harembert conseguiram chamar a atenção na França, e alguns médicos se interessaram nesse estudo, mas esse movimento durou pouco. Por que durou pouco? Por que a cefalometria nem teve sequer a moda efêmera que a frenologia, sua progenitora, teve? Isso é o que desejo explicar a seguir.

Harembert teve de enfrentar a maior das desvantagens; não tinha um nome científico. Além disso, um conhecimento novo raramente é admitido perfeitamente desde o primeiro momento de seu aparecimento. Isso aconteceu com o transformismo, com o hipnotismo, com a aplicação do vapor e com a maioria das descobertas.

Por outro lado, a queda sofrida, de certa forma, pela frenologia (conhecimento incompleto), necessariamente tinha de ser um obstáculo à cefalometria, que vem completá-la. Apesar de tudo isso, se Harembert tivesse desdobrado na propaganda de suas ideias o mesmo afã, a mesma vocação que teve por vinte anos para juntar modelos de cabeças e até mesmo os próprios crânios de pessoas que chamavam a atenção por vários conceitos, se ele tivesse escrito à medida que aplicava seu conhecimento para se assegurar da sua veracidade, certamente teria formado escola; e então, a cefalometria teria ido conquistando gradativamente seu lugar de direito entre as ciências, porque muitos teriam se convencido por si mesmo, como eu, de sua verdade e conveniência.

Para formar escola, mesmo no caso de conhecimentos

embrionários e destinados ao esquecimento em tempo mais ou menos prolongado, é necessário que aquele que está possuído das novas ideias, escreva muito, a fim de chamar a atenção geral de alguma forma. Harembert escreveu pouco e deveria ter dedicado um livreto a cada crânio que estudou. Ele fez isso com o do famoso assassino Dumollard, e tinha como fazer outro tanto com muitos.

Para que o transformismo se espalhasse, foi preciso que Darwin, com tenacidade digna de admiração, escrevesse suas volumosas obras, nas quais acumulou com suas próprias observações as de muitos outros, chegando à nimiedade nos detalhes, onde demonstra cem vezes a mesma coisa por aplicações a diversas espécies.

Mas a fama que esta ou aquela teoria alcança nem sempre é um sinal de verdade conquistada. As observações de Lombroso não só abriram caminho, mas enfatuaram alguns, ou melhor, deram suporte para a fatuidade, quando nem o próprio autor deixou de dizer mais de uma vez em suas obras, que se trata apenas de observações dignas de continuidade, deixando ver pelos próprios dados que por enquanto nada de definitivo pode se basear neles.<sup>57</sup>

De minha parte, estou convencido de que tanto quem acredita que tudo é matéria quanto quem busca a existência da alma, deve estudar o cérebro interna e externamente, porque dele partem os instintos, a inteligência, a vontade, a memória e as paixões, seja como foco espontâneo, seja como instrumento a serviço do espírito. A cefalometria tem muito de verdadeiro e deveria ser relacionada à antropologia. Isso é tão razoável, tão lógico, que é de

---

<sup>57</sup> Para perceber a leviandade e o pouco valor científico de algumas das observações de Lombroso, é bom ler *Biologia aplicada à sociologia* pelo sábio médico Eug. Wasserzug (pai) – Buenos Aires.

se esperar que não demore muito tempo sem que a dissecação do cérebro, as medidas angulares, algumas (poucas) observações sobre a fisionomia, venham somar-se às medidas cefalométricas, até conseguir implantar uma psicologia verdadeiramente científica.

## Magnetismo espiritual

Na página 133 do segundo volume, referi-me ao fato da magnetização de um médium por outro, que em estado normal é incapaz de magnetizar ninguém, e classifiquei esse fenômeno como magnetismo espiritual.

Contudo, como nas páginas 151 e 158 inclusive tentei mostrar que o espírito não carrega consigo o fluido vital que anima o organismo, poder-se-ia acreditar, à primeira vista, que existe uma contradição e, não sendo assim, é conveniente o presente esclarecimento.

Quanto ao fato de o magnetismo não operar da mesma forma que a possessão, fica demonstrado pelo próprio fato de que quem magnetiza não é o espírito que se incorpora, sendo vistos neste caso dois atos completamente diferentes; mas pode ser objetado que, se o fluido vital é necessário para a magnetização, os espíritos dispõem dele em certos casos, visto magnetizarem.

Para magnetizar eles precisam de um médium, é o espírito que está incorporado quem realmente dirige os fluidos para magnetizar outra pessoa, só que ele encontra os fluidos vitais no médium.

Nesse caso, dirão, como explicar que este médium não seja magnetizador em seu estado normal, visto que nele o espírito encontra o fluido necessário? A resposta é fácil e ajustada à verdade e ao fato. O fluido elétrico transformado em sua passagem pelo organismo humano é o fluido magnético ou vital das pessoas.

Assim, estando o espírito que deve operar, de posse de um

médium, estabelece-se uma corrente fluídica retirada do ambiente por um dado número de espíritos que formam a cadeia, e o fluido assim assimilado pelo médium é rapidamente transformado pelo organismo, modificado, como dizem os Espíritos que explicaram o fenômeno.

Devo dizer também que nem todo espírito pode fazer o que testemunhamos na Constância. O espírito que opera o magnetismo é excepcionalmente poderoso nesse sentido. Nenhum outro dos que dirigem o nosso centro é capaz de fazer o que ele faz, nem mesmo sendo ajudado pelos demais da forma indicada.

## Palavras de Flammarion

O nome de materialistas que alguns homens ainda se dão, que veem apenas as aparências vulgares das coisas, não deveria mais ser considerado pelos pensadores senão como expressão sem significado. O Universo visível não é o que aparece aos nossos sentidos, é o Universo invisível que constitui a essência e o suporte da Criação. Na verdade, este Universo visível é feito de átomos invisíveis e as forças que os regem também são imateriais e invisíveis. Busquem a matéria e não a encontrarão; é uma miragem que se afasta à medida que avançamos; espectro que desaparece quando pensamos que vamos tocá-lo. O mesmo não acontece com a força, com o elemento dinâmico; é a força invisível e imponderável que encontramos em última análise, e é ela que apresenta a base, o suporte e a própria essência do Universo...

Já aproximaram um pedaço de ferro de uma agulha magnetizada, suspensa livremente? Que espetáculo maravilhoso o de sua mobilidade, suas palpitações, sob a influência de um objeto aparentemente inerte agindo sobre ela à distância! Observemos uma bússola colocada em um porão bem fechado: um regimento passa, e a bússola treme, influenciada à distância pelas baionetas de aço. Uma aurora boreal ocorre na Suécia? A bússola sente isso em Paris. Que digo! As flutuações da agulha magnetizada estão em relação com as manchas e as erupções solares. A física moderna é a proclamação do Universo invisível.

## **Experiências do sábio Reichembach sobre o fluido ódico-magnético**

### 1ª Carta

No curso de sua vida, vocês não encontraram um certo número de pessoas que tinham a estranha peculiaridade de não gostar de nada que fosse amarelo? No entanto, um limão, o ouro brilhante ou uma linda laranja apresentam um aspecto agradável. O que poderiam ter de repulsivo? Pergunte a essas pessoas de que cor elas gostam e todas elas concordarão: azul. O azul dos céus profundos é de um aspecto benéfico, mas se à noite esse azul é circundado como uma moldura de ouro, o belo se junta ao mais belo - o magnífico nos aparece.

Se eu fosse deixado livre para escolher, para a minha casa, entre um quarto estofado ou pintado de amarelo e um azul claro, é muito provável que eu desse preferência ao amarelo: todos os inimigos do amarelo com quem eu falava dessa forma zombaram de mim e lamentaram esse meu gosto. Faço a pergunta de outro modo: quero saber, vocês já conheceram algum homem que dissesse que detestava azul?

Certamente não; nem um só teve horror da cor azul. De onde vem essa conformidade entre vários homens para não gostarem do amarelo e preferirem o azul? Sabemos, por meio dos estudos feitos sobre cores, que amarelo e azul estão em certas correlações; são cores complementares que formam uma espécie de antítese polar. Haveria, por acaso, algo mais, oculto de nós, fora da simples atividade ótica produzida em nossa visão?

Seria uma diferença desconhecida mais profunda do que a



simples diferença óptica das diferentes cores que todos nós conhecemos? E haveria também para as percepções de tal diferença, uma diferença entre os homens, de modo que alguns ficassem em estado de perceber o que outros não poderiam reconhecer? E haveria homens dotados, por assim dizer, de duplo sentido? Seria uma coisa bastante singular; vamos tentar acompanhá-la um pouco mais de perto.

Uma mocinha lança de bom grado um olhar ao espelho. Também não deixa de haver homens que veem com certo prazer suas feições se reproduzirem. Mas, seria possível haver moças, mulheres e homens que sentem repulsa pelo espelho, que se afastam dele e que não suportam o reflexo da própria imagem? E, na verdade, esses seres existem. Há homens, e não são escassos, a quem o espelho produz uma sensação de mal-estar, como se um sopro quente e desagradável os alcançasse e fosse a causa que não lhes permitisse ficar um minuto diante de um espelho. O espelho não apenas lhes envia sua imagem, mas também projeta sobre eles uma impressão indizível e dolorosa: em uns com mais força, em outros com menos, em alguns tão pouco sensível que a repulsão é duvidosa.

De onde vem isso e o que poderia ser? Por que apenas algumas pessoas sentem essa contrariedade, e não todas?

Vocês têm viajado muito e é impossível que nas carruagens públicas, ônibus ou ferrovias, tenham deixado de encontrar homens que com insistência e constância exigiam que as janelas dos veículos estivessem abertas, mesmo que o vento ou o frio fossem intensos, sem qualquer consideração pelos companheiros de viagem resfriados, reumáticos etc.; e esses homens, na sua opinião, eram insuportáveis? Vocês chamariam isso de falta de educação, mas contenham um pouco seu julgamento, eu lhes peço,

pelo menos até terem passado a vista por algumas das minhas cartas; talvez, então, adquiram a convicção de que no recinto de uma sociedade muito compacta acontecem coisas desconhecidas, poderosas o suficiente para chegarem a se tornar insuportáveis para alguns, enquanto outros nem mesmo têm consciência delas.

Será que não conhecem entre os seus amigos, algum caprichoso que, à mesa, no teatro, em sociedade, na igreja, não quer se sentar na fila entre os outros, e que constantemente tem a pretensão de ocupar um canto?

Observem este ser, ele é o nosso homem: em breve travaremos com ele um conhecimento mais íntimo.

Sem dúvida, conhecem mulheres que, gozando de boa saúde, no entanto adoecem até à síncope na igreja?

Muitas pessoas existem que não conseguem adormecer do lado esquerdo e adormecem assim que se deitam do lado direito. Outros dormem bem tanto do lado direito quanto do esquerdo. Há homens que, ao comerem com uma colher de metal ou prata da China, sentem a maior repugnância, enquanto outros nem prestam atenção a isso. Muitas pessoas detestam alimentos quentes ou cozidos demais, as gorduras, os doces; elas preferem alimentos simples, ligeiramente ácidos. Muitos têm predileção por salada e repetem que dariam de bom grado as outras iguarias por um pouco de salada. Outros não conseguem entender essa peculiaridade extravagante e anormal. Existem aqueles para os quais é insuportável que alguém se coloque atrás deles; estes fogem das multidões, das reuniões numerosas de homens e dos mercados.

Alguns ficam chateados quando alguém lhes oferece a mão; eles não podem suportar a retenção da própria por algum tempo; soltam-se e vão embora. Quantos são os que não suportam o calor de um fogão de ferro, mas muito bem o de um forno de porcelana.

Há centenas de eventos desse tipo que não podem ser atribuídos à imaginação, nem à educação, nem aos costumes. Esses fenômenos nunca são encontrados isolados, mas, ao contrário, associados entre si. O inimigo do amarelo tem medo do espelho. Quem quer sentar-se num canto exige que as janelas da carruagem sejam abertas. Quem dorme bem do lado direito fica doente na igreja. Quem tem medo de comer com os metais já citados prefere iguarias frias e simples, rejeita doces e gorduras, prefere salada. Existe uma solidariedade dessas singularidades especiais entre aqueles que as possuem. A experiência nos mostra que quem conhece um conhece o outro.

Segue-se disto claramente, que entre eles existe uma relação evidente, que seu vínculo de união tem uma origem comum desconhecida.

Mas se essa origem é encontrada em alguns homens e não nos outros, é claro que, desse ponto de vista, existem de fato duas classes de homens, os comuns que não possuem nenhuma dessas irritabilidades, e em particular os irritáveis, que, pelo menor motivo, excitam-se no sentido já expresso. Eles podem ser chamados de sensitivos, pois geralmente são mais irritáveis do que as plantas sensitivas (mimosa pudica); eles são assim por natureza, e não podem rejeitar ou vencer essa condição, mesmo se quisessem. Seu número não é pequeno: logo veremos até que profundidade essas coisas chegam na sociedade humana, das quais não quis dar aqui senão uma pincelada superficial.

## 2ª Carta

### O OD, OS CRISTAIS E A CÂMARA ESCURA.

Pelas indicações que lhes dei, vocês conseguiram encontrar

entre as suas relações alguém que pertence aos que eu chamo de sensitivos. Não é muito difícil encontrá-los; eles são abundantes em todos os lugares; e se vocês não conseguirem encontrá-los em perfeita saúde, informem-se daqueles que têm um sono penoso, que jogam longe as cobertas, falam durante o sono e até se levantam, sofrem de curtas enxaquecas, e muitas vezes de dores de estômago que desaparecem rapidamente, queixam-se de dissonâncias nervosas, não gostam de sociedade, limitam-se com preferência a alguns amigos ou buscam a solidão. Com pouquíssimas exceções, todos esses indivíduos são mais ou menos de uma natureza sensitiva. Mas tudo isso é apenas o lado trivial do assunto sobre o qual vocês me consultam; do ponto de vista da pedra de toque científica, aparecem coisas de uma maior importância.

Consigam um cristal de rocha natural tão grande quanto possível, um espato gíptico, de uns dois pés de comprimento, por exemplo, ou um tungstir, ou um cristal de rocha do Monte Gotthard, com um pé de comprimento, coloquem-no horizontalmente no canto de uma mesa ou cadeira, de forma que ambas as extremidades sobressaiam livremente. Imediatamente coloquem uma pessoa sensitiva em frente ao cristal, pedindo-lhe que apresente a palma da mão esquerda às extremidades do referido cristal, a três, quatro ou cinco polegadas de distância; não passará nem meio minuto sem que o sensitivo lhe diga que, da extremidade da ponta superior do cristal, um sopro fino e fresco está vindo em direção à mão, e que, pelo fundo, sobre o qual o cristal cresceu, algo quente chega à sua mão.

Ele achará que o hálito fresco é agradável e refrescante, e o quente, desagradável e acompanhado de uma sensação contrariante e um tanto repulsiva e que, se durasse mais, agarraria todo o braço, dando-lhe uma impressão de cansaço.

Quando fiz esse experimento pela primeira vez, ele era tão novo quanto enigmático para mim; ninguém queria acreditar. Entretanto, eu o repeti em Viena com centenas de sensitivos, foi comprovado na Inglaterra, Escócia, França, e qualquer um pode fazer o teste, porque há sensitivos em toda a parte. Coloquem sua mão esquerda próxima a outros pontos do cristal, por exemplo, contra suas arestas laterais; também sentirá, já algo quente, já uma sensação de frescura, mas sempre e por comparação mais fraca do que as duas extremidades que estão em oposição polar.

Como essas sensações opostas são produzidas sem que os cristais sejam tocados, estando a uma distância de várias polegadas, fica evidente que algo sai dessas pedras, ditas semi organizadas, que flui e irradia delas, que a física ainda não conhece e que anuncia sua presença com impressões materiais, mesmo quando não temos a capacidade de vê-lo.

Porém, uma vez que os sensitivos, devido à sua impressionabilidade, são notavelmente mais aptos para perceber do que os outros homens, ocorreu-me a ideia de descobrir se eles também não poderiam ser superiores a nós sob certos pontos, pelo sentido visual, se talvez não estivessem em um estado perceber algumas dessas emanções dos cristais em uma profunda escuridão.

Para obter prova disso, em uma noite sombria (maio de 1874), levei um grande e poderoso cristal de rocha para a casa de uma jovem, a senhorita Angelica Sturman, sensitiva em alto grau. Quis o acaso que seu médico, o professor Lippioh, de grande reputação entre os patologistas, estivesse presente. Estabelecemos uma escuridão perfeita em duas salas, numa das quais coloquei o cristal. Não precisou muito tempo para me assinalar o lugar onde eu o havia depositado. Ela me disse que

todo o corpo do cristal foi penetrado de parte a parte por uma luz tênue, e que uma chama azul do tamanho de uma mão se eleva por sobre a ponta, que tinha um movimento ondulante e constante, às vezes cintilante, em forma de tulipa, que pelo alto dissolvia-se em um vapor fino. Quando virei o cristal, ela viu uma fumaça úmida e cor vermelho amarela subindo do lado obtuso. Vocês já podem imaginar o prazer que essa declaração me causou.

Esta foi minha primeira observação. Entre milhares, que fiz posteriormente sobre os cristais, com inúmeras variações; por elas ficou bem estabelecido com um número considerável de sensitivos, o fato de que as percepções sensuais provenientes dos cristais são acompanhadas por aparições luminosas, que se sucedem umas às outras devagar, sendo azuis, vermelhas ou rosadas; as cores estão polarmente opostas umas às outras, e só podem ser vistas por pessoas sensitivas. Se vocês quiserem repetir esses ensaios, devo dizer-lhes que somente em uma escuridão absoluta é possível obter resultados favoráveis. A luz do cristal é geralmente tão fina e tão fraca que se o indício de outra luz fosse percebido na câmara escura, seria o suficiente para deslumbrar o observador, isto é, para amortecer momentaneamente sua capacidade sensitiva de perceber uma luz tão fraca. Além disso, são poucas as pessoas tão fortemente sensitivas quanto a senhorita já mencionada.

Os sensitivos médios geralmente precisam passar uma ou duas horas no escuro, até o olho ficar suficientemente livre da excitação da luz do dia ou da lâmpada e, portanto, suficientemente preparado para ser capaz de reconhecer a luz do cristal. Sim! Em muitas circunstâncias me aconteceu, com sensitivos fracos, que na terceira hora não tinham visto nada; e no entanto, na quarta hora, eles viram os cristais brilharem claramente e ficaram convencidos da realidade da projeção luminosa dos mesmos.

Agora vocês estarão impacientes para saber que significado deve ser dado a isso e que lugar essas aparições devem ocupar entre os fenômenos da física e da fisiologia. Segundo a sua consistência subjetiva e objetiva, elas não são calor (calórico) mesmo produzindo sensações que lembram tepidez e frescura; porque nisto não podemos imaginar um foco calórico, e se houvesse um, não só os sensitivos sentiriam a sua presença, também os não sensitivos, e melhor ainda um bom termoscópio. Essas aparições não vêm da eletricidade, pois, ao eterno eflúvio que dela emana, falta a excitação. O eletroscópio não sente nada e um derivado segundo as leis elétricas permanece sem movimento.

Não pode ser magnetismo nem diamagnetismo, uma vez que os cristais não são magnéticos, e que o diamagnetismo não funciona no mesmo sentido em todos os cristais, e sim em sentido muito diferente e oposto; o qual não acontece neste caso, de forma alguma. Nem pode ser a luz comum que conhecemos, porque, mesmo quando essa luz aparecesse aqui, ela não produz sensações mornas e frescas em lugar nenhum. Em suma, o que são essas aparições descritas? Se realmente querem saber, obrigam-me a confessar que eu mesmo não sei. Tenho à vista as manifestações de uma dinâmica que não posso assentar entre aquelas já conhecidas.

Se não me engano em meus julgamentos sobre os fatos adquiridos, este será colocado entre o magnetismo, a eletricidade e o calórico; mas não pode ser identificado com nenhum dos três, e nessa perplexidade, entretanto, designei-o dando-lhe o nome de OD, cuja etimologia deixaremos para depois.

### 3ª Carta

## O SOL, A LUA E O ÍRIS

Vocês conhecem os sensitivos, bem como o elemento em que se manifestam, isto é, o dinâmico a que dei o nome de Od; mas com isso tocamos apenas uma ponta da orla da grande veste que com ele envolve toda a natureza. Essa força maravilhosa não apenas flui dos pólos dos cristais, mas também brota de muitos mananciais diferentes do universo com uma força igual ou até superior. Para começar, vou levá-los, por enquanto, diante dos astros, do sol. Coloquem uma pessoa sensitiva na sombra, ponham em sua mão um tubo vazio do barômetro ou qualquer outro tubo, mesmo uma bengala; façam-na colocar aquele tubo nos raios do sol enquanto o corpo e a mão ficam na sombra. Em breve vocês ouvirão algo deste singelo experimento que os deixará maravilhados. Talvez esperem que a pessoa que pratica este experimento sinta calor! Ela vai dizer exatamente o contrário. A mão sensitiva perceberá várias impressões, mas o resultado será frescor.

Quando coloca o tubo na sombra, o frescor desaparece e sentirá o tubo esquentar. Se ela o colocar de volta sob os raios do sol, sentirá o frescor retornar; assim ela mesma poderá verificar alternadamente a exatidão de sua própria sensação.

Existem, portanto, circunstâncias muito simples que até agora não tinham sido observadas, nas quais o raio de sol imediato não apenas comunica calor, mas ao mesmo tempo frio, da maneira mais inesperada e singular. Os sensitivos dirão que esse frescor é análogo em seu modo de agir ao da ponta do cristal de rocha. Se, então, esse frescor é da natureza do Od, é necessário que de uma forma ou de outra se deixe expressar como uma aparência



luminosa no escuro, e vocês o conseguirão se quiserem repetir o seguinte ensaio. Eu levei um arame de cobre, de uma sala iluminada, para as trevas da câmara escura; depois coloquei a extremidade oposta desse arame sob os raios do sol.

Nem bem acabei de colocá-lo, quando a parte do arame que estava na sala começou a se tornar luminosa, e na extremidade elevou-se uma espécie de pequena chama do tamanho de um dedo. Desse modo, o raio solar derramava Od no fio de cobre, que os sensitivos viam fluir na escuridão em forma de luz. Passem um pouco mais além: façam o raio solar incidir sobre um bom prisma de cristal e joguem as cores do arco íris contra a parede mais próxima; peçam a uma pessoa sensitiva para testar essas cores segurando o tubo de vidro com a mão esquerda. Se ela o colocar de forma que receba apenas azul ou violeta no ar, a sensação será de frescor de uma forma muito agradável e mais frescamente do que a que sentia com o raio do sol em toda sua integridade.

Se, pelo contrário, ela colocar o tubo no raio vermelho, o frescor benéfico desaparecerá repentinamente, para dar lugar ao calor; uma tepidez e um desconforto logo tomarão conta do braço. Ao invés de tubo, você também pode fazer o sensitivo colocar o dedo nu nas cores, o resultado será o mesmo. Tenho dado preferência ao tubo para neutralizar a cooperação dos verdadeiros raios do calórico na mão por um mau condutor do calórico. Os produtos decompostos da luz solar eram exatamente semelhantes aos dos pólos dos cristais. Resulta daí o OD, em ambos os modos de operar, nos raios solares; flui a cada momento em uma quantidade incomensurável do nosso astro do dia com a luz e com o calórico, e forma nele um novo e poderoso agente, cujo alcance não nos é dado ainda entrever.

Permitam-me agora dar uma olhada retrospectiva nos

inimigos do amarelo e nos amigos do azul de que fala minha primeira carta. Não vimos que o pólo do cristal que exalou um agradável frescor deu uma luz azul, e não descobrem aqui novamente por um caminho diferente, que a luz do sol com seu raio azul dá um frescor agradável? Da mesma forma, o raio amarelo e vermelho, não produziu sensações dolorosas com um hálito tépido e contrário para o sensitivo? Vocês podem ver que em ambos os casos, tão infinitamente diferentes um do outro, sensações agradáveis sempre acompanham o azul, e ao vermelho/amarelo sensações opostas.

Portanto, vocês obtêm um primeiro indício que os colocará em guarda contra julgamentos precipitados sobre os chamados caprichos de pessoas sensitivas. Observem que, com efeito, deve existir algo mais, oculto no amarelo e no azul de nossas cores, do que a simples ação óptica sobre o tecido do nosso olho, e que nisso um instinto profundo guia o julgamento do nosso sensitivo para esse algo sutil e desconhecido; isto merece todos os esforços de nossa atenção.

Mas, com abstração das cores, quero apresentar-lhes outro ensaio fácil que tenho feito com frequência para descobrir quanto Od os raios solares continham. Polarizem-nos da maneira usual e deixem-nos cair abaixo de 35 graus em um conjunto de uma dúzia de folhas de vidro; deixem o sensitivo submergir o tubo, que pegará com a mão esquerda, ora na luz rejeitada, ora na que passou; vocês sempre o ouvirão dizer que o primeiro dá um ar ódico e o segundo, um morno desagradável. Se vocês se sentirem de bom humor, podem embromar um pouco os químicos com o seguinte. Tomem dois copos de água iguais; coloquem um deles na luz solar rejeitada e o outro naquela que passou. Após 6 a 7 minutos, peçam a um sensitivo que experimente a água. Ele imediatamente lhe dirá que a água que estava na luz rejeitada é

fresca e um tanto ácida, e que a água na luz passada é quente e ligeiramente amarga.

Façam ainda outra coisa: coloquem um pequeno recipiente de vidro cheio de água na luz azul do arco íris e outro no vermelho/amarelo, ou coloquem um na extremidade da ponta de um grande cristal de rocha e outro sob o lado obtuso. Podem ter certeza de que em ambos os casos o sensitivo sempre encontrará agradável, delicada e ácida a água que sai da luz azul, e a que sai do amarelo/vermelho repugnante, um tanto amarga e azeda.

Ele beberá a primeira com prazer, se vocês o permitirem; mas se tentarem forçá-lo a beber a outra, talvez aconteça o que aconteceu comigo, que dali a pouco o sensitivo vai lançá-la do estômago com grandes arcadas.

Agora entreguem essas águas aos senhores analisadores químicos e peçam para eles extraírem para vocês o amarum e o ácidum.

Façam, com a luz da lua, a mesma coisa que vocês fizeram com a luz do sol; obterão resultados análogos, mas em parte polarmente inversos. Um tubo na mão esquerda de um sensitivo imerso na luz pura e plena da lua não lhe produzirá frescor; vai parecer-lhe morno. Um copo d'água que terá permanecido na luz da lua parecerá mais quente e de pior gosto do que aquele que, pelo mesmo período de tempo, terá permanecido na sombra.

Todos sabem a grande influência que a lua exerce sobre muitos dos homens; todas as pessoas que estão sob sua pressão são, sem exceção, sensitivas e geralmente bastante delicadas. Como foi provado que a lua emite produtos ódicos, e que sua influência sobre os lunáticos concorda perfeitamente com aqueles que podem ser obtidos de outras fontes ódicas, este astro agora apresenta-se a nós revestido de um grande significado como

emanando Od.

Assim, a luz do sol e a luz da lua irradiam a força ódica tão abundantemente que podemos facilmente coletá-la e conservá-la com os singelos experimentos que descrevi. Em breve, vocês receberão a prova de sua influência incomensurável sobre o gênero humano e, portanto, sobre os reinos animal e vegetal. O Od é encontrado em tudo como dinâmico cósmico: irradia de estrela a estrela e, como a luz e o calórico, abrange o universo inteiro...

Essas cartas, por seu número e importância, poderiam formar um volume. Eu transcrevi o essencial e terminarei com um parágrafo tirado da nona carta.

Estava comigo na câmara escura o mecânico M. Enter, um sensitivo médio, (outubro de 1851), e eu queria averiguar se havia alguma relação entre o som e o Od. Eu trouxe a campainha de uma máquina pneumática, peguei-a pelo botão e com cuidado bati nela com uma chave. Assim que o som foi produzido, tornou-se luminosa e visível. Quanto mais forte a batida, mais intensa a luz se tornava. Um sino de metal com um som incisivo batido por um tempo, tornou-se tão reluzente que uma luz clara se espalhou pela sala, sendo vista por todos os sensitivos. Uma barra de metal, um ímã, uma ferradura de cavalo, batidas para produzirem um som, aumentavam seu resplendor.

Após fazer soar com o arco as cordas de um violino, não só as cordas, mas a própria tábua de harmonia ficara reluzentes. Os corpos soantes colocaram-se em um estado ígneo ódico, e uma claridade luminosa também se espalhou ao redor deles, parecendo que os envolvia como a auréola de um santo. Qualquer copo tocado com faca, como se costuma fazer para chamar um criado, adquiria uma atmosfera luminosa, e tanto mais clara quanto mais forte o som que o instrumento produzia.

## **Mariano Perdriel, médium curador em Buenos Aires**

Ao terminar esta obra, soube pelos jornais da capital que temos entre nós um grande médium curador.

Mariano Perdriel tem aplicado suas mãos com sucesso por mais de doze anos; embora alguma vez a notícia tenha chegado à classe ilustrada da sociedade, nenhuma atenção foi dada a ela, supondo, em vista da classe das pessoas que relataram seus milagres, que era algum charlatão enganador de ignorantes. Pensou-se, talvez, que ele os fazia acreditar que estavam atacados por doenças graves para explorá-los e criar fama. Mas, há pouco tempo, algum conhecido deixou-se aplicar as mãos, tratando-se de uma doença que, tendo resistido aos recursos da medicina, foi curada por Pedriel. Outras o seguiram, até que a notícia de seu poder se espalhou.

Um senhor que era redator de um jornal político, deu a conhecer as curas extraordinárias que ele fazia, e a partir daquele momento foram bater à porta do curandeiro, pacientes cuja categoria podia ser julgada pelo luxo dos carros que ali estacionavam. Nesse ponto, o Conselho de Higiene sentiu que era seu dever chamar Perdriel à sua presença. Ele apresentou-se patrocinado por pessoas de alta posição social, que não só o defenderam em voz alta, mas também pela imprensa, tornando ainda mais públicas as curas maravilhosas de tão modesta pessoa, por meios que a ciência rejeita.

No final da sessão do Conselho, o secretário disse a Perdriel: Estou com uma dor de cabeça terrível: – se você tem o poder do

qual alardeia, poderia dar provas disso tirando-o de mim com a facilidade que estes senhores garantem que você faz. Perdriel respondeu afirmativamente e colocou as mãos na cabeça do paciente. Depois de alguns minutos, ele declarou que a dor havia desaparecido completamente. Um dos médicos que testemunharam o evento disse-lhe então: Eu vejo que você é um remédio. Ao que ele respondeu com desenvoltura: Bem, nesse caso, o senhor deveria me prescrever.

Não é preciso dizer que Perdriel tem conseguido continuar exercendo sua benéfica faculdade e curando até pessoas desenganadas pelos médicos.

Muitos fatos de curas surpreendentes correm de boca em boca. A verdade é que têm sido noticiados na imprensa, por pessoas bem respeitáveis, algumas não menos importantes do que as executadas por Hippolyte e outros grandes médiuns.

Perdriel não tem instrução e, segundo um amigo me garantiu, não parece conhecer o Espiritismo, embora os diagnósticos que faz, a escolha instintiva do ponto onde colocar as mãos e os prognósticos quanto ao prazo para atingir a melhora ou a recuperação completa, mostrem que recebe inspiração e está bem assistido.

Embora Perdriel não tenha declarado nada sobre isso, ele foi ouvido dizer que precisa de algumas horas de reflexão durante o dia, para saber o que fazer em relação aos doentes. Seu poder, diz ele com razão, vem de Deus, que tudo pode. Conseqüentemente, ele não cobra nada, embora, não tendo fortuna, receba o que eles de boa fé queiram lhe dar; ele nunca pede ou insinua a questão do dinheiro, atendendo com igual solicitude e sentimento de caridade tanto aos ricos quanto aos pobres.

A mediunidade de Perdriel, como a de Teresa Urrea no México, vem provar o que argumentei nesta obra. O fluido elétrico

do ambiente acumula-se e se transforma, com a única diferença quanto à intensidade, em todas as pessoas, produzindo assim o que chamamos de magnetismo animal. Aqueles mais bem dotados para isso podem magnetizar e, como mostrei com fatos irrefutáveis, curarão algumas doenças transmitindo esse fluido vital aos pacientes.

Ora, se ao invés da instrução que essas aplicações requerem, tivermos mediunidade, estaremos na presença de médiuns curadores, que, guiados pelos espíritos, acentuarão o fenômeno da acumulação, sendo o fluido dirigido por eles na forma mais adequada, podendo, ao mesmo tempo, manejar o instrumento (médium) pela inspiração ou pela audição. As curas são, portanto, mais rápidas e extraordinárias do que aquelas que os magnetizadores podem operar.

A maior ou menor eficácia dos fluidos de um médium não depende apenas da quantidade de fluido em movimento, mas também do grau de elevação alcançado pelo espírito encarnado, sua moralidade na encarnação presente e a elevação dos espíritos que o guiam.

Perdriel pode ser ignorante nesta existência, devido às circunstâncias da sua provação; mas pode ser um espírito intelectual e moralmente preparado.

Humanidade!... menos orgulho na efêmera ciência conquistada... mais humildade... Mais apreciação e estudo dos fenômenos de origem espiritual que aparecem em toda parte, se quiser chegar mais cedo à posse da verdade, do bem e da felicidade.

## **Conselhos aos espíritas e aos que queiram experimentar no Espiritismo**

Acontece muito frequentemente que pessoas de boa-fé, mas com pouco preparo intelectual, entregam-se a práticas espíritas sem saber do que se trata e sem outro objetivo que a satisfação de uma curiosidade.

A curiosidade é muito justa e muito recomendável neste caso, mas desde que esteja disposta, uma vez satisfeita, a ceder lugar a objetivos mais sérios.

Não é isso o que acontece, na maioria das vezes, mas, ou a experimentação é abandonada por ter deixado de ser novidade, ou fica reduzida a um jogo de salão, evocando espíritos para que adivinhem quantos centavos temos no bolso, quem é a pessoa amada, se teremos sorte nos negócios ou se viveremos muito tempo.

É muito deplorável o que acontece no primeiro caso, mas pior é o segundo, que pode se tornar um jogo perigoso com consequências muito graves, justa punição por tal uso indevido dos meios que Deus nos fornece para o nosso próprio progresso e o de nossos irmãos, com os quais estamos na obrigação de compartilhar a convicção que adquirimos quanto à imortalidade da alma e ao conhecimento da vida espiritual.

A absoluta segurança que o Espiritismo nos traz quanto à existência da vida após a morte, da qual nossas almas estão destinadas a fazer parte, o ensinamento prático que ele nos fornece sobre o caminho para alcançar uma existência feliz naquele mundo eterno do espíritos, o conhecimento de nossa



origem e de nosso fim, da justiça divina, do progresso indefinido a que estamos destinados, etc .; o conhecimento, dizemos, de tudo isso e de quanto nos traz a revelação dos espíritos, está destinado, não há como duvidar, a transformar o mundo no sentido do bem e da felicidade.

O véu que por tantos séculos escondeu de nós toda aquela vida grandiosa, imensa, infinita, destinada ao ser, foi rasgado, e desaparece diante dela a insignificância de nossa vida atual de homens. Contemplamos a verdade cara a cara e lemos com confiança o livro aberto do nosso futuro. Isso é chamado de visão da alma. Pois bem, pode haver maior tolice do que relegar ao esquecimento, como coisa sem importância, os meios que nos ajudam nisso, e poderia haver crime maior do que perder tempo brincando com o instrumento que nos deu visão, sendo que com ele podemos também a dar facilmente a tantos de nossos irmãos que gemem nas trevas da alma?... Não, decerto, e somente a ignorância pode tornar desculpáveis tolice e crime tão grandes.

Porém, há mais, e já apontamos isso. Dedicar-se integralmente às práticas espíritas sem propósito sério e sem nenhum conhecimento do que está sendo realizado pode ter consequências muito desagradáveis, como seria, por exemplo, a obsessão.<sup>58</sup>

O Espiritismo veio com uma finalidade bem grandiosa. Ele representa o movimento de maior importância no sentido de noções jamais vistas na humanidade.

É por isso que os Espíritos encarregados do progresso e desenvolvimento do Espiritismo são seres de alta evolução,

---

<sup>58</sup> Este é o nome dado ao domínio que em certos casos um espírito maligno exerce sobre o ser encarnado, e que assume todas as aparências de loucura, quando esta não chega a se manifestar de forma clara.

principalmente no aspecto moral, e não é possível a sua presença acompanhar quem se diverte em evocar os mortos por mera curiosidade ou por passatempo nas longas noites de inverno.

Nessas reuniões não faltarão Espíritos que nos acompanharão e responderão prontamente todas as nossas perguntas, mas sua sinceridade será sempre duvidosa e seu valor estará de acordo com a pouca seriedade dos experimentadores.

Os maus abundam mais do que os bons entre os espíritos que cercam o homem; pois bem, é nos braços dos ímpios que se entregam aqueles que fazem do Espiritismo uma brincadeira.

Aos que buscam no Espiritismo apenas a satisfação de uma mera curiosidade, um passatempo ou algum benefício pessoal, só nos resta aconselhar, em nome da experiência adquirida, que deixem de lado toda prática mediúnica. A evocação é uma espada de dois gumes, pobre de quem a manejar mal!... O Espiritismo não nasceu para esta classe de pessoas.

*Guia para formação e apoio a grupos e sociedades espíritas,*  
de Ovidio Rebaudi e Cosme Mariño  
Sociedade Constância  
Andes, 444

A esses tão oportunos conselhos, acrescentarei duas palavras dirigidas diretamente aos espíritas em geral.

Em verdade lhes digo: que não é o ateísmo, que não é a indiferença, que não é a descrença, nem mesmo o catolicismo, nem o ridículo efêmero, que podem impedir o progresso do Espiritismo – não; tudo isso é, antes, o incentivo da luta para espíritas convictos e que, com ânimo elevado, empreenderam uma cruzada implacável em favor da boa nova que trazem à humanidade, para tirá-la de sua prostração moral e produzir o bem. Nem é tampouco a ciência materialista que pode prejudicar

nossa causa, isto é, o progresso de nossa doutrina – não; pelo contrário, foi ela quem, destruindo o erro e combatendo o fanatismo, preparou o terreno social hoje propício ao Espiritismo.

O que é de se temer é que o Espiritismo esteja se popularizando cedo demais; e que por esse fato possa encontrar elementos mal preparados e capazes de impedir seu desenvolvimento normal; o que é de se temer é que os ignorantes, uma vez de posse da verdade espírita, acreditem-se com capacidade suficiente para desprezar os materialistas e os religiosos, enquanto eles se entregam com fanatismo à direção pouco garantida de qualquer espírito; o que é de se temer são os grupos formados sem uma liderança competente de uma ou mais pessoas capazes, por sua inteligência e instrução, de compreender e rejeitar a mistificação e as falsas doutrinas sustentadas por alguns Espíritos que, embora no espaço, ainda são retardatários ou persistem nos erros que cometeram no mundo; o que é de se temer, acima de tudo, é a determinação com que algumas pessoas se fazem de propagandistas, sem possuírem a elevação moral e o preparo intelectual necessário.

Na verdade, pode-se dizer, então, que os inimigos do Espiritismo, aqueles que podem realmente prejudicá-lo e até mesmo causar sua queda, afastando assim por mais ou menos tempo a realização de seus propósitos saudáveis que tendem à moralização e à felicidade humana, são os espíritas pretensiosos que, envaidecidos por terem presenciado alguns fenômenos de comunicação, lançam-se impremeditadamente a serem propagandistas ou divulgam ditados que desfiguram ou distorcem as verdades que o Espiritismo traz em si, ou que, ao menos, comprometem sua seriedade.

Conheço grupos onde os visitantes são chamados para

testemunhar fenômenos, de tiptologia e outros, que são claramente simulados. Não se creia, por isso, que eles são trapaceiros de profissão, ou que persigam o lucro, ou sejam egoístas em qualquer sentido – não; o que os leva a tamanha torpeza, é a vontade de aumentar o número dos sócios para então continuar séria e verdadeiramente o trabalho!!! Mas isso é o menos ruim; em outros grupos levanta-se um médium, que dá um ronquido a cada palavra que pronuncia, e por meio dele manifestam-se os grandes homens que estiveram no mundo. Esses discursos são admirados pelos infelizes ignorantes que compõem o grupo; mas isso não é o pior, e sim que o absurdo é publicado depois, sob nomes tão conhecidos como San Martín, Belgrano, Rivadavia etc.

Mais prudência, então, e menos afã de propaganda.

Nada me resta a dizer sobre as condições materiais após o testemunho confiável que estou apresentando.

Só espero que o favor do público não desaponte as minhas esperanças e, assim, a psicologia contemporânea tenha em breve uma biblioteca seleta e riquíssima.

O Editor.

